

Pontifícia **U**niversidade **C**atólica
do Rio de Janeiro



Deivis de Souza Macedo

**Henri Nouwen e a Espiritualidade da Fragilidade:
acolher a condição de fragilidade
como caminho de humanização e sentido**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo
Programa de Pós-Graduação em Teologia, do
Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a. Francilaide Queiroz Ronsi

Rio de Janeiro
Agosto de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Deivis de Souza Macedo

**Henri Nouwen e a Espiritualidade da Fragilidade:
acolher a condição de fragilidade
como caminho de humanização e sentido**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Francilaide de Queiroz Ronsi

Orientadora
PUC-Rio

Maria Teresa de Freitas Cardoso

PUC-Rio

Ceci Maria Costa Baptista Mariani

PUCCAMP

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, ou do autor e da orientadora.

Deivis de Souza Macedo

Graduou-se em Farmácia pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), em 2004. Cursou Teologia pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), em 2014. Fez Especialização em Espiritualidade e Estudos da Consciência pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul (PUC-RS), em 2022, desenvolvendo sua pesquisa em espiritualidade. Atua como pastor de juventudes e no discipulado de adolescentes na Igreja Batista.

Ficha Catalográfica

Macedo, Deivis de Souza

Henri Nouwen e a espiritualidade da fragilidade : acolher a condição de fragilidade como caminho de humanização e sentido / Deivis de Souza Macedo ; orientadora: Francilaide Queiroz Ronsi. – 2025.

185 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Henri Nouwen. 3. Modernidade. 4. Espiritualidade cristã. 5. Fragilidade. 6. Humanização. I. Ronsi, Francilaide Queiroz. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para Elaine,
seu amor me faz permanecer.

Agradecimentos

A Deus por sua graça, cuidado e presença em cada uma das etapas de minha vida, em especial por guiar-me nesta oportunidade de crescimento.

A minha orientadora Francilaide Queiroz Ronsi, que, com ouvido atento e coração sensível, conduziu-me com maestria na realização desta dissertação.

A PUC-Rio e à Capes, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao meu querido pai Ademir de Oliveira Macedo e a minha mãe Luiza Helena de Souza Macedo, pelo carinho, paciência e por estímulo permanente.

Aos meus irmãos, Denis e Vitor, por me ajudarem nos desafios e por permanecerem sempre comigo.

A minha querida esposa, Elaine Macedo, seu amor e compreensão foram fundamentos e motivação para que fosse possível alcançar esse momento.

Aos meus filhos, Alice e João, que com carinho, paciência e seus abraços me ajudaram a recarregar as forças em momentos de desânimo.

Aos meus irmãos e minhas irmãs de caminhada de fé cristã, principalmente a todos da Primeira Igreja Batista da Califórnia, por me apoiarem e compreenderem minhas demandas durante a pesquisa.

Ao professor Alessandro Rocha *‘in memoriam’* e aos demais professores da UNIGRANRIO por acreditarem em mim e incentivarem a pesquisa teológica.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia da PUC-Rio pelo apoio e acolhida fraterna.

Aos meus amigos e amigas da PUC-Rio.

A todos da minha família pelo estímulo e confiança.

Minha gratidão!

Resumo

Macedo, Deivis de Souza; Ronsi, Francilaide de Queiroz (Orientadora). **Henri Nouwen e a Espiritualidade da Fragilidade: Acolher a condição de fragilidade como caminho de humanização.** Rio de Janeiro, 2025. 185p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O tema da fragilidade humana e a busca por sentido estão no centro mesmo do viver de cada pessoa. A presente dissertação tem por objetivo desenvolver o conceito de espiritualidade da fragilidade a partir da teologia de Henri Nouwen, buscando responder os desafios contemporâneos da modernidade e a crise da experiência humana diante da vulnerabilidade. Para tanto, assume como sendo caminho fundamental o acolhimento da condição humana de fragilidade para retomar o caminho de sentido e plenitude. Parte-se da constatação de que a cultura atual tende a negar a fragilidade, associando-a à fraqueza e à inutilidade. O estudo propõe o contrário, acolher a própria condição de fragilidade é caminho de humanização e sentido, sendo meio para um viver compassivo e solidário. A pesquisa adota uma abordagem teológico-pastoral com base em revisão bibliográfica das principais obras de Nouwen, buscando compreender como sua experiência pessoal e sua reflexão teológica contribuem para ressignificar a fragilidade à luz da espiritualidade encarnada. Desse modo, fez o percurso pela espiritualidade cristã como caminho para elucidar o tema e conduzir para a proposta de uma espiritualidade da fragilidade. A dissertação está organizada em quatro capítulos de desenvolvimento: no segundo capítulo é realizada a apresentação da negação da fragilidade no tempo presente; no terceiro se encontra o panorama biográfico de Henri Nouwen; no quarto é realizada a análise de seu percurso de vida a partir de alguns de seus Diários; e no quinto são apresentadas às bases da espiritualidade nouweniana e a proposta de uma espiritualidade da fragilidade, como resposta profética e profundamente humana às angústias contemporâneas. Desse modo, a tese revela a força presente na vulnerabilidade humana e a centralidade do amor como caminho teológico e existencial.

Palavras-chave

Henri Nouwen; Modernidade; Espiritualidade Cristã; Fragilidade; Humanização.

Abstract

Macedo, Deivis de Souza; Ronsi, Francilaide de Queiroz (Advisor). **Henri Nouwen and the Spirituality of Fragility: Embracing the condition of fragility as a path to humanization.** Rio de Janeiro, 2025. 185 p. Master's Dissertation. Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The theme of human fragility and the search for meaning lie at the very heart of each person's life. This dissertation aims to develop the concept of the spirituality of fragility based on the theology of Henri Nouwen, seeking to respond to the contemporary challenges of modernity and the crisis of human experience in the face of vulnerability. It assumes as a fundamental path the acceptance of the human condition of fragility in order to recover a path toward meaning and fullness. It begins with the observation that current culture tends to deny fragility, associating it with weakness and uselessness. This study proposes that, on the contrary, embracing one's own condition of fragility is a path to humanization and meaning, serving as a way to live compassionately and in solidarity. The research adopts a theological-pastoral approach based on a bibliographic review of Nouwen's main works, aiming to understand how his personal experience and theological reflection contribute to re-signifying fragility in the light of embodied spirituality. It follows a path through Christian spirituality as a means to elucidate the theme and lead toward the proposal of a spirituality of fragility. The structure of the work is organized into four chapters that contextualize the crisis of modernity, followed by a biographical overview of Henri Nouwen and the accounts from his journals, and then presents the foundations of Nouwenian spirituality and proposes a dialogue with pastoral practice. The conclusion is that the spirituality of fragility offers a prophetic and deeply human response to contemporary anxieties, revealing the strength found in vulnerability and the centrality of love as both a theological and existential path.

Keywords

Henri Nouwen; Modernity; Christian Spirituality; Fragility; Humanization.

Sumário

1. Introdução	11
2. A negação da fragilidade:	
a tentativa humana de fugir de sua condição	17
2.1. Compreender nosso tempo: sobre ilusões e ídolos	20
2.1.1. Tudo querer, possuir e dominar: aspectos sociológicos	32
2.1.2. O poder e o sucesso ilimitado: aspectos antropológicos	38
2.1.3. Uma vida sem dor e a negação da finitude: aspectos biológicos	45
2.2. Considerações preliminares	49
3. O “curador ferido”: panorama biográfico de Henri Nouwen	51
3.1. Percurso biográfico	52
3.1.1. Infância e Juventude na Holanda	52
3.1.2. Década de 1950: consagração ao sacerdócio e formação acadêmica	55
3.1.3. A década de 1960: a transição da Holanda para a América do Norte	56
3.1.4. A década de 1970: de professor de Yale e períodos de retiros monásticos	60
3.1.5. A década de 1980: de professor em Harvard a missionário na América Latina e sacerdote na Comunidade Arca	63
3.1.6. A década de 1990: o retorno ao lar	75
3.2. Henri Nouwen: uma vida como oferta	81
3.3. Resumo da vida de Henri Nouwen	86
3.4. Considerações preliminares	87
4. Encontro com a fragilidade: o percurso de Henri Nouwen em seu Diário	89
4.1. Apontamentos e caminhos de espiritualidades em “Caminhos para o Amanhecer”	90
4.2. Caminhos para o [re]encontro com a condição humana	106
4.2.1. Oração	108

4.2.2. Comunidade	116
4.2.3. Escrita	121
4.3. Considerações preliminares	126
5. Espiritualidade da Fragilidade a partir de Henri Nouwen:	
acolher a condição humana como caminho de sentido e humanização	127
5.1. A busca pelo sentido: o caminho da espiritualidade	130
5.1.1. Para um resgate do sentido da espiritualidade	132
5.2. Espiritualidade Cristã: a vida no Espírito	136
5.3. Percepções de Henri Nouwen sobre a espiritualidade cristã	142
5.3.1. A vida espiritual: duas jornadas, muitos movimentos	145
5.4. Espiritualidade da Fragilidade: encontro e resgate de nossa humanidade	148
5.4.1. A conexão entre Nouwen e Adam: a espiritualidade da fragilidade exemplificada	152
5.4.2. O Verbo se fez fragilidade: a encarnação como fonte da espiritualidade da fragilidade	159
5.5. Fragilidade como caminho de humanização e sentido: ser humano, solidário e compassivo	163
5.5.1. Humanização como fruto da fragilidade: solidariedade e compaixão	164
5.6. Considerações preliminares	172
6. Conclusão	174
7. Referências bibliográficas	178

As lágrimas de tristeza e as lágrimas de alegria não deveriam andar tão afastadas. Ao reconciliar-nos com as nossas dores – ou, segundo as palavras de Jesus, ao “tomar a nossa cruz” - descobrimos que, na verdade, a ressurreição está ao alcance da mão¹.

¹ NOUWEN. Henri. Mosaicos do presente, p. 35.

1

Introdução

A busca pelo sentido da vida e as perguntas sobre as dinâmicas do viver fazem parte do cotidiano de cada pessoa. Porém, a forma como vemos e interpretamos o mundo está intimamente ligada ao nosso tempo e cultura. Assim, enquanto sociedade atual, nossa percepção sofre profundas influências. Olhamos as situações e circunstâncias da vida e queremos entender, explicar e controlá-las. Somos levados a acreditar que dominamos todas as situações e podemos dar respostas críveis para tudo, porém, cedo ou tarde, nos deparamos com a realidade: a vida escapa completamente do nosso controle. Somos seres limitados e frágeis, incapazes de dar respostas para todas as questões que tocam a nossa existência.

Frente a essa realidade que nos escapa, precisamos lidar com a vida e buscar o sentido de viver. Porém, como veremos, a sociedade moderna tem buscado o sentido e a felicidade negando a própria condição humana. Ou seja, carregamos uma profunda dificuldade de enxergar nossas limitações e acolher a vulnerabilidade e a fragilidade de nossa existência. Chegamos a um ponto de tamanha inflexibilidade que, até mais do que enxergar a própria fragilidade, queremos mesmo não confessá-la, buscamos refutá-la como realidade de nossa condição humana. Há então um certo descolamento da ideia de que a vida se faz no tempo entre o nascimento e nossa morte inevitável, ou seja, somos seres de vulnerabilidade e fragilidade, essa é uma condição inegável.

Essa dificuldade de se perceber frágil e limitado é ainda mais exacerbada na Modernidade, tempo caracterizado por aceleração, excitação e hiperconexão. Assim, a tentativa de negar nossa condição humana tem se tornado mecanismo de alienação e mercantilização de nossa humanidade, gerando frustração e uma perda de sentido cada vez mais profunda, tornando a existência fragmentária e sem sentido.

Aparentemente, vivemos sob uma tirania da perfeição e queremos negar qualquer traço de fragilidade e vulnerabilidade humana. Porém, esta forma de fundamentar a vida cobra um elevado preço: quando nos deparamos com o incontornável de nossa fragilidade (a perda, a dor, a doença, o abandono, por exemplo), desabamos e perdemos o sentido. Estamos no limiar do esgotamento físico e mental, consequência direta do peso impositivo de sucesso e da

necessidade de produtividade que são impossíveis de serem realizados ou alcançados.

Frente a esta problemática atual, esta pesquisa propõe-se a investigar, a partir dos escritos de espiritualidade e pastoral de Henri Nouwen, uma compreensão da fragilidade humana como caminho de humanização e sentido. Busca-se afirmar que a espiritualidade cristã, ao invés de negar a fragilidade e nossa corporeidade, pode acolhê-las como o próprio da condição humana, sendo então espaço de encontro com Deus, consigo mesmo e com o outro. Esta forma de viver e de se deixar conduzir pelo Espírito, denominamos nas páginas que seguem como Espiritualidade da fragilidade.

A escolha de fazer este caminho com Henri Nouwen se deu por uma combinação de fatores. Primeiro, o fato de Henri Nouwen (1932-1996) ter uma produção acadêmica e pastoral notável, tendo suas obras destaque no âmbito da espiritualidade cristã. Nouwen, por exemplo, é citado por Richard Foster como um dos místicos da Tradição Contemplativa cristã². Durante o seu ministério, Nouwen escreveu 40 livros, os quais foram traduzidos para mais de 20 idiomas, atingindo uma enormidade de leitores. Ele é reconhecido como uma referência tanto para a tradição católica quanto para a protestante, e seus escritos são lidos e se tornam admirados por inúmeros líderes religiosos e também leigos.

Apesar disto, o referido autor ainda é pouco estudado pela academia brasileira. Na fase de levantamento bibliográfico desta pesquisa, identificamos apenas uma tese pela UFJF, de Karen Costa, com o título *A força da Fraqueza*³ (2023), na qual a autora faz um diálogo entre Henri Nouwen e Simone Weil. Interessante notar o fato de que a obra de Nouwen tem amplo reconhecimento, alcance pastoral e na área da espiritualidade, porém, no Brasil, temos um quase ineditismo da pesquisa sobre a sua produção teológica, o que ressalta a relevância de nossa pesquisa e a possível contribuição para os estudos teológicos na área da espiritualidade.

² Em sua importante obra *Rios de Água Viva*, Richard Foster apresenta a Espiritualidade Cristã em seis grandes tradições: contemplativa, santidade, carismática, justiça social, evangelical e sacramental. Foster destaca que elas não são excludentes e precisam estar em diálogo para que haja espaço fecundo de desenvolvimento e a manifestação dos carismas na Igreja. Neste importante trabalho, Henri Nouwen é apontado como um dos representantes da Tradição Contemplativa.

³ COSTA, Karen A. Rangel. *A força da fraqueza*.

Importante destacar que a escolha por Henri Nouwen passa ainda por sua história de comprometimento e entrega radical de sua vida ao sacerdócio. Nouwen deixa a vida dita produtiva e acelerada da academia e da Universidade, após lecionar em Notre Dame, Yale e Harvard, para dedicar-se exclusivamente ao cuidado e à pastoral na Comunidade Arca, instituição voltada ao cuidado de pessoas com deficiência. Somado a uma biografia rica, vasta e ainda pouco conhecida no Brasil, temos o seu estilo de escrita marcante. Em seus livros, Nouwen não se coloca como isento e imparcial, pelo contrário, ele é voz presente e se faz testemunha viva, um tipo de movimento espiritual de confissão de suas angústias e dúvidas. Ele faz de seus textos um verdadeiro convite para o viver pelo Espírito, mas não se colocando acima das dificuldades e dos limites humanos. Pelo contrário, coloca-se como solidário, apresentando suas próprias feridas. Como parte característica deste estilo, Henri Nouwen publicou algumas de suas experiências em diários que, como destacaremos posteriormente, podem funcionar como uma espécie de bússola de orientação para todas as pessoas que buscam e desejam ouvir a Voz interior do Amor.

Para atingir o objetivo pretendido, de abordar uma espiritualidade que não elimine a fragilidade humana do radar, a presente pesquisa terá como fundamento a análise das obras de Henri Nouwen⁴. Considerando a carência de textos sobre a sua biografia, apresentaremos um panorama biográfico, recorrendo aos seus biógrafos Robert Jonas, Michel Ford e Michael O’Laughlin. Em um segundo momento, nosso foco será especificamente o seu diário, *O Caminho para o Amanhecer* (1999), de onde buscaremos os caminhos do autor nesse reconhecimento da condição de humanidade e a percepção da fragilidade como fator de uma espiritualidade madura. Na sequência, trabalhamos as obras pastorais que dialogam com a temática da fragilidade, especificamente: *O curador ferido* (2020); *Transforma meu pranto em dança* (2020) e *Compaixão* (2021), discutindo os aspectos constitutivos em Henri Nouwen para uma espiritualidade da fragilidade. Do ponto de vista formal, nosso objetivo será apresentar uma perspectiva teológica e da espiritualidade, realçando a condição da fragilidade humana não como um aspecto negativo, que deve ser superado, mas como

⁴ É necessário esclarecer que o presente estudo não tem o objetivo de trabalhar com toda a produção textual de Henri Nouwen, tendo em vista sua vastidão. Escolhemos, então, as obras que dialogam sobre e a partir do olhar da condição humana e a espiritualidade. Este recorte foi feito para que tenhamos clareza sobre a natureza e especificidade do tema.

caminho de nossa humanização, plenitude e sentido, logo, caminho de salvação, que conceituaremos aqui de espiritualidade da fragilidade.

O primeiro capítulo objetiva construir um panorama sobre o estado e o comportamento humano diante dos múltiplos estímulos e a pressão socioeconômica e cultural por hiperprodução, perfeição e sucesso. Esses aspectos acabam conduzindo, homem e mulher, por um caminho de autoafirmação e ilusão contínua de tudo possuir e controlar. Assim, apresentamos algumas consequências deste comportamento coletivo da sociedade de nosso tempo, o que acaba alienando o humano, deixando-o esgotado, angustiado e sem esperança. Neste primeiro capítulo, usaremos de alguns teóricos da sociologia, com destaque para o diálogo entre os autores Zygmunt Bauman, Ulrich Beck e Byung-Chul Han.

No segundo capítulo, apresentamos um panorama biográfico de Henri Nouwen. Este aspecto não estava incluído no projeto inicial da pesquisa. Porém, ao perceber a carência de obras e pesquisas sobre o autor, ao identificar como a sua vida era chave para a compreensão de sua busca e para o desenvolvimento da concepção de espiritualidade que discutimos, consideramos que apresentar os dados biográficos tornou-se indispensável para o aprofundamento de nossa pesquisa. Apresentamos, então, um panorama biográfico não exaustivo, que vai desde sua infância até sua saída da vida universitária como professor e acadêmico, quando ele deixa Harvard e parte para o ano sabático na Comunidade Arca, em Trosly, na França. Consideramos esta parte do trabalho fundamental para situarmos Nouwen como uma pessoa que viveu em busca de Jesus, nunca negando a verdade sobre sua história e pessoa, mas colocando-se como buscador e apresentando-se como uma vida em entrega.

No capítulo seguinte, faremos uma leitura teológica do diário de Henri Nouwen, no qual ele faz o relato central de sua mudança radical e o caminho que identificamos como o aprofundamento para uma espiritualidade da fragilidade. O texto em questão é *O Caminho para o Amanhecer* (1999). Neste diário, Nouwen relata o seu ano sabático, que se inicia em agosto de 1985 com sua saída de Harvard e se estende até julho de 1986, quando assume a vida pastoral em tempo integral na Comunidade Arca. Desta forma, observaremos o caminho espiritual de Nouwen a partir de suas anotações e apontamentos. Constataremos como esta caminhada se dá na abertura a sua mais profunda interioridade, e que isto foi possível a partir da sua percepção da condição humana de fragilidade. Esse

entendimento de vulnerabilidade e dependência será útil para desenvolver uma espiritualidade que possibilita a busca de um relacionamento de abertura e encontro com a pessoa que se é no relacionamento com Deus, além da relação com o próximo. Ainda neste capítulo, veremos que Nouwen aponta uma tríade indispensável para este caminho de descoberta e interioridade para o desenvolvimento da espiritualidade da fragilidade: a oração, a comunidade e a escrita.

O capítulo final apresentará a proposta central de nossa pesquisa, pois passaremos para os escritos pastorais e indicaremos elementos, a partir de sua obra, para uma espiritualidade da fragilidade. Veremos a partir dos textos selecionados do nosso autor central, dialogando com a antropologia teológica e alguns escritos centrais de espiritualidade, a necessidade de saber-se frágil como caminho de humanização e sentido, e que, somente desenvolvendo esse aprofundamento de sentido poderemos testificar os frutos do acolhimento, compaixão e esperança. Neste processo, percebemos como central a sua experiência de partilha e encontro com Adam, um jovem adulto que morava na Comunidade Arca, com quem Nouwen aprendeu a cuidar e partilhar a sua vida. Este contato revelou-se uma experiência de aprofundamento de sua espiritualidade, fazendo-o perceber como a fragilidade e a corporeidade são indispensáveis para o aprofundamento da vida no Espírito.

Apresentaremos ainda neste capítulo uma abordagem que consideramos central sobre a espiritualidade. Veremos como esta temática deve ser compreendida como a experiência de comprometimento total com a vida. Um perceber-se guiado pelo Espírito que torna cada pessoa ainda mais encarnada com o viver e com a realidade de nossa condição. Assim, a espiritualidade da fragilidade olha para o homem de Nazaré, aquele homem que, totalmente solidário com a nossa condição, apresenta-se como caminho e se torna para cada pessoa um paradigma da espiritualidade da fragilidade, tornando seus seguidores pessoas mais humanas, capazes de vida com sentido, por isso, solidária e compassiva.

Apresentamos assim, a espiritualidade da fragilidade, como caminho de se experimentar a vida como a vida no Espírito de Jesus, que nos torna conscientes de nossa fragilidade, ao mesmo tempo em que somos capazes de acolher a vida como dom, resgatar de nossa condição como caminho de sentido e plenitude, percebendo a solidariedade da nossa humanidade, tornando-se solidário com o

próximo e compassivo para com todos os nossos irmãos e irmãs. Abre-se, assim, caminho de sentido e humanização, justamente por ser lugar de encontro com a nossa condição mais verdadeira e humana: a fragilidade.

2

A negação da fragilidade: a tentativa humana de fugir de sua condição

Desde o nascimento até o derradeiro dia, cada um de nós é transpassado pela condição humana. Parece-nos, no entanto, que a Modernidade tem trazido certo descolamento dessa realidade, e, assim, acabamos por viver de modo a negar essa realidade inerente a nossa humanidade: somos seres sociais, históricos, marcados pela temporalidade da existência e que compartilha com o outro uma espécie de necessidade contínua para que a existência possa ser plena.

Neste caminho de busca para afirmar-se como indivíduo, o ser humano acaba por ser direcionado pelo caminho do poder, da conquista e de se afirmar como, de alguma forma, imortal. Essa idéia é apresentada por Jung Mo Sung, ao falar sobre a construção da subjetividade humana na Modernidade, como desejo ilimitado e busca ilimitada pelo consumo⁵.

Como consequência desse modo de viver, buscamos acreditar em uma falsa capacidade de manipular estes poderes e de usá-los como extensão de nós mesmos. Conforme destacou Sung, gostamos da sensação de tudo poder, tudo alcançar, tudo possuir. Uma clara distorção que temos hoje, enquanto sociedade, revela-se nas noções de desejo e necessidade, e acabamos enredados numa complexa ilusão: “quem deseja algo sem saber o que é, acaba por desejar tudo. Cada objeto parece ser aquele objeto desejado, mas como não se sabe bem o que está desejando, mesmo que o consiga, não fica completamente satisfeito”⁶.

Assim, passamos a acreditar em uma existência que flerta, e muitas vezes quer se fundamentar com todas as forças – mesmo que de forma inconsciente – na ideia de que conseguimos conquistar certa medida de onipresença e onisciência em nosso ser, a tal ponto que entramos em uma esfera de autoconvencimento de que realmente alçaremos onipotência.

Porém, mesmo diante a todo esse suposto poder, algumas questões continuam a nos assolar. A tecnologia e a nossa evolução enquanto sociedade não foram capazes de responder todas as nossas perguntas sobre a existência e nem mesmo resolver feridas e marcas profundas de desigualdade.

⁵ SUNG, Jung Mo. Desejo e Conversão.

⁶ SUNG, Jung Mo. Desejo e Conversão, p. 17.

A cultura ocidental e todo o seu arcabouço atual de pensamento e organização sociopolítica se apresentam para afirmar este lugar de poder e dominação da espécie humana. O ambientalista e filósofo indígena Ailton Krenak⁷ desenvolve com profundidade essa ideia de nosso período atual. Como se estivéssemos capturados em um consenso de que o modo de viver do ocidente, afirmasse o humano como seres superiores, detentores de seu próprio destino e capaz de ser independente do restante das criaturas. Como consequência temos o humano desconectado de suas origens e de sua ligação mais profunda com o ambiente que o cerca. Krenak faz o potente alerta dizendo que “Nosso tempo é especialista em produzir ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida”⁸. Assim, em nosso tempo, parece que a vida só tem sentido e pode ser afirmada no exercício de dominar e experimentar em intensidade e quantidades sempre maiores: o êxtase e a permanente excitação está para nós quase que como exclusividade do modo de ser e viver⁹.

No mesmo sentido, Urbano Zilles destaca como o ser humano se aprofunda em contradições a partir do projeto de vida moderno. Mostra como, apesar da imensa capacidade tecnológica e de desenvolvimento social e econômico, acabamos por ampliar as desigualdades e reforçar os aspectos de competitividade e isolamento. Assim, Zilles destaca que,

com sua inteligência e com as suas mãos, o homem conseguiu enviar homens à lua e satélites pesquisadores aos planetas; conseguiu esclarecer o processo de hereditariedade, desvendar o mapa do genoma humano, a clonagem, curar a lepra. Entretanto, este mesmo homem parece incapaz de resolver os problemas sociais, econômicos e políticos, problemas geralmente criados por ele mesmo. Fica desnorteado frente à inquietação da juventude, frente a total inversão de valores. A cada dia o homem alarga o horizonte de conhecimento. E, no entanto, sua própria existência lhe permanece enigmática, hoje como outrora.¹⁰

Diante do enigma que é a nossa existência, acabamos acolhendo esta dinâmica, naturalizando-a quando nos deparamos com situações que nos fazem enfrentar a realidade do inescapável de nossa condição: somos seres frágeis,

⁷ Aqui destaco as do ambientalista e filósofo Ailton Krenak como obras essenciais para a compreensão deste tema. São elas: *A vida não é Útil* (2020), *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020) e *Futuro Ancestral* (2022), todos publicados pela Companhia das Letras.

⁸ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*, p. 29.

⁹ Sobre esses aspectos da sociedade atual, como Byung-Chul Han denomina o nosso modo de ser sociedade da Modernidade, uma sociedade pornográfica, de aceleração, da intimidade, do controle, ou seja, uma sociedade da transparência, onde nada mais pode permanecer guardado, antes deve ser uma sociedade da exposição. Cf. HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*.

¹⁰ ZILLES, Urbano. *Antropologia Teológica*, p. 15.

limitados e finitos. Porém, ao mesmo tempo, carregamos a grandeza de refletir sobre a vida, modificar e interagir com a nossa cultura e transformar o mundo.

Estas duas dimensões da condição humana, a grandeza e a fragilidade, não podem ser negadas, mas sim, devem estar em relação harmônica para que cada pessoa possa desenvolver plenitude de sentido. Negar tanto a grandeza quanto a fragilidade humana resultará numa imagem distorcida de nossa humanidade.

Nesse sentido, conforme Assmann e Hinkelammert¹¹ destacam, devemos considerar que nenhuma pessoa coloca sobre si esta exigência de maneira livre. Por uma pesada força do Mercado, a modernidade estimula uma compreensão de autonomia do sujeito, alcançada mediante ao consumo, fortalecendo a idolatria ao mercado e a ilusão da afirmação de poder para decidir nossos destinos.

A partir destas questões iniciais, o que propomos para este capítulo é estabelecer um panorama para elucidar aspectos de nossa cultura moderna que reforçam uma visão de mundo baseada no poder e na grandeza, formas de negação da nossa fragilidade. Desenvolveremos, então, como a Modernidade consolidou uma construção social que reforça as imagens de poder, fazendo com que acreditemos na possibilidade de driblar todas as nossas contingências, ou seja, estabelecemos nossa constituição do ser em fundamentos de ilusão e com fortes aspectos idolátricos.

Importante destacar que esse movimento de busca por compreensão do tempo que estamos se faz fundamental para entendermos a busca humana e sua necessidade por espiritualidade. Neste sentido é de significativo destaque Henri Nouwen em seus livros sobre espiritualidades, bem como em suas homilias, se preocupava por buscar entender a Modernidade para elucidar aspectos de nossa vivência. Em uma de suas análises sobre como a humanidade está frente a Modernidades, Nouwen aponta que temos como característica de nosso tempo: um deslocamento histórico, ideologia fragmentada e uma busca por nova imortalidade ¹². Então, seguindo um caminho semelhante ao de Nouwen, faremos essa leitura sobre o nosso tempo buscando perceber suas influências sobre a espiritualidade.

Assim, a proposta deste capítulo é, primeiramente, discutir como a Modernidade vem atuando em nossa concepção do querer, possuir e dominar, e

¹¹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. A idolatria do mercado.

¹² NOUWEN, Henri. O Curador Ferido, p. 18-30.

como estas dimensões estão intimamente ligadas ao nosso modo de agir. A partir disso, abordaremos a Modernidade a partir de um eixo de natureza sociológica. Em seguida, apontaremos alguns aspectos antropológicos, percebendo como a Modernidade cria uma ilusão de “sucesso sem fim” e de que “o céu é o limite”. Por fim, discutiremos aspectos biológicos, representados pelo nosso desejo de uma vida sem dor, ou seja, uma negação da finitude humana.

2.1

Compreender nosso tempo: sobre ilusões e ídolos

Para compreender nosso modo de viver no mundo, faz-se fundamental refletir seriamente sobre nosso tempo e assim perceber suas potencialidades e desafios¹³. Conclusões simplificadoras diante de cenários com uma infinidade de desdobramentos tendem a ser desastrosas, quando não, resumem-se à inutilidade. De igual forma, não podemos ceder a uma lógica de que tudo deve ser desprezado ou transformado: conclusões dualistas que buscam a lógica do *isso ou aquilo*, *certo ou errado* e afins podem ser úteis a discursos fundamentalistas e apocalípticos. Faz-se urgente o desenvolvimento crítico e consciente sobre nosso tempo e de como a Modernidade modificou profundamente a sociedade ocidental.

Estamos em um tempo de incertezas e marcado pela velocidade das transformações, e, isto exige de nós uma capacidade enorme de adaptação. Assim, os conceitos e fundamentos que, no passado recente, tínhamos como valores constitutivos da sociedade, como família, trabalho, religião, etc., estão postos em dúvida. Carecemos de pontos de apoio.

A teóloga Maria Clara Bingemer, aponta um panorama de nosso tempo destacando seu aspecto multifacetado, ou seja, impregnado de complexidades, onde, qualquer tentativa de interagir e interpretar nosso tempo sem um olhar atento para diversos e sobre a ótica da multidisciplinaridade, correremos no erro

¹³ Sobre essa temática de aprofundar em uma análise crítica de nosso tempo e contexto social, indicamos a leitura das obras de Edgar Morin. Destacamos aqui a importante fala de alerta de Morin no livro, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, apontando que “o maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais” (p. 19). Outro texto fundamental é *Despertamos: um chamado para o despertar das consciências*.

de dar respostas superficiais. Bingemer então destaca a importância de buscarmos compreender nosso tempo para conseguirmos interpretar nossos desafios, deixando claro que,

(...) a pós-modernidade na qual vivemos é um conceito multifacetado que chama nossa atenção para um conjunto de mudanças sociais e culturais profundas em curso desde o final do século 20, prolongando-se por esse início de século 21 e de milênio em muitas sociedades ‘avançadas’. Há muito acontecendo ao mesmo tempo: uma mudança tecnológica acelerada, envolvendo telecomunicações e o poder da informática, alterações nas relações políticas, e o surgimento de novos movimentos sociais, especialmente com aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de gênero¹⁴.

Ciente da necessidade desse olhar também multifacetado, nosso trabalho neste momento será, então, o de construção de um mapa capaz de trazer aspectos inegáveis de nosso tempo, fundamentais para a discussão de nosso tema central: enquanto sociedade e indivíduos, estamos inseridos em uma cultura que afirma o poder e a dominação como elementos formadores de subjetividades.

Uma visão indispensável sobre este tempo é desenvolvida pelo importante sociólogo polonês, Zygmunt Bauman. Sua obra mais conhecida, *Modernidade Líquida* (2001), inaugura uma série de reflexões sobre as condições sociais e existenciais que surgiram com o avanço do capitalismo, da globalização e da cultura de consumo. Nesta obra, o sociólogo lança o olhar sobre uma marca profunda da Modernidade desde o seu início, a saber, a ferocidade em imprimir mudanças e questionar os modelos. Por isso, ele não hesita em questionar o seguinte:

a modernidade não foi um processo de ‘liquefação’ desde o começo? Não foi o ‘derretimento dos sólidos’ seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi ‘fluida’ desde a sua concepção? ¹⁵.

Esta reflexão é chave de leitura para o conceito do autor. De acordo com seu pensamento, temos um tempo marcado pela fluidez, ou como já destacado, a liquefação de referências e, aparentemente, pela obsessão de modificar: um tempo de relativismos e um desejo expansionista e de afirmação de controle. Uma sociedade que, desde o início do pensamento moderno, opera neste impulso e vem afirmando sua autonomia tendo esta ideia como força dinamizadora: a capacidade constante de modificar e alterar seu entorno. Neste bojo, Bauman afirma que,

¹⁴ BINGEMER, Maria Clara. Mistério e o Mundo, p. 38.

¹⁵ BAUMAN. Modernidade Líquida, p. 9.

a mente moderna nasceu juntamente com a idéia de que *o mundo pode ser transformado*. A modernidade refere-se à rejeição do mundo tal como ele tem sido até agora e à decisão de transformá-lo. A moderna forma de ser consiste na mudança compulsiva, obsessiva: na refutação do que ‘meramente é’ em nome do que poderia – e no mesmo sentido deveria – ser posto em seu lugar¹⁶.

Esse constante derretimento de estruturas sociais, modelos econômicos e valores sociais, acabam por trazer uma escassez de qualquer fundamento estável. Na busca por sentido e felicidade, a Modernidade Líquida, afirma a emancipação do indivíduo e a sua total liberdade de poder decidir quais os valores e o formato de vida que poderá escolher. Resumidamente, passa-se a uma esfera de “individualização”¹⁷. Para que não haja esse estranhamento do indivíduo, o mundo não poderá mais estar fundamentado na rigidez da modernidade, mas precisará ter a fluidez dos espaços assumindo essa característica fundamental dos líquidos: assumir a forma necessária para determinada situação e, assim, acolher diversas possibilidades.

Assim, esse rompimento se estabelece como uma constante. A Modernidade Sólida, conforme Bauman caracterizava-se por instituições resultantes, projetos de longo prazo e uma ordem social mais previsível. As pessoas tinham como modelo de vida um emprego de longo tempo, o casamento de uma vida e a seguridade econômica construída sob bases de bens imóveis: ter algo palpável e sólido, por exemplo, uma casa própria. No entanto, com as rápidas mudanças no cenário global e o enfraquecimento das bases institucionais, a sociedade passou a viver em um estado contínuo de incerteza e transitoriedade.

Na modernidade líquida, as identidades, relações¹⁸ e instituições são fluidas, difíceis de fixar e manter. Agora o indivíduo tem a impressão de liberdade¹⁹ e pode assumir uma série de características e modelos, advindos de uma diversidade de lugares e culturas. Cada pessoa tem a capacidade de escolher e desenvolver o seu grupo particular de valores que tragam sentido para sua caminhada. Ou seja, “a ênfase se trasladou decisivamente para a autoafirmação do indivíduo”²⁰. Acabamos assumindo um formato de constante transformação, um movimento incrivelmente acelerado que acreditamos ser capazes de

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*, p. 34.

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, p.40.

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, p.193.

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, p. 25.

²⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, p. 38.

performar. Como consequência direta, carregamos um constante sentimento de não pertencimento²¹, dada a carência de lugares onde buscamos certezas.

A incerteza é também marca importante da modernidade líquida.²² As tradições, que antes guiavam as escolhas e os comportamentos sociais, agora se fragmentam e perdem relevância. Os indivíduos enfrentam uma crise de pertencimento, pois os laços sociais tornaram-se frágeis. Na modernidade sólida, o indivíduo tinha uma rota relativamente clara para seguir; já na modernidade líquida, a vida é comparada a uma série de escolhas incessantes e impermanentes, por conta das quais se torna difícil manter uma noção de compromisso e/ou de estabilidade.

A modernidade líquida reflete uma transformação profunda na maneira como os indivíduos²³ experimentam a vida. Bauman sugere que vivemos em uma era marcada pelo medo e pela incerteza constante²⁴. Esse medo não se refere apenas a ameaças externas, mas também ao sentimento de desamparo diante das rápidas mudanças sociais e econômicas. A ansiedade é uma marca distintiva da experiência contemporânea, e ela surge da sensação de que, apesar das infinitas possibilidades que a modernidade líquida oferece, nada é seguro ou duradouro. Como afirmado, vivemos em uma espécie de “sobrevivência social”²⁵.

As relações pessoais também são afetadas por essa liquidez. Bauman explora como os relacionamentos amorosos e as amizades tornaram-se mais frágeis, uma vez que são frequentemente vistos como “produtos de consumo”²⁶. Assim como com bens materiais, há uma tendência a “descartar” as relações quando elas não satisfazem mais as expectativas individuais. O comprometimento torna-se um desafio em um contexto em que o novo é constantemente exaltado, e o velho, desvalorizado²⁷.

A Modernidade Líquida²⁸, segundo Bauman, é uma tentativa de capturar a essência da sociedade contemporânea, caracterizada pela fluidez, pela efemeridade e pela incerteza. O conceito nos ajuda a entender como as instituições, as relações e as identidades mudaram de forma significativa na

²¹ BAUMAN, Zygmunt. 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno, p. 40.

²² BAUMAN, Zygmunt. O Mal-estar da Pós Modernidade, p. 190.

²³ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida, p. 65.

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. Vida em Fragmentos, p. 143-173.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. Vida desperdiçada, p. 21.

²⁶ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o consumo, p. 76.

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o consumo, p. 31.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida.

transição da modernidade sólida para a modernidade líquida. A fragilidade das estruturas sociais²⁹ e a constante necessidade de adaptação definem a experiência do sujeito moderno, que é desafiado a navegar em um mundo onde a segurança e a permanência são cada vez mais inconstantes.

Esse cenário social e existencial é fundamental para compreender o momento atual da sociedade, onde a busca por estabilidade e sentido se torna uma questão central para o indivíduo. Vale ressaltar o alerta de Bauman de que este cenário traz uma sensação de desorientação, uma espécie de vertigem, ou como ele mesmo destaca, um estado de mal-estar da pós-modernidade que, “num mundo constantemente em movimento, a angústia que se condensou em medo dos estranhos impregna a totalidade da vida diária – preenche todo o fragmento e toda a ranhura da condição humana”³⁰. Não por acaso, é de se notar que

peculiar também é o difundido sentimento de confusão, desorientação e perplexidade. Não obstante todas as similaridades, nossos contemporâneos sentem intuitivamente que o problema atual é diferente daqueles que afligiram as gerações anteriores, embora elas também tenham tido sua dose completa de miséria³¹.

As reflexões de Bauman fornecem base indispensável para a discussão sobre a natureza da modernidade e suas implicações para o futuro, permitindo, assim, uma análise crítica do papel das instituições e das práticas sociais na configuração do sujeito contemporâneo.

Outro olhar de extrema importância sobre a modernidade é desenvolvido por Ulrich Beck, sociólogo alemão de grande influência, que desenvolve o conceito da "Metamorfose do Mundo"³² como uma resposta às rápidas e profundas mudanças globais que caracterizam a era contemporânea. A força deste conceito está justamente na capacidade de abarcar uma sensação que a sociedade demonstra vivenciar, mas muitas vezes não consegue classificar e traduzir. Assim, a fala de abertura do Beck em seu texto já nos faz aterrissar em uma espécie de chão de onde poderemos partir, quando aponta o seguinte:

O mundo está louco. Para muitas pessoas, isso é verdadeiro em ambos os sentidos da palavra: o mundo saiu dos eixos e enlouqueceu. Estamos vagando sem rumo e confusos, argumentando em favor disto e contra aquilo. Mas uma declaração com que a maioria das pessoas pode concordar, para além de todos

²⁹ BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlos. Estado de Crise, p. 9-69.

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. O Mal-estar da Pós-Modernidade, p. 21.

³¹ BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas, p. 24.

³² BECK, Ulrich. A Metamorfose do mundo, p. 17.

os antagonismos e em todos os continentes, é: “Não compreendo mais o mundo”³³.

Desta forma, perdemos a capacidade de compreensão do mundo. As modificações da modernidade são tão rápidas, em constante aceleração³⁴, e seus desdobramentos tão profundos que ainda não somos capazes de dimensionar todas as consequências dessas modificações. Desejamos parâmetros e métricas, mas tudo o que temos são apenas as metamorfoses que estamos testemunhando. Assim, Beck mais uma vez argumenta e traz essa realidade já apontando para nosso estado atual quando questiona: “em que mundo estamos realmente vivendo? Minha resposta é: na metamorfose do mundo”³⁵.

A metamorfose vai além da ideia de simples mudanças estruturais ou evolutivas. “A metamorfose do mundo é algo que acontece; não é um programa. ‘Metamorfose do mundo’ é uma expressão descritiva, e não normativa”³⁶. Implicará, assim, uma transformação fundamental da realidade social, política, econômica e cultural, envolvendo uma reconfiguração fundamental da realidade social e das condições de vida, em que as normas, valores e estruturas pré-existentes são desafiadas e transformadas. Desta forma, “a metamorfose implica uma transformação muito mais radical, em que as velhas certezas da sociedade moderna estão desaparecendo e algo inteiramente novo emerge”³⁷.

Esta metamorfose está em processo e atinge a todos indistintamente, a partir dos seguintes pontos centrais: primeiro que as imagens do mundo perderam a sua certeza³⁸, sua dominância e, como segundo elemento, o fato de que ninguém pode escapar ao global, ou seja, estamos inseridos em uma realidade cosmopolizada³⁹. Para melhor entender os termos, explicaremos.

Para que possamos interagir, organizar e interpretar o mundo à nossa volta, criamos uma série de definições e conceitos da realidade. Precisamos de um ponto a partir do qual possamos fazer esta observação e, desta forma, ser capazes de criar uma imagem do mundo. Por assim dizer, “o significado do modo como os

³³ BECK, Ulrich. A Metamorfose do mundo, p. 11.

³⁴ Esse conceito de aceleração é profundamente apresentado por Harmut Rosa, destacando que vivemos um tempo de aceleração social em três categorias: tecnológica, das mudanças sociais e do ritmo de vida. Ela denomina em sua pesquisa que vivemos uma sociedade da aceleração. Cf. ROSA HARMUT, *Alienação e Aceleração*, p. 20-34.

³⁵ BECK, Ulrich. A Metamorfose do Mundo, p. 17.

³⁶ BECK, Ulrich, *A Metamorfose do Mundo*, p. 33.

³⁷ BECK, Ulrich. A Metamorfose do Mundo, p. 15.

³⁸ BECK, Ulrich. A Metamorfose do Mundo, p. 51.

³⁹ BECK, Ulrich. A Metamorfose do Mundo, p. 69-103.

seres humanos hoje apreendem o mundo (...) significa que cada cosmos há um nomos correspondente”⁴⁰. Necessitamos desta orientação para guiar a nossa navegação pelo mundo.

O segundo conceito, a realidade cosmopolizada⁴¹, está intimamente ligado ao primeiro, e, talvez seja a principal força da metamorfose do mundo. Todo esse poder se deve a nossa realidade global que, de maneira quase inescapável, todos estamos inseridos. Não existe forma de se perceber como sociedade e indivíduo hoje sem ser cosmopolita, segundo a formulação de Beck⁴². Isso se deve, pois, as barreiras geográficas, culturais, econômicas e até os aspectos legislativos, antes eram realidades praticamente limitantes ou até intransponíveis⁴³. Hoje, no entanto, são barreiras que estão diluídas e podem ser dribladas, são estrategicamente usadas por algumas pessoas e, principalmente, pelos sistemas de produção.

Atualmente, é praticamente inconcebível considerar a produção de qualquer produto sem partir desta realidade cosmopolizada. Tendo em vista que se torna praticamente impossível se manter como empresa viável e com uma distribuição global sem um deslocamento de fábricas em determinadas regiões a fim de se valerem de legislações mais brandas, tanto em termos trabalhistas quanto fiscais e ambientais. Isso fica destacado quando Beck diz o seguinte:

mesmo pessoas que não saem do seu lugar são cosmopolizadas. Pessoas que nunca saíram de suas aldeias, muito menos embarcaram em um avião, ainda estão estreitas e ligadas ao mundo: de uma maneira ou de outra são afetadas por riscos globais ⁴⁴.

Com isso, não podemos chegar a conclusões precipitadas e trazer respostas rasas para contextos muito complexos. Precisamos ter claro em nossas análises que a metamorfose do mundo não infere de maneira alguma se uma dada transformação é para melhor ou para pior. Como conceito, ela não expressa nem otimismo e nem pessimismo sobre o curso da história”⁴⁵. Isto é, não há nenhum dado moral atrelado ao conceito, apenas uma categoria de análise do nosso contexto e a percepção de que não podemos afirmar o fim de todas as coisas ou a decadência da história. Também não podemos assumir uma postura que eleve e afirme apenas os aspectos de avanços que foram alcançados na Modernidade. O

⁴⁰ BECK, Ulrich, A Metamorfose do Mundo, p. 18.

⁴¹ BECK, Ulrich, A Metamorfose do Mundo, p. 27.

⁴² BECK, Ulrich, A Metamorfose do Mundo, p. 22.

⁴³ BECK, Ulrich, A Metamorfose do Mundo, p. 29.

⁴⁴ BECK, Ulrich. A Metamorfose do Mundo, p. 22.

⁴⁵ BECK, Ulrich. A Metamorfose do Mundo, p. 35.

que precisamos é ter a clareza de reconhecer que as mudanças são inevitáveis e que se faz fundamental perceber que ainda não conseguimos vislumbrar todos os aspectos desta metamorfose, pois estamos inseridos por completo neste processo.

Logo,

(...) metamorfose não é mudança social, não é transformação, não é evolução, não é revolução e não é crise. É uma maneira de mudar a existência humana. Significa a era dos efeitos colaterais. Desafia nosso modo de estar no mundo, de pensar sobre o mundo, de imaginar e fazer política”⁴⁶.

Depois de traçadas estas definições e apresentados alguns aspectos sobre a modernidade, pode-se dizer que há elementos de proximidade entre as teorias de Bauman e Beck: os aspectos da velocidade das transformações e a carência de termos um apoio conceitual são destacados nos dois teóricos como elementos centrais. Por um lado, percebemos a fluidez a partir da ideia do líquido. Do outro, vemos a metamorfose como esse momento de profunda modificação que sofremos enquanto indivíduos em seus múltiplos ambientes, quer sejam sociais, culturais, econômicos ou políticos. Reforçando esse conceito, é possível afirmar que “vivemos numa sociedade crescida sobre si mesma. Sem ter um modelo ao qual se amoldar”⁴⁷.

Claro que todos estes aspectos afetaram de maneira profunda a identidade da pessoa e a forma como ela interpreta o mundo e suas relações⁴⁸. O ser humano é um ser histórico e que interpretará o seu entorno a partir da cultura. Ao mesmo tempo em que transformamos nossa cultura, também somos afetados e transformados por ela. Apontamos este aspecto apenas para reforçar novamente a fluidez de nossos dias metamorfóticos: estamos inseridos em um mundo cada vez mais veloz e com uma aceleração⁴⁹ temporal cada vez mais alienante, que acarreta transformações do mundo e da sociedade em um volume que não conseguimos acompanhar.

Fato é que estamos imersos na Modernidade e esta é uma realidade imposta para todos. Desta forma,

a desorientação que se expressa na sensação de que não se pode obter conhecimento sistemático sobre a organização social, devo argumentar, resulta, em primeiro lugar, da sensação de que muitos de nós temos sido apanhados num

⁴⁶ BECK, Ulrich, *a Metamorfose do Mundo*, p. 37.

⁴⁷ DE MASI, Domenico. *Alfabeto da Sociedade Desorientada*, p. 15.

⁴⁸ SESBOÜÉ, Bernard. *O Homem, maravilha de Deus*, p. 35-48.

⁴⁹ ROSA, Harmut. *Aceleração*, p. 43-65.

universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle ⁵⁰.

Na busca por compreender o mundo, para suportar esta situação de velocidade alucinante de transformações e conseguir dar um mínimo de sentido e direção, cada indivíduo, bem como a sociedade, vem tentando criar pontos de referências, em certa medida fixos, ou seja, menos mutáveis. É o que denominaremos de ilusões e ídolos que acabamos por criar a fim de alcançar algum tipo de orientação e, a partir destes aspectos, fugir de nossa verdadeira condição de desorientação.

Como já explicado, a Modernidade carece de lugares fixos de orientação. Porém, enquanto pessoas, temos a necessidade destes pontos de referências, de estruturas, somos seres de memória, ou como afirma Harvey, “o espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”⁵¹, mas a própria modernidade nos fez acreditar que deveríamos liquefazer estes aspectos: acabamos por questionar tudo aquilo que suspeitamos ser uma limitação de nossa liberdade e potências. Para o humano moderno, falar de limitações é uma afronta, uma verdadeira blasfêmia contra o próprio ser.

Frente a uma realidade extremamente complexa e que vem exigindo uma adaptação veloz e uma capacidade quase transmórfica de nossa forma de pensar e interagir, queremos ser capazes de entender estes contextos. Não só queremos, precisamos. Porém, muitos carecem dos meios e conhecimentos interdisciplinares necessários para uma interpretação coerente da Modernidade. Porém, o fato de não possuir um ferramental adequado não muda os fatos. Primeiro, o fato de que a pessoa está inserida e sendo afetada por esse tempo e que seu entorno continua se movimentando e exigindo respostas. Segundo, é sobre a necessidade de se ter um conjunto orientador a fim de aplacar essa sensação de vertigem.

Segundo Nouwen essa seria a grande ilusão da vida, que acaba por nos colocar em uma busca frenética de individualidade e autorrealização⁵². Assim ele destaca que “nossa grande ilusão é pensar que a vida é uma propriedade a ser possuída ou um objeto a ser apreendido, que as pessoas podem ser gerenciadas ou manipuladas”⁵³. Acabamos tão imersos na ilusão que trilhamos caminhos de

⁵⁰ GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade, p. 12.

⁵¹ HARVEY, David. Condição Pós-Moderna, p. 187.

⁵² NOUWEN, Henri. Transforma meu pranto em dança, p. 41.

⁵³ NOUWEN, Henri. Transforma meu pranto em dança, p. 41.

competição, da rivalidade e até mesmo da violência⁵⁴. Porém a ilusão, frente ao inescapável e ao imponderável, tende a não se sustentar.

Ao criarmos ilusões, vamos buscando mecanismos de ancoragem e enganando os sentidos. Não queremos ver o que está à nossa frente e escolhemos criar cenários, tapumes para ludibriar e desviar o olhar. O mesmo vale para todos os sentidos: acabamos por escolher uma vida entorpecida e, inebriados, vagamos por essa distorção. Em outras palavras, somos capazes de afirmar verdades que não se sustentam e vamos estabelecendo nosso viver e ser a partir de irrealidades e futilidades.

Assim, a ilusão se torna caminho de vida e fonte orientadora na modernidade. Buscando um mundo controlável e domesticado, acabamos por criar uma ilusão como possibilidade frente ao mundo real. Uma espécie de autodefesa, um tipo de resposta inapta para, ao menos, tatear algo inteligível. Vamos criando ilusões como defesas de uma realidade que nos absorve de maneira implacável. Nouwen mesmo destaca que “enquanto nossa resposta ao mundo é motivada por impulso de controlar e manter, nunca ficaremos satisfeitos”⁵⁵. Queremos uma realidade que seja capaz de nos esconder da dureza e crueza do viver diário. Porém, frente à realidade, cedo ou tarde a ilusão será percebida como tal, miragem e irrealidade, ou seja, uma inevitável fonte de decepção.

Um exemplo capaz de iluminar estes aspectos de ilusão que vamos gerando como ponto de orientação, é a ideia do bem estar permanente, como sendo uma constante sedução⁵⁶ que gera um não saber o que se busca, ou como destacou Lipovetsky, uma “era do vazio”⁵⁷. Acreditamos e orientamos na atualidade essa verdade como objetivo de vida: não podemos e não queremos nos sentir desconfortáveis de nenhum jeito ou possibilidade, em nenhum momento de nossa existência. A sociedade atual não suporta a idéia da infelicidade, Nas palavras de Lipovetsky, queremos uma “sociedade humorística”⁵⁸.

⁵⁴ NOUWEN, Henri. Transforma meu pranto em dança, p. 42.

⁵⁵ NOUWEN, Henri. Transforma meu pranto em dança, p. 44.

⁵⁶ LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio, p. 1-16.

⁵⁷ LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio,

⁵⁸ Vemos aqui a relação íntima entre hedonismo, consumismo e a sociedade humorística quando Lipovetsky aponta que “o fenômeno humorístico tal como aparece em nosso dias é inseparável da era do consumismo. É o *boom* das necessidades e da cultura hedonista que o acompanha que tornou possíveis tanto a expansão humorística quanto a desclassificação das formas cerimoniais da comunicação. A sociedade, cujo o valor cardeal passou a ser a felicidade de massa, é

Como isso não se sustenta frente à realidade do viver, temos uma sociedade que a todo custo busca a excitação contínua ou o apagamento das dores, um excesso de positividade⁵⁹. Criamos a ilusão de que tudo posso⁶⁰ e acreditamos em um mundo que está sempre “alinhando os astros em meu favor”.

As duas situações, a excitação contínua⁶¹ ou o paliativo⁶² permanente, fazem o ser humano desvanecer, esquecer-se de quem é, pois, tanto no excesso de estímulos quanto em seus bloqueios, temos uma pessoa em estado de incapacidade de perceber seu entorno e analisar a profundidade de sua vida. Acabamos por acreditar em uma ilusão que nos deixa incapazes de sentido. Assim, temos o que Byung-Chul Han aponta como sociedade paliativa, destacando que ela “coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultada ou eliminada por meio da otimização. Ela não é compatível com o desempenho”⁶³. Queremos mais, buscamos tudo e nos perdemos completamente nas ilusões.

Intimamente ligado ao aspecto das ilusões está a criação de ídolos⁶⁴ na modernidade. Destacamos este aspecto porque consideramos que fazemos os ídolos para tornar inquestionáveis as ilusões que projetamos sobre a realidade. Queremos a todo custo defender a ilusão ou as ilusões que nos sustentam. Assim, ilusão e idolatria acabam por formar uma quimera, monstro extraordinário, que exigirá de seus seguidores reverência inquestionável. Discutamos agora sobre os aspectos pontuais sobre ídolos para alcançarmos o entendimento do que estamos propondo.

Falar de ídolo pode trazer profundo desconforto, pois é uma temática que questiona a veracidade de elementos que colocamos como referenciais de nosso

inexoravelmente arrastada a produzir e consumir em grande escala os signos adaptados a esse novo *ethos*, ou seja, mensagens alegres, felizes, aptas a proporcionar a todo o momento, em sua maioria, um prêmio de satisfação direta. O código humorístico é o complemento, o ‘aroma espiritual’ do hedonismo de massa, com a condição de não assimilar esse código ao sempiterno instrumento do capital, destinado a estimular o consumo”. Cf. LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio, p. 130.

⁵⁹ HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço, p. 8.

⁶⁰ FERRY, Luc. O Homem Deus, p. 93-138.

⁶¹ Segundo Türcke, nossa sociedade está em uma “torrente de estímulos” que impede consideravelmente a capacidade de análise da vida, gerando uma espécie de necessidade de sentir, “a sensação torna-se uma necessidade vital. É imperioso provocá-la e obtê-la se se quiser sentir”(p.77). TÜRCKE, Christoph. Sociedade Excitada.

⁶² HAN, Byung-Chul. Sociedade Paliativa, p. 9.

⁶³ HAN. Sociedade paliativa, p. 14.

⁶⁴ KELLER, Timothy. Deuses Falsos, p. 13.

viver. Talvez, mais do que isso: colocamos sobre os ídolos⁶⁵ projeções e desejos nossos e os elevamos a posição de sagrados, logo, se tornam inquestionáveis. Refutá-los e criticá-los significaria questionar todo um sistema de crenças e valores.

Importante aqui destacar que, quando falamos em ídolos, precisamos perceber que não devemos limitar o entendimento apenas a veneração a uma estátua ou algo que podemos ver, tocar um objeto de fato. Normalmente, paramos nesta primeira definição. O professor Jung Mo Sung trabalha com precisão esta ideia quando diz que “os ídolos são coisas que podemos construir, mas eles depois de construídos não são mais conhecidos enquanto tais”⁶⁶. Aqui temos a ideia do ídolo como uma projeção, ideia ilusória, onde o indivíduo pode estar venerando, por exemplo, um conjunto de ideias e desejos e tendo estes elementos como sagrados e dignos de serem orientadores de sua vida.

Esse aspecto é fundamental para falar de ídolos, pois quando elevamos alguém, alguma coisa ou determinado conjunto de ideias a condição de ídolo, projetamos neste a condição de orientador de nossas vidas. Há, a partir deste momento, o estabelecimento de uma relação de dominação e este elemento parece ser o mais aprisionador. Acreditamos poder dominar os ídolos que criamos. Afinal, nós que nominamos e evocamos suas existências. Nós afirmamos suas presenças e os aceitamos como divinos.

Para serem alçados a esta posição e aspecto de divindade, damos poderes e projetamos neles fontes de respostas para nossa busca e sentido. O que acontece é que os ídolos são projeções de nossas próprias distorções, desejos e, buscando atender nossas carências, acabam por deixar-nos desorientados e vazios. Assim, o modo de viver, o jeito de ser desta imagem (que como já destacamos não passa de ilusão) torna-se ela mesmo objeto de veneração inquestionável e uma busca interminável. Tornamo-nos profundamente vazios.

Nas páginas a seguir, nominaremos estes sistemas idolátricos que estão impregnados na modernidade e que fazemos uso para organizar nossas vidas e sociedade, muitas vezes sem perceber, apontando como eles dominam e exigem

⁶⁵ Para Assmann e Hinkelammert, os “ídolos são deuses da opressão. Biblicamente, o conceito de ídolo e idolatria está diretamente vinculado à manipulação de símbolos religiosos para criar sujeições, legitimar opressões e apoiar poderes dominadores na organização do convívio humano”. Cf. ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz. A idolatria do mercado, p. 11.

⁶⁶ SUNG, Jung Mo. Imigração, a morte dos não-humanos e a idolatria, p. 193-203.

nossas próprias vidas e saúde. Em certa medida, estes aspectos que iremos apresentar trazem estabilidade e segurança, fazendo-nos enquanto indivíduos e como sociedade acreditar e se entregar inconscientemente para este sistemas e seus valores. Fazemos estes caminhos inebriados e iludidos, acreditando na “força de nossos braços” e nos “méritos de nossos esforços” com a certeza de dominar e impor sobre o mundo e o outro a nossa vontade. Estamos convencidos do poder que está em nossas mãos.

Discutiremos que, na tentativa de negar a condição humana como ser integral e de múltiplas necessidades, vivemos sob o imperativo de uma relação de interdependência, apesar de estarmos em uma sociedade que reforça constantemente a necessidade de negarmos nossos limites, fragilidades e carências. Para as dimensões que iremos abordar no presente trabalho, faz-se fundamental destacar três aspectos fundamentais deste sistema de ilusões que serão esclarecedores para compreendermos estes mecanismos: a ilusão de tudo querer, possuir e dominar, a ilusão de tudo poder alcançar e, por fim, a ilusão de uma vida sem dor e limites.

2.1.1

Tudo querer, possuir e dominar: aspectos sociológicos

Uma das características do humano é o consumo⁶⁷. Enquanto indivíduos ou como sociedade organizada, para nossa sobrevivência necessitamos do consumo: quer seja alimentos, produtos de manufatura ou tecnologia, estaremos sempre consumindo. Essa necessidade de trocas, desde as mais simples até as mais elaboradas, fazem parte de nossas vidas desde sempre. Porém, a relação que temos com o ato de consumir foi profundamente modificada desde o estabelecimento do capitalismo como modelo financeiro e de mercado no Ocidente.

Nossa intenção aqui não é a de apresentar um histórico de como passamos de pessoas que necessitam consumir para uma sociedade de consumidores. O que propomos é realçar o fato de que, enquanto sociedade moderna, estamos sendo

⁶⁷ BAUMAN, Zygmunt. Vidas para Consumo, p. 37.

estimulados a buscar sentido de vida na ilusão do consumismo e do prazer de possuir. Por isso, a dinâmica do *querer, possuir e dominar* pode não ser uma realidade confessada, mas está como pano de fundo e arraigado na forma como enquanto indivíduos nos entendemos no mundo. Como se afirmar pessoa na modernidade sem o poder de consumir e o ímpeto de possuir e conquistar?

O peso desta ilusão é tão presente e sufocadora que, para a maioria, o valor enquanto pessoa está intimamente ligado à quantidade de crédito que ela consegue acessar ou ao valor de compra que ela pode lançar mão de forma imediata. Temos uma espécie de nova afirmativa do ser, passamos de “penso, logo existo”, para algo como “compro, logo existo”.

Segundo Bauman, o sucesso da sociedade de consumidores⁶⁸ é, necessariamente, o de nos manter consumindo: comprar e acumular sempre mais, e descartar tudo o que revela nossa obsolescência. A realidade que tempos então na modernidade é que

a sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua *insatisfeito*; mais importante ainda, quando o cliente não está ‘plenamente satisfeito’ – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido experimentadas e totalmente realizados⁶⁹.

Esta característica do desejo insatisfeito é ferozmente explorada pelo capitalismo e pelo marketing. Assim, “a sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não satisfação de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles)”⁷⁰. Desta forma, a satisfação precisa sempre ser adiada e a sensação de felicidade deverá ser sempre uma do âmbito da efemeridade.

Para que a ilusão de tudo poder permaneça como ídolo de nossos tempos, é necessário produzir a certeza de que merecemos sempre mais, de que podemos conquistar esse mais. Porém, minimiza-se a realidade de que essa conquista é

⁶⁸ Importante destacar que, segundo Bauman, “numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever universal que não conhece exceção”. Cf. BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo. p. 73.

⁶⁹ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo. p. 63.

⁷⁰ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o consumo. p. 64.

sempre futura, e que pode nem ocorrer. Este é o grande trunfo para a manutenção contínua desta ilusão. Podemos então afirmar que,

a instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível ⁷¹.

A distorção do sentido da vida para a ilusão de uma felicidade somente realizável por tudo querer, possuir e dominar, sempre será uma plenitude adiada, pois só será possível quando o próximo desejo for alcançado. Porém, no instante desta aquisição ele já se tornará prontamente obsoleto e insuficiente, pois já perdeu sua aura de novidade última entrando em declínio imediatamente após sua aquisição. Vivemos em uma cultura que nos estimula a acreditar que a felicidade está sempre adiada, sempre na próxima conquista, como destaca Lipovetsky, “a sociedade de hiperconsumo é aquela em as insatisfações crescem mais depressa que as ofertas de felicidade”⁷². Vive-se em uma espécie de déficit de felicidade⁷³ permanente. Acabamos, assim, por nunca perceber a presença do instante como lugar de graça e o contentamento do presente como momento do Eterno em nosso favor e como doação de sua presença e plenitude de vida para nós.

Ter uma vida descolada do presente representa uma fonte de distorção constante de quem somos. Enquanto humanos, somos seres históricos e intimamente ligados à contingência do tempo, e só podemos viver o instante presente. É justamente nessa dinâmica que se pode perceber o sentido da vida e ser reencontrado em nossa humanidade.

O que temos na modernidade é uma aceleração desmedida e um adiamento constante da vida cotidiana e da capacidade de contentamento no viver em troca de uma vida imaginativa e perfeita que iremos conquistar com nossos esforços somente no futuro. O hoje nunca trará o suficiente, pois sempre queremos mais. A consequência disso é que estamos em intensa angústia e completo esgotamento. Orientados pelo sistema ilusório de novas possibilidades sempre ao alcance, restar-nos-á o vazio, pois,

num mundo em que uma novidade tentadora corre atrás de outra a uma velocidade de tirar o fôlego, num mundo de incessantes novos começos, viajar esperançoso parece mais seguro e muito mais encantador do que a perspectiva

⁷¹ BAUMAN, Zygmunt., Vida para o Consumo. p. 45.

⁷² LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal. p. 158.

⁷³ LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal. p. 159.

da chegada: a alegria está toda na compra em si, com a perspectiva de ficar sobrecarregado como seus efeitos diretos e colaterais possivelmente incômodos e inconvenientes, apresenta alta possibilidade de frustração, dor e remorso⁷⁴.

Para além da exigência de ser um ávido consumidor, a sociedade de consumo estabelece que, para o indivíduo se perceber como pessoa, ela deve estar inserida no Mercado, ser capaz de consumir. A vida tem que gerar lucro. Há a afirmação idolátrica de uma vida que só se faz possível a crédito⁷⁵. Por isso, não existindo limites para o acúmulo e o desperdício, adicionado a certeza de que qualquer esforço é justificável em favor da realização imediata da sensação, há o reforço de uma espécie de “sociedade excitada”⁷⁶, como apresenta TÜRKE. Segundo sua análise, estamos vivendo em uma constante de excitação e acabamos por sofrer uma desorientação dos sentidos, tornamo-nos, assim, incapazes de analisar as consequências de nossas ações enquanto indivíduos e muito menos dos reflexos desse modo de viver para a sociedade⁷⁷.

Esta necessidade de permanecer como um ativo de mercado exige de nós uma constante atualização e capacidade de participar do mercado e por ele ser influenciado diariamente⁷⁸. Precisamos ser produtivos, produzir mais e comprar o excedente dessa produção, e tudo se repetindo contínua e ininterruptamente⁷⁹. Notemos que a não participação efetiva acarretará em uma série de exclusões e apagamentos do indivíduo⁸⁰: só há espaço de sobrevivência para aqueles que querem dominar e possuir. A sociedade de consumidores se faz fundamentada por indivíduos capazes de produzir e consumir sempre⁸¹. Como analisa Vicente Ferreira,

na ansiedade de aproveitar o máximo do tempo, acelera-se a estrutura de uma sociedade consumista que impõe ao sujeito a ilusão de que ele é aquilo que consome e que isso deve marcar seu próprio corpo. Uma sociedade de consumidores que necessita da superficialidade para seu funcionamento, no qual o consumidor, aos poucos, torna-se mercadoria de consumo. O mercado impõe-se como única estrutura que permanece, manipulando desejos por meio da

⁷⁴ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo, p. 28.

⁷⁵ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo, p. 102.

⁷⁶ Para mais sobre a temática faz-se fundamental a leitura de *Sociedade Excitada* de TÜRKE, Chirstoph.

⁷⁷ TÜRKE, Chirstoph. *Sociedade Excitada*, p. 65-72.

⁷⁸ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo, p. 71.

⁷⁹ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo, p. 73.

⁸⁰ BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo, p. 75.

⁸¹ Segundo BAUMAN, “os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade”. BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo, p. 76.

velocidade das mudanças de seus objetos prometéicos, chegando a inscrever suas marcas na pele das pessoas ⁸².

Interessante destacar que absorvemos aqui uma lógica mercadológica e de consumo para além do impulso de ato de comprar. Temos não só o consumir modificado, mas as relações com o outro e nossa autopercepção são profundamente atingidas. Sem perceber, objetificamos o nosso entorno, fazendo da outra pessoa mercadoria, assim, ao não termos nossas expectativas atendidas ou satisfeitas, ou se a experiência de prazer com essa pessoa-mercadoria não for completa, posso prontamente descartá-la.

Podemos afirmar, então, que “a sociedade de consumidores não tem lugar para os consumidores falhos, incompleto, imperfeitos”⁸³, exige-se um desempenho inatingível do ser. Faz-se imperativo negar toda a possibilidade de fragilidade. Podemos classificar tal movimento como uma *coisificação* do ser, ou seja, da pessoa se destitui a dignidade intrínseca, logo, o descarte e a eliminação dos improdutivos não será mais que uma consequência lógica e natural para a manutenção da sociedade de consumidores⁸⁴. Eliminar o outro se torna um imperativo nesta lógica de estruturação social.

Porém, este comportamento, como dissemos, modifica não somente o outro em mercadoria: tornamo-nos também objetos de consumo do mercado, da sociedade e do outro. Temos as expectativas externas como padrão de nosso comportamento e agir no mundo, mas, como vimos, estas expectativas são ídolos e ilusões que cobram de nós uma desorientação de sentido e a exigência de se viver na vertigem da realidade. O que temos é uma pesada condição para o indivíduo na modernidade, pois

os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente ⁸⁵.

Essa capacidade de fazer a própria pessoa se apresentar como mercadoria, ou seja, objeto para consumo sempre atualizado, desejado, atraente, é um peso absolutamente desumanizante. O outro então, como destaca Bauman, acaba por

⁸² FERREIRA, Vicente de Paula. Vulnerabilidade, Pós-Modernismo e Cristianismo, p. 30.

⁸³ BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas, p. 22.

⁸⁴ BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas, p. 22

⁸⁵ BAUMAN. Zygmunt. Vida para o Consumo. p. 76.

tornar-se uma espécie de “pessoas supérfluas”⁸⁶, justificando desta maneira a invisibilização deste “sujeito dos quais devia haver menos”⁸⁷. Viver para se tornar mercadoria tem sido o estilo de vida de muitos na sociedade de consumidores.

Na sociedade atual, orientamos até de forma inconsciente o nosso viver não para se tornar sujeito que desenvolve potencialidades. Pelo contrário, organizamos nossa vida como o fluxo de uma esteira de produção para adquirir a condição, ou rótulo, de, “vendabilidade”⁸⁸, como destaca Bauman. Passamos a ser um objeto do desejo de consumo.

No fim, não queremos sofrer o destino das mercadorias, a obsolescência e o descarte. Compramos, usamos e descartamos diariamente uma enormidade de coisas na modernidade, por isso sabemos o fim dos objetos que não são mais úteis ou importantes em nossos dias: viram lixo e objetos descartados. Se nos comportamos como mercadoria, vamos aos poucos também nos tornando pessoas-objetos. Como consequência, um contingente cada vez maior de pessoas vive em aflição e angústia, pois ou se percebem como sendo mercadorias não vendáveis ou como mercadoria que, quando atingem a prateleira, serão compradas e descartadas.

Na sociedade de consumidores, tudo aquilo que não é perfeito e capaz de despertar prazer e desejo será prontamente descartado e substituído por outro objeto que atenda as necessidades e responda às expectativas dos consumidores. Como dissemos inicialmente, os sistemas idolátricos exigem sacrifícios reais, sempre mais e maiores, até nos roubar por completo a dignidade e a vida.

Todo esse sistema só permanecerá viável gerando a expectativa contínua de sucesso e do pertencimento do indivíduo nessa enorme rede de possibilidades de prazer, realizações e conquistas. Por isso, nada é mais importante para a sociedade de consumidores do que cultivar a certeza de que a partir do esforço e superação do indivíduo, a ilusão do empreendedor, se poderá conquistar tudo o que deseja.

Como vimos até agora, a sociedade de consumidores exige de nós uma capacidade contínua de consumo e desempenho. Sem esta entrega, a felicidade prometida por esse modelo social evapora como fumaça. Reforçando o desejo de

⁸⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*, p. 55.

⁸⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*, p. 47.

⁸⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o Consumo*, p. 75.

consumir, acabamos por orientar a sociedade e o modo de ser dos indivíduos para uma constante competição que impõe sobre os seus participantes pesadas exigências de perfeição, produção e poder. Temos como força ilusória o pensamento norteador de que tudo podemos, que alcançaremos sempre nossa melhor versão e que não existem limites para quem se supera.

2.1.2

Sobre o poder e o sucesso ilimitado: aspectos antropológicos

É recorrente o questionamento se seria realmente possível manter-se comprometido com a ilusão de tudo possuir e tudo querer. Como vimos, é um alto custo emocional e de dedicação quase completa para que sejamos consumidores viáveis e, ao mesmo tempo, permanecer como mercadoria ativa no mercado, o que é extremamente predatório. Sabemos que a sociedade de hoje é implacável: se não somos úteis para o desenvolvimento econômico, automaticamente nos tornamos estorvo e peça de descarte.

Interessante notar que, paralelo ao que chamamos de sistema idolátrico do tudo querer, possuir e dominar, a modernidade desenvolveu desde a sua gênese a ideia do ser humano deter um poderio cada vez maior e pleno. Acreditamos hoje ter o poder em nossas mãos e carregamos a certeza de termos a capacidade de controlar nosso destino e definir futuros. Por isso, podemos perceber que na modernidade estamos marcados por “uma antropologia visivelmente penetrada pela vontade de poder que leva o indivíduo a dominar os outros para se autoafirmar”⁸⁹.

Toda essa percepção tem como fundamento o amplo domínio tecnológico que hoje possuímos. Nas múltiplas áreas do saber, da biomédica e engenharia, da produção agrícola à pesquisa aeroespacial, passando pelo crescente domínio das soluções de tecnologia de dados e computacionais, enfim, todo este domínio gerou na humanidade uma certeza absoluta de seu poder. Hoje, temos poderio

⁸⁹ RUBIO, Alfonso Garcia. Unidade na pluralidade, p. 449.

tecnológico não só para modificar a paisagem e nosso entorno, o ser humano⁹⁰ já é capaz de afetar de maneira irreversível a viabilidade da vida no planeta⁹¹.

Fica claro e perceptível que, quanto mais tecnologias podemos acessar, mais a nossa vida pode ser facilitada. Praticamente não conseguimos imaginar a organização de nossos dias sem o acesso a redes de internet ou sem uso de dispositivos móveis. Isso porque com a digitalização de diversos serviços, desde compras em aplicativos, entretenimento, trabalho e acesso a instituições financeiras, tudo está a uma tela de distância.

Análise similar a esta podemos fazer em relação à informação, comunicação e a circulação de saber na modernidade. Um exemplo marcante é o fato de que uma notícia da Europa em meados do século XIX, demoraria pelo menos um mês para circular aqui no Brasil⁹². Atualmente, com a qualidade e a velocidade das redes de internet, bem como a grande disponibilidade e capacidade de processamento de imagem dos dispositivos celulares, os acontecimentos em continentes distintos podem ser transmitidos simultaneamente, seja por canais de notícias tradicionais ou pelas redes sociais.

A partir de um olhar mais atento, podemos identificar como, apesar da possibilidade de acesso a estas tecnologias alcançarem uma grande parte da sociedade, muitas delas são produtos que marcam a distinção de classes e destacam sistemas de privilégios. Ao percebermos que na sociedade de consumo tudo é e será apresentado como mercadoria, fazemos imediatamente a seguinte associação: este acesso só será possível pela via do crédito. Assim, toda a lógica do sistema idolátrico do “querer, possuir e dominar” se associa de imediato ao “tudo poder”. Uma depende intimamente da outra para se tornarem viáveis.

Como queremos e desejamos este poder ilimitado, nos transformamos em uma sociedade que acredita que tudo é possível. Ao mesmo tempo, já vamos percebendo que o acesso será viabilizado apenas a partir do que conseguimos

⁹⁰ Aqui se faz fundamental acessarmos o tema do Antropoceno, ou seja, uma era ou época marcada pela percepção de que o humano pode afetar processos geológicos a partir de suas ações no mundo. Sobre essa temática sugerimos as leituras de: ANGUS, Ian. *Enfrentando o Antropoceno*. Ver também, VEIGA, José Eli. *O Antropoceno e as Humanidades*.

⁹¹ Sobre esse tema sugerimos a leitura de, *Ecologia, grito da terra, grito dos oprimidos*, e *Terra Madura*, ambos de Leonardo Boff.

⁹² Para mais, acessar: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2024/06/22/ha-150-anos-comunicacao-brasil-europa-se-tornava-instantanea.htm>. Acesso em 01/11/2024.

produzir e conquistar. Por isso, “o poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade do desempenho”⁹³.

Para manipular todo esse poder que, supostamente, está ao alcance da humanidade, a pessoa precisa se tornar “sujeito de desempenho”⁹⁴, uma espécie permanente de extrapolação de limites. De forma clara Han aponta esse aspecto como pressão por desempenho⁹⁵, com um imperativo para a performance, tendo como consequência o esgotamento. Notemos que se uma pessoa que começa a ter a percepção de tudo poder controlar, modificar e compreender, e, ao mesmo tempo, consegue sobre tudo saber e estar em diversos lugares a partir da tecnologia, começa ela mesma a acreditar em sua autossuficiência e, posteriormente, na absorção de aspectos divinos.

Queremos, assim, atingir a perfeição⁹⁶ em nossa existência. Aqui se faz uma afirmação categórica que o ser humano moderno precisa se apresentar como um sujeito de desempenho e infalível, logo, como pessoa que precisa atingir a perfeição. Desta forma, “o perfeccionismo é a insígnia do sucesso através do autossacrifício na cultura moderna, a medalha de honra que esconde uma realidade completamente diferente”⁹⁷.

Somente seres perfeitos podem manifestar amplamente seus poderes. Esta distorção de verdade é tão fortemente presente em nossa sociedade que hoje buscamos a perfeição em simplesmente tudo. Queremos vender nossa imagem de perfeição: desde os nossos corpos até a imagem da família perfeita e sem problemas, de nossos empregos e empresas igualmente perfeitas. Temos construído um imaginário insustentável dia após dia para simplesmente podermos acreditar em nosso suposto poder e perfeição,

afinal, em uma economia hipercompetitiva em que o vencedor leva tudo, o mediano é praticamente uma palavra obscena. Admitir que você se contenta em fazer apenas o suficiente é admitir que não tem ambição e a determinação pessoal de se aprimorar. E pensamos que os empregadores não estão buscando nada menos que a perfeição.⁹⁸

Assim, a pressão de desempenho se potencializa no desejo de sucesso se impondo no perfeccionismo, manifestando, desta forma, uma certeza permanente

⁹³ HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço, p. 24.

⁹⁴ HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço, p. 23.

⁹⁵ HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço, p. 27.

⁹⁶ CURRAN, Thomas. A Armadilha da perfeição, p. 12.

⁹⁷ CURRAN, Thomas. A Armadilha da perfeição, p. 20.

⁹⁸ CURRAN, Thomas. A Armadilha da perfeição, p. 21.

de que se deve conquistar e se pode sempre tudo. Claro que, para isto, é necessário que a pessoa trabalhe mais, seja sempre a melhor versão de si, produza mais, enfim, é sempre urgente estar atualizado com as exigências do momento e disponível para superar as expectativas, as pessoais e as dos interpessoais. Assim, “o perfeccionismo torna a pessoa cruel e desumana. Porque, por causa dos seus ideias, o perfeccionista não deve tolerar a fraqueza e a imperfeição”⁹⁹.

Evidentemente, para que essa sede de perfeição e necessidade de desempenho sejam percebidos e assumidos como modelo viável de vida, devem ser alimentados com um padrão de exigência inalcançável. Ficamos, assim, presos em um sistema de ilusão que nunca nos permitirá satisfação, por isso, “o sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo”¹⁰⁰. Impondo sobre a pessoa exigências inatingíveis e projetando sobre os outros padrões irreais e expectativas que não podem ser atingidas, resta ao humano moderno o esgotamento e a depressão¹⁰¹, pois, inevitavelmente chega o tempo em que a pessoa tem diante de si a realidade de seus próprios limites e percebe o seu poder desvanecendo. Desta forma,

Desenvolvemos uma imagem idealizada de nós mesmos – alguém rico, descolado, atraente – que usamos para evitar a ansiedade de não nos sentirmos suficientes. Ao nos identificarmos com essa imagem, nós nos conformamos no ideal de nossa cultura, e essa conformidade nos ajuda a nos sentir menos sozinhos com nossas inadequações. Mas a conformidade tem um preço: o conflito interno entre a pessoa perfeita que a cultura celebra e a pessoa imperfeita que no fundo somos¹⁰².

Desse modo, o indivíduo acaba sendo capturado por um mecanismo de dupla amarra que Thomas Curran denomina como “máscaras da perfeição”¹⁰³ e “tirânicas do dever”¹⁰⁴. Vejamos um pouco mais detalhadamente esta questão.

Conforme vamos percebendo nossos limites e a fragilidade de nossa condição humana frente ao discurso de desempenho, acabamos por perceber a distância entre o que realmente somos e o ideal cada vez mais inalcançável que está imposto. Frente a essa constatação, começamos a desenvolver um profundo sentimento de incapacidade por não atingirmos estes patamares que, como já trabalhamos aqui, são colocados pela mídia e a sociedade de consumo para

⁹⁹ GRÜN, Anselm. *Ser Pessoa Inteira*, p. 52.

¹⁰⁰ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*, p. 29.

¹⁰¹ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*, p. 17.

¹⁰² CURRAN, Thomas. *A Armadilha da Perfeição*, p. 130.

¹⁰³ CURRAN, Thomas. *A Armadilha da Perfeição*, p. 130.

¹⁰⁴ CURRAN, Thomas. *A Armadilha da Perfeição*, p. 131.

supostamente possíveis. Frente a quem realmente somos, acabamos por assumir uma postura de insegurança, medo, raiva e intolerância com as nossas próprias debilidades. Diante deste quadro, acabamos por desenvolver uma máscara de perfeição. Buscamos e nos agarramos a um eu irreal, uma espécie de “nosso eu perfeito (...) uma armadura completa de deveres: devo ser capaz de suportar tudo, entender tudo, gostar de todos”¹⁰⁵.

A consequência imediata deste comportamento é o que se chamou de tiranias do dever, pois negar todo esse personagem seria o mesmo que negar o próprio ser e assumir a fragilidade de nossa condição. Resta-nos, então, o dever de suportar e resistir a todo custo com nossa máscara, e reforçar e defender essa imagem de perfeição, “afinal, se não for pela perfeição, de que outro modo vamos ser alguém que a sociedade reconhece e aceita”¹⁰⁶. Desta forma, somos esmagados por exigências cada vez maiores e inatingíveis, uma verdadeira cultura tirânica na qual o “perfeccionismo é o casulo dessa tirania”¹⁰⁷.

O reflexo de toda essa pressão por ser mais e melhor continuamente, associado à ideia de que podemos prever com exatidão e controlar todo o futuro, acabam por ser fonte contínua de angústia. Isto porque, como não podemos parar, e precisamos ser perfeitos, impomos sobre nós cargas desumanizantes de trabalho e um esforço para além da possibilidade humana. Viramos pessoas impossibilitadas de fragilidades em uma sociedade incapaz de descanso. Nesse sentido, “a eficiência, isto é, a pressa alastrou-se progressivamente da fábrica para a cidade. (...) A pressa tornou-se o símbolo da sociedade”¹⁰⁸.

Exemplo disto é a rotina de trabalho moderna: associados à necessidade de prazer e experimentação contínua, com oferta cada vez mais crescente a distância de apenas um clique, temos inúmeras opções de entretenimento via demanda. Mesmo após longas jornadas de trabalho, com exaustivas exigências da pessoa para atuar em sua máscara de perfeição, ao chegarmos a nossas casas é possível que continuemos conectados às demandas do dia de trabalho, respondendo pendências não concluídas durante o expediente por meio de grupos de

¹⁰⁵ CURRAN, Thomas. *A Armadilha da Perfeição*, p. 130.

¹⁰⁶ CURRAN, Thomas. *A armadilha da Perfeição*, p. 131.

¹⁰⁷ CURRAN, Thomas. *A Armadilha da Perfeição*, p. 131.

¹⁰⁸ DE MASI, Domenico. *Alfabeto da sociedade desorientada*, p. 428.

comunicação, por exemplo. Domenico De Masi faz uma análise precisa das forças do desempenho sobre o agir humano ao afirmar que,

esse aumento objetivo de tempo disponível, que aterroriza todo o trabalhador hiperativo e alienado, picado pela mosca da laboriosidade exagerada, deve-se tanto à ciência, que permitiu a longevidade através da higiene e da medicina, quanto a tecnologia que permitiu a produção em massa de máquinas antes automáticas e depois eletrônicas¹⁰⁹.

Pode parecer que fazemos tudo isso porque escolhemos fazer, mas, na realidade, estamos aprisionados em um sistema idolátrico a fim de não enfrentar a nossa verdadeira condição humana. Julgamo-nos livres ao nos mantermos continuamente ativos, mas “é uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos mais livres seríamos”¹¹⁰.

O que temos na verdade é um esgotamento social, visto que, como bem destacou Han, “a sociedade do desempenho (...) produz depressivos e fracassados”¹¹¹. Como não podemos e não conseguimos parar, nos encontramos extenuados. A consequência é inevitável: diante de nossa hiperprodução sempre insuficiente para atingirmos o *status* de mercadoria perfeita, constataremos que nosso modo de viver faz de nós fracassados, pois não atingimos a suposta perfeição restando-nos a depressão¹¹².

Precisamos apontar para esta dimensão da saúde mental na modernidade, pois, muitas vezes, queremos ignorar as consequências devastadoras sobre a pessoa deste modo de vida defendido pela sociedade de consumo. Pois, “o que causa a depressão e o esgotamento não é o imperativo de obedecer a si mesmo, mas a pressão do desempenho”¹¹³. O que temos assistido é um crescente de quadros de doenças da mente como direta consequência da hiperatividade e da constatação da nossa impossibilidade de poder. Assim,

¹⁰⁹ DE MASI, Domenico. Alfabeto da sociedade desorientada, p. 350.

¹¹⁰ HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço, p. 52.

¹¹¹ HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço, p. 25.

¹¹² Segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) cerca de 300 milhões de pessoas sofrem com este distúrbio. No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, cerca de 15% de nossa população está neste quadro, sendo o Brasil o país com maior prevalência do distúrbio na América Latina. Precisamos entender que a depressão, quando de longa duração e com intensidade moderada e grave, pode acarretar situações de grande sofrimento, deixando o indivíduo incapacitado. Importante também perceber que a depressão é um distúrbio multifatorial, ou seja, pode estar associada à genética, qualidade de vida, exposição a drogas etc.. Assim, estar atentos à saúde mental, tanto pessoal quanto de outras pessoas que estão em nosso círculo diário de cuidado, faz-se fundamental para a proteção da vida. FONTE: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em 10/11/2024.

¹¹³ HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço, p. 27.

ela [a depressão] irrompe no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais *poder*. Ela é de princípio um *cansaço de fazer e de poder*. A lamúria do indivíduo depressivo de que *nada* é possível só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível* ¹¹⁴.

Esta positividade sem limites é alimentada constantemente pela ilusão de que tudo é possível. Como resultado, a pessoa continua se esforçando mais, se entregando mais e seguindo sempre, fazendo de si um símbolo perfeito de resiliência. Mas qual o custo deste sacrifício?

Como consequência deste contínuo fazer por uma busca sem sentido, percebemos que o ser humano está se esgotando e que este “excesso de elevação de desempenho leva a um infarto da alma”¹¹⁵. A este estado chamamos de Síndrome de *Burnout*.

Esta síndrome é um distúrbio psíquico caracterizado pelo estado de tensão emocional e de estresse provocados por condições extenuantes e de extremo desgaste. Tenhamos em mente para entendermos a seriedade desta condição, é como se o indivíduo estivesse queimando como fósforo aceso e não tivesse condições de apagar a própria queima: vê-se sendo consumido, percebe-se a dor, mas não se reúnem condições e meios de paralisar o fenômeno.

Logicamente que o resultado deste estado será uma extrema exaustão emocional é um dos primeiros sinais do processo de adoecimento. Perceber a própria fragmentação sem ter como reagir a este contexto de distúrbio é, evidentemente, cansativo. Como características, a pessoa passa a apresentar perda de energia, desprazer na realização das tarefas cotidianas, isolamento social, aprofundamento de quadro depressivo e outros distúrbios associados como problemas cardíacos e insônia.

Frente a esta realidade, restará ao indivíduo na sociedade do desempenho pouca ou quase nenhuma possibilidade de organizar a vida senão buscar uma espécie de suspensão de sua situação ou, como veremos, a negação da própria dor. Como um ser supostamente perfeito, o indivíduo guiado pelo sistema idolátrico do poder e sucesso ilimitado, poderia assumir a necessidade do descanso? A única resposta é permanecer ativo. Consequência natural, como veremos, é estar constantemente em uma busca de doping para alcançar sempre o ilimitado e o paliativo para suportar os efeitos adversos dessa agonia.

¹¹⁴ HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço, p. 29, grifos do autor.

¹¹⁵ HAN, Byung-Chull. Sociedade do Cansaço, p. 71.

2.1.3

Uma vida sem dor e a negação da finitude: aspectos biológicos

Da mesma forma que sentir fome ou sede, respirar, ou até mesmo transpirar, a dor é uma sinalização fisiológica de um estado ou um processo que está certamente causando sobre o corpo um dano, com possibilidade real de risco a manutenção da vida. Por exemplo, se colocamos por acidente a mão sobre uma superfície quente, a nossa reação é imediata; reagiremos com um movimento reflexo, estimulado pela dor, tendo uma ação involuntária para retirar a mão da fonte de calor, e, assim, diminuir e/ou evitar a potencialidade e a agressividade do dano. Ou seja, a dor é um mecanismo fisiológico indispensável para a manutenção da vida. É um modo de defesa imediata, mas que pode gerar um processo de medicalização¹¹⁶ extremo da vida.

Quando falamos sobre medicalização da vida, referimo-nos não somente ao uso de fármacos (mas se faz fundamental destacar que os medicamentos são a forma de maior prevalência), mas fazemos menção ao pensamento do professor Cid Veloso. Segundo ele, “medicalização da vida é a transformação de situações normais da existência humana em objetos de abordagem por profissionais de saúde, utilizando medicamentos e equipamentos”¹¹⁷. O ponto de destaque para nós é que nos convencemos que elementos que fazem parte mesmo da condição humana são retirados do curso natural da vida para serem combatidos e negados. Desta forma, “eventos como nascimento, morte, adolescência, menopausa, envelhecimento, atividade sexual, distúrbios digestivos e outros, são transformados em situações clínicas”¹¹⁸.

Vale destacar que o desafio sobre o uso racional dos medicamentos é aspecto de fundamental importância para a saúde pública, pois sabemos que eles são recursos fundamentais para a manutenção da vida em diversas circunstâncias clínicas reais. Somente desta forma conseguiremos que “os pacientes recebam medicamentos adequados às suas necessidades clínicas, em doses que atendam às

¹¹⁶ Para o aprofundamento deste importante tema indicamos o texto, *Patologização e medicalização da Vida: epistemologia e política*, publicado pela Editora Zagodoni.

¹¹⁷ VELLOSO, CID. Medicalização da Vida.

¹¹⁸ VELLOSO, CID. Medicalização da Vida.

suas necessidades individuais, por um período de tempo adequado e ao menor custo para eles e sua comunidade”¹¹⁹.

Porém, diante das pressões e da forma como a sociedade exige das pessoas, como já destacamos nos pontos anteriores, uma capacidade produtiva e uma felicidade contínua, acabamos por buscar caminhos que possibilitem a manutenção dessa ilusão em nossas mãos. A conclusão é quase inevitável: como os medicamentos conseguem trazer de forma muito rápida este alívio imediato para muitas das aspirações sobre nossos corpos,

o medicamento é visto como meio rápido para a resolução de problemas de diversas origens. O controle dos corpos e a cultura da medicalização em uma sociedade que funciona de uma forma mais prática, pode fazer com que muitas vezes as pessoas sintam que precisam se automedicar ou procurar um atendimento médico e/ou terapêutico para estarem produtivas, objetivando maior rendimento no trabalho, sem ter a real noção dos riscos do tratamento farmacológico, e até mesmo da dependência física ou psíquica intrínseca ao uso desses medicamentos. Assim, o que é considerado normal se transforma em algo patológico ¹²⁰.

Importante destacar que muitas vezes o medicamento pode ser porta de entrada para outra situação de extrema complexidade: a drogadição¹²¹. Aqui a busca por efeitos sobre o corpo já não se faz possível com os medicamentos e substâncias lícitas e a pessoa acaba buscando os resultados no consumo exclusivo de drogas ilícitas. Claro que o contexto de drogadição se torna ainda mais complexo, pois, de forma aditiva, a pessoa pode ainda estar associando outras substâncias lícitas, como o uso de medicamentos, tabagismo e alcoolismo.

Como queremos e precisamos de corpos perfeitos, existem também uma infinidade de fármacos, vitaminas e estimulantes para que possamos nos manter belos (ou artificiais) e altamente produtivos. Permanecemos continuamente em busca do elixir da juventude. Assim,

quando o futuro toma o lugar do passado, quando não se trata mais de obedecer aos costumes dos antigos, mas de construir um homem novo, a velhice deixa de ser sabedoria e passa a ser declínio. Onde o frenesi com que o homem moderno se esforça, quando ela chega, para dissimulá-la. Máscara de falta de sentido, cosmética derrisória da qual, no entanto, ninguém escapa inteiramente, nesse universo em que o horizonte do futuro esgota o campo das significações e dos

¹¹⁹ Ministério da Saúde. Uso de Medicamentos e medicalização da Vida, p. 13.

¹²⁰ Ministério da Saúde. Uso de Medicamentos e medicalização da Vida, p. 15.

¹²¹ SCHIMITH, Polyana Barbosa. et al., A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da Psicologia brasileira, p. 1-9.

valores, em que a exaltação da juventude, por apenas ela ser promissora, implica, como reverso de uma medalha, a inanidade da velhice que se deve, por isso mesmo, esconder ¹²².

Na sociedade de nosso tempo, somos estimulados a ignorar os sinais do corpo e a negar a dor, pois a mesma seria a negação do estado de desempenho e do poder que temos sobre as coisas. Não é por acidente que impomos sobre nossos filhos e filhas as pesadas sentenças: “engole o choro” ou ainda “pare de frescura”. Temos ainda a afirmação das mais desumanizantes, a saber, “homem não chora”, que distorce o entendimento sobre o sentir de maneira devastadora. Ao dizer isso, estamos tolhendo a capacidade de nossos meninos expressarem sentimentos (como se isso fosse uma debilidade) e, ao mesmo tempo, retirando a dignidade de nossas meninas, como se o ato de se permitir chorar (a capacidade de sentir e expressar é das mais humanas e libertadoras possíveis) fosse uma diminuição da humanidade.

Habitados a negar o sentir para nos mantermos em desempenho, e como supostas pessoas que somente ganham, vamos replicando estes discursos e nos mantendo nestas máscaras performáticas. Como não podemos assumir nossas dores, a próxima geração também não poderá. Desta forma, resta-nos reconhecer que, na modernidade, “a dor é, agora, um mal sem sentido, que deve ser combatido com analgésicos. Como mera aflição corporal, ela cai inteiramente fora da ordem simbólica”¹²³. Por percebermos a dor como sem sentido, queremos negá-la, daí a intensa analgesia, pois, à medida que as doses anteriores se tornam insuficientes, iniciamos superdoses para estarmos quase em estado de anestesia.

Temos, então, o cenário para a autodestruição. Ao negarmos a dor como alerta que nos faz despertar para algo que eventualmente está em desordem, suportaremos e resistiremos para continuar a exceder os limites supra-humanos para então atingir mais um recorde de desempenho.

Porém, não somos máquinas. Certamente pagaremos o preço dessa suposta perfeição aceitando a sobrevivência imposta no lugar de uma vida plena e cheia de sentido, que necessariamente passa pelo acolhimento de nossa condição humana: pessoas que sentem as dores do viver entendem seus limites e conseguem, desta forma, fazer fecunda novas possibilidades de vida.

¹²² FERRY, Luc. O Homem-Deus, p. 14.

¹²³ HAN, Byung-Chul. Sociedade Paliativa, p. 41.

Na sociedade atual, é patente que quantificamos a vida por meio de tabelas, objetivos e dados de desempenho, em um esforço cada vez mais artificial e à custa de nosso próprio sentido, ou seja, da própria plenitude de vida. Fazemos, na maioria das vezes, não para o bem viver, mas pelo desempenho e autopromoção. Assim, afirma Han, “a sociedade dominada pela histeria da sobrevivência é uma sociedade dos mortos-vivos. Estamos vivos demais para morrer e mortos demais para viver”¹²⁴.

Quando temos um viver anestesiado, perdemos a capacidade de nos indignarmos com o sofrimento do outro. A dor é um aspecto inevitável do viver, por isso, faz parte de nossa humanidade a capacidade de sentir, de perceber a nossa dor e a de nosso próximo. Já o sofrimento é algo que rouba a dignidade humana, pois é fruto de uma dor distorcida, negada e, por isso mesmo, sem sentido. Mas “o que fazer do declínio, sendo a vocação do homem o progresso?”¹²⁵. Certamente, este é um pensamento que exige de nós uma reflexão séria e profunda, não buscando respostas prontas, apologéticas, a fim de impor sobre aquele que está diante de nós uma forma de silenciamento.

Este tempo exigirá de nós a sensibilidade de, diante do mistério da vida e das complexidades que o viver impõe, resgatar o entendimento de nossa condição enquanto humanos e o acolhimento de nossa fragilidade. Diante de uma sociedade que faz a afirmação completamente oposta sobre como viver, isto se tornará sempre movimento de resistência e de contrafluxo.

As condições, porém, das consequências do modo de viver e organizar a sociedade nestes tempos de modernidade já nos parecem claras a partir do que expomos, bem como suas consequências devastadoras: o indivíduo completamente dominado pelo consumo e se transformando em produto; uma sociedade extenuada e cansada, apresentando como principais efeitos a profunda angústia de nosso tempo, bem como toda a negação de nossos limites enquanto pessoas.

¹²⁴ HAN, Byung-Chul. *Sociedade Paliativa*, p.38.

¹²⁵ FERRY, Luc. *O Homem-Deus*, p. 14.

2.2

Considerações preliminares

Percebemos, mediante o exposto, que enquanto pessoas deste tempo, estamos imersos em uma realidade complexa e com múltiplas variáveis que afetam diretamente nossa forma de compreensão e de ser no mundo. Enquanto pessoas na modernidade, orientamos o modo de viver atual a partir da negação da fragilidade. Colocamos como objetivo da felicidade e do sentido de vida a busca pela afirmação de que podemos conquistar todas as coisas, controlar qualquer situação e aplacar todas as dores. Desta forma, acabamos construindo um caminho de sentido que rejeita a própria condição humana.

Para entender como chegamos a este ponto como sociedade, utilizamos teorias do campo da sociologia, buscando apoio nas definições de Modernidade Líquida, conforme Bauman, e, Metamorfose do Mundo, a partir de Beck, para construirmos a base para a interpretação de nosso tempo. Vimos que, enquanto sociedade, estamos imersos em uma época que usa ferramentas para, de certa forma, tornar o humano um ser de consumo, capaz de performar e alcançar a perfeição.

Neste caminho, a partir da constatação de Nouwen, quando ele percebe que a nossa condição atual gira em torno de uma realidade fragmentada, podemos buscar elementos que apontem para a nossa tentativa de negar a condição humana de fragilidade.

Passamos a perceber como construímos ilusões acerca da realidade de quem somos e do contexto em que estamos inseridos, a fim de construir uma possibilidade de compreender o mundo e controlar a realidade. Desta forma, vimos que, na sociedade de consumo, tornamo-nos quase mercadorias na tentativa de responder ao desejo de tudo possuir. Enquanto indivíduos deste tempo, na busca pela perfeição e performance, na tentativa de ser aceito e de se provar como ser infalível, acabamos esgotados e em processo contínuo de angústia e depressão.

E, por fim, percebemos que, para nos mantermos capazes de consumir continuamente e alcançar a tão sonhada perfeição, acabamos por negar nossas dores e capacidade de sentido, mergulhados em uma dessensibilização da vida. Fazemos da vida um paliativo, para todas as situações é possível uma

medicalização. Tornamo-nos uma sociedade paliativa, onde deixamos suspensa a nossa condição e dormentes os nossos sentidos.

Buscamos, assim, lançar luz sobre nossa atual tentativa de negar a condição de nossa humanidade e como, enquanto sociedade contemporânea, estamos imersos em um cenário que nos leva a crer que é possível o sentido da vida estar contido neste modelo de afirmação de tudo poder, tudo possuir e nada sentir. Entretanto, na realidade, esse caminho tem deixado a sociedade cada vez mais fragmentada e o ser humano, por sua vez, em profunda angústia.

3

O “curador ferido”: panorama biográfico de Henri Nouwen

Para tornar mais clara a percepção das situações narradas em seu diário *O Caminho para o Amanhecer*, iremos inicialmente apresentar um panorama biográfico de Henri Nouwen. Esse resumo de eventos considerados fundamentais por seus biógrafos possibilitarão a percepção de traços da personalidade e características marcantes de sua trajetória pessoal e ministerial, tendo como elemento central de sua história a experiência de uma fé em caminho, uma busca constante pelo diálogo e pela paz. Fundamental destaque se dá também a centralidade da Eucaristia como parte central de sua espiritualidade, tendo sido considerado, inclusive, como “místico da eucaristia”¹²⁶. Assim, veremos alguém que se coloca no caminho e que, em seu caminhar, está sempre procurando o lar onde possa ser acolhido¹²⁷.

Esse encontro se fará fecundo em sua transição da vida acadêmica para a Comunidade Arca, no Canadá, lugar onde serviu até o fim de sua vida como pastor e guia espiritual. É nesta comunidade espiritual que Nouwen é aceito, fala e é ouvido, não carece de *performar* para ser reconhecido. Esta comunidade tornou-se o espaço em que o “profeta ferido”¹²⁸ percebeu a sua condição de vulnerabilidade e aprofundou o sentido de sua caminhada espiritual a partir da fragilidade humana.

¹²⁶ JONAS, Robert A. Henri Nouwen: escritos essenciais, p. 52. “Místico da eucaristia” é a forma pela qual Robert Jonas se refere a Nouwen, pois a celebração e a partilha da eucaristia eram centrais na sua vida e na sua espiritualidade. Muitas memórias de seus amigos e amigas, de relatos de seus mais diversos alunos e alunas, bem como de pessoas que procuravam Nouwen para aconselhamentos, apontam para os momentos desta celebração que marca pela profundidade e comprometimento integral com este momento. Era como se Nouwen conseguisse transbordar a experiência da carne e do sangue e fizesse com que todas e todos se sentissem convidados à mesa. A partir desta profunda marca que Robert A. Jonas, ex-aluno de Nouwen na Universidade de Harvard, e, posteriormente, seu grande amigo e confessor, descreve a mística de seu mestre e amigo.

¹²⁷ FORD, Michael. Henri Nouwen: el profeta herido, p. 253.

¹²⁸ Esta qualidade, “o profeta ferido” é apontada como marca de Henri Nouwen por seu amigo e, posteriormente, biógrafo, Michael Ford.

3.1

Percurso biográfico

Apresentaremos um percurso biográfico de Henri Nouwen em ordem cronológica a partir de informações de três biografias: Michael Ford, Michael O’Laughlin e Robert Jonas. Para a subdivisão, utilizaremos o mesmo caminho feito por Robert Jonas, que foi ex-aluno de Nouwen em Harvard, tornando-se um amigo íntimo. Assim, faremos uma abordagem de sua infância e formação na Holanda e depois seguiremos com a divisão em blocos de décadas: na década de 1960, da Holanda para os Estados Unidos; na década de 1970, o seu ingresso como professor em Yale e sua motivação como sacerdote latinoamericano; na década de 1980, atuando como professor em Harvard e sua transição para a Arca; e, na década de 1990, como o período de retorno para o lar¹²⁹.

Após esse percurso biográfico, apontaremos os relatos de seus biógrafos sobre a sua personalidade. Com isso, buscamos entender o sentido de denominar Nouwen como “curador ferido”¹³⁰ ou como “profeta ferido”¹³¹, podendo assim perceber nele uma “espiritualidade da imperfeição”¹³², ou como aqui será apresentado no próximo capítulo, no caminho para encontrar o sentido em uma “espiritualidade da fragilidade”.

Como elemento final, teremos um resumo cronológico dos principais pontos biográficos da vida e obra de Henri Nouwen para termos uma visualização concisa de sua história, o que fornecerá um ponto de apoio para compreensão dos fatos e transições de seu percurso de vida e em sua caminhada espiritual.

3.1.1

Infância e Juventude na Holanda

Henri Jozef Machie Nouwen nasceu em 24 de janeiro de 1932, em Niikerk, Holanda, e foi o primeiro de cinco filhos. Seu pai, Laurent Jean Marie

¹²⁹ Essa divisão foi desenvolvida por Robert A. Jonas, que fora aluno de Henri Nouwen em Yale e, tornando-se posteriormente amigo pessoal e confidente. Essa divisão pode ser encontrada em seu livro, *Escritos Esenciais* que será usado como uma das fontes biográficas de Henri Nouwen.

¹³⁰ Esse é o título de uma das obras principais de Henri Nouwen sobre a vulnerabilidade e sobre como a se perceber e aceitar como pessoa ferida se faz fundamental para o ministério na contemporaneidade. *O Curador Ferido*:

¹³¹ FORD, Michael. *El Profeta herido*.

¹³² HERNANDEZ, Wil. *Henri Nouwen: A Spirituality of Imperfection*.

Nouwen, foi um notável professor na área de direito fiscal na Universidade de Nimega. Vale destacar que Laurent chegou a passar um período de cinco meses com os dominicanos para examinar sua vocação, e uma de suas irmãs tornou-se freira. Percebe-se, então, que Nouwen é oriundo de uma família católica e dedicada à fé. A mãe de Nouwen, Maria Huberta Helena Ramselaar, procedia da parte central da Holanda, Amersfoot, cresce em uma família muito ligada à arte. Esta influência artística foi notadamente impressa na vida de Nouwen. Assim, Maria foi uma mulher culta e devota, com interesse por idiomas, literatura e mística. Sua origem também é de uma família católica tradicional, tanto que Toon Ramselaar, seu irmão mais velho, foi sacerdote da arquidiocese de Utrecht e assessor do Vaticano para assuntos sobre o diálogo entre judeus e cristãos¹³³.

Um aspecto importante destacado pelo biógrafo Michael Ford, que já aparece desde a infância de Nouwen, está relacionado ao desejo de ser aceito e por parecer sempre em dúvida sobre se ele realmente era amado e desejado pela família. O relato diz que desde muito cedo, ainda bem pequeno, Nouwen já formulava perguntas com uma profundidade “me queres de verdade?”¹³⁴. Como destacado por Ford, este traço da personalidade de Nouwen persistiria até a sua vida adulta, uma necessidade de se afirmar a partir do outro, “sua ansiedade a respeito de se ele era verdadeiramente amado se projetou em Deus e constituiu um aspecto profundo e permanente de sua vulnerabilidade posterior como adulto”¹³⁵.

Como já destacado, o ambiente familiar de Nouwen era profundamente religioso. Ele se desenvolve desde muito cedo em contato com a fé e a leitura, com a contemplação e os ícones, e com as orações. Em sua casa, eram abundantes as imagens de Jesus e Maria, elemento que se tornou um fundamento profundo de sua espiritualidade e de sua vida contemplativa e imaginativa. Importante destacar que seus familiares contam que, já aos seis anos, Nouwen tinha como brincadeira favorita a montagem de uma celebração eucarística completa com seus irmãos, tendo os elementos como vestimenta, altar, bem como pão e água para a celebração¹³⁶. Percebendo isso, seu tio Toom lhe deu de presente um jogo completo de ornamentos para a celebração da missa. Assim, a presença e o

¹³³ FORD, Michael. El Profeta, p. 120.

¹³⁴ FORD, Michael, El Profeta, p. 120.

¹³⁵ FORD, Michael, El Profeta, p. 120.

¹³⁶ JONAS, Robert. Escritos Esenciales, p. 26.

cuidado de seu tio Toom Ramselaar são destacados como modelo de pessoa e influencia na escolha do caminho sacerdotal ¹³⁷.

Quando Nouwen tinha cerca de sete anos, o exército alemão invadiu a Holanda durante a Segunda Guerra. Para proteger a família do terror nazista e dos perigos da invasão, seus pais, Laurent e Maria, tentam manter os costumes e rotinas familiares: seu pai permanece atuando como advogado de confiança de sua comunidade, enquanto sua mãe participava da missa diariamente e reunia a família e amigos todas as tardes para a leitura de poesias, compartilhando experiências sobre a vida e as notícias do dia, bem como seu amor por literatura e arte. Este movimento acaba se tornando uma resistência pacífica e começa a acolher outras pessoas que se achegavam à casa da família¹³⁸.

Uma preocupação constante também era quanto aos estudos tanto de Nouwen quanto de outras crianças da comunidade. Para isso, Maria consegue convencer e mobilizar um grupo de jovens sacerdotes, os *Cruzier Fathers*, a organizarem uma pequena escola em Bussum, onde cerca de oito crianças conseguiriam manter sua rotina de estudos¹³⁹. Outro fato marcante foi a incursão dos soldados nazistas na casa da família, onde seu pai, Laurent, conseguiu se proteger a tempo em um espaço secreto que ele havia construído. Ele passava diversas horas do dia neste espaço, a fim de evitar ser levado para o trabalho forçado em campos de concentração.

Passado este triste episódio da humanidade, conforme O’Laughlin destaca, Henri Nouwen foi da geração pós-guerra e, portanto, enfrentou profundas mudanças sociais e testemunhou mudanças drásticas na Igreja Católica, não somente na Holanda, mas em todo o mundo¹⁴⁰.

Com a vocação ao sacerdócio cada vez mais clara, o ingresso ao seminário acontece quando ele completa 18 anos. Nouwen começa seus estudos no último ano do Seminário Menor em Appledorn, onde Toon, então Monsenhor A.C. Ramselaar, era reitor e figura pioneira na construção de diálogo entre a Igreja Católica e Israel. Depois de um ano, Nouwen dá seguimento aos estudos no Seminário Maior de Rijsenburg (dois anos em filosofia e quatro anos em

¹³⁷ FORD, Michael. El profeta herido, p. 127.

¹³⁸ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 28.

¹³⁹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 123.

¹⁴⁰ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 28.

teologia)¹⁴¹. Desde seu início no seminário já se fazia notável a presença carismática e sua vocação pastoral, sendo eleito inclusive presidente dos estudantes nesse período¹⁴².

3.1.2

Década de 1950: consagração ao sacerdócio e formação acadêmica

Já na década de 1950, a vida de Nouwen será marcada por sua consagração ao sacerdócio católico, a sua formação como psicólogo na Universidade de Nijmegen e, por fim, sua decisão de mudar de país para iniciar seus estudos nos Estados Unidos, indo com a benção de seu Bispo.

Em 21 de julho de 1951, Henri Nouwen foi ordenado sacerdote na Catedral de Santa Catarina, em Utrecht, pelo arcebispo Bernard Alfrink¹⁴³. A ordenação foi um dia marcante para toda a família, especialmente seus pais e seu irmão Laurent, que na época estava com 13 anos. Sobre esse dia, Laurent comenta ter se sentido “muito impressionado ao vê-lo com ‘sua roupa de trabalho’ e teve a sensação de que era uma pessoa dotada e motivada”¹⁴⁴.

Após sua ordenação e já no exercício de seu sacerdócio como padre na Diocese de Utrecht, Nouwen fora estimulado a continuar sua vida acadêmica na área de teologia. Porém, como traço marcante de sua essência, de ser um buscador e ter uma aproximação de cuidado profundo com as pessoas, o jovem sacerdote solicita ao seu Bispo a permissão para dar prosseguimento aos estudos na área de psicologia em vez de teologia¹⁴⁵. Tendo a permissão necessária, Nouwen inicia na Universidade de Nijmegen em setembro de 1957, na qual, por 7 anos, desenvolve seus estudos sobre a compreensão da psicologia moderna acerca da pessoa humana. Em sua pesquisa, desenvolve aspectos de preocupação de como a psicologia foi se tornando cada vez mais instrumentalizada e cada vez mais distanciada da dimensão espiritual do humano, buscando, desta forma, fazer um

¹⁴¹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 128.

¹⁴² JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 29.

¹⁴³ FORD, Michael. El profeta herido, p. 132.

¹⁴⁴ FORD, Michael. El profeta herido, p. 133.

¹⁴⁵ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 29.

diálogo entre a teologia e a psicologia, usando a multiplicidade das novas disciplinas¹⁴⁶.

Durante seu período na Universidade de Nijmegen, Nouwen se destacava por seu entusiasmo e veemência. Sua presença sempre marcante e expressiva, seu amor pela mensagem de Jesus e sua fala sempre apaixonada nos encontros de estudantes trouxeram para ele alguns amigos e admiradores¹⁴⁷.

É neste período que a vontade de conhecer outros lugares para além da Europa torna-se um impulso e um objetivo. Para cumprir essa espécie de chamamento-vocação, Nouwen se candidata ao posto não remunerado do Serviço de Imigração Católica, como Capelão, onde serviria como pastor, principalmente assessorando cidadãos holandeses que estavam optando por reconstruir suas vidas nos Estados Unidos¹⁴⁸. É neste período que ele consegue contato com o professor Gordon Allport, cujo trabalho em Harvard influenciaria suas leituras e pesquisas. Durante o seu encontro com Allport, o jovem pesquisador e sacerdote ouviu a recomendação para que ele terminasse seu ciclo de estudos em Nijmegen e depois fizesse sua transferência para a Fundação Menninger, situada em Topeka, Kansas. Aqui já se traçava o caminho de transição que estava em fluxo.

3.1.3

A década de 1960: a transição da Holanda para a América do Norte

A década de 1960 fica marcada pela transição de Nouwen da Holanda para os Estados Unidos e pelo início de uma vida como professor universitário. Então, em 1964, após solicitar desligamento da Universidade de Nimega, fazendo a transição para a conclusão de seu doutorado na América do Norte, Nouwen retoma a sua pesquisa na Fundação Menninger podendo aprofundar seu interesse, que era a busca pela integração da psicologia com a teologia, tendo a partir deste encontro uma proposta de pastoral clínica voltada para o desenvolvimento de uma “psico-pastoral”¹⁴⁹. Fato marcante também neste período é o impulso e a adesão

¹⁴⁶ FORD, Michael. El profeta herido, p. 138.

¹⁴⁷ FORD, Michael. El profeta herido, p. 139.

¹⁴⁸ FORD, Michael. El profeta herido, p. 140.

¹⁴⁹ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 53.

de Nouwen ao chamamento de Martin Luther King a todas as pessoas de bem e líderes eclesiásticos a participarem da marcha pacífica em Selma.

Para Michael Ford, “ao combinar seus interesses teológicos com seu recente conhecimento clínico, Nouwen incrementou sua reputação”¹⁵⁰, pois, ao contrário de outros sacerdotes, tanto protestantes quanto católicos que também eram contemporâneos na Fundação, ele não buscava separar a clínica da pastoral, mas desenvolvia formas de integrar o ministério pastoral com a psicologia. Assim, “suas habilidades no campo do aconselhamento e da terapia estavam, como sua fé e espiritualidade, profundamente arraigadas em seu interior; ambos os aspectos estavam perfeitamente integrados”¹⁵¹.

Desde a Universidade de Nijmegen, Nouwen já vinha desenvolvendo sua pesquisa a partir dos trabalhos de Anton Boisen. Pioneiro do movimento de uma pastoral clínica, Boisen foi desenvolvendo esse modelo na atuação como pastor presbiteriano e nas igrejas de comunidades rurais antes de se tornar Capelão no Worcester State Hospital, em Massachusetts, principal Hospital para saúde mental no estado¹⁵². Em seu trabalho clínico, o professor e pastor Boisen procurava levar seus alunos a uma visão profundamente teológica, não apenas clínica, e a perceber os pacientes psiquiátricos como pessoas que carregam em si uma história, um tipo de testemunho, como se fossem “documentos humanos vivos”, cujos processos de sofrimentos e cura poderiam trazer luz sobre a natureza humana e a experiência religiosa¹⁵³.

A reputação de Nouwen como psicólogo clínico, como conselheiro e orador vinha se espalhando por todo o país. Ele era um sacerdote cheio de talento, vindo de uma família holandesa tradicional e se encontrava agora nos umbrais de uma brilhante carreira acadêmica por sua habilidade de integrar os estudos e a prática da psicologia com a espiritualidade¹⁵⁴. Neste período, a Universidade de Notre Dame acabara de organizar seu departamento de psicologia. Então, em 1966, o professor John dos Santos convida Nouwen para integrar o corpo docente

¹⁵⁰ FORD, Michael. El profeta herido, p. 142.

¹⁵¹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 142.

¹⁵² O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 49.

¹⁵³ FORD, Michael. El profeta herido, p. 143.

¹⁵⁴ FORD, Michael. El profeta herido, p. 145.

da Universidade¹⁵⁵. Assim começa sua carreira como professor adjunto na disciplina de psicologia pastoral¹⁵⁶.

Logo se destacou como professor adjunto nos dois anos seguintes. Era um professor entusiasta e dinâmico e, por isso, muito respeitado pelos demais professores e admirado por seus alunos¹⁵⁷. Ele continuava a exercer o sacerdócio e celebrava diariamente a eucaristia para grupos de professores e estudantes, bem como aconselhamentos, fazendo a integração de seu profundo amor pelas escrituras e por Jesus, deixando-se ser tocado pela realidade do sofrimento das pessoas e por suas complexidades.

Mesmo como professor, a vocação pastoral nunca se manteve distante. Nouwen sempre se preocupava verdadeiramente com a personalidade de seus alunos, destacando suas potencialidades e sempre se apresentava disponível para ajudá-los em qualquer crise. Estando verdadeiramente presente, com uma sensibilidade marcante e sempre pronto a partilhar de suas experiências e expor seus sentimentos mais profundos, Henri vai absorvendo esse modelo de “curador ferido”¹⁵⁸. Faz isso não como forma de diminuir a dor do outro como uma espécie de “eu também tenho problemas”, mas como um lugar para a criação de um espaço de acolhida e abertura para o processo de uma cura profunda e encontro fundamental. Mediante este contínuo diálogo, surgem como frutos as importantes obras de Nouwen, como *Ministério Criativo*, *O Curador Ferido* e *Crescer: os três movimentos da vida espiritual*¹⁵⁹.

Apesar de profícuo, alguns desafios e desconfortos foram se somando durante seu período em Notre Dame, criando uma espécie de distanciamento entre seu coração e o exercício de professor. A Universidade de Notre Dame era um lugar efervescente e de espírito esportivo muito desenvolvido e, por este motivo, era um ambiente notadamente competitivo. Isso começou a causar um desconforto. Outro aspecto era o fato de sentir-se incomodado por ser exclusivamente psicólogo.

Segundo O’LAUGHLIN, estar em um “ambiente notadamente científico e acadêmico o ajudou a perceber novamente que sua principal vocação era a

¹⁵⁵ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 55.

¹⁵⁶ FORD, Michael. El profeta herido, p. 145

¹⁵⁷ FORD, Michael. El profeta herido, p. 152.

¹⁵⁸ FORD, Michael. El profeta herido, p. 151.

¹⁵⁹ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 30.

teologia e não a psicologia clínica”¹⁶⁰. Neste lugar, as perguntas tinham sempre desdobramentos psicológicos que ele percebia como incompletos para si e para os outros. Ele desejava fazer uma integração e, assim, “fazer acessível a luz do Espírito”¹⁶¹. Outro aspecto se dava ao fato de as autoridades acadêmicas em Notre Dame pedirem para Nouwen terminar seu doutoramento, pois, somente assim poderiam efetivá-lo como professor titular no programa.

Assim, em 1968, Nouwen regressa à Holanda para retomar seus estudos na Universidade de Nijmegen. De forma paralela, ele também começa a atuar como professor no Instituto Pastoral de Amsterdam e no Instituto Teológico Católico de Utrecht. Morando em uma comunidade de professores, Nouwen começava a mostrar sinais de solidão e também apresentar uma necessidade crescente de reciprocidade cada vez maior de suas amizades. Essa marca vai se aprofundar em Nouwen com o passar dos tempos e tornar-se-á um fator contínuo de inquietação e desassossego¹⁶².

Este período de retorno à Holanda foi bastante desafiador para Nouwen, despertando um profundo sentimento de desconforto com sua terra natal. À medida que seus estudos, livros e seminários se tornavam reconhecidos nos Estados Unidos, a sensação de Nouwen era de que na Holanda ele não era considerado e respeitado. Esse sentimento se aprofunda quando, ao apresentar sua tese, seu professor e orientador Frans Haarsma¹⁶³, avaliou que seu trabalho carecia de um aprofundamento teológico para uma tese doutoral¹⁶⁴.

Henri, então, decide encerrar seus estudos em Nijmegen, pois não estava disposto a reformular toda a pesquisa, estando ele muito mais preocupado não com os aspectos estritamente acadêmicos, mas sempre interessado nas questões práticas. Assim, recebe apenas o título honorífico em teologia.

Progressivamente, começa a perceber uma Holanda muito diferente daquela que havia deixado há tempos atrás. Seu sentimento era de que suas ideias não eram mais aceitas e que a Igreja holandesa estava completamente distante daquela Igreja vanguardista pré-Concílio Vaticano II. Em resumo, “a Europa não

¹⁶⁰ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 55.

¹⁶¹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 153.

¹⁶² FORD, Michael. El profeta herido, p. 154.

¹⁶³ FORD, Michael. El profeta herido, p. 155.

¹⁶⁴ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 61.

parecia ser o continente adequado para ele”¹⁶⁵. Mesmo assim, Henri Nouwen permanece na Holanda, desligando-se como professor e morando sozinho em uma casa alugada como estudante.

Ao final da década de sessenta, a importante Universidade de Yale fez um convite para que Nouwen integrasse seu quadro de professores, lecionando como teólogo pastoral. Inicialmente declina do convite, pois seu compromisso seria com a Igreja Holandesa. Seis meses mais tarde, Yale refaz o convite, porém, Nouwen, talvez mais inclinado a aceitar, solicita uma série de condições: ele precisaria de tempo para continuar a escrever e de condições para responder seu chamado pastoral para além da academia. Nouwen já demonstrava possuir uma preocupação cada vez crescente tanto com o Canadá¹⁶⁶ quanto com as questões sociais na América Latina¹⁶⁷ e, por isso, impôs essas condições para aceitar essa nova transição para os Estados Unidos.

3.1.4

A década de 1970: de professor de Yale e períodos de retiros monásticos

A década de 1970 foi marcada por esse retorno de Nouwen aos Estados Unidos, tendo desta vez, como porta de entrada, Yale Divinity School, um dos seminários protestantes mais respeitados nos Estados Unidos. Henri permanece como professor em Yale por 10 anos, intercalados por períodos sabáticos em clausura. Em 1974, Nouwen passa sete meses na Abadia de Genesse, em Piffard, onde faz também um novo retiro em 1979, por seis meses; em 1976, enquanto professor no Instituto Ecumênico da Califórnia, faz um retiro de trinta dias para os Exercícios Espirituais Inacianos¹⁶⁸. É também neste período que Henri experimenta sua maior perda, a morte de sua mãe, vítima de um câncer terminal em 9 de março de 1978¹⁶⁹.

¹⁶⁵ FORD, Michael. El profeta herido, p. 156.

¹⁶⁶ Essa ligação de Nouwen acontece pelo fato de as tropas militares canadenses terem participado como aliado na segunda grande guerra, ajudando a Holanda a se libertar do domínio alemão.

¹⁶⁷ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 39.

¹⁶⁸ DEAR, John (org), Estrada para a paz, p. 20.

¹⁶⁹ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 44.

Durante seu período em Yale, Nouwen ofereceu uma visão de ministério fundamentada na vida contemplativa, e essa espiritualidade era vivida profundamente por ele, emanando em suas aulas e nos encontros que ele organizava em sua própria residência. Começou ministrando as aulas de psicologia da religião e psicologia pastoral, mas aos poucos foi migrando para assuntos mais ligados à espiritualidade e teologia. Suas turmas de *Ministério e Espiritualidade*, *História da Espiritualidade Cristã*, *Oração e Vida Espiritual*, *O Ministério de Vicente van Gogh*¹⁷⁰ e *A Vida e Obra de Thomas Merton* estavam sempre entre as mais disputadas¹⁷¹.

Em suas aulas transbordava sua vocação pastoral e sua profunda espiritualidade. Ao apresentar sua própria jornada espiritual e caminho de vida, criava um espaço comum com seus alunos a partir da vulnerabilidade, para juntos poderem iniciar uma busca, e assim, permitir que suas perguntas ressoassem profundamente em suas almas, a encarar seus medos e suas dúvidas chegando a conexões com a própria existência¹⁷².

A centralidade eucarística não foi abandonada em Yale. Nouwen permanecia celebrando diariamente a eucaristia em uma Capela da Universidade para grupos de professores e alunos. Todos eram acolhidos e convidados a participarem, enquanto ensinava que, em volta da mesa e na partilha do pão eucarístico, somos todos filhos e filhas do mesmo Pai. Sendo assim, a eucaristia se tornava para todos um dom enviado para a humanidade e não como fonte de divisão entre as distintas denominações cristãs¹⁷³.

Durante todo esse período em Yale, Nouwen, como era traço marcante de sua personalidade, entrega-se totalmente a sua vocação e se dedica integralmente a seus amigos e amigas. Porém, Henri era conhecido por sua inabilidade com a rotina de cuidados e, por diversas vezes, foi visto completamente desarrumado e desajeitado. Era de sua natureza estar distraído com as coisas em seu entorno. Sua preocupação e atenção eram as pessoas: por elas, ele acabava por esquecer-se de suas próprias limitações e se entregava completamente¹⁷⁴. Não poucas vezes,

¹⁷⁰ O'LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, pp. 81-83. Sobre a profundidade deste curso ministrado por Nouwen em Yale, faz-se fundamental a leitura do comentário de O'LAUGHLIN.

¹⁷¹ DEAR, John (org), Estrada para a paz, p. 19.

¹⁷² FORD, Michael. El profeta herido, p. 165.

¹⁷³ FORD, Michael. El profeta herido, p. 169.

¹⁷⁴ FORD, Michael. El profeta herido, p. 170.

Nouwen saía de sua rotina para socorrer amigos e atender pedidos de socorro, seja quem fosse, em qual horário fosse. Sempre telefonava para amigos, respondia correspondência e cartas de seus leitores.

Toda essa predisposição à inquietude, impulsividade e entrega contínua vai se acumulando e crescendo como ferida profunda em seu ser. Não raras vezes, era nítido seu cansaço e seu estado depressivo, uma preocupação real de muitas pessoas que o tinham como amigo. Isso fica claro no relato de seu amigo e biógrafo, Robert Jonas, quando diz que, “ao longo de sua vida adulta, Henri se viu encurralado em ciclos de longos e frenéticos dias de docência e serviço, seguidos por períodos de esgotamento emocional, depressão e insônia”¹⁷⁵. Segundo Michael Ford, aqueles que eram mais próximos de Nouwen iam percebendo-o como o “profeta ferido”, carregando em si o extremo da condição humana de ter fragilidades; era para muitos uma pessoa absolutamente segura de sua vocação e ao mesmo tempo sobrecarregada e angustiada, alterando esses estados em um limiar extremamente tênue¹⁷⁶.

A forma que Henri escolheu para se organizar e se recuperar destes períodos de esgotamento, foi passar por clausuras. Estes eventos aconteceram em datas distintas e em muitos deles, como é característico em Nouwen, suas experiências monásticas acabaram sendo registradas em formato de diários e, posteriormente, publicadas como livros¹⁷⁷.

Sua primeira estada, em 1974, por um período de seis meses, tornou-se possível devido a mediação de seu antigo diretor espiritual e conselheiro, o Abade John Eudes Bamberger¹⁷⁸. Isso porque os monges não costumam aceitar membros temporários. John Eudes permaneceu como orientador espiritual de Nouwen neste período em Genesee, quando percebeu que seu amigo carregava um sentimento de ira, muitos dos quais provenientes do sentimento de abandono que ele carregava como um peso permanente¹⁷⁹.

Nouwen precisava destes períodos para buscar paz, tentar refazer suas forças e reorganizar sua vida nas múltiplas dimensões. Estar no monastério era uma forma de fazer a mente, corpo e coração desacelerarem na tentativa de

¹⁷⁵ JONAS, Robert. *Escritos esenciales*, p. 40.

¹⁷⁶ FORD, Michael. *El profeta herido*, p. 172.

¹⁷⁷ Sobre este período foi publicado, *The Genesee Diary: Report from a Trappist Monastery*

¹⁷⁸ O’LAUGHLIN, Michael. *Henri Nouwen: his life and Vision*, p. 72.

¹⁷⁹ FORD, Michael. *El profeta herido*, p. 175.

alcançar um lugar para aplacar sua inquietude. Essa condição paradoxal era tão clara para os outros que Ross, um dos monges, chega a recordar que Nouwen,

era uma pessoa que ia a cem quilômetros por hora onde a velocidade estaria limitada a trinta. Sua vida era uma verdadeira luta e ele ansiava por Deus, embora talvez nem sempre era consciente de quão perto Ele estava, isso porque Nouwen ia sempre à frente de si mesmo ¹⁸⁰.

O período na Abadia de Genesee foi de grande valia. Nouwen foi percebendo sua condição de vulnerabilidade, bem como conseguir ficar mais confortável em circunstâncias que ele não poderia ou conseguiria ter o controle das situações. Isso porque ele sempre fora dependente de se preparar e buscar certa previsibilidade das ocasiões: quer fosse em suas aulas, quer em suas homilias e planejamento de seus dias. Seu orientador, John, foi lhe incentivando a despertando a capacidade de “aprender a lançar mão de seus recursos interiores de um modo natural e espontâneo” ¹⁸¹.

Depois da morte de sua mãe, em outubro de 1978, Nouwen regressou a Abadia onde fez um segundo período de seis meses de clausura, que correspondeu entre os meses de fevereiro e agosto de 1979¹⁸².

Fato é que ele carregava em si uma personalidade de doação ao mesmo tempo que necessitava se sentir cuidado, aceito e como centro de atenção. Nouwen tinha necessidade de se fazer notar para se sentir amado. Tinha extrema facilidade em estar próximo a pessoas, mesmo aquelas estranhas a ele, mas carecia de certa habilidade social para interpretar os limites das relações. Assim, ele se doava inteiramente e esperava de seus amigos e amigas a mesma intensidade. Por este motivo, por algumas vezes teve que “suportar acusações de ser um manipulador social”¹⁸³.

3.1.5

A década de 1980: de professor em Harvard a missionário na América Latina e sacerdote na Comunidade Arca

¹⁸⁰ FORD, Michael. El profeta herido, p. 173.

¹⁸¹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 181.

¹⁸² JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 40.

¹⁸³ FORD, Michael. El profeta herido, p. 170.

A década de 1980 é marcada por um intenso ciclo de mudanças no percurso da vida de Nouwen. Inicialmente ele sai de Yale e decide atuar como missionário na América Latina. Após esse período missionário, retorna aos Estados Unidos, agora como professor em Harvard, isso nos anos 1982. Aos meados da década de 1980, aconteceu a decisão que mudaria substancialmente a espiritualidade e a vida do sacerdote: sua saída da vida acadêmica para servir junto a Comunidade Arca. Esse encontro, a chegada em seu verdadeiro lar, desejo profundo em Nouwen, começa em seu ano sabático em Trosly, na França, e na sequência, em agosto de 1986, em definitivo ao aceitar o convite para se tornar o pastor da Comunidade Arca Daybreak, em Toronto, Canadá, passando a servir em Daybreak, lugar que se tornará seu definitivo lar pelos próximos dez anos.

No verão de 1981, depois de renunciar formalmente seu posto de professor em Yale, Nouwen parte em busca de responder ao chamado missionário que surgiu em seu coração pela situação do povo na América Latina. Ao deixar Yale, ele passa por mais um período na Abadia de Genesse¹⁸⁴ a fim de buscar responder uma inquietação de muitos anos: “Deus está me chamando para a América Latina?”¹⁸⁵.

Durante mais este período de retiro, Nouwen vai se percebendo “demasiadamente cansado, demasiado preocupado com questões e lutas pessoais, demasiado atarefado e pouco preparado”¹⁸⁶ para responder a essa vocação missionária. Somente com o passar dos dias, permanecendo sua busca em oração e no exercício da escrita, vai crescendo em seu interior a segurança de sua chamada.

Já na América Latina ele passa a morar no Peru, junto a comunidade dos padres e irmãos de Maryknoll, que foi sua principal base nesse período. Morou ainda na Bolívia, em Cochabamba, onde ficou no Instituto de Estudos Hispânicos, correspondendo estes dois momentos um período de seis meses¹⁸⁷. Neste período, Nouwen experimentou uma inserção na cultura e na realidade sociopolítica da região e testemunhou de perto como os sacerdotes e líderes eclesiais se posicionavam frente à violência, injustiças e o poder opressor¹⁸⁸.

¹⁸⁴ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 91.

¹⁸⁵ FORD, Michael. El profeta herido, p. 184.

¹⁸⁶ FORD, Michael. El profeta herido, p. 185.

¹⁸⁷ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 51

¹⁸⁸ FORD, Michael. El profeta herido, p. 187.

Participar de perto e estar inserido nesta realidade social e em sua luta diária pela sobrevivência, fez com que Nouwen despertasse para a dimensão de uma impotência, pela qual ele acessou uma nova dimensão de confiança¹⁸⁹. O lugar de poder e afirmação, de saber e possuir as respostas já não se mostravam suficientes frente à realidade que se impõe nestas comunidades. Toda essa experiência abre em Nouwen uma busca por Deus de forma intensa e em novidade de relacionamento. Para Pete Byrne, sacerdote em Maryknoll, seu processo ali na missão “tratava-se de uma viagem de descobrimento”¹⁹⁰ pessoal e da pessoa de Deus, a quem ele buscava proclamar com toda sua vida.

Porém, permanecia um sentimento de coração dividido. Ao mesmo tempo em que “ser sacerdote para os pobres lhe deu energia e motivação”¹⁹¹ renovada, sentindo-se por diversas vezes “abraçado por um povo carinhoso de uma forma que nunca havia experimentado”¹⁹², seu incômodo também era crescente. Após alguns meses em missão, começou a sentir-se “subutilizado e pouco valorizado”¹⁹³ e mais uma vez teve de lutar contra a depressão.

Grande parte deste conflito interior será respondido após a sua participação em uma série de estudos e palestras apresentada pelo padre Gustavo Gutierrez com o tema central da espiritualidade de libertação. Este contato aprofunda o compromisso em Nouwen com os pobres e oprimidos, mas revelando novas possibilidades de missão e de sua vocação de cuidado. Isso tudo mediado pelo olhar da Teologia da Libertação¹⁹⁴, que ele agora tinha contato e lhe trouxe uma nova percepção sobre a ação de Deus e a vida daquelas pessoas. Deste encontro surge uma aproximação entre estes dois sacerdotes, e Gutierrez passa a ser um amigo e mentor.

No entanto, tornou-se evidente para Gutierrez que a vocação de Nouwen não deveria ser a de permanecer na América Latina¹⁹⁵, mas a possibilidade de atender a esse chamado exercendo uma espécie de *missão inversa*¹⁹⁶, denunciando o estado de indiferença da igreja estadunidense frente à situação dos irmãos na América Latina.

¹⁸⁹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 189.

¹⁹⁰ FORD, Michael. El profeta herido, p. 190.

¹⁹¹ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 51.

¹⁹² JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 51.

¹⁹³ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 51.

¹⁹⁴ FORD, Michael. El profeta herido, p. 191.

¹⁹⁵ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 91.

¹⁹⁶ DEAR, John (org), Estrada para a paz, p. 21.

Assim, motivado por Gustavo Gutierrez, Nouwen retorna aos Estados Unidos em março de 1982, regressando para a Abadia de Genesee¹⁹⁷, onde pode aprofundar e meditar sobre sua experiência na América Latina e ressignificar sua espiritualidade a partir da vulnerabilidade e da encarnação. Sabendo deste regresso, a Universidade de Harvard fez uma primeira consulta pedindo para que ele considerasse o retorno à academia como professor de teologia pastoral.

Nouwen retorna, então, à atividade como professor, aceitando o convite de Harvard no inverno de 1983. Para tornar possível este retorno, ele colocou a condição de ministrar somente um semestre ao ano, podendo dedicar o restante do tempo para sua vocação como escritor e para as demais atividades que o interessavam, inclusive retornando algumas vezes ao Peru, México e Nicarágua¹⁹⁸.

Como professor na Harvard Divinity School, em Cambridge, Massachusetts, ele permaneceu por três anos, desligando-se ao final da primavera de 1985¹⁹⁹, quando renunciou ao seu posto.

Durante os três semestres de docência, concentrou seus cursos sobre o tema da espiritualidade, centrando-se inicialmente no Evangelho de Lucas²⁰⁰ e, posteriormente, no Evangelho de João²⁰¹.

Assim, em seu primeiro ano como professor, Nouwen chega com a mente aberta, tendo consciência que Harvard se caracterizava pela pluralidade. Ele busca por novas amizades e participa de cursos e aulas de outros professores. Então, buscando conciliar sua experiência acadêmica, sua vivência na América Latina, tecendo o necessário diálogo com o novo ambiente, Nouwen oferece o curso *Uma Introdução a Vida Espiritual*²⁰². Por conta de sua presença marcante e da sua sensibilidade e paixão, suas aulas passaram a ser frequentadas também por alunos/as inscritos/as em outras disciplinas. Tomando o Evangelho de Lucas como eixo deste período, apresentou uma visão que combinava contemplação (monaquismo), oração e política.

No segundo semestre, Nouwen já percebeu a profundidade crítica e a exigência acadêmica em Harvard, porém ele sente a necessidade de falar mais

¹⁹⁷ FORD, Michael. El profeta herido, p. 195.

¹⁹⁸ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 53.

¹⁹⁹ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 59.

²⁰⁰ O'LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 101.

²⁰¹ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 53.

²⁰² O'LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 100.

diretamente sobre Jesus, o centro da espiritualidade cristã. Para esta etapa, então, ele parte do Evangelho de João, destacando a mística e a radicalidade da espiritualidade joanina²⁰³. Sua proposta tornava-se clara e seu desejo não era construir uma uniformidade teológica, mas sim conduzir seus ouvintes ao coração de Jesus.

Suas aulas em Harvard eram iniciadas de uma maneira não convencional, principalmente naquele ambiente: fazia um momento de silêncio, uma leitura da Escritura e um momento de oração²⁰⁴. Por vezes, introduzia nas aulas cânticos e canções de Taizé²⁰⁵. Nouwen tinha como chave da espiritualidade a encarnação de Jesus e afirmava que “a história de Jesus está incompleta, inacabada”²⁰⁶, porque não estamos completando este aspecto encarnacional do mistério de Cristo, levando cada aluno e aluna a reflexão. Por isso, interpelava cada um deles/as a responder à seguinte questão: “estamos dispostos a completar a encarnação com nossas vidas?”²⁰⁷.

A intensidade e entrega de Nouwen tornava-se tão intensa que seu aluno, posteriormente amigo e biógrafo, Robert Jonas, faz o seguinte relato quando entrevistado por Michael Ford,

A presença de Henri nas classes era extraordinária. Exortava a seus ouvintes a viver a realidade de Cristo de imediato. Proclamava as verdades últimas e anunciava as Boas Novas sem a menor dúvida. Usava a Escritura de um modo para mim completamente novo, explicando-a com a penetrante visão de um psicólogo pós-freudiano. Naquela época, para mim, parecia-me que Henri era uma mescla de pregador do Evangelho, intelectual de Harvard e santo católico. Sua paixão era transbordante e superava claramente os limites da experiência humana normal. Em suas exposições públicas muitos, inclusive eu, ficavam simplesmente impressionados. Antes de conhecer a Henri, eu havia considerado a prática da meditação budista, porque o caminho espiritual oriental me parecia mais profundo que o cristianismo em que eu havia crescido. Como aluno de doutorado de Harvard, eu poderia ficar envergonhado em admitir, mas a presença de Henri fez Jesus ganhar vida em minha alma de uma forma inconfundível²⁰⁸.

Antes de iniciar o terceiro semestre docente em Harvard, Nouwen havia aceitado o convite de Jean Vanier, fundador da Comunidade L’Arche (A Arca) para passar um período de descanso e meditação na comunidade Trosly, na

²⁰³ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 101.

²⁰⁴ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 56.

²⁰⁵ FORD, Michael. El profeta herido, p. 201.

²⁰⁶ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 56.

²⁰⁷ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 56.

²⁰⁸ FORD, Michael. El profeta herido, p. 201.

França. Ali Nouwen tem seu primeiro contato com uma comunidade de pessoas que se dedicavam ao cuidado e à partilha da vida com pessoas com deficiências incapacitantes. Durante seis semanas de estada neste lugar, Nouwen havia presenciado uma comunidade em que a vida comunitária e o cuidado para com o extremamente vulnerável eram o centro da espiritualidade. Assim, percebeu que a Arca se tornava o lugar “onde a amizade de Jesus com os excluídos e marginalizados era o modelo de comunidade: Emanuel, Deus conosco”²⁰⁹.

Ao retornar para Harvard, em 1985, já estava claro para Nouwen que o mundo acadêmico não o atenderia mais como lugar de sua vocação, e optou por pedir demissão ao final daquele semestre. Posteriormente, ele confessou a amigos próximos que neste período ele havia passado por um verdadeiro deserto e uma profunda crise, estando de fato “em risco de perder sua alma”²¹⁰. Foi um período em que diversas descobertas e experiências fizeram com que Nouwen colocasse em questão elementos de sua personalidade e fé, que antes pareciam inabaláveis, mas que já soavam como instáveis. Assim, segundo o próprio Nouwen descreve,

Durante todos esses anos, aprendi que os protestantes pertencem à Igreja tanto quanto os católicos, e que os hindus, budistas e muçumanos acreditam em Deus tanto quanto os cristãos; que os pagãos podem amar uns aos outros tanto quanto os crentes; que a psique humana é multidimensional; que a teologia, a psicologia e a sociologia se inter-relacionam em muitos pontos; que as mulheres sentem um chamado real para o ministério; que os homossexuais têm uma vocação particular na comunidade cristã; que os pobres pertencem ao coração da Igreja, e que o Espírito de Deus sopra onde quer. Todas estas descobertas romperam gradualmente muitas cercas que haviam me dado um jardim seguro e tornaram-me profundamente consciente de que a aliança de Deus com seu povo incluía a todos. Para mim pessoalmente, foi um tempo de busca, questionamento e agonia, um tempo extremamente solitário e não sem momentos de grande incerteza e ambiguidade interior. O Jesus que eu conhecera na juventude havia morrido. Eu estava viajando abatido para Emaús e comecei a ouvir a Voz de alguém que havia se juntado a mim no caminho²¹¹.

Fica notável na confissão de Nouwen a capacidade de se expressar com clareza, sem a tentativa de mascarar sua condição de dubiedade, e todo o seu questionamento sobre a fé de maneira real e não idealizada. Pelo contrário, frente às dinâmicas reais que suas experiências de vida vão conduzindo e impondo, ele percebe a solidão e dureza de sua crise e tem a sensibilidade de dividir com os outros a sua angústia e fragilidade. Não se apresenta como um mestre espiritual que permanece alheio à condição humana e negando a realidade da angústia e da

²⁰⁹ JONAS, Robert. *Escritos esenciales*, p. 60.

²¹⁰ DEAR, John (org), *Estrada para a paz*, p. 22.

²¹¹ DEAR, John (org), *Estrada para a paz*, p. 22.

dor, mas, antes, se percebe afetado por ela. Torna, assim, sua própria vida um lugar e um caminho de acesso para outras pessoas que se identificam com suas dores.

Ao deixar Harvard, Nouwen inicia um período sabático de um ano, indo para a França, morar no vilarejo de Trosly, onde estabelece-se na Comunidade Arca²¹², morando com Madame Vanier, mãe de Jean. Durante essa experiência, ele relata tudo em seu diário *O Caminho para o Amanhecer*, publicado em 1988.

Foi então que, no verão de 1986, aos 54 anos de idade, Nouwen se integra à Comunidade Daybreak em Toronto, aceitando o convite expresso desta Comunidade para que ele se tornasse assistente e que fosse o pastor ali. Assim, começa a desenvolver com verdade profunda o chamamento que ele ouvira no convite de Jean Vanier, e que constantemente ardia em seu coração: “talvez possamos lhe oferecer um lar aqui”²¹³. Verdadeiramente, este foi o lar de Nouwen nos 10 anos seguintes até sua morte, em 1996.

Logo na chegada a Comunidade Daybreak se percebeu a expansividade e sua expressividade. Ele chega acompanhado de um enorme comboio de caminhões trazendo sua mudança com livros, malas e presentes de suas viagens. Diariamente, pessoas vinham até a Comunidade para conversar com Nouwen ou apenas para poder ver e acreditar que o famoso mestre e sacerdote havia abandonado a projeção como grande conferencista e a carreira acadêmica para estar ali entre as pessoas com deficiência²¹⁴.

²¹² A Comunidade Arca, L'Arche, foi iniciada em agosto de 1964 por Jean Vanier, quando ele começa a partilhar a vida com mais duas pessoas, Phillipe Seux e Raphael Simi, ambas retiradas de uma instituição para pessoas com deficiência intelectual na França. Esse movimento acontece como resposta a uma necessidade que e ao incômodo de Jean Vanier sobre como as pessoas nesta condição eram tratadas com indiferença e com o peso de fardo por estas instituições, ficando sem o cuidado de uma família e distantes de uma comunidade. Assim, a primeira casa Arca foi fundada em Trosly, França com a missão de partilhar a vida com essas pessoas e estar comprometido com as mesmas como família, ser para e com eles, verdadeiro lar. O centro mesmo da Comunidade Arca é a vida comunitária entre os membros centrais, as pessoas com deficiência, e com pessoas voluntárias, onde compartilham da vida e vivendo em comunidade, buscando relacionamento mútuo e a confiança em Deus como centro da comunidade. A Comunidade Arca, busca celebrar o valor único de cada pessoa e reconhecendo a necessidade que temos um dos outros. Tem como princípio norteador a teologia e a espiritualidade cristã, organizando-se no entanto como uma comunidade ecumênica, sendo constituída de pessoas e voluntários de diferentes crenças, práticas e religiões. O objetivo central e fundante é a vida compartilhada entre pessoas onde se fazem possíveis encontros que levem a autenticidade e a liberdade. Atualmente a Comunidade Arca está organizada como uma Federação Internacional, estando presente em mais de 38 países ao redor do mundo. Todas as informações foram retiradas da página eletrônica oficial em www.larche.org.

²¹³ DEAR, John (org), Estrada para a paz, p. 23.

²¹⁴ FORD, Michael. El profeta herido, p. 233

Não raras vezes, havia convidados à mesa na partilha do jantar, mesmo sem aviso prévio, o que trazia incômodo e agitação com os membros centrais da casa onde passou a viver.

Experiência marcante logo no primeiro ano de Nouwen na Comunidade foi o fato de ele ficar responsável pelo cuidado do jovem Adam Arnett²¹⁵, um dos membros centrais da casa. Adam era uma pessoa que apresentava um complexo quadro de epilepsia com crises convulsivas diárias, limitações de locomoção e na fala, o que tornavam Adam totalmente dependente dos cuidados dos assistentes da Comunidade. Certamente, era uma das pessoas com as maiores exigências de cuidado: ele precisava ser assistido desde as primeiras horas com toda a rotina de cuidados pessoais, higiene e alimentação, até ser colocado em sua cadeira de rodas e levado para a área externa, onde passava o dia sob o cuidado da equipe de terapeutas que lhe prestavam assistência.

Por esse motivo, Nouwen inicialmente relutou em assumir esse papel de cuidado, sendo encorajado pelos outros assistentes foi aos poucos conquistando segurança e criando um vínculo profundo e especial com Adam²¹⁶. Começou a perceber em Adam uma capacidade de presença, de doação completa de sua própria história e de seu corpo como um tipo de mediação de Deus. Como uma espécie de monge em seu silêncio e clausura, Adam era essa presença pacífica e silenciosa que acolhia os outros como um mistério ao seu redor²¹⁷. Henri expressa que, inicialmente, achava que ele teria algo a dar, mas sai desta experiência completamente transformado, tendo em Adam um amigo, mestre e confessor para sua caminhada.

Assim, a vivência de Nouwen com seus irmãos e irmãs da comunidade Arca que eram pessoas com deficiência, e com as pessoas que dedicavam suas vidas como moradores e cuidadores naquela comunidade, acaba por ir deslocando-o de sua visão de mundo e aprofundando o desenvolvimento de uma espiritualidade tocada pela fragilidade. Se antes,

sua vida inteira estava configurada pelas palavras, as ideias e os livros, porém suas prioridades começaram a mudar. Se deu conta que Adam lhe oferecia seu

²¹⁵ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 60.

²¹⁶ FORD, Michael. El profeta herido, p. 228.

²¹⁷ O'LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 125.

corpo em uma vulnerabilidade absoluta e estar perto do corpo de Adam o aproximou ainda mais do próprio Adam.²¹⁸

O momento da Eucaristia permanece como elemento central na espiritualidade de Nouwen, agora, porém, ganhando um novo sentido e aprofundamento. Diariamente, ele fazia a celebração da eucaristia na Capela comunitária. Aqui, porém, a celebração acontecia com uma nova dinâmica: ao invés de silêncio dos participantes ouvindo a homilia, agora havia a participação de seus irmãos e irmãs que emitiam “sons estranhos”, fruto de suas expressões de espontaneidade. Ele as acolhe, entendendo como oportunidade de discernimento do que as “novas vozes de Deus significavam para sua vida”²¹⁹. Houve, então, uma abertura para a compreensão de que a comunidade tornava-se a celebrante da Eucaristia: a entrega de seus corpos, daqueles incapazes de pronunciar uma homilia verbal, os quebrantados de Deus, revelavam uma nova interpretação e amor a Eucaristia, o corpo quebrantado de Cristo²²⁰.

A Comunidade Arca se tornou um lugar de aprofundamento, cura e acolhimento para Nouwen em seus primeiros anos. Este momento de enraizamento de sua espiritualidade acabou por leva-lo a diminuir seus mecanismos de proteção e insegurança, colocando-o frente a uma dimensão de sua personalidade ainda não enfrentada. Assim, ele se encontra com sua própria vulnerabilidade e imperfeição, reconhecendo-se como uma pessoa insegura, necessitada e frágil²²¹.

Segundo Ford, “Daybreak era um lugar seguro onde ele era livre para desmoronar e afrontar sua fragilidade em toda sua complexidade”²²². Para O’LAUGHLIN, Henri chega à Comunidade Arca não somente para os outros, “mas para curar a própria alma. Ele estava procurando um lar e também uma maneira de aliviar a dor que ele sentia em seu interior”²²³.

Em 1988, Nouwen passou por um profundo período de angústia e depressão motivado pelo rompimento da amizade na qual depositou muitas de suas energias. Isto é, o rompimento da amizade com Nathan Ball, agora líder da

²¹⁸ FORD, Michael. El profeta herido, p. 228.

²¹⁹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 232.

²²⁰ FORD, Michael. El profeta herido, p. 232.

²²¹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 231.

²²² FORD, Michael. El profeta herido, p. 236.

²²³ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 129.

Comunidade Arca Daybreak, que ele conheceu ainda no período em Trosly, onde tornaram-se amigos espirituais, estabelecendo um vínculo de encorajamento e mutualidade²²⁴.

Nouwen acaba por projetar muito de sua ansiedade, seu medo, bem como sua insegurança e dependência de vínculos de amizade na pessoa de Nathan, que, por sua vez, se sente sobrecarregado ao perceber esse papel crucial de estabilidade emocional que seu amigo depositou sobre ele. Isso levou ao rompimento desta amizade quando Nouwen percebeu que Nathan não era capaz de atender suas exigências. Ao mesmo tempo, Nathan carecia de cuidar de suas próprias demandas pessoais e, como líder da comunidade, deixou Nouwen com uma angústia emocional profunda que inundou toda sua vida.

A situação se tornou tão complexa que a orientação foi que ele deveria ser acompanhado de perto em tratamento psicoterápico, espiritual e emocional, devido ao impacto devastador que o rompimento desta amizade trouxera²²⁵. Assim, Nouwen vai para a Comunidade Arca em Winnipeg, onde fica por um período de seis meses de acompanhamento e recebendo ajuda para se recuperar de sua dor²²⁶. Neste tempo, seus terapeutas e guias espirituais orientam Nouwen a escrever um diário contendo “imperativos espirituais”, que posteriormente seria publicado como *A Voz interior do Amor*.

Para o biógrafo Michael Ford, esse período corresponde ao que ele denomina como o “enfrentamento de sua obscuridade interior”²²⁷, quando Nouwen precisou de fato enfrentar muitos dos sentimentos e dores que estavam escondidos e adormecidos após anos de uma agenda extremamente complexa.

Ao se deparar com sua situação de angústia e depressão profunda, foi acompanhado pelo casal de amigos e conselheiros, Patricia e Bart Gavigan, que foram o ajudando a “entrar em seu corpo e em sua oração”. A orientação era para que ele não se colocasse em contemplação ou meditação em momentos de solidão. Para não reforçar os aspectos de introspecção e culpa de sua personalidade, sua oração deveria assumir a forma de caminhada, passeios, algo

²²⁴ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 66.

²²⁵ FORD, Michael. El profeta herido, p. 240.

²²⁶ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 131.

²²⁷ FORD, Michael. El profeta herido, p. 235.

que o ajudasse a conectar-se a sua corporeidade²²⁸. Ao final, Nouwen foi capaz de perceber a Voz do Amor²²⁹ que nunca lhe abandonou.

Com o tempo, a amizade entre Nouwen e Nathan Ball foi se reestabelecendo e sendo fortalecida. Agora, porém, Nouwen estava se tornando consciente de que nenhuma pessoa poderia atender às demandas de sua interioridade²³⁰, e, buscar na amizade os anseios que somente Deus poderia responder, era um caminho de angústia²³¹. Quando foi possível o retorno para a Comunidade Daybreak, ela o acolheu profundamente e juntos construíram um ambiente de cura.

Como sacerdote daquela comunidade, ele incentivou a todos a criarem um ambiente de confissão onde “os membros deveriam mutuamente dizer a verdade e se aprofundar mais em seus corações quando surgissem dificuldades”²³². Outro cuidado da Comunidade para com Nouwen foi a construção de uma casa no centro de retiros Dayspring, para que ele pudesse ter mais tempo para escrever e menor contato com a rotina de cuidados dos membros centrais da comunidade. É neste período que ele começa a escrever o livro *A volta do Filho Pródigo*²³³.

Agora, em suas viagens para conferências internacionais ou mesmo para atender as paróquias ou Universidades pelo Canadá, Nouwen sempre que possível, levava alguns de seus amigos com deficiência para estarem com ele nestas viagens. Isso fazia com que ele se lembrasse de seu lar e permanecesse em contato com a realidade humana e assim, com sua própria fragilidade, funcionando desta forma como presença encarnada do Cristo e alerta para que ele

²²⁸ FORD, Michael. El profeta herido, p. 237.

²²⁹ Em meio a uma profunda crise espiritual e angústia, Henri Nouwen escreve seu pequeno Diário, *A Voz Interior do Amor*, onde faz esse caminho espiritual reconhecer sua condição de angústia e a necessidade de se aprender a ouvir a Voz Interior. Essa voz, que denomina e aponta como sendo “A Voz do Amor”, voz mesmo de Deus que habita desde sempre o interior do coração de cada pessoa e que diz, constantemente, como apelo interno, de que somos seus filhos e filhas, É aprendendo a “confiar na voz interior” (p.23) do amor que retornamos ao “lugar sólido” (p.25) e podemos descansar na certeza de que “Deus me ama, e o amor de Deus é suficiente” (p.25). Cf. NOUWEN, Henri. *A Voz Interior do Amor*.

²³⁰ NOUWEN, Henri. *A Voz Interior do Amor*. Este é o relato deste pequeno diário de Nouwen, onde ele anota os imperativos espirituais, que são meditações e reflexões feitas a partir dos encontros com seus terapeutas e guias espirituais neste período de profundas crises.

²³¹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 239.

²³² FORD, Michael. El profeta herido, p. 248.

²³³ NOUWEN, Henri. *A Volta do Filho Pródigo*.

não retornasse aos caminhos da autoafirmação, fiando-se novamente sem suas potencialidades²³⁴.

Mesmo assim, Nouwen tinha uma forte tendência a permanecer com uma agenda assoberbada e dedicando-se de maneira intensa às necessidades de todas as pessoas. Isso claramente o deixava com a capacidade de cuidar de si mesmo sempre muito limitada²³⁵.

Uma pessoa que marcou sua vida neste período, ajudando-o a se deixar abrir para o cuidado de uma comunidade, praticamente inserindo e ensinando Nouwen a como estar em família, foi a irmã Sue Mosteller. Pessoa discreta, poucas vezes mencionada, mas com uma influência marcante e amizade significativa²³⁶.

Os dois foram líderes na Comunidade Daybreak. Eram próximos, com muitas semelhanças e coincidências em suas histórias de vida. Porém ao mesmo tempo com personalidades bem distintas: ao passo que Nouwen era impulsivo, a irmã Sue era cuidadosa e equilibrada²³⁷. A proximidade fraterna entre os dois era tamanha que, em seu testamento, o sacerdote designaria a irmã Sue Mosteller como a responsável por seu legado espiritual e por decidir quais obras e textos ainda não publicados poderiam ser usados em publicações futuras.

Fato é que o encontro com este lar, a Comunidade Arca Daybreak, opera um importante deslocamento da espiritualidade e, conseqüentemente, do modo de ser e viver de Nouwen. Em suas próprias palavras, registradas em um de seus diários, ele escreve o seguinte:

nos últimos anos, os moradores de Daybreak têm me ajudado a redescobrir uma verdade simples, mas profunda: todas as pessoas, deficientes ou não, são filhas e filhos amados de Deus; e, ao se apropriar dessa verdade, são capazes de encontrar a autêntica liberdade interior²³⁸.

Esse discernimento espiritual é o que levou Nouwen a refletir sobre a condição humana que todos carregamos. Essa experiência, segundo ele, serviu para “ajudar a mim mesmo e aos outros a superar um sentimento profundamente arraigado, a saber, a tendência a autorrejeição”²³⁹.

²³⁴ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p.127

²³⁵ FORD, Michael. El profeta herido, p. 249.

²³⁶ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p.127

²³⁷ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p.128.

²³⁸ NOUWEN, Henri. Voar, cair e ser apanhado, p. 28.

²³⁹ NOUWEN, Henri. Voar, cair e ser apanhado, p. 28.

Esta é a jornada espiritual de Nouwen iniciada em *Daybreak*. Neste espaço, no seu lar, ele faz encontro com a sua fragilidade: sua dependência emocional, depressão e a profundidade de sua dor e angústia. Ao mesmo tempo percebe que não pode ficar aprisionado a esta condição, mas deve reconhecer-se amado por Deus. O Pai que chama cada um de seus filhos e filhas não se afasta de nenhum destes devido a sua fraqueza, pelo contrário, compromete-se com a condição humana de maneira radical em Jesus Cristo e escolhe habitar em seus corpos.

Desta forma, alcança-se um estado de contentamento e abertura. Cria-se espaço no viver para a abertura da graça. Ser habitado pela graça faz-nos disponíveis para o Espírito e habilitados para servir, pois, “gratidão é dar-se conta que a vida em todas as suas manifestações é um dom por qual queremos dar graças”²⁴⁰, e a marca de um coração cheio do Espírito é o serviço, manifestação do dom, do carisma em favor do outro. É neste movimento de amadurecimento, abertura e acolhimento da condição humana que se faz o seu caminho espiritual, tendo Jesus mesmo como modelo, para alcançar uma vida de sentido e plenitude.

3.1.6

A década de 1990: o retorno ao lar

A década de 1990 é a do regresso para a casa²⁴¹. Período marcado por uma produção literária intensa, escrevendo pelo menos um livro por ano. Nouwen prestava assessoria em diversas Comunidades da Arca pelo mundo e retornou a uma intensa agenda de conferências e pregações em congressos e nas paróquias. É também uma época de reaproximação com a Europa e, especificamente, com a Holanda, bem como um retorno da amizade e companheirismo com seu pai, que já estava próximo aos 90 anos.

É necessário destacar que a amizade com os Trapezistas, os Rodleighs, também acontece nesta década, com quem Nouwen inclusive fará uma experiência imersiva na Caravana do Circo Barum²⁴². Esse encontro, que

²⁴⁰ NOUWEN, Henri. Instagram, @henrinouwensociety, publicado em, 14 de março de 2025.

²⁴¹ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 69.

²⁴² O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p.137.

aconteceu em uma de suas viagens à Europa, foi um marco, um momento de experiência profunda e mística, que abriu o desejo de refletir de uma nova maneira a espiritualidade, bem como desenvolver uma nova forma de escrita.

Este encontro aconteceu quase que inesperadamente. Nouwen estava na Alemanha com uma dupla intenção: fazer uma viagem com seu pai e aproveitar este tempo para trabalhar em um novo texto. Porém, percebeu que deveria dedicar um tempo de maior qualidade para estar com seu pai, e decide então buscar programas que pudessem fazer juntos: teatro, exposições, concertos ou filmes. Nouwen encontra o anúncio de que há um circo na cidade e convida seu pai para irem juntos. A resposta foi calorosa e “quase imediata: eu adoraria! Vamos sim!”²⁴³.

A noite transcorria de maneira leve e agradável. Um momento entre amigos e a agradável companhia de seu pai. Nenhuma das apresentações tinha captado a atenção de Nouwen até que se fez o anúncio e a entrada da trupe de trapezistas, os *Flying Rodleighs*. Ele descreve assim aquele primeiro encontro,

No último número antes do intervalo, cinco trapezistas – duas mulheres e três homens – entraram no picadeiro como se fossem rainhas e reis. Depois de rodopiar suas largas capas prateadas em torno de si num cumprimento à plateia, entregaram seus adereços a assistentes, subiram na enorme rede de proteção e começaram a escalar as escadas de corda que os conduziram a suas posições no alto da tenda. No exato instante em que eles surgiram em cena, minha atenção foi completamente fisgada. O modo confiante e alegre com que entraram, sorriam, cumprimentaram o público e subiram o cordame da trapézio me disse que eu estava prestes a assistir algo, ou melhor, a vivenciar algo que tornaria aquela noite inigualável (...) Os dez minutos que se seguiram me deram o vislumbre de um mundo do qual eu ainda não havia me dado conta: um mundo que combina disciplina e liberdade, diversidade e harmonia, risco e segurança, individualidade e comunidade; e, acima de tudo, um mundo onde é possível voar e ser apanhado no ar ²⁴⁴.

O encontro com os trapezistas não havia sido mera experiência de espectador encantado com a capacidade acrobática da trupe. Houve ali uma mística, um estado de ser tomado completamente por um “desejo de autotranscendência”²⁴⁵, que ele necessitava repetir mais uma vez. E foi o que Nouwen fez. Ao longo dos dias ele viu mais algumas apresentações e depois fez contato com os artistas, inclusive conseguindo assistir vários de seus ensaios e de ter conversas sobre como eram pensados os movimentos, a necessidade de

²⁴³ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 29.

²⁴⁴ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 30.

²⁴⁵ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 35.

confiança, de discutirem com seriedade seus erros e repassarem cada uma das coreografias aéreas para, assim, tanto alcançarem o público quanto realizar as acrobacias em segurança.

Após vários encontros, de assistir muitas apresentações e começar ali a já construir certa proximidade e amizade com os *Rodleighs*, Nouwen anota em seu diário, mais uma vez, fazendo uma espécie de revelação de segredo, “em minha imaginação, eu continuava a olhar para cima, enxergando duas mulheres e dois homens que se movimentavam livremente no ar; então pensei: ‘Será que não é a essência da vida: voar e ser apanhado no ar!?’ Decerto meu pai diria que sim”²⁴⁶.

A relação entre os *Flying Rodleighs* tornara-se profundamente fecunda e sólida. Havia uma atmosfera de mútua admiração: para os artistas, Nouwen transbordava uma presença de enorme alegria, era um mistério tê-lo por perto como um padre, que dedicou grande parte de sua vida à academia, sendo um escritor reconhecido e mestre espiritual, um homem maduro por volta de seus 60 anos, estar ali anotando e buscando aprender sobre movimentos e sobre suas vidas, sempre com brilho no olhar.

Em maio de 1992, Nouwen alugou um trailer e partiu em caravana junto com o Circo Barum e os *Flying Rodleighs*. Com essa imersão, ele queria trabalhar em um livro sobre espiritualidade a partir daquilo que já vinha experimentando e refletindo. Nouwen afirmou que: “o encontro com os trapezistas serviu para que eu descobrisse algo novo sobre a vida e a morte, amor e medo, paz e conflito, céu e inferno”²⁴⁷.

O desafio era escrever sobre espiritualidade a partir da experiência com o circo e o trapézio, porém, sua intenção não era a de usar sua forma habitual de escrita ou mesmo os *Rodleighs* como forma de comparação. Ele queria narrar uma boa história “sobre pessoas boas que fazem coisas boas”²⁴⁸.

Estar com os amigos era experimentar uma liberdade há muito desejada para Nouwen. Uma nova experiência espiritual que ele há muito tempo ansiava, mas não havia encontrado. A experiência de partilha cotidiana, a integração entre a vida e as apresentações no trapézio, o comprometimento entre eles, bem como a vida de liberdade de seus amigos trapezistas, trouxeram uma urgência de falar da

²⁴⁶ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 57.

²⁴⁷ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 173.

²⁴⁸ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 176.

cotidianidade. Assim, a intenção era a de escrever e buscar “histórias que sejam curtas e simples e que ofereçam um vislumbre de Deus em meio a esta vida tão multifacetada”²⁴⁹. Era uma tentativa de aproximar a espiritualidade às pessoas para além do meio religioso.

Nouwen ainda teve outros encontros com os seus amigos circenses. Se correspondiam, enviava cartas e livros para seus eles, bem como estava sempre em contato telefônico quando possível. Sobre a importância dessa amizade e como esse encontro mudou a sua perspectiva, ele escreve que,

tê-los encontrado fez com que eu sentisse meus pés mais firmes no chão, algo parecido ao que experimentei junto a Adam em Daybreak. Na companhia deles, tenho uma espécie diferente de apoio emocional. E também posso lhes oferecer algo diferente ²⁵⁰.

Aprendendo sobre esse movimento de voo, das acrobacias, é que Nouwen percebe uma profunda verdade espiritual. Certa vez, Nouwen conversava com seu amigo Rodleigh, líder da trupe e volante²⁵¹ da equipe, que lhe explicou que poderia parecer que ele, por suas acrobacias e saltos, era o principal da equipe ou o mais importante. Quando, na verdade, a estrela da trupe era Joe, seu amigo e portô, ou o seu suporte, aparador. Explicando em seu diálogo com Nouwen, Rod diz:

o segredo é este: o volante não faz nada: quem faz tudo é o portô. Quando eu voo na direção de Joe, tudo o que preciso fazer é esticar os braços e as mãos e esperar que ele me agarre, puxando-me com segurança por trás da barra do trapézio.

- Você não faz nada?!

- Nada. A pior coisa que o volante pode fazer é tentar se agarrar ao portô. Minha função não é me agarrar a ele. Joe é que precisa me apanhar. Se eu me agarrar aos pulsos dele, corro o risco de fraturá-los, ou mesmo fraturar os meus, e isso seria o fim para nós dois. A função do volante é dar o salto: a do portô é apanhar seu companheiro ²⁵².

Essa informação artística tornou-se, então, uma revelação espiritual para Nouwen, que começou a refletir sobre essa relação de confiança plena do volante em seu portô com o relato do Evangelho, quando Jesus em sua oração se entrega ao Pai dizendo “em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Fazia-se necessário confiar na voz de Deus dizendo, “você é filho amado, confie”.

²⁴⁹ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 178.

²⁵⁰ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 211.

²⁵¹ O volante na trupe dos trapezistas é o artista que faz as acrobacias. Ele que pega o impulso entre as barras e plataformas e se lança em direção ao portô. Este, por sua vez, é o artista responsável por pegar o volante em seu voo.

²⁵² NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 216.

Desde a experiência com os *Flying Rodleighs*, Nouwen buscou refletir sobre esse desejo humano de ser amado profundamente e em como isso deveria ser experimentado nessa espécie de voo. Há aqui a necessidade de uma entrega de fé, um desejar transcender-se, ir em direção confiante ao outro. Assim, a partir deste movimento do *volante para o portô* e na confiança desse voo, ele começa a refletir que essas “palavras como um meio de expressar o desafio humano de confiar no próximo, de confiar em Deus, de confiar no amor, de confiar que, no fim das contas, estaremos seguros”²⁵³.

Depois de quase 10 anos já dedicados à Comunidade Arca, seus amigos e a Comunidade já percebia o cansaço em Nouwen. Por este motivo eles o enviam para um ano sabático para que assim pudesse dedicar esse tempo à oração, contemplação, autocuidado e para a escrita. Havia projetos pendentes, visitas por fazer, mas o sacerdote necessitava desse tempo sem agenda para recuperar sua saúde e estar livre, mais uma vez, de seu cansaço físico e mental, bem como da angústia que começava a crescer em seu interior.

Dá-se início, então, o ano sabático, que terminou em setembro de 1995 com o retorno de Nouwen para Arca Daybreak, em agosto de 1996. Esse relato está narrado em um texto marcante, *Diário: o último ano sabático de H. Nouwen*.

Esse foi um período muito intenso. A intenção era de que ele estivesse desconectado dos afazeres e de sua agenda pastoral. Mesmo com o cuidado de se hospedar em casa de famílias amigas ou de pessoas muito próximas a Nouwen, para que ele pudesse estar nesse momento se dedicando integralmente aos textos e a oração, por muitos dias sua agenda era de ligações, respondendo e escrevendo cartas.

Havia um sentimento de urgência de cuidado com os relacionamentos e com a restauração ou aprofundamento de novas amizades. Esta foi certamente uma marca deste período sabático: a amizade e a comunidade. Assim, ele mesmo anota em seu diário que: “refletindo sobre o ano a minha frente, dou-me conta de que a amizade será um assunto tão importante quanto a oração. Talvez até mais importante. É enorme a minha necessidade de amizade, é maior do que parece ‘normal’”²⁵⁴.

²⁵³ NOUWEN, Henri; BROWN-WHITNEY, Carolyn. Voar, cair e ser apanhado, p. 229.

²⁵⁴ NOUWEN, Henri. Diário, segunda-feira, 4 de setembro de 1995.

Porém, Nouwen continuou carregando em seu interior a angústia permanente de se sentir dividido. Mesmo estando já há dez anos em Daybreak, já tendo experimentado um acolhimento verdadeiro, e estando em uma nova espiritualidade, seu antigo sentimento permanecia sempre à espreita. Assim, ele confessa em seu diário: “mais um dia difícil. Sinto-me sozinho, deprimido e desmotivado. Passei a maior parte do dia mexendo com coisas sem importância. A mesma velha dor, que me acompanha tantos anos e nunca parece ir embora totalmente”²⁵⁵. Mais a frente ele faz uma anotação ainda mais crua e reveladora de sua busca, mostrando a consciência de seu estado, diz o seguinte:

por algum motivo, sinto uma ansiedade interior enorme. Percebo que estou dando voltas com algumas emoções profundas, não resolvidas e que não é preciso muito para trazê-las à tona e tirar-me do equilíbrio. Não estava esperando isso, mas me sinto muito impotente diante dessa livre flutuação de emoções de amor, ódio, rejeição, atração, gratidão e arrependimento. Queria chegar a um novo estado de paz, mas depois de tantos anos temo que novas tensões, em vez de paz, estejam reservadas para mim. Sei que a oração é muito importante neste momento ²⁵⁶.

Essa clareza vai revelando o caminho de espiritualidade que se formou em Nouwen desde sua entrada para a Comunidade Arca. Ele estava sendo moldado e tinha a capacidade de perceber seus sentimentos e não mais negá-los ou rejeitá-los, pelo contrário, deveria levá-los em oração no lugar do coração para que pudessem, assim, ouvir a “Voz interior do Amor”.

Fato marcante deste período foi a necessidade de retornar ao Canadá para a Comunidade Arca, a fim de assistir Adam, sua família e amigos. Era 12 de fevereiro de 1996, quando Kathy liga para Nouwen avisando que seu amigo Adam Arnett tinha sofrido um “grave revés – um possível ataque do coração, combinado com um ataque epilético”²⁵⁷. Ele então parte para estar com seu grande amigo e mestre em seus momentos finais.

Os dias que se seguiram foram de despedida e de dor para todos, pois seu amigo Adam estava partindo. Ao mesmo tempo, foi momento de acolher e celebrar o mistério da vida revelado no corpo e na peregrinação de Adam. Muitos foram os momentos de oração em volta da cama no hospital. Até que, no dia 12 de fevereiro, Adam faleceu. Voltando ao hospital, todos reunidos em torno de seu corpo, fizeram uma oração em “ação de graças pelos trinta e quatro anos de sua

²⁵⁵ NOUWEN, Henri. Diário, quinta-feira, 08 de fevereiro de 1996.

²⁵⁶ NOUWEN, Henri. Diário, p. 214.

²⁵⁷ NOUWEN, Henri. Diário, quinta-feira, 12 de fevereiro de 1996.

vida e por tudo que ele nos tinha proporcionado em sua grande debilidade física e incrível força espiritual”²⁵⁸.

Neste período sabático, Nouwen esteve trabalhando simultaneamente para completar a escrita de alguns textos que ele já esboçava há algum tempo. Teve diversas reuniões com seus editores para discutir novas impressões, correções e caminhos de produção para os textos que ele queria escrever sobre os *Flying Rodleigts*. O desejo de escrever sobre Adam também se manifestou com grande força por perceber no amigo a sua importância e pelo fato de sua morte.

Outro projeto que estava sendo organizado era a gravação de um documentário na Rússia, que faria um diálogo sobre o quadro de Rembrandt, o *Filho Pródigo*, com o livro de Nouwen, *O Retorno do Filho Pródigo*. As duas obras apresentam de forma profunda a intensidade desse encontro entre o pai que ama e seus filhos que precisam aprender sobre a profundidade desse amor. Essa viagem, porém, somente ocorreria após este período sabático.

Seu ano sabático teve fim em 30 de agosto de 1995. Ele retorna à Comunidade Arca e tem uma recepção calorosa de seus amigos e amigas. Poucos meses depois, quando Henri retornaria para a Europa a fim de gravar um documentário sobre O quadro de Rembrandt, *O Retorno do Filho Pródigo*, quando fazia escala pela Holanda, é acometido por um intenso ataque cardíaco em 16 de setembro, vindo a sofrer uma segunda parada cardíaca fulminante em uma manhã de sábado, morrendo aos 64 anos, em 21 de setembro de 1996²⁵⁹.

3.2

Henri Nouwen: uma vida como oferta

Tendo feito o panorama biográfico de Henri Nouwen, podemos perceber a sua entrega pessoal e seu compromisso em fazer a mensagem de Jesus ter sentido para a vida real de pessoas que enfrentam seus dilemas. Sua dedicação em tornar a mensagem anunciada em testemunho vivo era perceptível por aqueles e aquelas que de alguma forma puderam ouvir Nouwen em suas homilias, em pequenos

²⁵⁸ NOUWEN, Henri. Diário, quinta-feira, 12 de fevereiro de 1996.

²⁵⁹ FORD, Michael. El profeta herido, p. 282.

encontros, durante a celebração da eucaristia ou mesmo em suas aulas. Tanto como sacerdote, como professor ou diretor espiritual, ele se colocava por inteiro naquilo que estava fazendo: tinha como dom uma escuta atenta e a sensibilidade de perceber e tocar o coração daquele com quem estava partilhando.

Ao mesmo tempo, era um buscador. Por vezes estava agitado, disperso e desejoso por mais atenção e acolhimento. Era uma marca de sua rotina as ligações telefônicas em avançados horários para poder ouvir de seus amigos e amigas uma palavra de afeto e aceitação. Parecia por muitas vezes deslocado, como se não pertencesse ao lugar em que estava, como se alguma coisa ainda estivesse por vir.

Segundo O’LAUGHLIN, Nouwen carregava uma fragmentação profunda em seu ser, por isso o definiu como, “Um Coração perturbado”²⁶⁰. Isso se devia a sua imensa sensibilidade e criatividade, uma porção de seu interior que era tomada pela capacidade de, partindo de um espírito contemplativo, perceber nuances na vida e na interioridade humana, muitas vezes ignorada por pessoas que se entendem completa não assumindo a própria condição de fragilidade.

Essa sensibilidade, porém, desdobrava-se muitas vezes como uma “espada de dois gumes”²⁶¹. Ao mesmo tempo em que o sacerdote e professor era alguém produtivo, criativo e inspirado, também se via tomado pelo medo, insegurança e alcançado por profunda angústia e depressão, levando-o por vezes a um desespero ansioso. Assim, “a própria fluidez de sentimentos e intensidade de Henri significava que ele, muitas vezes, encontrava-se no equilíbrio de uma montanha-russa”²⁶².

Para O’LAUGHLIN então, esse elemento de fragmentação, esse coração perturbado, sempre buscando por Deus, tentando perceber sua presença mesmo em meio a vulnerabilidade e a angústia tornou-se o lugar de onde Nouwen desenvolveu sua espiritualidade. O sacerdote e escritor parte sempre então de seus dilemas e experiências de vida para o encontro e abertura para Deus. Aprofunda seu estilo de escrita e sua espiritualidade não se apresentando “como um especialista, Henri faz-se um homem comum”²⁶³. Assim, seu biógrafo e amigo destaca que,

²⁶⁰ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p.84.

²⁶¹ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 84

²⁶² O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision p.85.

²⁶³ O’LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p. 85.

Henri lentamente aprendeu, e também ensinou a seus leitores, a serem mais confiantes e mais abertos a Deus, mesmo em meio a angústias. Em um mundo de líderes espirituais ousados e confiantes, Henri reconheceu suas fraquezas e encontrou uma maneira humilde e semelhante a Cristo de viver e falar. Curiosamente quando ele era honesto sobre seus sentimentos, sua mensagem tornou-se ainda mais penetrante e importante aos seus leitores. Ao expressar suas próprias dúvidas e angústias, ele aparentemente falou para muitos. Seus leitores decidiram que Henri era alguém que sentia como eles, e eles aceitaram seu testemunho de sua própria situação e seu conselho com gratidão ²⁶⁴.

A biografia escrita por Michael Ford apresenta Nouwen observando três aspectos: Coração, Mente e Corpo. Construindo, assim, uma visão holística do sacerdote e professor, revelando que os aspectos de sua vida não estão divididos de suas obra e pensamentos. Uma característica marcante em Nouwen é sua responsabilidade com a sua condição de vulnerabilidade e de como Deus mesmo toca esse lugar.

Assim, Michael Ford²⁶⁵ apresenta como primeira parte o *Coração*, onde faz caminho pelos aspectos mais marcantes da vida de Nouwen revelando sua interioridade e personalidade, mostrando essa realidade caleidoscópica deste mestre da espiritualidade. Em seguida passa a trabalhar sob a temática da *Mente*, apresentando os diversos aspectos do amadurecimento do olhar sobre a espiritualidade e o viver. Passa a percorrer sobre sua vida indo desde o tempo como estudante, passando pela ordenação até a passagem de acadêmico para a vida na Comunidade Arca. Aponta por último, o *Corpo*, onde trabalha mais atentamente sobre a última década da vida de Nouwen, período que corresponde a sua chegada à Arca e esse encontro com a fragilidade, momento em que ele faz a experiência radical de sua fragilidade e vulnerabilidade, aprofundando sua interioridade e compreensão de si mesmo e de Deus, percebendo assim como o corpo pode expressar uma história espiritual.

Em Nouwen, sua história de vida está intimamente ligada ao desenvolvimento de seu olhar sobre a espiritualidade. Para ele, o amadurecimento espiritual só se faz possível na vida e acolhendo suas múltiplas dimensões, pois, não há um só aspecto da vida que Deus não queria tocar e se fazer solidário a nós.

²⁶⁴ O'LAUGHLIN, Michael. Henri Nouwen: his life and Vision, p, 86.

²⁶⁵ FORD, Michael. El profeta herido. Esta divisão: Coração, Mente, Corpo, é a forma que Ford utilizou para apresentar a biografia de Nouwen. Partindo destes eixos como grandes sessões para conduzir o leitor a perceber na caminhada de espiritualidade de Nouwen, a abertura para a fragilidade. Um caminho que é feito quando se percebe a integração do ser humano e de sua condição de fragilidade como sendo lugar mesmo da habitação do Espírito.

Desta forma, o assumir desta fragmentação tem influência no amadurecimento da visão de espiritualidade experienciada pelo sacerdote. Foi no aprofundamento de sua interioridade que ele encontrou sua condição de vulnerabilidade, ao mesmo tempo que conseguiu pela abertura do Espírito, ouvir a Voz do Amor, e, sendo abraçado pelo Pai, perceber no caminho de Jesus a solidariedade com a nossa condição. Por este motivo, Ford destaca que,

é indubitável que Henri Nouwen foi uma das figuras espirituais mais notáveis de sua geração, e, um sacerdote carismático que atuava como poderoso mediador da presença de Deus tanto através de sua vida como em suas obras. Porém era também um homem com feridas, que se converteram em uma fonte curativa para muitas pessoas. Viveu a vida espiritual em plena luta e encorajou a outras pessoas a atuarem do mesmo modo. Não era uma pessoa harmoniosa que tivera um equilíbrio perfeito, mas uma pessoa que viveu em meio a tensões profundas²⁶⁶

Ao escrever a biografia de Nouwen, seu amigo e antigo aluno, Robert A. Jonas, aponta para o aspecto peregrino do sacerdote e acadêmico. Por ser uma pessoa criativa e com imensa facilidade de descobrir caminhos e fazer amigos, sua vida fora uma contínua, “expedição solitária”²⁶⁷. Durante grande parte de sua vida e ministério sua vida foi viajar, dar palestras e estar só no mundo, de lugar em lugar sem se sentir em casa. Somente na Comunidade Arca Daybreak ele desenvolve laços profundos de amizade e intimidade percebendo-se, finalmente, em um lar²⁶⁸.

O professor e teólogo Ricardo Bitum, desenvolveu uma pesquisa de grande importância no que tange a disponibilizar uma coletânea abrangente de muitos dos escritos de Nouwen, sendo assim porta de entrada para leitores que ainda não tiveram contato com o autor. Bitum neste texto aponta para a capacidade que tinha Nouwen, como sacerdote e escritor, de revelar-se ao seu leitor. Assim ele destaca que,

A coragem de despir sua alma diante de seus leitores, apresentando o lado mais sombrio e secreto de seus desejos, (...) é que faz de Nouwen um escritor admirado, sincero e agradável de ler. Ao escrever sobre suas áreas de conflito, ele se humaniza, encurtando todo o distanciamento que possa vir a existir entre sua vida humana, cheia de falhas e de insucessos e a vida do leitor, também humana²⁶⁹.

Outro olhar significativo sobre a contribuição de Henri Nouwen para a espiritualidade, esta na obra de Wil Hernandez, *A Spirituality of Imperfection*, que

²⁶⁶ FORD, Michael, El profeta herido, p. 290.

²⁶⁷ JONAS, Robert, Escritos esenciales, p. 79.

²⁶⁸ JONAS, Robert. Escritos esenciales, p. 81.

²⁶⁹ BITUM, Ricardo. Henri Nouwen de A a Z, p. 20.

faz importante estudo entre a vida e obra do sacerdote. Para Hernandez, a espiritualidade em Nouwen está intimamente ligada ao acolhimento da imperfeição, ou seja, da nossa humanidade compartilhada, e, por isso mesmo, intrínseca de nossa condição. Ao assumir e aceitar essa realidade se faz abertura para um caminho mais autêntico para a espiritualidade.

Para Hernandez, podemos ver em Nouwen, “um exemplo perfeito de imperfeição”²⁷⁰, isso porque para ele é muito claro que enfrentou ao longo de sua vida suas próprias lutas e vulnerabilidades. Assim, segundo Hernandez, “Nouwen representa um paradigma perfeito de imperfeição”, podendo ser percebido em sua trajetória como a de um “buscador inquieto, como um curador ferido, e como um lutador cheio de fé”²⁷¹. Esses aspectos são o ponto de entrada para se perceber o caminho que o levou a desenvolver uma espiritualidade que valoriza a fragilidade e a autenticidade. Nouwen acreditava que a verdadeira espiritualidade não reside em alcançar a perfeição, mas sim em reconhecer e abraçar nossas limitações e falhas. Assim, em seu comentário final sobre Nouwen, Hernandez destaca de maneira profunda,

para uma cultura que permanece altamente individualista, Henri Nouwen propõem os ideais de comunidade; para as tendências narcisistas da maioria, ele promove o valor da vida compassiva. Em vez da noção aclamada de mobilidade ascendente com suas ênfases indevidas sobre sucesso e produtividade, ele eleva o Caminho da mobilidade descendente com seus temas de autossacrifício e humildade. Para aquele ferido, buscando recuperação e cura, apresenta o valor do cuidado mais do que a cura das almas. Finalmente, para uma geração professamente ‘espiritualizada’ que busca poder na perfeição, ele introduz a teologia de fraqueza, impotência e imperfeição. Em suma, a espiritualidade de Henri Nouwen é resumida simplesmente como uma espiritualidade da imperfeição ²⁷².

Tendo agora essa visão sobre a vida e obra de Henri Nouwen, podemos perceber a autenticidade de sua vida, sua busca intensa por viver e responder à vontade de Jesus, porém, não se apresentando como um sacerdote sem falhas e imperfeições, como acadêmico detentor de todas as respostas ou como aquele que ora sendo capaz de perceber e ouvir sempre a Deus. A importância de sua vida chega a nós como oferta de uma caminhada possível de ser compartilhada, pois sua história não é de uma pessoa que afirma uma superioridade em uma aura de

²⁷⁰ HERNANDEZ, Wil. *A Spirituality of Imperfection*, p. 95.

²⁷¹ HERNANDEZ, Wil. *A Spirituality of Imperfection*, p. 95.

²⁷² HERNANDEZ, Wil. *A Spirituality of Imperfection*, p. 134.

pureza, mas como alguém que confessa suas dores, angústias e, revelando suas feridas mais profundas, cria espaço de cura para muitos.

3.3

Resumo da vida de Henri Nouwen

1932 – Nouwen nasce em 24 de janeiro, em Nijkerk, Holanda.

1957 – É ordenado ao sacerdócio católico, na arquidiocese de Utrecht, Holanda.

1957–64 – Cursa psicologia na Universidade Católica de Nijmegen,

1964–70 – Participa do programa de Religião e Psiquiatria da Fundação Menniger, Topeka, Kansas, EUA.

1968-70 - Torna-se membro do Instituto de Pastoral de Amsterdam, Holanda e do Instituto Católico de Utrecht, Holanda.

1970-71 – Estuda Teologia na Universidade de Nijmegen, Holanda.

1971-77 – Exerce a docência, como professor associado de Teologia Pastoral na Faculdade de Yale, New Haven, Connecticut, EUA.

1974 – Obtém a Titularidade.

1974 – Passou seis meses na Abadia de Genesse, Piffard, Norte do Estado de Nova York.

1976 – Torna-se membro do Instituto Ecumênico de Collegeville, Minnesota.

1977-81 – Leciona Teologia Pastoral, na Faculdade de Teologia de Yale, New Haven, Connecticut, EUA.

1978 – Passa um período ano na North American College de Roma.

1979 – Passou seis meses na Abadia de Genesse.

1981-82 – Associa-se à comunidade da Abadia de Genesse. Passou seis meses na Bolívia e no Peru.

1983-85 – Atua como catedrático e conferencista na Faculdade de Teologia de Harvard, Cambridge, Massachusetts, EUA.

1985-86 – Passou nove meses numa Comunidade Arca, Trosly-Breuil, França (agosto de 1985 a julho de 1986).

1986-96 – Atua como pastor da Comunidade Arca Daybreak, Richmond Hill, Ontário, Canadá.

1996 – Henri Nouwen morre em 21 de setembro, em Hilversum, Holanda.

3.4

Considerações Preliminares

Consideramos este panorama biográfico de Henri Nouwen para ampliarmos a compreensão de como o seu ministério e o desenvolvimento de sua obra, tanto de teologia pastoral quanto de espiritualidade, se apresentam de forma indivisível com sua própria caminhada.

Vimos como em sua vida – de sua infância na Holanda ainda no seio de sua família; sofrendo os horrores da Segunda Grande Guerra Mundial, passando por seus anos no Seminário, sua ordenação e o início de seus estudos em psicologia pela Universidade de Nijmegen, na Holanda – sempre preservou um espírito de busca, como ele foi uma pessoa intensa na tentativa de compreensão dos dilemas humanos e como tentava conciliar de forma criativa a pastoral com a psicologia.

Por meio dessa motivação por novas possibilidades e a percepção de que sua vocação estava para além das fronteiras de sua Terra natal, Nouwen se transfere para os Estados Unidos, onde dá continuidade aos estudos da psicologia. Este novo e sensível olhar de contribuição sobre a teologia pastoral em diálogo com a psicologia, aliados com a capacidade de oratória, carisma e compromisso pastoral e criatividade acadêmica, acabaram rendendo ao jovem sacerdote o convite para integrar, como professor convidado, o quadro da Universidade de Notre Dame, lecionando teologia pastoral. Sua carreira como professor se solidificaria e alcançaria grande repercussão e maturidade na Universidade de Yale, onde lecionou entre 1971 a 1981. Vimos o período de sua atuação como livre-docente na Universidade de Harvard, entre 1983 e 1985. Após esse período, Nouwen se desliga da vida docente e acadêmica e passa a integrar a Comunidade Arca, servindo como pastor e diretor espiritual em tempo integral.

Esse panorama fez-se indispensável porque revela a pessoa que se coloca como oferta. Sua intensidade, seu compromisso e a sensibilidade de estar atento ao outro, ao mesmo tempo em que compassivo para com aquele que se aproxima, se tornaram elementos chaves e de aprofundamento de um novo caminho que surgiria como possibilidade de vida, bem distinta do acelerado mundo competitivo e de produção constante que Henri Nouwen estava inserido, tanto como professor universitário quanto como conferencista. Nouwen deixaria este tempo de

holofotes e de certa fascinação e poder, para se encontrar com uma nova maneira e possibilidade de viver: em uma comunidade que lhe acolheu, que se tornou um lar, e que iniciou um aprofundamento tão intenso em sua interioridade que traria reflexos marcantes em sua pastoral e em sua espiritualidade.

4

Encontro com a fragilidade: o percurso de Henri Nouwen em seu Diário

No capítulo anterior, fizemos um percurso biográfico de Henri Nouwen. Esse passo foi importante para podermos fazer contato com sua história, passando por períodos que são marcas tanto de sua personalidade quanto do seu desenvolvimento como sacerdote, professor, conferencista e, posteriormente, como uma referência, sendo reconhecido como um dos principais autores sobre vida espiritual da atualidade. Foi apresentado então, o período que corresponde a infância, sua experiência na Segunda Grande Guerra, seus estudos teológicos iniciais e ordenação como sacerdote católico, ainda na Holanda. Posteriormente, sua transição para os Estados Unidos, onde se estabelece como professor, fazendo importante carreira em Notre Dame, Yale e Harvard. Vimos como movimento último desse panorama biográfico a transição profissional de Nouwen, deixando a vida acadêmica para se estabelecer na Comunidade Arca, onde serviu como pastor e sacerdote até o fim de sua vida.

Consideramos que este percurso foi fundamental para a elaboração do seu caminho de descoberta, abertura e transição. O que Nouwen vivenciou, conforme relata em suas anotações, “é um ‘sim’ em alto e bom tom e que enche estas páginas. É um ‘sim’ que surge a partir do reconhecimento de sua fraqueza e da necessidade de cura radical²⁷³. Será possível perceber o tom de confissão e o gradual processo de aceitação de sua condição, mas sem esconder a crueza de suas crises, angústias e desesperanças. O seu estado emocional fica muito nítido a partir de suas próprias impressões: “cansado, cansado, cansado. Realmente não sei por quê. Levantei-me às seis, orei, celebrei a Eucaristia e escrevi até o meio-dia. Mas durante todo o tempo me senti apático, distraído e ligeiramente deprimido”²⁷⁴. Este é o caminho do encontro com a própria fragilidade e a sua

²⁷³ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, p. 14.

²⁷⁴ NOUWEN, Henri. Diário, p. 80.

posterior acolhida, caminho que o próprio autor denomina como sendo da angústia até a liberdade²⁷⁵.

Por fim, destacaremos três fundamentos que tornaram possível este caminho feito por Nouwen: a oração, a comunidade e a escrita. Ao destacarmos estes três fundamentos, estaremos reproduzindo o mesmo estilo característico em diversos de seus livros, artigos e homilias: fazer o desenvolvimento em três tópicos para a exposição de suas ideias e assim conduzir as pessoas ao aprofundamento de sua espiritualidade²⁷⁶.

4.1

Apontamentos e caminhos de espiritualidades em “Caminhos para o Amanhecer”

A partir deste momento, faremos o percurso a partir do Diário que corresponde ao período que Henri Nouwen faz a transição de Harvard para a Comunidade Arca. Esse Diário foi publicado sob o título *O Caminho para o Amanhecer*, cobrindo o período que pode ser considerado a experiência-chave para a compreensão e o aprofundamento do próprio Nouwen acerca do seu estado de fragilidade. Ou seja, período em que ficou evidente o seu estado de angústia e depressão profunda.

Neste diário não encontraremos uma biografia ou uma narrativa na tentativa de ser evasivo. Pelo contrário. Os relatos são profundamente pessoais e deixam revelar a profundidade da alma de Nouwen. A partir de seus escritos e de sua narrativa, acessamos um fecundo testemunho em que o autor deixa-se revelar não a partir de uma realidade fantasiosa e perfeita, mas que apresenta os dilemas de uma vida completamente real. Existe alegria e tristeza, o medo do abandono, o vislumbre pelo ordinário, o desejo de pertencimento, a insegurança. Suas dores e sentimentos não estão escondidos; pelo contrário, são compartilhados e revelados, pois há a necessidade de serem tocados por algo capaz de curá-los.

²⁷⁵ NOUWEN, Henri. A voz interior do Amor. O fio condutor deste diário de Nouwen é o relato sobre seu estado de angústia e como a abertura para a voz do Amor, que nos chama como “filhos amados”, faz-nos chegar verdadeiramente à liberdade.

²⁷⁶ JONAS, Robert. Escritos Esenciales, p. 41.

Segundo Will Hernandez, Nouwen embarcou numa jornada que tem a ver com um “mistério da imperfeição no qual a fraqueza forma a base para a fecundidade. Seu poder real, ironicamente, é derivado da impotência”²⁷⁷. Desta forma, Nouwen oferece assim a sua história: seu corpo, suas feridas, sua vida. Apresenta para o leitor esse encontro com a própria fragilidade que ele mesmo vai aprendendo a reconhecer a partir da vulnerabilidade do outro e, com isso, percebe uma nova espiritualidade possível. Inclusive, isto é o que iremos desenvolver no capítulo seguinte, categorizando como a *espiritualidade da fragilidade*.

Em *O Caminho para o Amanhecer*, Henri Nouwen registra os dias do ano sabático que ele fez em Trosly, França, na Comunidade Arca. Neste período, ele já havia se desligado de Harvard e aceitou passar este tempo em oração na Comunidade Arca, a convite de Jean Vanier. Esse tempo serviria para que ele pudesse discernir os próximos passos de sua vocação e perceber, assim, qual seria seu verdadeiro chamado.

O contato de Nouwen com a Comunidade Arca acontece ainda no período em que ele atuava como professor na Yale Divinity School. Foi em um dia a tarde que, ao ser chamado na porta de sua casa, Nouwen ouve de Jan Risse: “trago-lhe cumprimentos de Jean Vanier”²⁷⁸. Deslocado, sem saber como reagir, ele reage com uma pergunta utilitarista: “bem, obrigado... o que posso fazer por você?”. E complementa: “mas suponho que haja uma outra razão para sua visita”²⁷⁹. Porém, a resposta de Jan é desconcertante para uma pessoa acostumada a ser procurada sempre para “dar algo” e alguém que busca sempre a aprovação no fazer: “não, não, eu vim somente para trazer os cumprimentos de Jean”.

O que acontece a partir de então é uma série de pequenos atos que colocam uma semente no interior de Nouwen. Jan entra em sua casa e, mesmo na ausência de seu anfitrião, que a deixou sozinha para cumprir sua agenda de aulas e encontros do dia, prepara-lhe o jantar, põe a mesa com flores, vela e vinho. Ao retornar a sua residência, Nouwen se espanta a ponto de perguntar: “O que é isso?”, “onde achou tudo isso?”. Jan simplesmente respondeu: “na sua cozinha e em seu guarda louça”²⁸⁰. Por mais alguns dias, Jan permaneceu na casa,

²⁷⁷ HERNANDEZ, Will. *A Spirituality of Imperfection*, p. 81.

²⁷⁸ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 9.

²⁷⁹ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 9.

²⁸⁰ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 10.

simplesmente cuidando, servindo e, conforme relata Nouwen, “mostrando sua própria casa”. Essa percepção de que o “profeta ferido” estava à procura de uma casa, um lugar para chamar de lar, tornou-se um de seus anseios permanentes.

O segundo contato com Jean Vanier já foi mais direto. Nouwen recebeu um telefonema dele, com o objetivo de fazer um convite: aproveitando uma viagem de Nouwen para Chicago para um retiro de silêncio, que se encontrassem para orar juntos. Foi uma conversa rápida, mas que surtiu um grande efeito.

Os anos se passaram. Nouwen lecionou em Yale, passando pela América Latina, chegando então a Harvard. Porém, a pergunta sobre como seguir Jesus radicalmente, o desejo de entender e atender sua vocação pastoral e se dedicar a oração continuava sem respostas e ecoava de forma crescente em buscas até então guiadas por seus próprios destinos. Essa necessidade de busca ia se aprofundando no sacerdote.

Mesmo tendo o reconhecimento de muitas pessoas, se dedicando à vocação missionária, buscando servir aos pobres ou atuando como professor de centros universitários de referência, o sentimento e seu estado emocional permaneciam deteriorados. Sobre o período em Harvard, ele mesmo destaca o seguinte: “não estava realmente feliz ali, encontrava-me um tanto mal humorado e queixoso, e nunca me senti inteiramente aceito pela faculdade ou pelos alunos. Eram patentes os sinais de que eu ainda não encontrara o caminho”²⁸¹.

Em meio a toda essa angústia e busca que o encontro com Jan Risse e Jean Vanier se enraizou ainda mais em Nouwen, e começou a brotar como convite para um novo caminho. Henri se entende chamado a abandonar uma vida que, até então, ele conseguia controlar, para se entregar a um caminho que ele mesmo não sabia aonde poderia chegar ou o que iria encontrar. Essa confissão fica clara quando ele diz,

no passado eu queria saber onde ir. Agora eu sabia onde ir, mas na verdade não queria ir. Viver e trabalhar com deficientes mentais parecia exatamente o oposto daquilo para o que eu havia sido preparado e me qualificado. Todo o resto parecia mais razoável e útil do que ir para a Arca. Mas ainda assim... Jan Risse, Jean Vanier, meus amigos na Arca, e acima de tudo os deficientes, eles mesmos, ficavam dizendo, delicada mas insistentemente: “Aqui há um lar para você; talvez você precise de nós”.²⁸²

²⁸¹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, p. 12.

²⁸² NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, p. 13.

Essa decisão de romper com a sua antiga vida, afirmar que “este é o primeiro dia de minha nova vida”²⁸³, não aconteceu por acaso. Esse instante foi fruto de uma profunda luta interior marcada “de muitas lágrimas e muitas noites de insônia. Chegou depois de um período de muitas dúvidas e debates íntimos”²⁸⁴. Esta será uma marca de todo o diário: não há constrangimento em revelar a profundidade de seu estado de espírito. Nouwen se mostra uma pessoa que ao mesmo tempo está sendo tocada pela esperança de uma nova vida e que deve enfrentar a realidade de sua obscuridade, medo e insegurança.

Assim, a chegada na Comunidade Arca fez com que percebesse com clareza o contraste de sua antiga vida em comparação com a que estava por nascer. Nouwen havia deixado uma “vida atarefada, barulhenta e enervante”, abrindo-se a uma vida de “quietude e sossego”²⁸⁵. Saia de Cambridge, “um mundo de intensa vida acadêmica, rivalidade entre instituições, competição intelectual e um estímulo sempre crescente”, para estar em Trosly, que se apresentava como contraponto de tudo isso, sendo “um mundo de vida sossegada, numa pequena cidade, de celebração comunitária, da partilha das fraquezas humanas e sempre um novo convite para deixar Jesus ser centro de tudo”²⁸⁶.

Há um movimento de descentralização. Abrir mão da demanda de controlar, fazer e competir. De uma vida até então orientada por agendas e compromissos, aulas, seminários e telefonemas, para uma vida que deve estar aberta sempre para a novidade do Espírito.

O novo à sua frente é, ao mesmo tempo, libertador e assustador. Assim Nouwen confessa: “O amanhã está tão aberto quanto qualquer amanhã. O que terá? Somente Deus sabe”. Por isso ele pode dizer a frase de libertação de quem, com esperança, anseia por um novo viver: “começou uma nova vida”²⁸⁷.

Os dias vão se passando e a questão sobre deixar Jesus ser o centro de sua vida e de responder a profundidade desse chamado vão se aprofundando em Nouwen. O título da nota em seu diário no dia 19 de agosto deixa registrado o

²⁸³ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, Trosly, França: terça-feira, 13 de agosto de 1985.

²⁸⁴ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 13 de agosto de 1985.

²⁸⁵ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 13 de agosto de 1985

²⁸⁶ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 13 de agosto de 1985.

²⁸⁷ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 13 de agosto de 1985.

imperativo de Jesus para o jovem rico²⁸⁸ que agora ecoa com Nouwen: “deixe tudo para trás e siga-me”²⁸⁹. O cenário da parábola só se torna possível no coração daquele que se coloca em busca numa oração: “que minha vida se torne tão simples de modo que eu possa dizer sim quando Jesus me olhar e me convidar a deixar tudo para trás e o seguir”²⁹⁰.

Nessa dinâmica de estar atento ao convite de Jesus e ser impulsionado a responder seu chamado, Nouwen percebe o convite para abrir-se à graça. Fazer esse movimento de resposta a Jesus não se dá de maneira isenta e propositiva, mas é um movimento de Jesus mesmo em nossa direção: Ele mesmo nos vê e busca. Desta forma, Henri faz a seguinte oração:

eu verei quando estiver disposto a ser visto. Terei novos olhos, que possam ver os mistérios da própria vida de Deus, quando eu permitir que Deus me veja, por inteiro, mesmo aquelas partes que eu mesmo não quero ver. Ó Deus, veja-me e deixe que eu veja²⁹¹.

Mas o caminho para Deus não deveria ser feito com ações pautadas pela produção e controle, como no tempo de Harvard. Deveria agora ser realizado de uma nova maneira, a saber, “no caminho da oração, jejum e do reconhecimento”²⁹². Mesmo que seu interior ainda resistisse a essa novidade e desejasse tomar nas mãos o destino, Nouwen foi reconhecendo que era momento de “rezar, ler, meditar estar quieto e esperar até que Deus realmente me chame”²⁹³.

O período seguinte é marcado pelo inundar do sentimento de rejeição no coração do Nouwen. Ele estava aguardando a visita de seu amigo Jonas que estava em Paris, mas regressou aos Estados Unidos sem visitá-lo, como combinado²⁹⁴. Isso abriu feridas profundas e despertou a amargura por ter sido rejeitado por um amigo. Neste processo de dor e rejeição, mais uma vez entrega-se ao mistério da oração que prepara a pessoa para o encontro com a fragilidade.

A depressão que invadiu Nouwen por conta da não visita de seu amigo não diminuía. Ele permanecia em agonia, como ele mesmo escreveu, “as dores mais

²⁸⁸ Neste dia, Nouwen está meditando sobre a passagem de Marcos 10,21-22, a parábola do Jovem Rico, e se sentindo interpelado por ela.

²⁸⁹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 19 de agosto de 1985.

²⁹⁰ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 19 de agosto de 1985.

²⁹¹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 24 de agosto de 1985.

²⁹² NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, segunda-feira, 02 de setembro de 1985.

²⁹³ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, segunda-feira, 02 de setembro de 1985.

²⁹⁴ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 10 de setembro de 1985.

profundas ocultam-se muitas vezes nos cantinhos”²⁹⁵. Somente após a ligação inesperada de seu amigo Jonas que as feridas foram aos poucos sendo curadas. Ciente da personalidade de seu amigo, Jonas respondeu com plano de visitá-lo em outubro daquele mesmo ano. E, ao final de sua anotação diária, ele pode confessar o seguinte: “eu controlo tão mal meus sentimentos e minhas ações! Muitas vezes tenho que deixá-las passar por mim e esperar que não durem muito tempo”²⁹⁶.

Os dias seguintes marcam a visita de Nouwen à Comunidade Arca Daybreak, em Toronto, no Canadá. Esta estada de nove dias foi para ele como “lampejos de uma nova vocação” que estava por nascer. Ele teve contato com todos os assistentes e a oportunidade de celebrar a Eucaristia. Percebe então aquele lugar como “uma comunidade numa jornada, sempre mudando, sempre se adaptando a pessoas novas, sempre aberta a surpresas, sempre disposta a experimentar coisas diferentes”²⁹⁷.

Neste período, Nouwen vai conhecendo as pessoas que moram naquela Comunidade Arca e sendo modificado por estes encontros. Pessoas que trazem em seus corpos diversas limitações, mas que aprenderam a confiar em Deus de uma forma profundamente singela e quase constrangedora.

Fato marcante nesta semana segundo o relato de Nouwen, foi o dia de orações pela jovem Rose, “uma jovem que não podia falar e mal anda, mas é uma fonte de alegria para todos aqueles que estão perto dela, principalmente para Mary, que a assiste durante o dia”²⁹⁸, que estava por ser operada de maneira emergencial. Quando a Comunidade estava reunida, Nouwen percebera que a simplicidade e a intimidade da oração daquelas pessoas com deficiências, fazia dele um “observador cético”, sentido até um “certo ciúme do seu dom especial de oração”. Eles já haviam alcançado a certeza de serem amados e amadas de Deus.

Outro aprendizado profundo foi o encontro com Nick, marceneiro que servia na Comunidade Arca, em Toronto, tendo como ajudante outros quatro membros centrais com ele. Foi conversando com o carpinteiro que Nouwen aprendeu que o modo de fazer ali não poderia ser pautado na eficiência da produção ou na perfeição de suas peças. Fazia-se fundamental um modelo de estar

²⁹⁵ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, segunda-feira, 23 de setembro de 1985.

²⁹⁶ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, segunda-feira, 23 de setembro de 1985.

²⁹⁷ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 1 de setembro de 1985. Toronto, Canadá.

²⁹⁸ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 03 de outubro de 1985.

disposto a “deixar que os outros façam devagar o que você pode fazer rapidamente”²⁹⁹. É o aprofundamento de uma verdade capaz de construir uma Comunidade e fazer deste lugar verdadeiramente um lar, por isso, “exige uma convicção íntima de que um trabalho lento feito em conjunto é muito melhor que um trabalho rápido feito só”³⁰⁰. O cuidado torna-se valor central e não a eficiência, como nos é exigido pela sociedade atual.

Com o retorno novamente a Trosly, Nouwen passa a meditar a partir de dois eixos principais, sobre a “supremacia do coração”³⁰¹, e sobre a inevitabilidade de “sentir a dor”³⁰².

Essa sequência de reflexões se inicia com o encontro que ele tem com o padre Thomas, que o faz perceber que “nós chegamos a nos avaliar em termos de afeição que nos é dada ou que nos é recusada” e que de certa forma a mídia “tem fortalecido intensamente a ideia de que o que realmente precisamos é de afeição humana”³⁰³. Por isso a necessidade de voltar nossa atenção não para os afetos, gastando nossas energias a fim de responder e corresponder a estas expectativas, mas antes, de estar em uma busca pelo “lugar de confiança” que está intimamente guardada no coração humano e o que nos humanizará³⁰⁴.

Nos dias seguintes, Nouwen se percebe imerso em notícias e situações que lhe trazem essa certeza de que a dor do outro lhe afeta profundamente, e não se fará caminho tentando evitá-la ou a negligenciando. Estas opções não são viáveis. Ou seja, para ele, é necessário sentir a dor do outro. A primeira notícia que o afeta é a do falecimento de seu amigo John, que lutava pela vida em sua luta contra a AIDS³⁰⁵. Depois, a afetação partiu de uma reflexão durante a Eucaristia semanal para os assistentes da Comunidade Arca. Ali, Nouwen percebeu uma nova dimensão de seu ministério a partir da vida daqueles jovens que serviam na comunidade. Não havia necessidade de convencimento intelectual sobre a fé. Eles estavam envolvidos em uma rotina de cuidado e serviço intenso e desgastante,

²⁹⁹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 04 de outubro de 1985

³⁰⁰ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 04 de outubro de 1985.

³⁰¹ Conjunto de anotações no Diário, *O Caminho para o Amanhecer* que corresponde ao Capítulo 5, A Supremacia do Coração.

³⁰² Conjunto de anotações no Diário, *O Caminho para o Amanhecer*, que corresponde ao Capítulo 6, Sentindo a Dor, onde Nouwen, a partir da notícia do falecimento de seu amigo John, irá fazer uma reflexão sobre a dor e o sofrimento e a necessidade de se ver o Cristo.

³⁰³ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 17 de outubro de 1985.

³⁰⁴ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 18 de outubro de 1985.

³⁰⁵ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 24 de outubro de 1985.

estavam entregando suas vidas sem dúvidas. Não era necessário convencê-los, só precisavam de “companheirismo espiritual”. De alguma forma, estar disponível e fazer junto uma caminhada com “pessoas espiritualmente maduras, que não querem argumentar sobre temas elementares, mas desejam ser introduzidas nos mistérios da vida divina”. Caminho que, para ele, é possível tendo um coração em Jesus, por isso confessa: “preciso realmente ser um homem de oração para responder esse desejo”³⁰⁶.

A visita de seu amigo Jonas faz com que Nouwen se veja novamente em confronto com seus profundos sentimentos de abandono. Ele sente-se ferido, mas reconhece a importância desta amizade, por isso, “precisava encontrar meios de perdô-lo”³⁰⁷. Há uma reciprocidade, e tanto Jonas quanto Nouwen sabem da importância dessa amizade espiritual para a vida de ambos. Mas há uma enorme dificuldade de falar sobre decepções e expor as próprias fragilidades e a carência em Nouwen, que aborda esse sentimento com imensa clareza. Desta forma, ele confessa:

é difícil para mim falar dos meus sentimentos de ser rejeitado ou forçado, de meu desejo de afirmação, bem como a minha necessidade de espaço, de insegurança e falta de confiança, de medo e de amor. Mas, à medida que abordei esses sentimentos, também descobri o verdadeiro problema – esperar de um amigo o que somente Cristo pode dar ³⁰⁸.

A partir desta conversa com seu amigo Jonas, uma verdade espiritual começa a se solidificar nesse encontro com a própria fragilidade: saber acolher o limite do outro, que nunca conseguirá atender e nos dar aquilo que somente podemos receber de Cristo. Esse deslocamento de sua própria necessidade e o acolhimento do outro, colocando Cristo como centro de sua vida, foi essencial para Nouwen. Assim, “a amizade requer uma disposição constante para perdoar o outro por não ser Cristo, e uma disposição de pedir ao próprio Cristo que seja ele o verdadeiro centro” ³⁰⁹.

Vemos, assim, três movimentos que se tornam fundamentais nesse encontro com a própria fragilidade: o de entender e conseguir acessar o lugar de confiança que está no profundo do coração de cada pessoa, e poder ouvir que se é amado por Deus; o de acolher o sofrimento, do nosso próximo e o que carregamos

³⁰⁶ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 29 de outubro de 1985.

³⁰⁷ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, domingo, 03 de novembro de 1985.

³⁰⁸ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 08 de novembro de 1985.

³⁰⁹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 08 de novembro de 1985.

em nossas vidas, como meio de perceber que semelhança e condição de fragilidade compartilhada, e que, mesmo assim, o mistério se manifesta nos corpos de cada pessoa como gramática de Deus³¹⁰; e por fim, a necessidade da disponibilidade para o perdão, que se faz possível com um movimento em dois atos, o perdão de si para viabilizar o perdão ao próximo.

Todos estes movimentos formam o caminho de encontro com a fragilidade em Nouwen, pois, como veremos, estão fundamentados no descentramento de si. A confissão que se fará fundamental, o centro de sua vida e, conseqüentemente, de sua espiritualidade é Jesus. Esse movimento se torna nítido nos escritos em seu diário, pois os temas a seguir estão diretamente ligados ao caminho de se deixar ser conduzido pelo Espírito de Jesus, abandonando dia após dia o desejo de permanecer no centro das decisões. Assim, os temas sobre a centralidade de Jesus, sobre o discernimento, sobre a pobreza e vocação, serão os eixos desse período de reflexões.

Uma confissão do próprio Nouwen revela esta sua conversão: “estou me convencendo de que Deus quer toda a minha vida, não somente parte dela”³¹¹. Na sequência, percebe seu estado de divisão e inquietação e complementa:

À medida que tento entender porque ainda estou tão inquieto, ansioso e tenso, me ocorre que ainda não dei tudo a Deus. Percebo isto principalmente na minha avareza com o tempo. Estou muito preocupado em ter horas suficientes para desenvolver minhas ideias, finalizar meus projetos, realizar meus desejos. Assim minha vida é de fato dividida em duas partes: uma parte para Deus e outra para mim mesmo. Assim dividida a minha vida não pode ter paz ³¹².

Esse movimento de reconhecer a própria necessidade de conversão e a confessar em seu diário, torna-se a marca de seu processo, de uma caminhada que parte do desejo de controlar e pela necessidade de poder, para uma espiritualidade da fragilidade, que reconhecerá a necessidade de entrega e conversão integral da pessoa para a dependência de Deus.

Nesse caminho, Nouwen deixa claro suas dificuldades e lutas. Seu desejo, similar ao de cada pessoa que está entrando por esse caminho espiritual, é o de manter-se no controle, de apontar destinos e dar direção à própria história. Ele deixa claro esta fragmentação do ser quando anota em seu diário que percebe que há em seu interior uma voz contrária dizendo: “você não deseja se tornar um

³¹⁰ MENDONÇA, José Tolentino. *A Mística do Instante*, p. 12.

³¹¹ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, segunda-feira, 18 de novembro de 1985.

³¹² NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, segunda-feira, 18 de novembro de 1985.

fanático, (...) um entusiasta de mente estreita... você deseja continuar aberto a muitas maneiras de ser, explorar muitas opções, estar informado a respeito de muitas coisas”³¹³, o que lhe impede de tomar a decisão radical de “deixar tudo e seguir” o mestre, tentando ainda de alguma forma controlar ou administrar essa entrega.

O relato de Nouwen sobre sua luta interior, que veremos a seguir, reconhece que esse caminho de conversão só se fará possível tendo Jesus como centro de sua vida. Ao mesmo tempo em que se abre para atender este convite do Espírito, percebe mais uma vez seu encontro com o medo e necessidade de controle, revelando outra vez a sua própria vulnerabilidade. Assim ele relata este momento:

Deus não quer somente parte de mim, mas tudo. Somente quando eu me submeter por completo ao amor paternal de Deus poderei estar livre de distrações sem fim, pronto para ouvir a voz do amor, e capaz de reconhecer minha vocação ímpar. Vai ser uma estrada muito longa. Toda vez que rezo, sinto a luta. É a luta para deixar Deus ser o Deus de todo o meu ser. É a luta para confiar que a verdadeira liberdade está escondida na entrega total do amor de Deus ³¹⁴.

Toda a dificuldade deste processo de entregar-se a Deus completamente vai se tornando claro para Nouwen, ao passo que percebe que sua vida continua agitada e turbulenta como no tempo em Harvard. Ele ainda quer pautar sua vida pela utilidade e pelo fazer, tendo imensa dificuldade em perceber a presença de Deus na simplicidade e no ordinário do viver. Começa, assim, a atentar que mesmo os dias que parecem improdutivos, repletos de “pequenas frustrações, interrupções e distrações, (...) Um dia tão fragmentado que não parece de maneira alguma se completar”³¹⁵, são repletos de Deus que se manifesta como “dons da vida espiritual”³¹⁶.

Para que essa abertura à presença de Deus na cotidianidade aconteça, Nouwen percebe que precisará modelar agora a sua vida “escolhendo o que é importante”³¹⁷, e que esse caminho só é possível no acolhimento da própria pobreza. Abrir mão do imperativo do fazer urgente e passar a estar sempre pronto a entender e atender o que realmente importa³¹⁸. Toda essa mensagem se

³¹³ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 15 de novembro de 1985.

³¹⁴ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, segunda-feira, 18 de novembro de 1985.

³¹⁵ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, segunda-feira, 02 de dezembro de 1985.

³¹⁶ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, segunda-feira, 02 de dezembro de 1985.

³¹⁷ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 03 de dezembro de 1985.

³¹⁸ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 03 de dezembro de 1985.

aprofunda no coração de Nouwen ao ouvir a reflexão da Palavra na tarde de domingo dirigida por Jean Vanier que, na ocasião, leu e pronunciou algumas reflexões sobre o Evangelho de Lucas³¹⁹.

É no caminho de abrir-se para o que realmente importa que se torna possível acolher a pobreza e fazer-se verdadeiramente pobre. Esse é o convite radical de Jesus: ser pobre. A partir do exemplo de Nouwen, há clareza sobre o percurso inverso do modo de vida dos nossos dias. A sua trajetória aponta que, ao invés de afirmar o poder e o possuir, é possível perceber que nossa dependência e fragilidade e escolher, semelhante ao Cristo em amor radical e obediência ao Pai, a Cruz³²⁰.

Esse caminho de espiritualidade da fragilidade é uma escolha que vai trazendo consciência de nossa condição e deslocando nosso viver para um “discernimento de um novo rumo”³²¹. Para Nouwen, fica claro o que escolher, pois

a vida apagada, sem ostentação, que não é elogiada, vivida em solidariedade com pessoas que não podem dar coisa alguma que nos faça sentir importantes será longe se ser atraente. É o caminho para a pobreza. Não é caminho fácil, mas é o caminho de Deus, o caminho da cruz³²².

Reconhecer a própria pobreza é em dos movimentos mais profundos do coração, segundo Nouwen³²³. Isso porque o encontro com a pobreza material sempre nos trará a luz de outra, pois “além da pobreza física há a pobreza mental, para além de pobreza mental há a pobreza espiritual, e, além disso, não há nada, nada além da verdade nua que Deus é misericórdia”³²⁴.

Aqui se faz o instante em que, ao encontrarmo-nos com a realidade de nossa fragilidade, percebemos nossa condição de miserabilidade: é o instante que entendemos nossas carências e começamos a tomar consciência de nossos limites. Buscamos a afirmação de que temos para dar e percebemos que precisamos de muito mais do que temos para oferecer. Faz-se aqui a necessidade de confissão e

³¹⁹ Anotações do dia 08 de dezembro de 1985, *Onde a miséria e a misericórdia se encontram*.

³²⁰ Este tema é profundamente relatado em, *Podeis Beber o Cálice?*.

³²¹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 05 de dezembro de 1985.

³²² NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 05 de dezembro de 1985.

³²³ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, domingo, 08 de dezembro de 1985.

³²⁴ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, domingo, 08 de dezembro de 1985.

acolhimento de nossa realidade, pois, diante da nossa realidade de fragilidade, temos apenas as mãos vazias.

Por isso não é possível ao humano fazer esse caminho sozinho. Para Nouwen, ao buscarmos este caminho da afirmação de nossa força, empreendemos “uma forma de heroísmo inverso, tão instável como o próprio heroísmo. Somente Jesus, o filho de Deus, pode caminhar para esse lugar de entrega total e misericórdia”³²⁵. Faz-se, assim, o reconhecimento de nossos limites e vulnerabilidade. Então, é no encontro com Jesus que poderemos acolher nossa própria miséria e não sucumbir em angústia, pois ele mesmo é a misericórdia.

É neste espaço de aprofundamento de uma nova espiritualidade e no reconhecimento de sua condição de vulnerabilidade que Nouwen recebe, no dia 13 de dezembro de 1985, a carta do conselho da Comunidade Daybreak. A carta tratava de convidá-lo para que passasse a morar na Comunidade e que servisse também como pastor entre eles.

Este evento opera uma profunda diferença na caminhada de Nouwen: ao contrário de outros pedidos, como nos tempos de acadêmicos ou no tempo que decidiu ir para a América Latina, aqui não é o sacerdote que está escolhendo ou decidindo ir: aqui ele é convidado. Por este motivo ele percebe este movimento como sendo “um chamado claro”³²⁶.

Nesse sentido, há uma mutualidade, como carisma compartilhado. Desde o princípio, a Comunidade Daybreak percebeu sua presença como presente que Nouwen poderia compartilhar com cada um deles. Mas havia algo que aquela Comunidade ofertaria para ele, algo que buscava há muito tempo: um lugar de apoio, um lar, uma comunidade de amor e que fosse suporte para seu crescimento espiritual³²⁷. Isso ficava claro no convite: “convidamos você para vir morar conosco; para nos dar e receber de nós”³²⁸.

Nouwen sabe que esse caminho não seria fácil, muito menos atraente. Escreve com clareza sobre o desafio que está à sua frente quando diz que “é um chamado concreto para seguir Cristo, para deixar o mundo de sucesso, realização

³²⁵ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, domingo, 08 de dezembro de 1985.

³²⁶ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 13 de dezembro de 1985.

³²⁷ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 13 de dezembro de 1985.

³²⁸ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 13 de dezembro de 1985.

e honra, para confiar em Jesus, somente nele”³²⁹. É patente que, para ele, era fundamental deixar sua pretensão de poder e acolher outra forma de viver.

Esse pensamento é reforçado ao meditar, posteriormente, no Evangelho de João e perceber o substantivo glória como palavra-chave. Para Nouwen, o Evangelho de João toca no sentido de “verdadeira glória e glória inútil”. Quando o que se busca realizar está impregnado pela competição humana, do desejo de ser considerado melhor, tanto mais glória recebemos, isso tudo é glória humana, ou seja, “essa mesma glória também gera a nossa escuridão. (...) leva à rivalidade; a rivalidade carrega dentro de si o princípio da violência; e a violência é o caminho para a morte. Portanto, a glória humana prova ser glória vã, glória falsa, glória mortal”³³⁰.

Como livrar-se então da tendência humana de buscar a vanglória? Para Nouwen, devemos olhar para Cristo, pois “Deus escolheu o caminho do movimento descendente”. Como desejamos ser reconhecidos, acabamos buscando meios de autoafirmação, assim, “as pessoas buscam a glória voltando-se para o alto. Deus revela sua glória voltando-se para baixo. Se realmente queremos ver a glória de Deus, precisamos caminhar com Jesus para baixo”³³¹. Enquanto a humanidade quer fazer seus caminhos tendo como modelo a competição, Jesus mesmo se revela escolhendo o caminho da compaixão³³².

Mesmo consciente da necessidade de se fazer esse movimento descendente, mais adiante, é perceptível em seu coração a tendência a retornar ao seu antigo modo de viver: tentando afirmar-se na busca por poder e popularidade. Aborda, então, sobre o desejo que temos em buscar lugares de destaque, ao invés de trilhar uma rota de humildade. Há em cada pessoa o anseio de ter poder e, para isso, também queremos afirmar um deus poderoso. Acerca disto, ele escreve o seguinte:

em mim, muita coisa clama por influência, poder, sucesso e popularidade. Mas o caminho de Jesus é o caminho da discrição, da impotência e da pequenez. Não parece muito atraente. Entretanto, quando eu entrar em comunhão verdadeira, profunda, com Jesus, saberei que é este caminho pequeno que leva à verdadeira paz e alegria ³³³.

³²⁹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 13 de dezembro de 1985.

³³⁰ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 19 de dezembro de 1985.

³³¹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 19 de dezembro de 1985.

³³² NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quinta-feira, 19 de dezembro de 1985.

³³³ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, domingo, 12 de janeiro de 1986.

Há um desejo do coração por Jesus. Uma sede de sua presença. Mas, ao mesmo tempo, uma autopercepção de que deseja ir no sentido oposto. Nouwen reflete sobre suas questões e anota em seu diário o seguinte: “sou ainda a pessoa inquieta, nervosa, veemente, distraída e impulsiva que era quando dei início a esta jornada espiritual”³³⁴. Aparentemente, permanece em seu coração a vocação e o desejo de “falar sobre as riquezas de Cristo muito mais do que quando fui ordenado em 1957”.

Ao constatar seu estado de fragmentação, Nouwen escreve: “ainda estou tão dividido. Gostaria verdadeiramente de seguir-te, mas também quero seguir meus desejos e ouvir as vozes que falam de prestígio, sucesso, respeito humano, prazer, poder e influência”³³⁵. Frente a este estado de perceber-se dividido, a postura é, então, de entrega e contrição: caminho possível somente quando se faz movimento de encontro com a própria condição. Nouwen, desta forma, clama: “Peço-te, Senhor, que estejas comigo em cada momento, em todos os lugares”³³⁶.

Porém, o estado de luta permanece como “poderosa atração pelas trevas”³³⁷, o que o leva a dizer que “os sentimentos de ser aprisionado são os mais poderosos. Os poderes das trevas têm um tal domínio sobre mim que ‘chegar a luz’ parece quase impossível”³³⁸. Frente a esta situação de atração, Nouwen reconhece sua dificuldade, escreve sobre essa permanente luta de sua condição e se questiona da seguinte forma:

Então por que toda essa resistência? Por que essa poderosa atração pelas trevas? Jesus disse: ‘pois quem faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que suas obras não sejam demonstradas como culpáveis. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus’ (Jo 3,20-21). Essa é a resposta a minha pergunta. Eu muitas vezes prefiro minha escuridão à luz de Deus. Prefiro continuar com meus procedimentos pecaminosos porque me dão alguma satisfação, certa consciência de mim mesmo, certo sentimento de importância. Eu sei muito bem que indo para a luz de Deus é necessário abandonar todos estes prazeres limitados e deixar de viver a minha vida como se fosse feita por mim, mas dada por Deus. Viver na luz significa reconhecer alegremente a verdade: tudo o que é bom, belo e digno de louvor pertence a Deus³³⁹.

³³⁴ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 24 de janeiro de 1986.

³³⁵ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 11 de fevereiro de 1986.

³³⁶ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, domingo, 11 de fevereiro de 1986.

³³⁷ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, domingo, 12 de janeiro de 1986.

³³⁸ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 08 de abril de 1986.

³³⁹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 08 de abril de 1986.

Destaco aqui uma frase da citação anterior de Nouwen, “prefiro a minha escuridão à luz de Deus”. Com a profundidade dessa confissão ele chega a tocar sua fragmentação mais profunda. Já consciente de seus limites e vulnerabilidades, ainda reluta em entregá-los a Deus como dom: permanece o desejo pela escuridão, pela glória vazia, pela necessidade de controlar. Há uma nova vida a ser vivida, um chamado a se responder, e Nouwen tem a clareza de que “somente uma vida realmente centrada em Deus poderá me arrancar das minhas depressões e me dar esperança. É um caminho claro, mas bastante difícil”³⁴⁰.

Nouwen vai deslocando pouco a pouco o desejo de controlar e deixando que Jesus tome o centro de sua vida. É já no final de seu ano sabático que ele vai meditando e se abrindo ao entendimento da presença de Deus nos pequenos detalhes, retornando na centralidade do pobre, do simples e da escolha de Deus por estar e habitar justamente ali.

Estar em imersão na Comunidade Arca, vivendo entre os deficientes, servindo com os voluntários e as pessoas que residem ali também, tem importante influência nesse movimento. A vida e a forma de viver em uma entrega radical na Comunidade faz com estas pessoas sejam testemunhas do viver de Jesus para o coração de Nouwen, resultando com que ele perceba que “o mundo gosta que as coisas sejam grandes, volumosas, impressionantes e elaboradas. Deus escolhe as pequenas coisas que são ignoradas no grande mundo”³⁴¹.

Nouwen escreve então uma meditação sobre a passagem da multiplicação dos pães e peixe (Jo 6,5-9), onde aprofunda esta tendência que temos por grandeza. Ele percebe que no relato do Evangelho, há uma oferta de poucas unidades de alimento, 5 pães e 2 peixes, da parte também de um menino: a debilidade do menino se funde à pequenez de sua oferta. Tudo é pequenez, tudo revela limitação. É clara a impossibilidade de alimentar a todos, faltam recursos. O olhar calculista do discípulo deixa isso revelado “mas o que é isso para tantas pessoas?”. O mistério de Jesus, porém, não se revela na grandeza, mas em nossa pequenez e na entrega do pouco que temos e do que somos em suas mãos. Assim, Deus escolhe se revelar a partir de um movimento de doação. Henri então complementa que,

³⁴⁰ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 08 de abril de 1986.

³⁴¹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, sexta-feira, 11 de abril de 1986.

distribuindo os pequenos presentes de gente simples, a generosidade de Deus é revelada. Há o suficiente, há mesmo fartura, para todos – até há muitas sobras. Aqui um grande mistério se torna aparente. O pouco que damos se multiplica. Esse é o caminho de Deus.

Esta é também a maneira pela qual somos chamados a viver em nossas vidas. O pouco amor que temos, o pouco conhecimento que possuímos, a pouca informação que é nossa, os poucos bens que nos pertencem, nos são dadas como presente de Deus para serem distribuídos. Quanto mais distribuímos, mais descobrimos quanto mais há de ser repartido. Os pequenos presentes de Deus se multiplicam quando são dados³⁴².

Para responder a este chamado de partilhar o pouco que se tem, Nouwen passa a compreender a dimensão comunitária de estar na Comunidade Arca. Há neste espaço uma verdade espiritual sendo testemunhada e ensinada de forma contínua, não a partir de discursos, mas de vidas que, revelando suas próprias dores e debilidades, doam-se e deixam-se ser tocadas e curadas mutuamente. Na Arca, as deficiências são marcantes, muitas impossíveis de serem escondidas e, ao olhar para a pessoa que está ali em sua condição de extrema vulnerabilidade, acaba percebendo a própria limitação, à semelhança daquele irmão e/ou irmã.

Neste caminho, Nouwen em suas anotações finais em seu Diário, *O Caminho para o Amanhecer*, faz a seguinte confissão: “pensei que tivesse vindo para ajudá-los a cuidar de pessoas com deficiências, mas agora sinto como se vocês tivessem aceito mais um deficiente entre vocês”³⁴³. Aquele que antes era procurado por sua enorme capacidade de articulação teológica e por sua profundidade espiritual, que esteve como professor e influenciou diversos líderes das mais variadas tradições cristãs, agora se vê frente a lutas profundas. Como ele mesmo destaca, “na verdade, encarar minhas próprias deficiências foi a batalha mais difícil de todas”³⁴⁴.

A clara percepção da continuidade desse caminho de espiritualidade que se está se aprofundando está na radicalidade de ter Jesus verdadeiramente como centro, e, desta maneira, “é seguir Jesus até um lugar completamente desconhecido. É ser esvaziado na cruz e ter de esperar pela nova vida na fé nua”³⁴⁵. Não há aqui o brilho de holofotes, muito menos o aplauso de plateias ou o

³⁴² NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, sexta-feira, 11 de abril de 1986.

³⁴³ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 256.

³⁴⁴ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 256.

³⁴⁵ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 262.

abraço acalorado de um amigo: há a crueza da dor, do abandono, da profundidade do clamor sincero, como “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”³⁴⁶.

Para Nouwen, este seria o instante em que, frente a nossa mais profunda debilidade e impotência, frente a nossa entrega completa, começamos a perceber que “a mesma cruz que apela para a morte daquilo que parece tão bom e bonito é também o lugar onde uma nova comunidade espiritual está nascendo”³⁴⁷. Para atender o convite de Jesus, “tome a sua cruz e segue-me”³⁴⁸, se faz necessário nos tornarmos conscientes de que precisaremos abandonar nosso desejo de poder e glória e, assim, escolher o caminho de Jesus, percebendo que nossas fragilidades e debilidades são também lugar da ação do Espírito em favor de outros, que necessitam se encontrar com suas feridas para poderem experimentar a presença sanadora de Cristo em suas histórias.

4.2

Caminhos para o [re]encontro com a condição humana

Em seu diário, Nouwen aborda diversas vezes sobre os três fundamentos que aqui apontaremos como elementos-base de sua caminhada de espiritualidade, a saber: a oração, a comunidade e a escrita. Ele aponta como eles lhe serviram como lugar para estar presente e disponível para a voz do Espírito, e para se colocar verdadeiramente no seguimento de Jesus e, assim, responder a sua vocação.

Essa verdade vai se articulando desde o início de seu ano sabático. Logo na página inicial, ele relata como se “uma voz interior”³⁴⁹ o convocasse a escrever

³⁴⁶ O relato nos evangelhos que trazem essa fala de Jesus estão em Mateus 24,46 e Marcos 15,34. Importante destacar que essa é uma referência direta do Salmos 22, especificamente do versículo primeiro: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste, descuidado de me salvar, apesar das palavras de meu rugir?”. Trás a profundidade da dor e do sentimento de abandono em meio ao sem sentido do sofrimento.

³⁴⁷ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, p. 262.

³⁴⁸ A expressão “toma a tua cruz e segue-me” se faz presente nos Evangelhos Sinóticos nas seguintes referências, Mateus 16,24; Marcos 8,34; Lucas 9,23.

³⁴⁹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, terça-feira, 13 de agosto de 1985

um diário. Mas não só ocorre esse chamado para escrever, Nouwen sente, ao mesmo tempo, a necessidade de dedicar-se profundamente à oração³⁵⁰.

No percurso de seu ano sabático, suas orações vão se fixando também em texto no diário, ao mesmo tempo em que Nouwen vai tomando consciência do lugar que a vida comunitária terá em sua caminhada de encontro com a fragilidade. Para ele, foi fundamental estar na comunidade para o desenvolvimento seguro de uma nova espiritualidade. Na abertura à vida comunitária é onde Nouwen vai percebendo sua tendência ao isolamento e a sempre buscar orientação externa. É a partir desta nova dinâmica de partilha que percebe o que relata da seguinte forma: “um forte convite para deixar que a comunidade seja o meu recurso espiritual primário, e para confiar que lá encontrarei o espírito de Deus, o verdadeiro consolador que sempre procurei”³⁵¹.

Essa anotação consta ao final de seu diário: três promessas que nos servirão aqui de percursos fundamentais para o caminho da espiritualidade. Temos então; primeiro, “prometi rezar mais. Se, de fato, Jesus é o centro de minha vida, tenho que dedicar-lhe muito tempo e atenção”³⁵²; segundo, “prometi fazer todo o possível para vir a conhecer melhor a minha própria comunidade”³⁵³, pois, desta forma, “chegarei a conhecer Jesus não apenas na solidão da prece, mas também na comunidade do amor”, e, como última promessa, “prometi continuar escrevendo” pois ele começa a compreender que “é na escrita que minha vida íntima com Deus e com os deficientes pode tornar-se uma oferenda para a Igreja e para o mundo”³⁵⁴.

Considerando os três fundamentos citados acima, aprofundaremos cada um a partir da própria literatura de Nouwen, dialogando com algumas passagens em seu Diário *O Caminho para o Amanhecer*, e com outros referenciais da espiritualidade cristã sobre a importância da oração, da comunidade e da escrita, realçando como esses fundamentos podem se tornar para cada pessoa, como caminhos para uma espiritualidade que buscará entender a realidade da condição humana. Ou seja, a sua dimensão da fragilidade, não como uma penalização, mas

³⁵⁰ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, terça-feira, 13 de agosto de 1985.

³⁵¹ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 264.

³⁵² NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 263.

³⁵³ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 263.

³⁵⁴ NOUWEN, Henri. *O Caminho para o Amanhecer*, p. 265.

como lugar mesmo da abertura da ação e percepção da habitação do Espírito do Cristo em cada pessoa.

4.2.1 Oração

Em todo o percurso do diário *O Caminho para o Amanhecer*, a oração está presente, permeando toda a jornada e desenvolvimento da espiritualidade em Nouwen. A oração aparece em momentos distintos de crise e angústias, bem como na alegria e contentamento. Toma forma de súplicas, intercessões, pedidos, confissões e exaltação como verdade fundamental para a vida espiritual. Nouwen se abre para essa dimensão diária da oração, mas também reconhece sua enorme dificuldade em permanecer em oração.

A realidade é que a oração não foi uma disciplina que Nouwen desenvolveu neste período. Pelo contrário, a prática da oração diária, bem como a importância de sua centralidade para se estar verdadeiramente diante de Deus, são temas trabalhados por ele em escritos anteriores. Assim, ao reconhecer a oração como este fundamento indispensável, Nouwen segue o exemplo do próprio Jesus, que convida-nos a orar, e coloca-se na esteira dos mestres da espiritualidade.

Essa proximidade com a oração pode ser percebida, por exemplo, no livro *O Caminho do Coração*, resultado de um seminário em Yale, enquanto era professor. Neste encontro, que contou com a participação de pessoas e conferencistas de diversas tradições religiosas³⁵⁵, foi apresentada uma proposta de caminho: a espiritualidade dos padres e madres do deserto.

Tendo como realidade as inquietações humanas, o espírito de letargia que carregamos enquanto religiosos, as pressões da vida ministerial e pessoal, se faz então fundamental responder as questões: “como podemos esperar permanecer cheios de vitalidade criativa, de zelo pela Palavra de Deus, do desejo de servir (...) ? Como poderemos aliviar nossa própria fome e sede espiritual?”³⁵⁶. A

³⁵⁵ NOUWEN, Henri. *O Caminho do Coração*, p. 7.

³⁵⁶ NOUWEN, Henri. *O Caminho do Coração*, p. 13.

resposta foi desenvolvida a partir do que se percebeu como a essência da espiritualidade do deserto: “retira-te, fica em silêncio e ora”³⁵⁷.

Nouwen então faz semelhante caminho com os Padres e Madres do deserto, percebendo que para a saciedade da fome e sede espiritual, se fará necessário desenvolver a solidão, como forma de retirar-se do mundo, desenvolver o silêncio para se tornar possível o encontro com a interioridade e o Mistério e, por fim, a oração, não como uma tarefa mental, mas como *oração do coração*, ou seja, “uma prece do coração, que conduz ao repouso onde a alma pode habitar em Deus”³⁵⁸.

Então, a oração não se tornará uma exposição complexa de palavras ou somente possível em determinado lugar exclusivo, especial, ou até mesmo mediado. A oração deverá ser feita de forma contínua, de maneira a levar a mente até o coração para estarem completamente na presença de Deus. Por esse motivo, para Nouwen, a oração do coração deve ser desenvolvida como uma disciplina espiritual e assumir três características: a prece do coração deverá ser sustentada por orações breves, ser incessante e, por fim, ser uma oração que tudo inclui³⁵⁹.

O verbete oração, do *Dicionário de Espiritualidade*, aponta que a “oração é o fenômeno primário da vida religiosa; é seu coração. Seu gesto central, a tal ponto que ela distingue o homem religioso do não religioso”³⁶⁰. Sendo assim, a oração é um elemento indispensável na espiritualidade. Assim, aquele que ora está vivo e mantém seu coração ligado ao de Deus. É um constante fluxo vital, pois “orar significa ser receptivo a Deus, que é sempre novo, sempre diferente, pois Deus é um Deus profundamente comovido, cujo o coração é maior que o meu”³⁶¹. Neste sentido, Nouwen revela-se uma pessoa que tem seu coração neste lugar, a oração, buscando nela um relacionamento profundo com Deus.

O teólogo Romano Guardini deixa claro que “o homem precisa de oração para se conservar espiritualmente são”³⁶². Reforça ainda mais sobre a centralidade da oração na vida do crente quando diz que “sem oração a fé definha e a vida religiosa atrofia. Não se pode ser cristão por muito tempo sem orar, assim como

³⁵⁷ NOUWEN, Henri. *O Caminho do Coração*, p. 15.

³⁵⁸ NOUWEN, Henri. *O Caminho do Coração*, p. 71.

³⁵⁹ NOUWEN, Henri. *O Caminho do Coração*, p. 76.

³⁶⁰ LAUDAZI, C., p. 1804.

³⁶¹ NOUWEN, Henri. *Oração*, p. 39.

³⁶² GUARDINI, Romano. *Introdução à vida de oração*, p. 22.

não é possível viver sem respirar”³⁶³. Há um sufocamento interior, pois deixamos de estar sensíveis ao “Espírito que sopra onde quer” (Jo 3,8).

Esta mesma dimensão do sopro, da necessidade de recebermos o Espírito como “presente”, como “sopro de vida do próprio Deus”³⁶⁴, também se faz presente em Nouwen. O Espírito é como primeiro vento, ar que expande nossos pulmões livrando-nos de uma vida de asfixia e limites. É no espaço da oração que nos abrimos para o “sopro de vida do próprio Deus, o Espírito que é derramado sobre nós por meio de Jesus Cristo”³⁶⁵. Percebendo a profundidade da necessidade de sentirmos a respiração de Deus como sopro sobre nós, Nouwen destaca que,

a pessoa que se ocupa de sua vida com orações está sempre pronta para receber o sopro de Deus e deixar sua vida ser renovada e expandida. A pessoa que nunca ora é como uma criança com asma; por lhe faltar o ar, o mundo murcha diante de si. Ele se arrasta num canto ofegando e praticamente em agonia. Mas o homem que ora se abre a Deus e pode voltar a respirar livremente. Ele se põe de pé, estende as mãos e sai de seu canto, livre para dar passos largos e ousados pelo mundo porque pode circular sem medo³⁶⁶.

Nouwen, porém, destaca que “orar não é fácil”³⁶⁷. Reforça esse aspecto também quando destaca que a “oração não é a nossa resposta mais natural em relação ao mundo”³⁶⁸. Nossa interioridade tende a buscar a utilidade do fazer, assim, acabamos por ser atraídos pelos valores de nossa sociedade imediatista e na busca pela eficiência. Não por acaso, Nouwen percebe essa ambiguidade em seu interior e anota em seu diário a seguinte questão sobre a oração:

por que deveria gastar uma hora em oração, quando nada faço durante esse tempo a não ser pensar em pessoas com quem estou zangado, pessoas que estão zangadas comigo (...) e milhares de outras bobagens que parecem assaltar a minha mente por um segundo³⁶⁹.

Essa mesma luta pela oração permanecerá na caminhada de Nouwen. Em seu último Diário, a confissão de permanente dificuldade em se manter em oração está presente quando ele relata assim: “minha oração parece tão morta quanto uma

³⁶³ GUARDINI, Romano. Introdução à vida de oração, p. 22.

³⁶⁴ NOUWEN, Henri. Oração, p. 36.

³⁶⁵ NOUWEN, Henri. Oração, p. 37.

³⁶⁶ NOUWEN, Henri. Oração, p. 37.

³⁶⁷ NOUWEN, Henri. Oração, p. 15.

³⁶⁸ NOUWEN, Henri; McNeil, Donald; MORRISON, Douglas. Compaixão, p. 129.

³⁶⁹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, quarta-feira, 18 de setembro de 1985.

pedra”³⁷⁰. Complementa mais adiante da seguinte forma: “as palavras escuridão e aridez parecem ser as melhores para descrever minha oração hoje”³⁷¹.

Como Nouwen destacou, a oração por vezes será experimentada como “escuridão e aridez”. Mas, para ele, é fundamental permanecer em oração. Este é o caminho que ele escolhe e reforça durante toda sua vida, e apresenta de maneira intensa em seus diários. Por diversos momentos, deixa claro em seus relatos que a oração não será espontânea e nem virá de forma natural, pois “a oração é o esforço intencional, concentrado e regular visando criar um espaço para Deus”³⁷². Mas é neste lugar que ele se manterá, pois, reconhecendo sua própria escuridão, sabe que sua alma deseja ardentemente a luz de Deus. É esta a verdade trazida por ele quando diz,

percebo que tantas atividades são uma maneira de manter a depressão acuada. Não bastam. Tenho que orar mais. Sei que preciso apenas me sentar na presença de Deus e mostrar a Ele toda a minha escuridão. Mas tudo em mim se rebela contra isso. No entanto, sei que é a única saída ³⁷³.

Na busca por sentido de vida, diversas vezes acabamos por mergulhar nas atividades, a fim de estarmos anestesiados em uma espécie de fazer sem fim. Escolhemos esta forma de viver, pois não queremos estar diante de nossas angústias e tomar consciência de nossa fragilidade. Porém, nossa condição de vulnerabilidade é inescapável: frente às circunstâncias da vida e diante ao que o viver irá nos trazer como imponderável, cedo ou tarde, iremos nos deparar com nossa realidade.

Para Nouwen, a oração é esse momento de descerrar os punhos e, saindo de uma postura de defesa e agressividade, se colocar em postura de aceitação e de vulnerabilidade, única postura que tornará possível ouvir a voz do Amor dizendo “não temas, porque estou contigo” (Is 41,10). Nesse sentido, a oração será esse instante onde a pessoa pode abrir mão de sua ilusão de segurança sem ter o seu mundo desmoronando, pois estará sustentada na realidade do Espírito de Deus. Desta forma:

orar significa abrir mão de uma falsa segurança, não mais procurar elementos que o protegerão se for encurralado, não mais depositar a esperança em poucos momentos luminosos que sua vida pode ainda oferecer. Orar significa deixar de esperar de Deus a mesma estreiteza de espírito que você descobre em si mesmo.

³⁷⁰ NOUWEN, Henri. Diário, p. 20.

³⁷¹ NOUWEN, Henri. Diário, p. 21.

³⁷² NOUWEN, Henri. A Formação Espiritual, p. 64.

³⁷³ NOUWEN, Henri. Diário, p. 141.

Orar é andar sob a luz clara de Deus e dizer simplesmente, sem hesitação: “Sou criatura e tu és Deus”. (...) O ser humano não é aquele que às vezes comete um erro e Deus aquele que de vez em quando perdoa. Não, o ser humano é pecador e Deus é amor. A conversão torna isso óbvio com uma simplicidade estonteante e uma nitidez que desarma ³⁷⁴.

Então, segundo Nouwen, será na oração que esse movimento de descentramento radical se tornará conversão: uma entrega de nossos desejos e anseios em direção a Deus e, conseqüentemente, um movimento de abertura também para com nossos irmãos e irmãs. Nesta postura de conversão, aquele que ora reconhece sua condição de fragilidade ao mesmo tempo reconhecendo Deus como Deus. Assim, a oração

requer nossa confissão de que somos limitados, dependentes frágeis e até mesmo pecadores. Toda vez que ora, você professa que não é Deus nem queria ser que não atingiu seu objetivo ainda nem o atingirá nesta vida, que deve constantemente estender as mãos e esperar novamente pela dádiva da vida. Essa postura é difícil porque o torna vulnerável ³⁷⁵.

A partir do pensamento de Nouwen, fica evidente que é através da oração que entramos nesta profunda dinâmica espiritual de reconhecer quem somos e confessar quem Deus é. O teólogo e padre Tomás Halík aponta a importância desse movimento de se entregar totalmente a Deus e explica que esse desejo de transcendência é o encontro com Deus – Deus que sempre busca e se faz revelar ao mesmo tempo que permanecerá completamente distinto de nós. Nesse sentido, Halík diz que “em nós existe algo que não é mais nós mesmos; não é algo que nos é imposto de fora. ‘Trata-se de algo estimulante, que habita em nosso interior mais íntimo e sem o qual não seríamos o que somos’”³⁷⁶.

Esse encontro com o transcendente se aprofunda na oração que, sendo verdadeira, poderá levar cada pessoa ao movimento de libertação da ilusão de controlar Deus. Em Halík, vemos esse alerta quando aponta que

se eu ansiasse por Deus para que o “possuísse” e usasse para os meus fins, para a realização dos meus desejos e das minhas “necessidades psicológicas”, estaríamos lidando com magia, ou seja, com o oposto da fé, ou com uma ambição egoísta, com o oposto do amor. O amoroso *quero é um ato consciente de abertura de um espaço na minha liberdade*, no qual quero que Deus seja Deus³⁷⁷.

Nesse sentido, há um fecundo diálogo entre o desejo de transcendência humana e essa abertura a partir da oração, assim caminho para a relação. Como a

³⁷⁴ NOUWEN, Henri. Oração, p. 57.

³⁷⁵ NOUWEN, Henri. Oração, p. 33.

³⁷⁶ HALÍK, Tomás, Quero que Sejas, p. 69.

³⁷⁷ HALÍK, Tomás, Quero que Sejas, p. 88.

oração é espaço de “relação em que você permite ao outro entrar no centro de sua pessoa, permite-lhe falar ali, permite-lhe tocar o núcleo sensitivo do seu ser e permite-lhe ver tudo o que você preferiria deixar oculto na escuridão”³⁷⁸. Permitir que Deus toque nossa dor e ilumine com sua luz nossa escuridão interior, é abrir mão de nossa tentativa de controlar o Divino, reconhecendo quem verdadeiramente Ele é.

A oração necessariamente se fará na confissão de nossas falhas mais profundas e em nos deixarmos ser tocados pelo próprio Deus, mistério de amor Totalmente Outro, e que está constantemente nos buscando em amor, justamente nos lugares onde sabemos que precisam ser curados.

Estranhamente, porém, acabamos assumindo uma postura de resistência e rebeldia. Em vez de buscarmos o toque curador de Jesus, escondemos nossas feridas na profundidade de nossa escuridão e nos escondemos no medo, sucumbindo, cedo ou tarde, para a dor. Tomados pelo medo de se apresentar e de enxergar quem verdadeiramente somos, acabamos permanecendo em nossa escuridão. Não nos abrimos para o amor que nos livra do medo e que cura nossa dor.

Em Halík, temos mais uma vez essa profundidade do encontro em que o nosso coração entra no espaço seguro do coração de Deus. Desta forma, “é apenas nesse espaço seguro de amor com uma pessoa se pode se tornar aquela pessoa que, até agora, ela só tem sido em potencial. Apenas agora ela pode realizar suas melhores possibilidades que, sem o amor, murchariam, secariam e morreriam ainda antes de brotar”³⁷⁹. Aqui faz reflexo o texto de João, “o verdadeiro amor lança fora o medo” (I Jo 4,18). Ao orar nos encontramos com o Amor e, somente imersos e acolhidos por este Deus que é amor, conseguimos ter a liberdade de sermos plenamente seres humanos. Como bem afirma Richard Foster, “o amor é a sintaxe da oração”³⁸⁰.

Nouwen caminha nesta mesma direção em relação a oração, compreendendo-a como um espaço profundo de comunhão e encontro com Deus. Reconhece que é no encontro e no contato daquele que é Amor, como afirma João – “Deus é amor” (I Jo 4,8) –, que se faz esse movimento de abertura profunda e

³⁷⁸ NOUWEN, Henri. Oração, p. 15.

³⁷⁹ HALIK, Tomas. Quero que Sejas, p. 89.

³⁸⁰ FOSTER, Richard. Oração: o refúgio da alma, p.20.

por perceber, assim, nossa própria vulnerabilidade. Estando na profundidade do amor, não haverá medo, assombro ou desespero, mas seremos e estaremos acolhidos pelo próprio Amor, habitando no coração de Deus. Como Nouwen mesmo destaca:

quando oro, entro na profundidade do meu próprio coração, no coração de Deus e no coração do mundo. Quando oro, entro na profundidade do meu próprio coração e aí encontro o coração de Deus, que me fala de amor. E reconheço, precisamente aí, o lugar onde todas as minhas irmãs e irmãos estão em comunhão uns com os outros. O grande paradoxo da vida espiritual é, de fato, que o que é mais pessoal é mais universal, o mais íntimo é o mais comum a todos, e o mais contemplativo é o mais ativo ³⁸¹.

Percebemos em Nouwen que a oração deve ser prática fundamental para o desenvolvimento da espiritualidade cristã. Será somente pela oração que haverá a conversão do nosso coração ao coração de Deus e o descentramento de nosso ser para uma entrega radical a Jesus. Sendo o/a orante uma pessoa que, neste caminho, percebe sua própria condição de fragilidade, acaba por ser acolhido/a por aquele que é amor não para um caminho de negação da vulnerabilidade, mas para perceber sua fragilidade como lugar da ação graciosa de Deus.

A oração deve ser elemento central e ser, então, acolhida como caminho diário e como fundamento para uma jornada de cura e de se tornar curador. Sobre esse caminho, Nouwen destaca dois aspectos indispensáveis: primeiro, sobre a necessidade de crer, pois, a oração é sempre ato de fé e de entrega, um entregar-se em confiança. E, segundo, “quem cura deve ser uma pessoa de oração”³⁸². Na sequência, teremos um caminho de profundidade e que apresentará um princípio fundamental neste caminho de descoberta e aceitação do mistério de Cristo no viver de cada pessoa,

sou tocado por essa interdependência entre quem cura e a pessoa que precisa de cura. Os que curam devem estar em comunhão com a fonte de toda a vida e cura, de modo que possam ser verdadeiros mediadores do poder de cura, que é maior que eles mesmos. As pessoas que buscam a cura devem entregar-se, confiando que quem cura pode de fato mediar esse poder de cura para elas. A humildade de quem cura e a fé do doente são centrais para o trabalho de cura ³⁸³.

Na citação acima, Nouwen nos parece apontar para um elemento central na oração: aquele que ora reconhece necessariamente suas limitações e fragilidades, não as nega e muito menos as esconde, mas as apresenta a Deus mesmo em

³⁸¹ NOUWEN, Henri. Mosaicos do presente, p. 18.

³⁸² NOUWEN, Henri. Diário, p. 153.

³⁸³ NOUWEN, Henri. Diário, p. 153.

oração, suplicando graças e pedindo que sua misericórdia possa alcançá-lo. Ao orar, há uma abertura solidária em nossa alma para reconhecer a dor do próximo. Nossa vida deixa de ser autocentrada e, pelo Espírito, tornamo-nos despertados para a compaixão. Pelo Espírito tornamo-nos semelhantes a Jesus e também sermos “movidos de íntima compaixão” (Mt 14,4; Mt 20,24; Lc 7,13), fazendo assim o movimento espiritual que Nouwen denomina de “da competição para a compaixão”³⁸⁴.

Percebemos o outro porque acolhemos nossa dor e condição, e nela nos deixamos ser tocados por Deus. Agora, sem medo de olhar para nossa fragilidade, podemos oferecer nossa vida como testemunho e oferta. Percebemos a graça divina que deseja nos tocar, nos acolher, cuidar e trazer cura. Assim, a oração é essa abertura de si mesmo para a acolhida de Deus, “é o lugar que lhe possibilita entrar em contato com sua condição de ser amado”³⁸⁵.

Sendo então oração esta abertura e confissão, “orar significa justamente ir ao lugar onde você possa dizer: ‘Deus, não estou satisfeito. Preciso de mais amor, e somente Tu podes me oferecer este amor’”³⁸⁶. Como caminho de abertura, a oração inicia o instante quando nos percebemos limitados e confessamos nossa debilidade, passando para a abertura e pela busca do Mistério para além de nós que, mediante a fé clamamos Aquele que está para além de nós. A canção *Quando a fé ruge*, do Teatro Mágico, dá-nos indicação desse expandir do coração na oração quando diz: “Quando há ferrugem, no meu coração de lata! É quando a fé ruge e o meu coração dilata”. Diante das oxidações do viver que acabam por nos deixar sem valia e em temor, como diz a canção, acabamos com um coração incapaz de expandir, enferrujado.

³⁸⁴ Este é o tema central do livro *Compaixão: uma reflexão sobre a vida cristã*. Partindo da verdade central da teologia cristã, que Deus é compassivo, ou seja, solidário com a nossa condição e radicalmente comprometido com nossa realidade. A partir dessa verdade central é apresentado a compaixão como elemento central da vida cristã que deve ser marca indelével em todos que professam a caminhada cristã e se deixam ser guiados pelo Espírito do Cristo. Neste sentido a “compaixão não é um traço do caráter individual, uma atitude pessoal ou um talento especial, mas um modo de vida em conjunto” (p.69). Assim, movidos pelo Espírito, somos conduzidos a deixar uma postura individualista e egocêntrica, que leva sempre a uma visão de competição e exclusão, para uma vida que nos faça reconhecer a condição humana que é comum a todas e todos, pois, a “compaixão significa uma imersão total na condição humana” (p.22). Desta forma reconheceremos a vulnerabilidade e a dignidade do outro por ter se encontrado primordialmente também com a nossa fragilidade. Cf. NOUWEN, Henri. et al. *Compaixão*.

³⁸⁵ NOUWEN, Henri. *Comunidade*, p. 237.

³⁸⁶ NOUWEN, Henri. *Comunidade*, p. 238.

Nesse sentido, a oração é esse momento de expansão, de dilatação. Instante capaz de fazer a pessoa deslocar-se e, dilatando-se, não permanecer ensimesmada, mas abrir-se ao outro. Aqui alcançamos esta realidade de perceber o outro e de estar sensível ao dom da comunidade.

4.2.2 Comunidade

Esse aspecto de pertencer a uma comunidade é um desafio cada vez mais complexo em nosso tempo. Estamos permanentemente expostos, constantemente disponíveis, sempre conectados nas múltiplas redes sociais, porém, permanecemos solitários. Como estabelecemos contatos superficiais em modelos de relacionamentos voláteis, acabamos buscando um modelo de vida digitalizada, revelando apenas nossa beleza, uma vida mediada por filtros.

Sendo Nouwen um homem também da modernidade, percebeu e experimentou diversos destes aspectos. Ele também enfrentou em sua história essa dinâmica de estar com muitas pessoas e com a possibilidade de diversas conexões, mas, ao mesmo tempo, com extrema dificuldade de se perceber e estar inserido em uma comunidade.

Como foi trabalhado no capítulo 2, no percurso biográfico, e neste capítulo, a partir do relato de seu diário no período de sua transição do universo acadêmico para a Comunidade Arca Daybreak, Nouwen foi um homem de realizações: era reconhecido e respeitado como professor, conselheiro e sacerdote. Tinha alcançado significativo prestígio e era buscado como alguém capaz de orientar sobre a espiritualidade. Porém, a busca por um lar permanecia em seu coração, pois “todos queremos saber o que significa pertencer a algum lugar”³⁸⁷.

Nouwen deixa claro que ele já falava sobre comunidade, humildade, acolhida desde os tempos em que lecionava, porém agora percebe que lhe faltava estar em comunidade. Faltava-lhe o movimento final que ele mesmo descreve como sendo “a jornada exterior para a comunidade”³⁸⁸, pois “a formação

³⁸⁷ NOUWEN, Henri. Comunidade, p. 167.

³⁸⁸ NOUWEN, Henri, Formação Espiritual, p. 34.

espiritual requer não somente uma jornada interior para o coração, mas também uma jornada exterior para a comunidade e o ministério”³⁸⁹.

Interessante notar que, para Nouwen, estar inserido na Comunidade Arca é este instante em que ele se percebe no umbral de modos de vida bastante díspares. Ele acaba percebendo que o modo como vinha conduzindo sua vida direcionada pelo fazer e se afirmar, tornava-o individualista e longe de casa³⁹⁰. Fazia-se necessário, então, permanecer em uma comunidade e se deixar ser tocado por ela. Ao descrever essa real situação de fragmentação, fica destacada a sua realidade quando diz que

a comunhão se torna visível, e um processo vivido em comunidade. Eu mesmo vinha falando muito sobre oração, sobre comunidade e comunhão, mas em meu íntimo sentia que não estava *vivendo* estas coisas. Nas universidades, às vezes é bem difícil realmente viver isso tudo. Você dá uma palestra sobre comunidade e, logo depois, volta para casa e começa a se sentir sozinho. Ou então fala sobre humildade, e logo em sequência pega-se imaginando o que os outros devem estar pensando a seu respeito ³⁹¹.

É então na realidade da comunidade que se iniciará o aprofundamento do que aqui denominamos como espiritualidade da fragilidade. Isso vai assumindo forma e continuidade em Nouwen, uma caminhada espiritual da “opacidade para a transparência”³⁹², do viver solitário para a vida partilhada onde se torna possível o encontro com as próprias limitações e vulnerabilidades. É a comunidade o lugar que possibilita suporte indispensável e cria ambiente seguro nesta caminhada de conversão que vai de “um coração de pedra para um coração vivo”³⁹³.

Nouwen denomina o seu próprio isolamento espiritual como "coração enrijecido". Esta nomenclatura é essencial, pois revela um ponto de virada importante, uma abertura de Nouwen à sua própria fragilidade e acolhimento de suas vulnerabilidades como uma nova forma de espiritualidade.

Quando habitados ainda por este coração de pedra, vivemos uma vida dominada pela autorrejeição, aprisionados pela competição e subjugados pela produtividade³⁹⁴. Nouwen explica que a autorrejeição nos impossibilita de amar verdadeiramente o próximo, pois ainda não nos sentimos alcançados pelo amor.

³⁸⁹ NOUWEN, Henri, Formação Espiritual, p. 35.

³⁹⁰ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 166.

³⁹¹ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 177.

³⁹² NOUWEN, Henri. Formação Espiritual, p. 43.

³⁹³ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 210.

³⁹⁴ NOUWEN, Henri, Comunidade. Este conceito é abordado em todo o capítulo 10. p. 213-252.

Assim, acabamos por ter uma imagem tão distorcida de quem verdadeiramente somos, que impossibilitamos a aproximação do outro, desenvolvendo um coração repleto de ressentimentos.

Na competição acabamos por permanecer presos na tentação de se comparar com os outros: queremos nos afirmar pela diferença que fazemos no mundo ou no desejo de acreditar o quão especial somos. Busca-se um lugar de acolhimento pela competição, porém, essa maneira de viver sempre será excludente, ou seja, anti-comunidade.

Por fim, o sentido da produtividade se dá quando queremos afirmar quem somos a partir do que produzimos. Tanto nossa pessoalidade quanto o valor do outro estaria ligado diretamente àquilo que se produz. Assim, relaciona então o sentido de utilidade e valor ao fazer do outro ou sobre modo de viver do outro. Nouwen mesmo define esse modo de viver como uma “institucionalização da vida”³⁹⁵.

Este modo de viver e ser enrijecido, nos torna incapazes de perceber a própria vulnerabilidade. Acabamos por permanecer tanto tempo distantes do viver em comunidade que esquecemos o sentido da vida e do amor que se apresenta como doação, como presença fiel e permanente daquele que constantemente fala: “eu sempre amei você, com amor infinito. Tenho olhado para você desde o início dos tempos. Sempre tive você em minhas mãos, Você é meu filho. Você é minha filha. Você é meu amado”³⁹⁶. Por estarmos com o coração enrijecido, perdemos a capacidade de escutar essa voz. Como passamos por longo tempo pautado pela produtividade, competição e imersos no medo da autorrejeição, acabamos por criar uma ideia de pessoa que, na verdade, nunca conseguiremos ser, pois é apenas ilusão.

Para Nouwen, “a comunidade é o lugar onde finalmente podemos entrar em contato com nossa verdadeira fragmentação”³⁹⁷. No contato com o outro somos rapidamente capazes de perceber suas deficiências e fragilidades, porém, quando em comunidade, acabamos por perceber que partilhamos da mesma condição e enfrentamos vulnerabilidades semelhantes. Faz-se caminho de encontro para dimensões da existência que estavam escondidas, ignoradas, senão

³⁹⁵ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 222.

³⁹⁶ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 181.

³⁹⁷ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 183.

silenciadas em nossa escuridão mais interior. A comunidade, então, nos possibilita enxergar o que, em geral, é ocultado de forma solitária, pois, conforme Nouwen destaca: “quanto mais eu pude penetrar na luz da comunidade, mais evidentes ficaram em mim a minha própria raiva, meus ciúmes e meu medo de ser rejeitado”³⁹⁸.

Aqui a comunidade toma dimensão de revelação, lugar capaz de trazer luz e encontro com nosso ser verdadeiro e de ser tratado por Deus, que nos sustenta e que é Amor. Desta forma, “a comunidade cristã é uma comunidade em que estamos sempre lembrando um ao outro sobre este amor primordial”³⁹⁹.

Nouwen destaca a profundidade da transformação, verdadeira metanoia, que acontece ao entrarmos em uma comunidade, dando o relato de sua experiência ao começar a participar de Arca. Assim ele descreve:

o que acontece é que, justamente no momento em que você se torna membro da comunidade, quando começa a formar amizades, quando cria uma profunda intimidade, sempre entra em contato com a fragmentação mais profunda que está dentro de você. Descobre suas feridas mais profundas. A comunidade tem o poder de expor suas dores. Só descobri isso depois de ter convivido alguns meses na L’Arche. Com seu espírito de abertura e seu jeito franco e direto de se expressar, as pessoas daquele ambiente tocaram minha sensibilidade, mas também tocaram em feridas profundas que eu havia escondido de mim mesmo em meio aos conflitos do cotidiano acadêmico. Quanto mais eu pude penetrar na luz da comunidade, mais evidentes ficaram para mim a minha própria raiva, meus ciúmes e meu medo de ser rejeitado ⁴⁰⁰.

A comunidade torna-se lugar onde conseguimos despirmo-nos de nossa armadura, de nossa dureza e, então, percebendo a própria nudez, poder tocar as feridas e confessar as fragilidades. Estamos expostos, mas não como motivo de vergonha, e sim para enxergar nossas semelhanças, oferecer nossas dores e feridas como parte de quem verdadeiramente somos. Assim, poderemos curar e sermos curados.

Isso se faz possível, pois nos percebemos amados, não julgados. Lugar onde a dor do meu semelhante se torna oportunidade da manifestação graciosa do dom, carisma em favor do outro, pois partilhamos da condição humana em sua profunda semelhança. Assim, a comunidade será lugar de perdão e cura: de perdoar a si mesmo e de perdoar o outro, de se perceber ferido para poder ser curado e ser canal de cura para outros.

³⁹⁸ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 183.

³⁹⁹ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 182.

⁴⁰⁰ NOUWEN, Henri, Comunidade, p. 183.

Neste mesmo sentido, Jean Vanier descreve em sua importante obra, *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, aspectos semelhantes e também de aprofundamentos desta dimensão da comunidade. Esse aspecto é fundamental, pois Vanier nos lembra que, sendo a comunidade esse lugar onde todos estão em processo de estar livres de suas máscaras e proteções, acabamos ferindo os outros com nossas atitudes ou com nossas falas⁴⁰¹. Assim, seria necessário desenvolver, na abertura contínua para a ação do Espírito Santo, o aspecto de “confiança mútua”, assim, é “no coração da comunidade que está a confiança mútua, nascida do perdão cotidiano e da aceitação das nossas fraquezas, das nossas pobreza e também das dos outros”⁴⁰².

Sendo a comunidade esse lugar de perdão, tornará possível a restauração e cura das fragmentações que carregamos na existência. A comunidade vive uma dimensão contínua de libertação da pessoa que antes se percebia excluída e permanecia na escuridão de suas dores e complexos por medo de julgamento e exclusão. Desta forma, “a comunidade é o lugar no qual cada pessoa se sente livre para ser ela mesma, expressar-se e dizer, com toda a confiança, o que vive e o que pensa”⁴⁰³. Claro que esse espaço não será um convite a viver de qualquer maneira. É espaço de confissão, contrição e perdão. Por isso, é lugar de conversão e de novo nascimento.

É na comunidade que se torna possível a conversão para um coração vivo, ou seja, capaz de autoaceitação, aberto à compaixão e repletos de fertilidade. Esta conversão deve permanecer no sentido de peregrinação, de abertura contínua para o outro e no sentido de busca espiritual permanente. Um coração vivo pode aos poucos tornar-se ressentido, frio e capturado pela produtividade. Desta forma, Nouwen destaca que a comunidade é o lugar para fazermos essa caminhada de conversão e peregrinação.

Aponta que não é uma caminhada fácil, pois ao percebermos a nossa condição de fragmentação, queremos intensamente negá-la, assumir uma postura de fuga para permanecer na ilusão de dar conta da própria existência. Mas é preciso permanecer ali, frente ao que verdadeiramente se é, percebendo as feridas, para que, no lugar do amor e diante da luz do Espírito, possam ser tocadas. Desta

⁴⁰¹ VANIER, Jean. *Comunidade, lugar de perdão e festa*, p. 56.

⁴⁰² VANIER, Jean. *Comunidade, lugar de perdão e festa*, p. 60.

⁴⁰³ VANIER, Jean. *Comunidade, lugar de perdão e festa*, p. 73.

maneira, a ideia de permanecer no caminho, de que esse processo por muitas vezes exigirá se deixar ser tocado nas feridas fica claro quando expressa o seguinte:

ainda estou no meio de uma trajetória. Não é como eu havia planejado, e agora tudo é maravilhoso. Na verdade, vir para a Arca abriu muita coisa que estou apenas começando a descobrir. Há muito a percorrer. Tenho uma incrível sensação de que sou chamado a estar aqui, mas também é o lugar mais difícil onde eu poderia estar⁴⁰⁴.

A vida espiritual exige, então, uma caminhada, estar em peregrinação. Perceber e estar atento aos movimentos do Espírito para, ao se deixar ser conduzido, ser por ele guiado e transformado. Desta forma, “permanecemos em movimento e discernimos continuamente as influências da atividade divina em nossa vida”⁴⁰⁵. Esta afirmação dá sentido a terceira promessa de Nouwen, de permanecer escrevendo, pois escrever torna-se uma ferramenta de orientação da peregrinação. Isto é o que veremos no tópico a seguir.

4.2.3 Escrita

A escrita de diários é uma prática desenvolvida por Nouwen que o acompanha antes mesmo dessa sua fase de transição, a qual estamos trabalhando. Ele considera esse ato de escrever diários⁴⁰⁶ como algo central na formação espiritual. É uma disciplina que se desenvolve como meio, lugar ou forma de permanecer na presença da Palavra Viva, para nesse lugar poder ouvir a Palavra e por ela ser transformado⁴⁰⁷. Nesse sentido, traz para si o mesmo caminho do salmista e se mantém nesta disciplina de busca pela palavra.

Como um jovem conservará puro o seu caminho? Observando a tua palavra. Eu te busco de todo o coração, não me deixes afastar dos teus mandamentos.

⁴⁰⁴ NOUWEN, Henri. Estrada para a paz, p. 195.

⁴⁰⁵ NOUWEN, Henri. Formação Espiritual, p. 11.

⁴⁰⁶ NOUWEN, Henri. Direção Espiritual, p. 130-139. Aqui Nouwen aponta a importância da “escrita espiritual” como processo de estar disponível e atento à Palavra, e de estar sensível para perceber a ação de Deus na própria história.

⁴⁰⁷ NOUWEN, Henri. Direção Espiritual, Capítulo 7. “Como ouço a Palavra?”. Neste texto, Nouwen apresenta a necessidade que temos de buscar a palavra e onde esta palavra pode ser encontrada. Assim, ele destaca a Palavra viva, a palavra escrita e a palavra falada. Porém, ele aponta para uma outra possibilidade, escrever a palavra.

Conservei tuas promessas no meu coração para não pecar contra ti. (...) Lembra-te da tua palavra a teu servo, na qual tu me fazes esperar. Esta é a minha consolação na minha miséria: a tua promessa me dá vida. (...) Como amo a tua lei! Medito-a todo o dia. Teu mandamento me faz sábio (...) Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o caminho ⁴⁰⁸.

Reconhecer a dependência que temos da Palavra Viva para a caminhada da vida é assumir nosso estado de miséria na ausência desta Palavra vivificante. Como humanos caminhamos sempre na esperança de uma palavra que está à nossa frente. Somos seres de esperança e que dependemos da palavra para iluminar nosso caminho. É na busca por essa luz da palavra que Nouwen se mantém ativamente como um buscador. Ele permanece na escrita, no exercício de se colocar diante da Palavra e usando a palavra humana como forma de revisitar seu dia e refletir sobre o viver, acessar seu eu profundo e poder estar atento à voz interior do amor.

Para tecermos esse contato, precisaremos destacar que a fé cristã está fundamentada em Deus que é Palavra, “no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1), conforme João narra no prólogo de seu evangelho. Essa Palavra que se revela a todas e a todos não é palavra distante nem muito menos ininteligível. Pelo contrário, se faz “luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo 1,9), ou seja, está ao alcance de cada pessoa, de todo ser. Passo ainda mais radical está narrado no evangelista quando afirma que a Palavra encarnou, assumiu a totalidade de nossa humanidade e realidade, assumindo nossa existência e historicidade. Jesus falou de Deus não como um intermediário. Ele falou de si, pois Ele é Deus, e do nosso jeito: a Palavra se fez linguagem humana, revelação plena de Deus, “o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que vem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e verdade” (Jo 1,14).

A beleza dessa afirmação está no compromisso mesmo de Deus em se doar. Em esvaziamento vem em nosso favor de forma a convidar cada pessoa a também falar. Somos seres de palavra porque Deus mesmo que se revela criando cada um de nós, é Ele mesmo Palavra primeira que tudo trouxe à existência. Palavra criadora que se faz audível, segundo o relato de Gênesis, em potência

⁴⁰⁸ Salmos 119, 9-11,49,97-98,105.

reveladora e poética do “Deus disse: Haja.”⁴⁰⁹. Deus-Trino poderia escolher outra forma de criar e se revelar, mas escolhe Ele mesmo a Palavra: “Deus disse” e a sua Palavra trouxe toda a existência. Assim, a palavra é o lugar escolhido por Deus de sua revelação tendo como Sua plenitude na Palavra encarnada, seu Filho (Jo 1.1), Jesus Cristo, Verbo que se fez carne.

Deus, que é Palavra, se faz revelar para a humanidade. Não diz palavra para além de nossa inteligência ou realidade. Não se faz escondido e nem se oculta: revela-se, doa-se. Não nos cria e se mantém distante e indiferente a nossa condição e drama, pelo contrário, sua voz permanece chamando a humanidade, homem e mulher, como fazia no Jardim: “Onde estás?”, “Que fizestes?”. Deus sempre é a palavra ativa que faz brotar de nosso interior esse desejo ontológico de responder. Queremos dizer o indizível de nossa sede, por isso, “a linguagem é o teatro de Deus”⁴¹⁰.

O texto aos Hebreus abarca essa realidade do Deus que se revela na palavra quando diz que “muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos” (Hb 1,1-2). Fica claro que Deus não está em silêncio, ele permanece falando por meio de Seu Filho que está conosco. Ele deseja ser ouvido, experimentado e ser feito palavra em nós e por nós, na tentativa de colocar essa experiência e presença em linguagem, em testemunho possível de ser partilhado. Aqui então faz-se conexão fundamental com a busca pela escrita e o estar sedento pela palavra em Nouwen.

Podemos perceber que, logo no início do Diário Amanhecer, Nouwen destaca esse chamamento para estar atento novamente a este fundamento da espiritualidade: o de escrever em diário como caminho para estar atento e voltar a perceber os movimentos íntimos do espírito. Assim, ele destaca com clareza sobre essa dimensão e o chamado para voltar à escrita em forma de diário, quando indica logo na introdução de suas anotações para aquele ano:

esta tarde ouvi algo semelhante a uma voz interior dizendo-me para começar novamente a ter um diário. Desde a minha viagem a América Latina, há quatro anos, eu havia deixado o ato de escrever diariamente. Mas, de repente, me ocorreu que este ano vai ser um ano de oração, de leitura e de escrita, enquanto

⁴⁰⁹ Indicamos aqui a leitura da narrativa da criação do Gênesis 1, quando Deus, pela força de sua Palavra, cria todas as coisas.

⁴¹⁰ MENDONÇA, José T. A leitura infinita, p. 23.

ouço cuidadosamente os movimentos íntimos do espírito e ainda luto com a questão “como seguir a Jesus sem reservas?”. Que melhor maneira para me manter em contato com a obra de Deus em mim que registrar o que me sucede dia após dia? Se este vai ser um ano de discernimento, um diário sincero poderá me ajudar, agora, tanto quanto no passado ⁴¹¹.

Há um retorno ao ato de escrever um diário, e, o objetivo se torna explicitado na mesma fala, manter-se em contato, permanecer refletindo na obra de Deus em sua própria vida. Fazer essas anotações diariamente torna-se caminho para a formação espiritual e para a percepção dos estados de flutuação do seu coração, para estar atento ao mover do Espírito. Uma forma de estar atento e plenamente presente para escutar a Palavra Viva lhe falando ao coração.

Conceito importante abordado por Nouwen é o de “documentação viva”⁴¹², ou seja, o ato de escrever não a partir de conceitos, roteiros ou elaborações teológicas, mas tendo como prática a escrita pessoal da própria caminhada, estar atento para os sentimentos e para aquilo que se vive. Colocar-se no mundo não de forma passiva e distante do próprio viver, insensível à presença da Palavra. Pelo contrário, é o exercício de escrever um diário, buscar perceber na vida mediante as experiências do viver real, ou seja, na alegria ou nos momentos de intensa noite escura, aquilo que se experienciou, quer seja o sentimento da ausência de Deus ou a certeza de sua presença.

Isso se torna claro quando Nouwen aponta a condição humana como lugar mesmo de se desenvolver uma espiritualidade madura. Neste sentido, destaca que “a autêntica vida espiritual se baseia na condição humana. A vida espiritual não é vivida fora, antes, depois ou além de nossa existência; ela só é real se vivida em meio às dores e alegrias do aqui e agora”⁴¹³. Em caso de negarmos a própria condição humana, ou seja, que a vida é permeada de alegrias e tristezas, dores e êxtases, conquistas e fracassos, estaremos fragmentados e distantes do lugar onde Deus mesmo quer se revelar: no chão da vida real.

⁴¹¹ NOUWEN, Henri. O Caminho para o Amanhecer, Trosly, França, quarta-feira, 13 de agosto de 1985.

⁴¹² NOUWEN, Henri, Formação Espiritual, p. 29. Henri Nouwen comenta sobre esse aspecto a partir de seus estudos sobre o pastor, psicólogo e teólogo Anton T. Boisen. Como a literatura de Boisen também tinha esse caráter de diário, de anotações e seu desenvolvimento textual ter um caráter “extremamente autobiográfico”. Boisen teve uma vida marcada por períodos que ele mesmo denomina de “anos de perambulação”, devido a crises e períodos de distúrbios mentais que sofrera. Assim, ao analisar seus escritos e perceber sua história de caminhada, ele percebeu que para se estudar a vida espiritual com Deus “não deve começar pela tradição ou com sistemas formulados em textos, mas com a mente aberta pela exploração da experiência viva e humana”.

⁴¹³ NOUWEN, Henri, Formação Espiritual, p. 28.

Para Nouwen, então, escrever um diário é uma disciplina espiritual, ato mesmo de *escrita espiritual*⁴¹⁴. Esse momento de escrita deverá acontecer de maneira livre, não roteirizada, mas como maneira de revisitar as dinâmicas do dia. Olhar atento sobre aquilo que incomoda, os desafios que estão para ser enfrentados, as alegrias e conquistas. Não são aspectos que devem ser contornados ou evitados, pelo contrário, devem ser trazidos à memória. Cada canto do nosso coração, todos os detalhes da nossa história, a integridade do nosso viver, como lugar de Deus. Lugar onde está falando e desejando ser ouvido.

Interessante destacar que Nouwen não enxerga esse exercício como sendo personalíssimo, tanto que estão publicados diversos de seus diários⁴¹⁵, mas percebe como sendo ato mesmo de oração e de experiência comunitária. A escrita torna-se oração, pois, como já apresentado neste capítulo, cria uma espécie de caminho para conduzir a mente e o coração para estarem diante do coração de Deus. O próprio Nouwen aponta que

a palavra escrita ajudou a criar um espaço onde gente diferente, que achava difícil identificar qualquer coisa duradoura nas suas impressões passageiras, poderia se reunir e acreditar nas próprias experiências. Essas palavras tornaram-se uma proclamação da presença fiel de Deus até mesmo ali, onde menos se esperava ⁴¹⁶.

Ao se colocar plenamente nesse exercício de escrever, promove-se um espaço real de abertura. Acabamos por olhar mais atentamente para nossa história e perceber a presença graciosa de Deus sempre ao nosso lado. Este olhar atento coloca a pessoa, como destacou Nouwen, “escrever me possibilitou isso. Colocou-me em contato com a unidade subjacente à diversidade e com a corrente sólida sob as ondas incansáveis. Escrever tornou-se a maneira de estar em contato com a fidelidade de Deus em meio a uma existência caótica”⁴¹⁷. O estado de entrega e atenção ao instante, à tentativa de analisar a profundidade dos sentimentos, a pergunta sincera sobre a ação de Deus ou por sua presença, cria condição para ouvir a Palavra Viva em nossa história.

⁴¹⁴ NOUWEN, Henri, *Direção Espiritual*, p. 137.

⁴¹⁵ Nesta dissertação, trabalhamos com mais atenção sobre o Caminho para Amanhecer, mas também estão citados durante o trabalho como fonte os diários, *A Voz Interior do Amor*; *Voar, Cair e ser Apanhado* e *Último Diário Sabático*.

⁴¹⁶ NOUWEN, Henri, *Direção Espiritual*, p. 132.

⁴¹⁷ NOUWEN, Henri, *Direção Espiritual*, p. 132.

4.3

Considerações preliminares

A opção de aprofundarmos a estrutura da escrita espiritual de Nouwen, especificamente o diário *O Caminho para o Amanhecer*, foi imprescindível para percebermos que a vida não está imune às crises e angústias, pelo contrário. A experiência de cada pessoa passa necessariamente pela vida real e cotidiana, permeada pelas alegrias e tristezas, dores e êxtases. Em meio ao cotidiano e no reconhecimento de nossas fragilidades e vulnerabilidades é que Deus permanece conosco, não indiferente, mas solidário a cada pessoa.

Vimos, então, por meio deste Diário, o relato profundo de Henri Nouwen em seu período sabático, momento em que ele buscou discernimento espiritual para decidir sobre como atender e permanecer fiel ao chamado de Jesus Cristo. É neste caminho, a partir da Comunidade Arca, Trosly, na França, que ele começa uma jornada de aprofundamento e interioridade, reconhecendo sua condição de fragilidade, suas vulnerabilidades, medos e angústias e, desta forma, se percebe verdadeiramente chamado a aceitar o convite para servir de forma definitiva como pastor na Comunidade Arca Amanhecer, no Canadá.

É neste lugar que Nouwen se reconhece, após muitos anos, como integrante de uma comunidade, membro de um lugar em que pode sentir-se em casa, seu verdadeiro lar. É neste mesmo lugar de segurança e acolhimento, onde não mais são necessárias as máscaras da produtividade e da busca pela perfeição, que Nouwen entra em contato com sua verdadeira interioridade e, reconhecendo sua debilidade completa e radical, se abre para uma nova dimensão da espiritualidade.

Neste caminho e para manter-se fiel ao seu chamado, Henri Nouwen estabelece para si próprio e nos sugere, como caminho de espiritualidade, três imperativos espirituais: a oração, como lugar de abertura e confissão de nossa fragilidade; a comunidade, como lugar seguro para nossa conversão e transformação, verdadeiro espaço de acolhimento e confronto, porém em cuidado e sem julgamento; e, por último, a escrita, como meio de estar atento à Palavra de Deus e sua ação em nossas vidas, ferramenta através da qual apresenta sua vida como testemunho vivo e revela a outros a história de Deus em favor de cada pessoa.

5

Espiritualidade da Fragilidade a partir de Henri Nouwen: acolher a condição humana como caminho de sentido e humanização

Nos capítulos anteriores, desenvolvemos um panorama de discussão acerca da Modernidade, aprofundando alguns elementos que nos ajudam a compreender os escritos e o contexto de Henri Nouwen. Além disto, a partir de seu panorama biográfico e de uma análise mais criteriosa de seu diário *Caminho para o Amanhecer*, ficou mais evidente como ele percebia e interagia com o mundo, com suas relações e buscas, e com o desejo de responder a Jesus, o que demonstrou um caminho de aprofundamento e de abertura para uma nova espiritualidade. Vimos como o sacerdote, em sua caminhada de vida pessoal, acadêmica e ministerial, buscou entender a profundidade de sua época e, ao mesmo tempo, a profundidade da humanidade. Nouwen faz esse movimento ao longo de sua história, criando raízes profundas após sua transição para a Comunidade Arca, acolhendo a sua condição humana e reconhecendo a fragilidade, tornando-se aberto ao mistério da graça presente em cada pessoa.

Assim, a clareza de sua busca é caminho fecundo para cada pessoa que se perceba também nesta caminhada. Nouwen não se apresenta como um sacerdote perfeito, como acadêmico infalível ou como pastor que tem o domínio sobre o Sagrado e todas as respostas para as perguntas acerca da vida e de seus dilemas. Pelo contrário, como vimos de forma mais aprofundada no capítulo anterior, Nouwen tem a ousadia de revelar a profundidade de suas angústias e dúvidas, mostrando que cada pessoa carrega em si a busca pelo incompreensível da vida e deseja saciar a sede pelo Mistério de Deus. Com grande sensibilidade ele consegue sintetizar e expressar esse sentimento de fragmentação que carregava dizendo que,

conforme falava, fui me tornando mais e mais consciente dos altos e baixos de minha jornada íntima, que tinha ocorrido enquanto viajava pelo mundo. Tinha tornado possível para mim identificar claramente quando tinha sido fiel e quando não. Houve dias que me senti muito ligado a Jesus – pensando, falando e agindo em comunhão com ele, Mas também houve dias em que me senti tão carente, distante, ansioso ou inquieto que Jesus parecia muito longe. Houve dias que eu pude falar alto e claramente sobre Jesus, e em que fui ouvido com grande atenção. Mas houve outros dias quando eu parecia ter perdido até a minha vida

espiritual íntima, e olhava com olhos ciumentos para aqueles que gozavam a boa vida sem o menor pensamento para Deus ⁴¹⁸.

A confissão do estado de frieza do coração, do sentimento de dúvida que carregava em sua alma e sobre a perda da vida espiritual íntima, é este estado claro de se perceber vazio e vulnerável. Porém, para Nouwen, a fragilidade humana compartilhada por todas e todos não é limite, não representa um empecilho para Deus ou uma espécie de obstáculo para sua habitação em cada pessoa. Como ele mesmo destaca, “o Senhor ressuscitado sempre nos mostra suas feridas”⁴¹⁹, ou seja, o próprio Jesus não rejeita sua condição humana, enfrenta a morte de cruz em obediência radical à vontade de seu Pai e, sendo feito Cristo, não rejeita suas feridas, mas as mostra como caminho de cura, sendo solidário a nossa condição e nossas dores. Deus escolhe fazer-se também frágil e decide partilhar conosco nossa condição. Assim, a fragilidade torna-se caminho para Deus e resgate de nossa humanidade.

Neste capítulo, iremos trazer os elementos que, a partir da literatura de Henri Nouwen, apontam os fundamentos para o desenvolvimento de uma perspectiva sobre a condição humana – não como peso, mas como lugar de dádiva – e sua relação com Deus, a Voz Interior do Amor. Esta dinâmica de aceitação de si e abertura para Deus é o caminho espiritual que denominamos de *Espiritualidade da Fragilidade*.

Perceberemos que se fará fundamental para esse caminho o [re]encontro com nossa humanidade para que possamos abandonar a imagem distorcida e ilusória que escolhemos acreditar: a imagem em que é possível ter, ser e possuir tudo e da forma que queremos, especialmente na Modernidade, com vimos no capítulo primeiro deste trabalho. Esse retorno ou acolhimento de nossa condição será, inevitavelmente, um momento de dor e crise, porém, possivelmente libertador. Como destaca Nouwen, saímos da desesperança e do medo, passaremos pela aceitação e acolhimento para, então, ouvindo a Voz do Amor, fazemos o caminho da angústia para a liberdade.

Passaremos, assim, por um aprofundamento dos conceitos e do que queremos dizer, na perspectiva da teologia cristã, quando apontamos a espiritualidade como caminho de sentido para a humanidade. Como destaca

⁴¹⁸ NOUWEN, Henri. Caminho para o Amanhecer, Paris, segunda-feira, 23 de junho.

⁴¹⁹ NOUWEN, Henri. Amanhecer, quinta-feira, 19 de dezembro de 1985.

Francesc Torralba, a “espiritualidade é inerente à pessoa assim como é sua corporeidade, sua sociabilidade ou sua natureza emocional. Nenhum ser humano pode viver sem esta dimensão, especialmente se lida com profundas motivações e convicções”⁴²⁰. Assim, a percepção, acolhida e posterior desenvolvimento desta abertura espiritual é o caminho da espiritualidade.

Na sequência, faremos o desdobramento de uma fala que é central em Nouwen, que é fruto de uma reflexão anotada em seu último diário, no qual ele aponta o eixo teológico central por onde precisamos nos orientar para desenvolvermos com profundidade a espiritualidade da fragilidade, o mistério da encarnação.

A partir de seu pensamento, fica evidente esse movimento de ir onde há fratura e solidão com um coração compassivo, convertido e que se percebe vulnerável. Perceber e afirmar a presença de Deus onde existe a fraqueza e a fragilidade é movimento primeiro de conversão e acolhimento de nossa condição e, ao mesmo tempo, um movimento contracultural e contra os discursos religiosos da afirmação de um “Deus poder”.

Assim, ao olhar os escritos pastorais e de espiritualidade de Nouwen, perceberemos os apontamentos para aspectos teológicos fundamentais para o conceito do que aqui se denomina “espiritualidade da fragilidade”. Este mestre da espiritualidade afirma que é necessário ter abertura para perceber esse lugar de fragilidade, onde Deus escolhe ser menino, pois “um menino nos nasceu”. Deus não se revelou pelo poder, nem como imposição sobre nós, antes, faz caminho de esvaziamento de sua glória e nos convida a desenvolver uma relação. Assim, com a sensibilidade característica ao estilo dos salmistas, ele anota o seguinte em seu diário:

percebo que a única maneira de ficar bem em meio aos vários ‘mundos’ é não abandonar a criancinha vulnerável que vive em nosso coração e em cada ser humano. Muitas vezes não sabemos que o menino Cristo está dentro de nós. Quando o descobrimos, podemos realmente nos regozijar ⁴²¹.

Nouwen escreve sobre a necessidade de se reconhecer pequeno, humilde e frágil para então se abrir para Deus e para o outro. Um deslocamento da lógica do domínio e poder para o sentido do serviço e acolhimento em compaixão. Ele faz um movimento de abertura profunda à vida no Espírito de Jesus. Nouwen aqui

⁴²⁰ TORRALBA, Francesc. *Inteligência Espiritual*, p. 51.

⁴²¹ NOUWEN, Henri. *Diário*, p. 103.

olha para o diálogo de Jesus com seus discípulos e se vê movido a acolher a criancinha. Percebe naqueles discípulos o mesmo sentimento que é comum aos corações humanos: o desejo pelo poder. Jesus, porém, frente a disputa de seus discípulos para afirmar quem era o maior, ensina-nos: “se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus” (Mt 18,3). Permanecer nesse caminho é se desprender do desejo pelo poder e afirmação de privilégios, e acolher o caminho de ser pequeno, vulnerável e frágil, pois “aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus”(Mt 18,4). Assim, Nouwen aponta que é fundamental perceber, reconhecer e acolher a profundidade de nossa fragilidade.

5.1

A busca pelo sentido: o caminho da espiritualidade

Estamos em tempos de efervescência sobre a temática da espiritualidade. Isso começa a se tornar nítido quando acessamos páginas de pesquisas na internet ou a busca em livrarias e lojas virtuais e nos deparamos com uma infinidade de livros, revistas e artigos sobre o tema. Aparentemente, apresentar-se como alguém espiritualizado é bem diferente de se apresentar como um religioso. Essa abertura à multiplicidade de experiências e de forma a atender às demandas e gostos pessoais tem forte característica deste tempo de pluralidades e, como já dito no capítulo 2, por ser um tempo metamórfico.

Francilaide Ronsi nos apresenta uma perspectiva importante sobre a abertura humana para a transcendência, destacando que, mesmo com o mal-estar religioso, permanece o desejo e a busca do indivíduo pela Realidade Última. Assim, “a procura por essa experiência consiste na ‘sede’ que é comum a todos os seres humanos, a cada um busca saciá-la de uma maneira ou de outra. Ninguém escapa a necessidade de sentido”⁴²². Enquanto humanos, colocamo-nos em busca e procuramos pela experiência que possa satisfazer essa sede de sentido.

⁴²² RONSI, Francilaide Queiroz. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 47.

Desta forma, fazem parte da existência humana as perguntas por sentido e sobre a existência. Conforme vamos alcançando certa clareza e consciência de que somos seres históricos⁴²³, de que dependemos dos laços sociais e familiares⁴²⁴, que em certa medida podemos modificar a realidade, vamos buscando os motivos da vida e da existência. Parte da afirmação do ser está na busca por colocar-se e por participar ativamente na construção de caminhos e possibilidades para nossa existência e de nossa relação com os outros. Acabamos por nos perceber indivíduos com o legítimo desejo de ser aceitos, fazer história, reconhecer e ser reconhecidos. Desejamos o olhar do outro e queremos também olhar. Enquanto humanos queremos entender os motivos e o sentido da vida. Neste sentido, faz-se fundamental destacar Ricardo Barbosa ao dizer que,

A comunhão só é possível entre pessoas que no ato de compartilhar exercem a caridade; isto pressupõe a individualidade de cada pessoa, pois só compartilhamos o que somos. Se alguém teme ser rejeitado não se abrirá para a comunhão e a caridade, tornando-se um escravo de si mesmo. Não alcançará a felicidade. Se falharmos na transcendência de nós mesmos para alcançarmos a comunhão, iremos falhar na compreensão de nossa individualidade, liberdade e criatividade. Ou seja, falhamos em nos tornar pessoas ⁴²⁵.

Em Frei Betto há um destaque indispensável, a saber, que “nenhum ser humano cabe em si mesmo. A inata vontade de transcender-se está diretamente relacionada à possibilidade de transgredir os limites subjetivos e objetivos que o cercam”⁴²⁶. Esse não caber em si, aponta para as perguntas sobre questões que estão para além da nossa realidade do viver e do sentido da vida. É constitutivo da condição humana esse desejo por respostas sobre aquilo que está para além de suas possibilidades. Perceber-se vivo e que a vida nos convida a ser coautores de

⁴²³ RUBIO, Alfonso Garcia. Unidade na Pluralidade, p. 390-437. Neste capítulo em específico, *A realização temporal-histórica do ser humano, empenhado na transformação do mundo cultural*, Garcia Rubio aponta uma clara visão sobre a historicidade do ser humano e sua relação com tempo, sentido e realização. Aponta como a realização da pessoa se faz no tempo e como a história da Salvação é a humanização do ser humano. Não temos, então, a pessoa deslocada de seu tempo e de sua realidade, mas que busca alcançar seu sentido vivendo na abertura do kairós, tempo de decisão e acolhida.

⁴²⁴ Sobre essa temática do ser humano como ser em relação indicamos os seguintes textos: RUBIO, Alfonso Garcia. Unidade na Pluralidade, p. 44-595. Outro texto RUBIO, Alfonso Garcia. *Evangelização e Maturidade Afetiva*; bem como, MERTON, Thomas. *Homem Algum é uma Ilha*. Destaque aqui para o importante texto *Crescer, Os três movimentos da vida espiritual*, de Henri Nouwen, em que o autor fará o caminho do ser humano em saída do isolamento de si para a busca por sentido que se dará em movimentos de procura, sendo o primeiro a procura do eu interior, passando pela procura pelo próximo e, chegando a procura por Deus. Se faz então um caminho de reconstrução de sentido a partir das relações que se tornam vivificantes e plenificadoras.

⁴²⁵ BARBOSA, Ricardo. *O Caminho do Coração*, p. 64.

⁴²⁶ BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*, p. 19.

nossa história, é caminho de espiritualidade. E a dádiva disso tudo é perceber que nossa existência, a condição humana, carrega abertura para a transcendência.

No entanto, para melhor compreensão do que compreendemos por espiritualidade, precisamos fazer um panorama sobre o seu sentido e alcance, buscando dirimir as distorções causadas pelo uso excessivo da palavra e seu emprego para além daquilo que o termo traz em sua origem.

5.1.1

Para um resgate do sentido da espiritualidade

No *Dicionário de Espiritualidade*, no verbete sobre espiritualidade, encontramos as seguintes possibilidades de conceituação: primeiro, “a qualidade do que é espiritual” (de Deus, dos anjos, da alma humana); segundo, “é o sinônimo de piedade realmente possuída” (de santo, até de qualquer um que tenha relações de serviço com o *divinum*, embora não cristão); terceiro, “é a ciência mesmo que estuda e ensina os princípios e as práticas dos quais se compõe aquela dada real piedade, aquele dado serviço”⁴²⁷.

Corremos o risco de, partindo somente destas definições apontadas, restringir a espiritualidade aos dados da religião ou mesmo de apenas um determinado grupo especial de pessoas, fortalecendo a impressão de que a espiritualidade poderia ser um caminho de fuga da realidade humana e histórica, tentando afirmar uma prática separada da vivência humana concreta.

Sobre esse risco de descolamento da espiritualidade com a vida real, Jon Sobrino nos aponta que a “espiritualidade não é senão o espírito do indivíduo, pessoal e grupal, enquanto relacionado com a realidade”⁴²⁸. Precisamos perceber e reforçar essa dinâmica de interação com a realidade, afirmando a indivisibilidade da vida concreta das dinâmicas da espiritualidade. Uma replicação alienante e de fuga carece, assim, de fundamentos básicos. Nouwen reforça esse

⁴²⁷ CAPRIOLI, M, p. 897.

⁴²⁸ SOBRINO, Jon. *Espiritualidade de Libertação*, p. 23.

mesmo olhar quando aponta que “a vida espiritual autêntica encontra sua base na condição humana, a qual todas as pessoas – cristãs ou não – têm em comum”⁴²⁹.

Sobrino reforça que “essa qualidade de ‘ser-humano-com-espírito’, que responde ao que a realidade tem de crise e de promessa e que unifica os diversos elementos da realidade para que esta seja, efetivamente, mais promessa do que crise, é o que chamamos de espiritualidade”⁴³⁰. Temos, então, um apontamento da espiritualidade como sendo esse sentido de ação para modificar a realidade. Não um posicionamento de fuga e descolamento da vida real, mas aprofundamento e comprometimento de transformação da realidade.

Importante afirmação faz Perissé sobre essa presença dentro de cada pessoa, quando aponta que “espiritualidade consiste em tudo aquilo que fazemos com o fogo que arde dentro de nós”⁴³¹. Neste sentido, a forma como alcançamos esse valor para além de nós mesmos, como buscamos preencher esse sentido e de como orientamos nosso modo de ser, como desenvolvemos nossa relação com o mundo e com as pessoas é o que se pode compreender como espiritualidade.

Assim, conforme caminhamos pela vida, “temos consciência de que em nós existe ‘algo’ imaterial que confere à nossa existência um valor inestimável”⁴³². Neste sentido, as perguntas sobre as questões da vida se colocam continuamente como fontes impulsionadoras e vivificantes. Quando questionamos, colocamo-nos como buscadores. Somos como sedentos por saber-se vivos e por querer experimentar uma vida que vá além do que percebemos: somos seres de transcendência, buscamos sentidos para além de nós.

Nesta mesma direção, Castillo afirma que “por mais avançada que seja ou esteja uma sociedade ou um país, as pessoas experimentam a iniludível necessidade de encontrar um sentido para a vida”⁴³³. Desta forma, fica claro que as condições de desenvolvimento, seja ele qual for, não apagam a necessidade de sentido ou o desejo de transcender no humano.

A busca por sentido, por este direcionamento da vida, sinaliza na pessoa o amadurecimento da capacidade de questionar sua realidade e questionar sua

⁴²⁹ NOUWEN, Henri. Tudo se fez novo, p. 21.

⁴³⁰ SOBRINO, Jon. Espiritualidade de Libertação, p. 60.

⁴³¹ PERISSÉ, Gabriel. Educação e espiritualidade. p. 12.

⁴³² PERISSÉ, Gabriel. Educação e espiritualidade. p. 11.

⁴³³ CASTILLO, José Maria. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 83.

situação⁴³⁴. Assim, a espiritualidade reflete essa abertura para a busca, que se fará a partir de indagações reais e profundas de seu interior que buscam ressonância com essa transcendência que a faz colocar-se em movimento. Passa-se não mais a decidir de forma aleatória, mas orientada por um espírito, o que, de certa forma, irá direcionar os valores e desejos e as ações do indivíduo.

Nesse bojo, Pagola afirma que

a espiritualidade, num sentido mais amplo, consiste realmente em viver com espírito, não de forma inconsciente, automática e vazia, programados a partir de fora por modas ou orientações alheias ao profundo de nosso ser. [...] da mesma forma com que o espírito vai inspirando e impregnando os projetos e os compromissos de cada pessoa, da mesma forma será sua espiritualidade. Pode-se viver com o espírito franciscano ou com o espírito capitalista⁴³⁵.

Como podemos observar, Pagola destaca esse aspecto fundamental de, enquanto humanos, somos seres orientados por um “espírito”. Assim, o caminho de desenvolvimento da espiritualidade é o mesmo para um viver consciente e orientado para um sentido de vida.

Desse modo, temos uma abertura para o transcendente⁴³⁶, uma sede, uma busca que pode até poderá ser silenciada e ignorada, pois a Voz do Amor é convite e graça, não uma imposição. Porém, como afirma Pagola, há uma impossibilidade humana de se viver sem espírito. Quando a pessoa não está consciente de seu sentido e despertado de seus compromissos, acabará por ser levado pelo espírito do seu tempo.

Essa importante visão é também trazida pelo filósofo Alfonso López Quintás ao destacar que a vida espiritual não se dá de forma automática, como a vida biológica⁴³⁷. Mesmo que cada pessoa traga em si esse espírito e a necessidade de transcendência, faz-se necessário o desenvolvimento e a escolha de um modo de viver. Neste sentido, Quintás faz importante alerta dizendo que precisamos

dedicar tempo moldando nossa atividade pessoal não é um luxo; é uma necessidade primordial que não podemos deixar de lado sem nos expormos a perder nosso norte e adotar atitudes que bloqueiam nossa personalidade e, finalmente, a destruam. O objetivo desse treinamento não é aprender coisas novas, mas decidir orientar e vida em direção ao verdadeiro ideal. O ideal não é

⁴³⁴ RUBIO, Alfonso Garcia. A caminho da maturidade na experiência de Deus.

⁴³⁵ PAGOLA, José Antonio. Anunciar Deus hoje como boa notícia, p. 181.

⁴³⁶ Para saber mais, sugerimos as seguintes leituras: BARBOSA, Ricardo. O Caminho do Coração; BOFF, Leonardo. A Trindade e a Sociedade.

⁴³⁷ QUINTÁS, Alfonso López. Llamados al encuentro, p. 9.

uma mera ideia; é uma ideia motriz, uma ideia que incorpora grande valor, valor supremo, que coroa todos os outros e os monta, como uma chave de cofre ⁴³⁸.

Note que, para Quintás, a espiritualidade acontece na escolha consciente da pessoa, tendo como risco real a perda de quem se é por não fazê-lo. Assim, o desenvolvimento da espiritualidade passará por um processo passivo e ativo ao mesmo tempo: passivo no sentido de o espírito, o desejo para a transcendência ser presença em cada pessoa, assim, convite de abertura; ativo no sentido de que, como fica destacado pelo filósofo, cabe a cada pessoa o passo de abertura e acolhida⁴³⁹, deixar-se ser orientado por esse espírito.

Aspecto fundamental que se faz necessário reforçar, segundo Castillo, é que afirmar a espiritualidade não significa dizer abandonar ou negligenciar qualquer outra dimensão humana. Assim, precisamos afirmar e compreender que “a espiritualidade abarca toda a vida da pessoa. Não somente seu ‘espírito’, mas também seu corpo; não somente sua individualidade, mas também suas relações sociais e públicas”⁴⁴⁰.

Ter a clareza desse aspecto se faz fundamental para a superação do dualismo antropológico, que busca dividir o humano em duas naturezas em oposição, carne e espírito, ao invés de uma visão integradora da condição humana⁴⁴¹. Assim, Castillo aponta o desenvolvimento da espiritualidade como caminho de sentido e humanização, portanto, como dimensão fundamental, pois

vivendo intensamente a espiritualidade, vamos realizar-nos em plenitude e seremos mais plenamente nós mesmos. Ou, dito de outro modo, a espiritualidade, bem entendida e mais bem praticada, nos leva diretamente ao êxito de nossa humanidade e, por isso mesmo, a preencher a cumprir nossas aspirações mais profundas ⁴⁴².

Para desenvolver o potencial de espiritualidade humana, será necessário acolher a dimensão espiritual como abertura e se deixar orientar por esse espírito, como sendo força e presença para além de nós mesmos, fonte de valor⁴⁴³ e sentido

⁴³⁸ QUINTÁS, Alfonso López. Llamados al encuentro, p. 10.

⁴³⁹ QUINTÁS, Alfonso López. Llamados al encuentro, p. 11.

⁴⁴⁰ CASTILLO, José Maria. Espiritualidade para Insatisfeitos, p. 17.

⁴⁴¹ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema sugerimos a leitura de, RUBIO, Alfonso Garcia. Unidade na Pluralidade, em especial a Parte 1 da obra, onde o autor trabalha sobre a pluralidade da compreensão sobre o ser humano na atualidade e a como iniciar o caminho de superação de uma visão dualista para uma visão de integração-relação do humano.

⁴⁴² CASTILLO, José Maria. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 18.

⁴⁴³ Segundo TORRALBA, “os valores não são coisas para se possuir, não são objetos que se possam avaliar, medir ou quantificar. Não são tampouco propriedades ou bens materiais. Não se encaixam na lógica do ter. Fazem parte do ser do indivíduo, de sua natureza mais íntima, embora

último do viver. Perceber este espírito e permitir-se ser moldado por ele é um movimento consciente⁴⁴⁴.

Esse aspecto também é captado por Nouwen quando nos alerta sobre o perigo de buscar uma espiritualidade alienante. Ele destaca que “a vida espiritual não é uma vida antes, depois ou além da nossa existência cotidiana. Não; a vida espiritual só pode ser real quando vivida em meio às dores e alegrias daqui e agora”⁴⁴⁵. Desta forma, uma espiritualidade madura será necessariamente comprometida com toda a existência humana, assumindo em seu percurso as múltiplas demandas e desafios de nossa humanidade.

Outra importante contribuição sobre a espiritualidade é trazida pelo pastor e teólogo Eugene Peterson, quando aponta para essa dimensão de integralidade. Ele argumenta sobre a atenção que se faz necessária para direcionar o modo de viver de forma a expressar a singularidade e a beleza de nossa interioridade, e fazer esse encontro com nossa pessoalidade, lugar fecundo para o outro. Assim, para ele,

espiritualidade é a atenção que dispensamos a nossa alma, ao interior invisível de nosso viver, o eu constitui o cerne de nossa identidade, essa alma feita à imagem de Deus que compreende nossa singularidade e glória. Espiritualidade é a preocupação que temos pela invisibilidade inerente a cada visibilidade, pelo interior que fornece conteúdo de cada exterior. Necessariamente, ela lida muito com interioridade, com o silêncio, com o isolamento ou solitude. Leva extremamente a sério, o mais que pode, todas as questões da alma⁴⁴⁶.

Estas referências são pilares da compreensão que desenvolvemos sobre a espiritualidade. Seguindo a pista de Eugene Peterson, ao destacar que a espiritualidade tem seu cerne na nossa identidade feito à imagem de Deus, passamos para o entendimento da espiritualidade cristã. Ou seja, a acolhida de Deus em nós, na pessoa do seu Espírito que nos dá vida e nos chama, que nos capacita ao viver de Jesus Cristo.

5.2

Espiritualidade Cristã: a vida no Espírito

nem ele mesmo a conheça. São a forma desse ser, aquilo que molda a sua personalidade”. Cf. O valor de ter Valores, de Francesc Torralba, p. 21.

⁴⁴⁴ Sobre a relação de valores, consciência e de como podemos associar esse campo nos estudos da espiritualidade, sugerimos a importante leitura de *O valor de ter Valores*, de Francesc Torralba.

⁴⁴⁵ NOUWEN, Henri. Tudo se fez novo, p. 25.

⁴⁴⁶ PETERSON, Eugene. Espiritualidade Subversiva, p. 17.

A teologia cristã afirma a presença do Espírito em cada ser humano, sendo este o Dom da vida, presença criativa e impulsionadora em cada pessoa. Afirma também o ser humano como criatura, como imagem e semelhança de Deus⁴⁴⁷. Este Deus é quem se dá a revelar de forma plena em Jesus Cristo (Jo 1,1-18) que, habitado e conduzido pelo Espírito, vive em perfeita relação com Deus. Esse aspecto é central para a espiritualidade cristã, pois “a comunidade cristã afirma, não simplesmente que Deus fala através do humano Jesus, mas antes que Deus se tornou carne na própria pessoa de Jesus”⁴⁴⁸.

Importante afirmar esta dimensão da presença do Espírito em cada pessoa para a correta compreensão da espiritualidade cristã. Como destaca Jürgen Moltmann, “toda a carne mortal é preenchida com a vida eterna de Deus, pois o que vem de Deus é divino e eterno como o próprio Deus”⁴⁴⁹. Assim, a presença vivificante do Espírito é a afirmação mais sublime da dignidade de cada pessoa e, ao mesmo tempo, convite e desejo para a comunhão com Deus, por meio de Cristo. Assim, ao olhar para a vida plenamente humana de Jesus, somos levados pelo Espírito Santo a crer e acolher no mistério da encarnação, Deus entre nós e em semelhança radical conosco, e reconhecendo nele caminho de vida e aceitando seu convite para um viver em plenitude. É, pois, vivificado pelo Espírito de Deus que é possível, segundo Moltmann, viver como nova criatura e experimentar um novo estilo de vida. Assim,

A nova espiritualidade abarca a vida inteira, não apenas suas facetas religiosas, que eram chamadas de “vida de fé” ou “vida de oração”. Toda a vida que se vive é tomada pela força vital de Deus e vivida “diante de Deus”, porque vive “a partir de Deus”. Aquilo que chamamos unilateralmente de “orar” abrange o júbilo e o lamento perante Deus e expõe diante de Deus a vida que vivemos e sofremos. Crer não é algo especial, separado, mas confiança vital que se articula em todas as expressões de vida. Por isso também podemos considerar essa nova espiritualidade um novo estilo de vida, uma *façon de vivre*⁴⁵⁰.

Para aprofundarmos ainda mais a questão da espiritualidade como força do Espírito que modificará a pessoa de forma integral, devemos lançar mão de

⁴⁴⁷ Aqui se faz fundamental a afirmação do relato da criação: “Deus disse: façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança. (...) Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher ele os criou”. (Gênesis 1,26-27). Destacamos aqui a fala de Moltmann quando aponta que “quem é a imagem de Deus? De acordo com as tradições bíblicas, a condição humana de imagem de Deus não reside na alma de cada um que se eleva acima do corpo. A imagem de Deus consiste em todas as pessoas em sua comunhão natural: “...criou-os macha e fêmea”. MOLTSMANN, Jürgen. A fonte da vida, p. 85.

⁴⁴⁸ SHELDRAKE, Philip. Espiritualidade e Teologia, p. 29.

⁴⁴⁹ MOLTSMANN, Jürgen. A fonte da vida, p. 21.

⁴⁵⁰ MOLTSMANN, Jürgen. A fonte da vida, p. 87.

Sheldrake, quando aponta que a espiritualidade cristã se dá em uma relação consciente, e que esta relação com Deus modifica profundamente a compreensão “sobre Deus, a pessoa humana, a criação e seu inter-relacionamento, (...), nos valores básicos e no estilo de vida”⁴⁵¹. Não existirá, portanto, uma espiritualidade cristã parcial ou descompromissada, mas sim uma atitude de completa conversão para o seguimento de Jesus e o caminho no seu Espírito. Assim, o autor destaca de forma contundente: “a espiritualidade é o todo da vida humana visto em termos de relação consciente com Deus, em Jesus Cristo, por meio da morada interior do Espírito e dentro da comunidade de crentes”⁴⁵².

A pessoa que se percebe habitada pelo Espírito e que ouve a voz do Cristo que a convida para o segmento do caminho de Deus, faz então experiência radical em sua interioridade que refletirá em todo seu modo de vida. A contundente fala de Castillo aponta essa dimensão, quando destaca que “nós cristãos, quando falamos de espiritualidade, estamos nos referindo à forma de viver daquelas pessoas que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus”⁴⁵³.

Não há possibilidade de entender a espiritualidade cristã sem um novo nascimento, uma conversão, ou seja, o fato de haver uma transformação pessoal para um novo viver. Como afirma o texto joanino, “quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3,3), e complementa, “o que nasce da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito” (Jo 3,6).

Assim, a espiritualidade cristã não se limita às dimensões interiores ou apenas estáticas, mas faz transbordar para o ordinário do viver, modificando a pessoa de forma radical. Faz eco aqui a potente fala do Apóstolo Paulo, “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

Há na afirmação paulina a certeza de ser habitado pelo Espírito de Cristo de forma a experimentar uma nova vida, completamente transformada e somente possível por e em Jesus. Porém, ao mesmo tempo, não é uma existência desconectada do tempo presente. Tendo a encarnação como paradigma da espiritualidade cristã, a pessoa que estiver vivendo no Espírito estará, por

⁴⁵¹ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia*, p. 52.

⁴⁵² SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia*, p. 53.

⁴⁵³ CASTILLO, José Maria. *Espiritualidade para Insatisfeitos*, p. 36.

consequente, comprometida com a vida e a história. Note que Paulo faz um caminho para mostrar que seu modo de viver já não está em suas mãos, “já não sou eu que vivo” (Gl 2,20), mas não afirma com isso o fim do viver, e sim o abrir-se para uma nova vida, a vida de Cristo, “Cristo vive em mim” (Gl 2,20b). Seu viver torna-se novo e pleno em sentido. Um viver comprometido com a vida de tal forma que vive pela fé que capacita para o amor-serviço. Como destaca Nouwen, “a vida espiritual não é uma vida antes, depois ou além de nossa experiência cotidiana. Não, a vida espiritual só pode ser real quando vivida em meio aos sofrimentos e alegrias do aqui e agora”⁴⁵⁴.

Ainda sobre esse aspecto fundamental das dimensões do viver que a espiritualidade deve estar comprometida, Castillo aponta que a espiritualidade cristã funde a causa de Deus com a causa da vida⁴⁵⁵. Afirma de forma contundente que “nós, seres humanos, encontramos a Deus na medida e somente na medida em que defendemos a vida, respeitamos a vida e dignificamos a vida”⁴⁵⁶. Desse modo, não há possibilidade de encontro com Deus que exclua a vida, resgatando a verdade de ser a vida em si sagrada e caminho para Deus. Logo, perceber, recuperar e afirmar esse comprometimento com um novo viver é fundamental para a verdadeira espiritualidade cristã.

Por isso, Castilho destaca sobre o sentido e razão da espiritualidade cristã: a vida. Não uma vida para além apenas, com vista a encontrar sentido somente no que está distante, uma alegria constantemente adiada. A verdadeira espiritualidade há de nos fazer perceber a necessidade de uma vida encarnada no mundo e comprometida com a realidade humana. Por isso, “nós cristão devemos crer e esperar a vida eterna, da mesma forma que temos de procurar defender a vida que Deus nos concede mediante sua graça”⁴⁵⁷. A esperança da vida eterna não nos retira do mundo, pelo contrário, deve nos inserir de maneira radical em testemunho, conforme a oração de Jesus ao Pai, “não os peço que o tire do mundo”(Jo 17,15a). E, complementando, pede: “como tu me enviaste ao mundo, também eu vos envio ao mundo” (Jo 17,18a).

⁴⁵⁴ NOUWEN, Henri. Tudo se fez novo, p. 25.

⁴⁵⁵ CASTILLO, José Maria. Espiritualidade para Insatisfeitos, p. 37.

⁴⁵⁶ CASTILLO, José Maria. Espiritualidade para Insatisfeitos, p. 37.

⁴⁵⁷ CASTILLO, José Maria. Espiritualidade para Insatisfeitos, p. 46.

Sendo Deus, o Deus Vivo⁴⁵⁸, Ele se revela sempre como Criador, como Deus da Vida⁴⁵⁹, assim, fonte de toda de vida e sustentador do viver de cada pessoa. É aquele que nos ama e está comprometido com a nossa salvação, a vida torna-se lugar especial de sua ação. Toda e qualquer forma de atentar contra vida humana é uma ofensa a Deus: negar a dignidade humana é negar a presença de Deus no meu próximo. Nouwen afirma o seguinte sobre o dom da vida e sobre a presença de Deus em cada pessoa: “o mistério da vida está no fato que o Senhor da vida não pode ser conhecido exceto no – e por meio do – ato de vida. Só podemos vir a conhecer a presença amorosa daquele que nos sustém na palma de Sua mão nos envoltimentos concretos e específicos da vida diária”⁴⁶⁰.

Importante reforçar que, conforme Castillo destaca, a espiritualidade cristã não será verdadeira, buscando como princípio: *a religião*, em seus múltiplos aspectos ou tentativas de mediação; nem *a ascética*, como proposta de se retirar do mundo e dos prazeres; na *virtude*, como caminho de ser virtuoso como afirmação mesma do mérito e do poder pessoal; ou mesmo da *perfeição humana*, no sentido de propor uma espiritualidade autocentrada e egoísta. O centro da verdadeira espiritualidade cristã deverá estar voltado para a pessoa de Jesus Cristo.

Nesse sentido, Catão destaca sobre essa dimensão da espiritualidade, tendo como centralidade a relação pessoal com Jesus. Isso é fundamental, pois não há espaço para deslocamento de interesses pessoais ou para um questionamento sobre conceitos. Isto posto, podemos perceber e afirmar que a espiritualidade cristã não está relacionada à defesa de uma ideia ou de uma filosofia. Está, sim, na dinâmica de uma profunda transformação do ser, ocorrida a partir do encontro pessoal que nos descentra de um isolamento estéril e egoísta, capacitando-nos a sermos fecundos no viver. Assim,

o que entendemos, pois, como espiritualidade cristã, mais do que uma via particular de realizar as mais profundas aspirações da pessoa e da comunidade humana, é a manifestação de que em Jesus somos todos chamados a sair de nós mesmos e ir ao encontro da Palavra de Deus que vem a nós, como dom do Pai, para nos comunicar seu Espírito. (...) Assim sendo, definida como acolhimento de

⁴⁵⁸ Sobre os desdobramentos e a importância do resgate de uma correta doutrina de Deus, recomendamos os textos de FELDMEIER, Reinhard; SPIECERMANN, Hermann. O Deus dos Vivos: uma doutrina bíblica de Deus. JOHNSON, Elizabeth A. A Busca do Deus Vivo.

⁴⁵⁹ Importante olhar sobre o tema do Deus da vida pode ser encontrado em GUTIERREZ, Gustavo. O Deus da Vida. Outro texto que se faz fundamental para a compreensão desta temática é o Capítulo 4, Deus libertador da vida, da obra de Elizabeth Johnson.

⁴⁶⁰ NOUWEN, Henri. Meditações. Número 39.

Deus em Jesus, a espiritualidade cristã é uma espiritualidade do encontro pessoal⁴⁶¹.

Ainda segundo Catão, é na experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo que o espírito do homem encontra-se com o Espírito de Deus, pois “na verdade, Jesus está vivo. O que nos une, de fato, e atualmente, a Jesus, como pessoa viva, é a comunhão no mesmo Espírito”⁴⁶². Assim, tomamos consciência da habitação do Espírito Santo e nos abrimos para uma vida completamente nova em Deus Pai. É, pois, na dinâmica vivificadora que o Espírito Santo faz transbordar, que somos conduzidos a participar por meio de Jesus Cristo no amor e graça do Pai, assim, tornamo-nos abertos para o outro e fecundos em amor. Importante destacar que

a vida espiritual cristã é a vida no Espírito de Jesus, que se traduz, concretamente, pelo seu segmento, em vista do Reino de Deus, cujo princípio animador é o amor. Amor concreto, que transfigura toda a vida humana, das pessoas e das comunidades, na história e na eternidade. Essa forma de conceber a espiritualidade cristã mostra que não se trata de uma espiritualidade entre muitas outras, mas da realidade que está na raiz de todas as espiritualidades humanas, pois a vida espiritual verdadeira é a vida em Deus, guiada pela sua Palavra, Jesus, e animada pelo seu Espírito⁴⁶³.

Quando abertos à dinâmica da habitação do Espírito Santo, somos transformados desde o nosso interior, abrindo-nos para a ação vivificadora de sua presença que, fazendo-nos crer que somos, verdadeiramente, filhos de Deus. Nesse caminho, vamos sendo transformados à semelhança da pessoa de Jesus e inseridos na dinâmica do amor de Deus. Esta dinâmica de abertura e escuta, de atenção aos movimentos do Espírito, é abordada por Eugene Peterson, ao destacar que,

a espiritualidade cristã não começa com o relato da nossa experiência; começa com o nosso ato de escutar Deus nos chamar, nos curar, nos perdoar. (...) A espiritualidade cristã, além de ser uma espiritualidade atenta, é uma espiritualidade que escuta⁴⁶⁴.

É no abrir-se para o Espírito em nosso ser que reconhecemos também sua dadivosa presença no outro e a reconhecemos como nosso irmão e irmã. Assim, como afirma Catão, “tendo sido enviado pelo Pai, Jesus Cristo, Palavra de Deus encarnada, preside esse processo que se desenrola na história, animado pelo

⁴⁶¹ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*, p. 28.

⁴⁶² CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*, p. 30.

⁴⁶³ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*, p. 37.

⁴⁶⁴ PETERSON, Eugene. *Espiritualidade Subversiva*, p. 42.

Espírito, que é amor, e que lhe dá cor e sentido aos olhos de Deus”⁴⁶⁵. Desta forma, Nouwen acaba por apontar que “a vida espiritual certamente é uma vida na qual somos elevados para nos tornarmos participantes da vida divina”⁴⁶⁶.

5.3

Percepções de Henri Nouwen sobre a espiritualidade cristã

Aqui se faz fundamental destacar a importante contribuição de Henri Nouwen no campo da espiritualidade cristã. Isso se dá ao fato de que, tanto como professor quanto sacerdote e pastor, a vida no Espírito e de como estar atento à Voz do Amor e ao seguimento de Jesus foram temas centrais de suas obras. Por esse motivo, mesmo após sua morte, seus escritos continuam sendo procurados e lidos, sendo reconhecido como um dos mais influentes escritores sobre espiritualidade do nosso tempo.

Como vimos nos capítulos anteriores, muito disso se dá ao fato de, ao falar sobre espiritualidade, Nouwen não se colocar como espectador, mas se apresentar como vivente e testemunha, oferecendo a partilha de suas fraquezas e percebendo em si mesmo suas contradições e vulnerabilidades, colocando-se desta forma em solidariedade com a dor do próximo e com a condição humana. Assim a vida torna-se lugar e caminho para que possamos nos lembrar de que somos plenamente amados por Deus.

A espiritualidade cristã deve ser entendida como vida no Espírito, de tal forma que, para Nouwen, “viver uma vida espiritual, na verdade, requer uma mudança de coração, uma conversão”⁴⁶⁷. Transformação que se dá no percorrer da vida, em toda sua dinâmica de dores e alegrias, como longo processo de humanização. Ou seja, o encontro mesmo com Deus em nossa interioridade, o lugar do amor.

Nesse sentido, é uma vida que, sendo guiada pelo viver de Cristo, se abre a sensibilidade do mover do Espírito, tomando consciência que o “Espírito de Deus nos dirige, cura, desafia e renova continuamente”⁴⁶⁸. A presença do Espírito

⁴⁶⁵ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*, p. 35.

⁴⁶⁶ NOUWEN, Henri. *Tudo se fez novo*, p. 55.

⁴⁶⁷ NOUWEN, Henri. *Tudo se fez novo*, p. 57.

⁴⁶⁸ NOUWEN, Henri. *Tudo se fez novo*, p. 59.

de Cristo é vivificante, “do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7,38), que proclama desde nosso interior a presença transformadora e curadora da Palavra, fazendo fecunda a esperança em nosso viver. Desta forma, somos impulsionados a viver na promessa do Cristo, “eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

A espiritualidade é esse modo de viver transformado, consequência da habitação do Espírito Santo e da abertura para sua ação transformadora. Somos moldados pelo Espírito para sermos semelhantes ao Filho, para a glória do Pai. Somos alcançados pelo Amor do Pai, por meio do Filho, e vivemos este amor no Espírito. Esse movimento de abertura, acolhimento e amor, molda-nos de tal forma que somos transformados à semelhança de Jesus.

Nouwen chega então à clareza inegociável desta fala, a “vida espiritual é aquela dirigida pelo Espírito de Deus, o mesmo que orientou a vida de Jesus”⁴⁶⁹. Porém, ele considera que carregamos uma ambiguidade em nosso interior: ao mesmo tempo que desejamos por vida, acabamos por permanecer dispersos e desatentos ao nosso interior. Isso se dá, pois queremos evitar e encarar a verdade de nossa escuridão e da necessidade de sermos transformados. Consequentemente, não buscamos criar espaço para Deus. Assim, Nouwen faz um alerta para que estejamos atentos, pois

como manter o contato com o Espírito, ouvir-lhe a voz e nos permitirmos ser guiados por ele? Nada disso é muito fácil em um mundo com tanta coisa acontecendo e com tantas vozes reclamando nossa atenção. Será que conseguimos criar um espaço para Deus em que possamos ouvir, sentir e experimentar o Espírito, e onde nos seja possível lhe responder? Há um espaço na nossa vida em que o Espírito de Deus tem a oportunidade de conseguir nossa atenção? ⁴⁷⁰.

Na concepção nouweniana, a espiritualidade deve ser percebida como atenção à vida interior que, necessariamente, se desdobra na existência. A vida no Espírito será, portanto, um viver transformado de maneira a tornar-nos semelhantes a Cristo em nosso ser, proceder e viver, consequentemente, tornando nossa vida plenamente humana. A vida espiritual torna-se essa abertura, lugar onde “o Espírito de Deus pode nos recriar como pessoas verdadeiramente livres”⁴⁷¹. Assim, em seu livro de cartas ao seu sobrinho Marc, Nouwen afirma que

⁴⁶⁹ NOUWEN, Henri. Uma Espiritualidade do Viver, p. 18.

⁴⁷⁰ NOUWEN, Henri. Uma Espiritualidade do Viver, p.18.

⁴⁷¹ NOUWEN, Henri. Tudo se fez novo, p. 22.

espiritualidade viva é mais que viver física, intelectual ou emocionalmente. Envolve tudo isso, mas é ainda mais amplo e profundo. Diz respeito ao centro de sua humanidade. (...) A vida espiritual tem haver com o “coração” da existência. (...) refiro-me, sim, ao centro do nosso ser, àquele lugar onde somos verdadeiramente humanos, reais. Nesse sentido o coração é o foco da vida espiritual⁴⁷².

A vida deverá ser percebida e assumida como o lugar da ação do Espírito de Deus e, assim, convite gracioso para sermos por ele conduzidos. Com Nouwen percebemos que “a vida espiritual é um crescimento para entrar em contato com o nosso ser interior, com o nosso próximo e com Deus”⁴⁷³. Um participar das dinâmicas vivificantes do Espírito que nos revela as possibilidades de uma nova vida em Cristo. O que, por conseguinte, não significará uma negação de nossa condição, mas um aprofundamento de nossa humanidade.

A vida no Espírito, então, segundo Nouwen, é um estar sensível e atento aos movimentos interiores do coração e de entrega voluntária à condução do Espírito em nossas vidas. De tal forma que “quando, na vida, firmarmos nossos corações no Espírito do Cristo, chegaremos a ver e entender melhor como Deus nos mantém na palma de sua mão”⁴⁷⁴. Há uma conversão acompanhada da confissão da necessidade humana de estar nas mãos de Deus e de como por ela somos sustentados.

A necessidade de conversão deve ser entendida em sua radicalidade, segundo Nouwen, pois não é possível viver no Espírito sem ser transformado pela presença de Jesus Cristo em nós. Ele mesmo destaca que “a conversão não é algo que você mesmo possa fazer acontecer. Não é uma questão de força de vontade. Você precisa confiar que a voz interior lhe mostrará o caminho”⁴⁷⁵. Frente a percepção de nossa sede interior, precisamos pedir: “dá-me de beber”. Há então esse movimento de entrega, de abrir-se para a novidade, de desejar e pedir pela presença do Espírito que possibilita um viver livre e com o coração centrado no Reino de Deus, pois, na visão nouweniana, “O Reino de Deus é, antes de mais, uma presença ativa do Espírito de Deus no nosso íntimo que nos oferece a liberdade por que realmente anelamos”⁴⁷⁶.

⁴⁷² NOUWEN, Henri. Cartas a Marc sobre Jesus, p. 11.

⁴⁷³ NOUWEN, Henri. Crescer. p. 12.

⁴⁷⁴ NOUWEN, Henri. Tudo se fez novo, p. 60.

⁴⁷⁵ NOUWEN, Henri. A Voz interior do Amor, p. 23.

⁴⁷⁶ NOUWEN, Henri. Mosaicos do presente, p. 48.

Não se deve, no entanto, entender a conversão como uma aniquilação do ser. É movimento libertador e abertura para a ação do Espírito e para o viver em Cristo, pois, “de alguma forma, é necessária uma mudança do coração, uma mudança que nos possibilite a experiência da realidade, da nossa existência do ponto de vista de Deus”⁴⁷⁷. Assim, a conversão é este movimento de todo nosso ser para o viver no seguimento de Jesus.

Perceber e se deixar conduzir na acolhida da vida no Espírito como lugar mesmo de encontro com a Vida, saindo do isolamento estéril do medo para a fecundidade e celebração do viver. Pois, conforme Nouwen destaca, “quando seguimos os movimentos internos da vida espiritual, somos continuamente guiados pelo Espírito de Deus para o coração, para o lugar onde podemos ser completos”⁴⁷⁸.

5.3.1

A vida espiritual: duas jornadas, muitos movimentos

Uma significativa contribuição de Henri Nouwen para o campo da espiritualidade cristã é sua compreensão acerca da dinâmica espiritual, na qual precisamos estar sempre atentos aos movimentos do Espírito em nosso interior. A partir de sua própria experiência, associada à sua sensibilidade como diretor e conselheiro espiritual de muitas pessoas, ele desenvolve o entendimento de que a “vida espiritual é uma jornada: uma jornada interior para o coração e exterior para a comunidade e o ministério”⁴⁷⁹.

Ao apontar a espiritualidade como jornada, Nouwen deixa clara a necessidade de se fazer caminho, de cada pessoa se colocar como buscador atento, pois, “para viver espiritualmente, precisamos procurar respirar no ritmo do Espírito e nos mover na direção de Deus enquanto enveredamos pelo caminho da fé”⁴⁸⁰.

⁴⁷⁷ NOUWEN, Henri. Mosaicos do Presente, p. 49.

⁴⁷⁸ NOUWEN, Henri. Formação Espiritual, p. 39.

⁴⁷⁹ NOUWEN, Henri. Formação Espiritual, p. 193.

⁴⁸⁰ NOUWEN, Henri. Formação Espiritual, p. 11.

Desta forma, para ele, a jornada espiritual deve ser compreendida a partir de aspectos relacionados ao interior e ao exterior. A primeira, a interior, nos conduz para o centro de nosso coração, que nos leva a encontrar Cristo que habita em nós. A segunda jornada nos permitirá sair de uma visão autocentrada e encontrar Cristo nas outras pessoas. Faz-se, então, primeiramente necessário o encontro pessoal com Jesus para, a partir do Cristo, centro mesmo da espiritualidade, percebermos sua presença em nosso semelhante. Nesse sentido, Nouwen é bem claro ao dizer que

é importante notar que a jornada interior precede a exterior. Espiritualmente, precisamos conhecer a nós mesmos e a Deus para podermos conhecer os outros. Precisamos amar a nós mesmos e a Deus para podermos amar as outras pessoas. A comunhão com ele precede a comunidade e nossa missão no mundo. Uma vez começada a jornada interior, poderemos nos engajar com o exterior e ir da solidão para a comunidade e o ministério⁴⁸¹.

Importante destacar que Nouwen entende que essa jornada não se dará de maneira linear, mas terá seu desenvolvimento entre várias oscilações e no enfrentamento real de nossas ambiguidades e polaridades. As jornadas se desdobram como “uma série de movimentos desta qualidade para aquela, de algo escravagista e destruidor para algo libertador e cheio de vida”⁴⁸². Na concepção nouweniana, a própria dinâmica da vida, em seus altos e baixos, coloca-nos constantemente em oscilações, por isso não devemos considerar que a jornada espiritual se dá por meio de estágios. Na verdade, os movimentos interiores se darão em ciclos e irão se repetir. Como carregamos em nosso interior “polaridades contraditórias que tentamos resolver”⁴⁸³, estaremos continuamente sendo conduzidos pelo Espírito a olhar para nosso interior, reconhecer nossas debilidades, para assim podermos nos tornar conscientes de nossas polaridades.

Em seu importante estudo sobre a obra de Henri Nouwen, Hernandez aponta que “a ideia de espiritualidade de Henri Nouwen está fundamentada na realidade do presente”. Neste sentido, para Nouwen, “a vida no Espírito representa nossa contínua resposta ao convite de Jesus para que entremos e abracemos uma vida íntima, frutífera e extasiada, nascida e nutrida não dentro do contexto do medo, mas do amor”⁴⁸⁴.

⁴⁸¹ NOUWEN, Henri. *Formação Espiritual*, p. 190.

⁴⁸² NOUWEN, Henri. *Formação Espiritual*, p. 193.

⁴⁸³ NOUWEN, Henri. *Formação Espiritual*, p. 204.

⁴⁸⁴ HERNANDEZ, Will. *A Spirituality of imperfection*, p. 63.

Essa visão sobre a vida espiritual como uma jornada do interior para o exterior, acontecendo como “movimentos transformadores”⁴⁸⁵ do Espírito, perpassa toda a obra e produção de Henri Nouwen, sendo uma marca presente e um estilo característico em seus escritos.

Sua obra mais marcante neste sentido, *Crescer: os três movimentos da vida espiritual*, aborda o caminho de, por meio do Espírito, estarmos atentos para essa polaridade interior e sermos conduzidos à transformação em movimento de saída, ou seja, a exterioridade. Assim, em *Crescer*, ele indica três movimentos interiores: *do isolamento para a solidude, da hostilidade para a hospitalidade*, e, por fim, *da ilusão à prece*. Por vezes, está presente em Nouwen apenas um movimento, como no caso das obras *A voz interior do amor*, como o movimento da angústia para liberdade; *Sinais de vida*, identificando o movimento do medo para a casa do amor; ou como em *Nossa maior dádiva*⁴⁸⁶, que se faz na abertura do envelhecimento para morrer bem. Ao todo, Nouwen identifica vinte e seis movimentos interiores, mas dentre estes, sete⁴⁸⁷ se sobressaem⁴⁸⁸.

Fica claro esse sentido da espiritualidade nouweniana como um ser conduzido à transformação pelo Espírito, e se deixar conduzido nesse movimento *de-para* ou *deste-para-aquele*, uma jornada contínua que nos leva sempre de encontro com nossa interioridade para a fecundidade da relação com Deus e com o próximo. É então somente na dinâmica da vida no Espírito que, segundo Nouwen, poderemos estar abertos à sua presença e, assim, perceber que “o Espírito é o alento de Cristo dentro de nós. É a ação divina de Cristo ativo dentro

⁴⁸⁵ NOUWEN, Henri. *Formação Espiritual*, p. 197.

⁴⁸⁶ NOUWEN, Henri. *Nossa Maior Dádiva*. Este é o tema central deste livro “não apenas viver bem, mas igualmente morrer bem” (p.15). Olhando para o inescapável do viver, o envelhecer e o morrer, Nouwen então faz a seguinte fala, “tornar-se amigo da morte é uma tarefa espiritual permanente, mas que, em todas as suas diferentes nuances, afeta profundamente nossos relacionamentos. Cada passo rumo a uma maior autocompreensão aproxima-nos mais daqueles com quem compartilhamos nossa vida. Quando aprendemos, com o tempo, a viver a verdade de que a morte não tem um aguilhão, então encontramos em nosso interior o dom de guiar os outros na descoberta dessa mesma verdade” (p. 55).

⁴⁸⁷ São estes sete movimentos: da opacidade para a transparência, da ilusão para a prece, da tristeza para a alegria, da mágoa para a gratidão, do medo para o amor, da exclusão para a inclusão, da negação para a aceitação da morte. A listagem das fontes primárias para se perceber estes movimentos pode ser encontrada em *A formação Espiritual: seguindo os movimentos do Espírito*, p, 207-211.

⁴⁸⁸ NOUWEN, Henri. *Formação Espiritual*, p. 199.

de nós. A misteriosa fonte de uma nova vitalidade pela qual nos faz entender que não somos nós que vivemos, mas sim Cristo que vive em nós”⁴⁸⁹.

5.4

Espiritualidade da Fragilidade: encontro e resgate de nossa humanidade

Em toda sua jornada como sacerdote e acadêmico, Henri Nouwen refletiu, escreveu, ministrou suas aulas como professor titular e foi convidado para ser orador de diversas conferências. Também era procurado como conselheiro e diretor espiritual. Desta forma, falar sobre vida espiritual, disciplinas espirituais e outros temas relacionados à espiritualidade era uma constante em sua vida.

Porém, como vimos no capítulo 3, *O Encontro com a fragilidade*, Nouwen se percebe chamado para uma nova direção em sua vocação e, após um período sabático, ele entende o chamado do Espírito e acaba aceitando ser pastor para dedicar-se à Comunidade Arca. Este período é fundamental para se perceber como pessoa e o aprofundamento da vida no espírito. Nesse período, infere-se que teve início o que apontaremos nesse estudo como espiritualidade da fragilidade.

Fato é que a mudança de Nouwen para a Comunidade Arca, seu novo estilo de vida e sua abertura mais profunda para o seu interior, permitiram-no experimentar a sensação de estar em um lar. Após muito tempo de vida acadêmica e ministério, sempre em uma vida agitada, e como ele mesmo destaca, “voltada para o fazer e às palavras”, pode descansar e baixar as barreiras da autoproteção. Frente a essa situação, pôde experimentar a profundidade de sua escuridão e a amargura de sua angústia e medo. O relato de Nouwen é claro sobre esse momento ao dizer:

Bem no momento em que todos ao meu redor me garantiam que me amavam, que se procuravam comigo e me valorizavam – e até mesmo me admiravam -, passei a me considerar uma pessoa inútil, carente de amor e desprezível. Justo no momento em que eles me acolhiam em seus braços, me deparei com a infinita profundidade de minha infelicidade humana, e senti que não havia nada que fizesse a vida valer a pena. Num momento em que já havia encontrado um lar, tive a

⁴⁸⁹ NOUWEN, Henri. Instagram, @henrinouwensociety, publicado em 18 de maio de 2025.

absoluta sensação de não ter um teto. Era um momento em que eu era elogiado por meus *insights* espirituais, mas me senti totalmente desprovido de fé ⁴⁹⁰.

Henri Nouwen estava se deparando com aquilo que ele mesmo classificou como “um grande buraco em seu ser, como se fosse um abismo”⁴⁹¹, e que, progressivamente, foi percebendo a profundidade deste abismo; ainda confessa que as suas “necessidades são inesgotáveis”⁴⁹².

Fato é que os movimentos do Espírito acabaram por conduzir Nouwen para uma profunda jornada interior, fazendo-o perceber a profundidade de seu ser e sua condição de dependência e fragilidade. Ele se percebeu completamente abandonado e em profunda crise espiritual. Em um ambiente de segurança e acolhimento, ele pôde “sentir o que não pudera ver e sentir antes”⁴⁹³, e o resultado foi que, conforme ele próprio destaca, “confrontei-me com uma pessoa muito insegura, necessitada e frágil: eu mesmo”⁴⁹⁴.

Mais uma vez com sua capacidade de revelar a profundidade de seu ser, de se colocar como testemunha viva da experiência e na caminhada com Jesus, Nouwen mostra que, como ele, somos frágeis e carentes. Importante mais uma vez reforçar a tendência que temos de considerar a espiritualidade como sendo um forma de ignorar ou negar essa realidade, mas, pelo contrário. A verdadeira conversão, possível somente com a vida no Espírito do Cristo, nos fará olhar para nossa condição de fragilidade não como lugar de sofrimento, mas de graça.

A partir do pensamento de Nouwen, fica evidente que carregamos uma fragmentação interior da “essência divina e a humana”⁴⁹⁵, e a vida espiritual é caminho de perceber essa condição e de se abrir para habitação e ação de Deus em nós, na nossa condição humana, e não apesar dela. Em geral, desejamos uma espiritualidade que nos distancie de nossa humanidade, como um caminho espiritual que tenha como pressuposto uma espécie de elevação, logo, sendo um distanciamento de si, do outro.

Nouwen aponta que esse caminho é equivocado e nos chama a perceber que “a vida espiritual não é uma vida que nos oferece alguns bons momentos entre

⁴⁹⁰ NOUWEN, Henri. A Voz interior do Amor, p. 14.

⁴⁹¹ NOUWEN, Henri. A Voz Interior do Amor, p. 20.

⁴⁹² NOUWEN, Henri. A Voz Interior do Amor, p. 20.

⁴⁹³ NOUWEN, Henri. Adam, p. 72.

⁴⁹⁴ NOUWEN, Henri. Adam, p. 72.

⁴⁹⁵ NOUWEN, Henri. A Voz interior do Amor, p.

muitos maus; ela é uma vida plena que transforma todos os movimentos em janela através das quais o invisível se torna visível”⁴⁹⁶. A integralidade de nossa existência é lugar de Deus, desta forma, não há uma só dimensão da existência humana que o Espírito de Deus não deseja habitar.

Como já destacado, Nouwen trabalha sempre em seus textos com a tensão humana de carregar em si uma natureza ambígua que queremos negligenciar. Temos esse desejo de nos agarrar com todas as forças as nossas potencialidades mais apresentáveis e belas, mas também queremos negar com todo nosso ser os nossos limites e carências. Essa dimensão é apresentada quando, por exemplo, ele destaca que

No mundo à nossa volta, faz-se distinção radical entre alegria e tristeza. As pessoas tem a tendência para dizer: “quando estamos alegres, não podemos estar tristes e, quando estamos tristes, não podemos estar alegres”. De fato, a sociedade contemporânea faz todo o possível para separar a tristeza da alegria. Por isso a tristeza e a dor devem ser evitadas a todo o custo, porque são o oposto da alegria e do contentamento que desejamos. A morte, a doença, as fraquezas humanas [...] tudo deve ser escondido do nosso olhar, porque são coisas que nos afastam da alegria porque anelamos. São obstáculos no caminho da nossa meta de vida⁴⁹⁷.

Trazer clareza a esse nosso desejo e tendência de negar a nossa fragilidade é tema central no discurso de Nouwen. Em sua caminhada como diretor espiritual, em sua vida pessoal, e como ele mesmo vai revelando em seus livros e Diários, queremos negar a nossa condição de perceber a morte, a doença e a fraqueza humana. Busca-se ocultar o inevitável da vida, mas sempre nos deparamos com as crises da existência e com a realidade de nossa impotência.

Sua visão de espiritualidade busca perceber com clareza a condição humana e nos convida ao acolhimento desta condição como sendo caminho fundamental para uma vida plena e cheia de sentido. Nouwen não tenta se desviar da fragilidade humana: a acolhe, percebe e a experimenta como lugar mesmo da ação de Deus, abrindo-se assim para a profunda e transformadora experiência de Deus.

Tendo essa clareza, a espiritualidade nouweniana vai acolhendo sempre essa dimensão de perceber a própria fragilidade e buscando desenvolver nova possibilidade de viver. Esse caminho, porém, far-se-á somente, segundo Nouwen, quando cada um abrir mão do desejo de controlar a própria vida.

⁴⁹⁶ NOUWEN, Henri. Formação Espiritual, p. 53

⁴⁹⁷ NOUWEN, Henri. Mosaicos de Vida, p. 33.

A fala de Jesus aqui deve ecoar quando ele diz “Quem acha a sua vida a perderá, mas quem, por minha causa, perde a própria vida a encontrará” (Mt 10,39), ou ainda, “quem tem apego a sua vida, vai perdê-la, quem despreza a sua vida neste mundo, vai conservá-la na vida eterna” (Jo 12,24). Há neste sentido a necessidade desse deixar-se morrer, ou seja, abandonar a ilusão e desejo que temos de controlar e determinar o que não temos possibilidade de fazer. Nouwen reforça essa dimensão da espiritualidade ao afirmar que

é preciso que você diga um absoluto “sim” para a sua fraqueza, para permitir que Deus o cure. Mas não se trata, na verdade, de dizer *Primeiro, eu...* e *E então, eu...* Na sua disposição de viver a experiência de fraqueza já está incluído o início da rendição à ação de Deus dentro de você. Quando você é incapaz de sentir algo da presença curativa de Deus, o reconhecimento de sua fraqueza torna-se muito assustador. É como saltar da corda bamba sem ter uma rede de segurança para apará-lo. A sua disposição de abrir mão do desejo de controlar sua vida revela certa confiança. Quanto mais você abrir mão de sua obstinada necessidade de manter o poder, mais próximo será seu contato com Aquele que tem o poder de curar e guiar você. E quanto maior seu contato com este poder divino, mais fácil será confessar sua fraqueza a si mesmo e aos outros ⁴⁹⁸.

Perceber nossa limitação e fraqueza, enfrentar nossas dores e sofrimento pode evidenciar que, como aconteceu em Henri Nouwen, somos “pessoa muito insegura, necessitada e frágil”⁴⁹⁹. Parar neste momento seria uma experiência paralisante e de profunda angústia⁵⁰⁰. Mas negar esta dimensão da existência seria o mesmo que negar a própria vida. Anselm Grün nos dá uma indicação importante, quando destaca: “ao trilharem um caminho espiritual em que omitem a caminho de humanização, as pessoas desenvolvem uma espiritualidade que apenas confirma a sua imaturidade” ⁵⁰¹.

Para permanecer no caminho espiritual, como Nouwen mesmo destaca, para não sucumbirmos na angústia do encontro de nossa fragilidade, precisaremos “contornar nosso abismo”⁵⁰², teremos que dizer sim para a voz do Amor e estar voltados para o sim de Deus em nosso interior. Precisaremos desenvolver na vida do Espírito esta consciência de reconhecer nossos limites e a capacidade de,

⁴⁹⁸ NOUWEN, Henri. *A Voz Interior do Amor*, p. 48.

⁴⁹⁹ NOUWEN, Henri. *Adam*, p. 72.

⁵⁰⁰ Este é o tema central do texto, *Voz interior do Amor*, texto que Nouwen mesmo denomina como seu *Diário secreto*. Ele relata essa experiência de perceber o “abismo” e o grande buraco em seu ser, que só poderá ser preenchido pela Voz do Amor. Faz-se então caminho da angústia à liberdade, que passará pela abertura e acolhimento de nossa fragilidade, somente possível quando feita no coração de Deus, onde poderemos sentir em nossas vidas que somos pessoas verdadeiramente amadas pelo Eterno Pai.

⁵⁰¹ GRÜN, Anselm. *Ser uma pessoa inteira*, p. 33.

⁵⁰² NOUWEN, Henri. *A Voz Interior do Amor*, p. 20.

muitas vezes, permanecer humildemente na presença do Amor que pode nos curar e restaurar.

Parece-nos que fugimos constantemente desta realidade profunda de quem somos e, ao mesmo tempo, queremos negar a radicalidade da profunda e desafiadora verdade anunciada por Jesus: “nega-te a ti mesmo e tome sua cruz”. Verdade esta que traz a lembrança de que devemos abandonar as ilusões, fazer a experiência de nossos limites e enfrentar a profunda dor da cruz para, somente após, experimentar a redenção e a plenitude. Ao invés de negar e fugir desta nossa crise de fé e existencial frente a nossa fragilidade, devemos apresentá-la a Deus mesmo. Pois, como afirmou Halik de forma profética “aquilo que não foi aceito não pode ser redimido”⁵⁰³.

5.4.1

A conexão entre Nouwen e Adam: a espiritualidade da fragilidade exemplificada.

Considerada a condição de carência do ser humano, tendemos a criar mecanismos de negação e proteção. Tornamo-nos insensíveis, atarefados e impulsivos, desejamos esquecer. Nouwen destaca que “nós nos esforçamos para nos livrar da dor como for possível. Uma parte de nós prefere a ilusão de que nossas perdas não são reais”⁵⁰⁴. Porém, como vimos, esse caminho produz abismos em nosso interior, levando-nos a uma angústia profunda. O caminho para a liberdade, então, não passará pela negação da condição humana, mas pelo acolher de nossa condição, a vulnerabilidade e fragilidade de nossa existência.

A profundidade dessa experiência de fragilidade aconteceu com Henri Nouwen após sua ida para a Comunidade Arca, e pelo fato de que, em sua chegada, ele foi imbuído do cuidado diário de Adam. Parte desse contexto já foi abordado no panorama biográfico que apresentamos. Neste momento, iremos destacar os aspectos deste encontro. Como é destacado no relato de Nouwen, a presença, vida, testemunho e mistério de Adam “abriu o meu coração para a dádiva da vulnerabilidade e levou-me a confrontar meu próprio abismo”⁵⁰⁵.

⁵⁰³ HALÍK, Tomás. Toque as feridas, p. 44.

⁵⁰⁴ NOUWEN, Henri. Transforma meu pranto em dança, p. 24.

⁵⁰⁵ NOUWEN, Henri. Adam, p. 74.

Para entender todo esse contexto, precisamos ter clara a lembrança de que no ano de 1986, Henri Nouwen passa a servir como pastor na Comunidade Arca, Daybreak, comunidade na qual se dedica ao cuidado integral de pessoas com deficiência intelectual e física. Chegando à Comunidade, Nouwen passa a morar na New House, a casa que era compartilhada com outras pessoas: Roy, de setenta e cinco anos; John, com síndrome de Down; Rosie, que tinha um quadro incapacitante severo; Michael, que sofria de paralisia cerebral profunda⁵⁰⁶.

A essência da Comunidade Arca está nessa dedicação de “viver com os membros centrais”, com intuito de com eles formar uma família, um lar. É neste lugar e nesta situação que Nouwen se vê sendo interpelado pela seguinte fala: “Henri, você poderia ajudar o Adam de manhã a preparar-se para o seu dia?”⁵⁰⁷. Claro que este pedido foi tomado com assombro pelo agora pastor da Comunidade. Isso pelo motivo de dupla estranheza: Nouwen era completamente inábil nas rotinas de cuidado e, por sua vez, Adam era um dos membros centrais de maior debilidade.

Como já destacado anteriormente, Adam era acometido desde sua primeira infância de ataques epiléticos extremamente agressivos que, paulatinamente, foram tornando ainda mais complexo o seu quadro de debilidades: sua dificuldade de comunicação, locomoção, e deixando-o em situação de dependência completa do cuidado de outros. Ele precisava de toda uma rotina de cuidados diários: desde banho, alimentação, troca de roupas, rotina de exercícios etc. Ele dependia por completo de outras pessoas. Nouwen se encontrou frente a uma situação de extremo desconforto e, ao mesmo tempo, incontornável. Ele não podia recusar essa tarefa sendo agora pastor e membro da casa. Assim ele descreve o cenário:

ainda me lembro daqueles primeiros dias. Mesmo com o apoio de outros ajudantes, eu tinha medo de entrar no quarto de Adam e de acordar aquele estranho. Sua respiração pesada e os movimentos incansáveis de suas mãos deixavam-me constrangido. Eu não o conhecia, não sabia o que ele esperava de mim, não queria perturbá-lo. E também não queria passar vergonha diante dos demais. Não queria ser motivo de embaraço⁵⁰⁸.

Mesmo com tamanha dificuldade em realizar a tarefa e com a estranheza de lidar com a profunda debilidade de Adam, Nouwen vai se tornando mais confiante na rotina de cuidados e realizando as etapas com segurança. A intenção

⁵⁰⁶ NOUWEN, Henri. Adam, p. 38.

⁵⁰⁷ NOUWEN, Henri. Adam, p. 38.

⁵⁰⁸ NOUWEN, Henri. Adam, p. 39.

do sacerdote era terminar a tarefa para poder “ir para o trabalho, fazendo o que sei fazer bem: falar, ditar cartas, aconselhar, telefonar, liderar reuniões”⁵⁰⁹. A sua vida ainda estava orientada para a produção e o fazer, não conseguindo perceber e acolher a pessoa. Havia uma desconexão profunda.

Adam, de maneira silenciosa, reagia. Como Nouwen estava acelerado, buscando terminar esse tempo com Adam como sendo mais uma produção, Adam ficava agitado, esgotado e, por vezes, entrava em profundas crises. Mesmo com a ausência de comunicação verbal, Adam parecia querer dizer: “devagar Henri, devagar”⁵¹⁰. O sacerdote vai compreendendo que “Adam comunicava-se comigo e era firme em lembrar-me de que queria e precisava que eu estivesse com ele sem pressa e com carinho”⁵¹¹. Nouwen precisaria aprender a estar presente com Adam para perceber e acolher a profunda comunicação de seu corpo e assim atender sua necessidade, como pessoa inteira que se doa para receber cuidado e ser amada.

Nouwen então percebe uma transformação profunda em seu ser nesse caminho, pois estar com os membros da comunidade e, em especial, com Adam, o tornou consciente de suas próprias debilidades de uma maneira completamente radical. Aquele que parecia não ter nada a oferecer em sua debilidade e vulnerabilidade, acabou, em sua plena doação de si, tocando as profundezas do coração de seu cuidador. Como destacado, “os papéis estavam sendo trocados. Adam estava tornando-se meu professor, levando-me pela mão, caminhando comigo em minha confusão através do deserto da minha vida”⁵¹².

Não havia palavra falada ou discurso proferido. Adam não tinha como se preocupar com produzir, porém frutificou do Espírito frutos de paz. Com sua presença, permitia que Nouwen desacelerasse seu coração e fosse capaz de olhar para o seu próprio interior de forma profunda. Havia, sim, da parte de Adam, a entrega completa de seu corpo, uma doação profunda de seu ser, a ponto de Nouwen destacar esse caminho de aprofundamento quando escreve que

o tempo que eu passava com ele todos os dias criara um vínculo em nós muito mais profundo que eu imaginara a princípio. Adam ajudava-me a criar raízes não só em Daybreak, mas no meu próprio ser. Minha proximidade com ele e com o seu corpo trazia-me para mais próximo de mim mesmo e do meu corpo. Era como se Adam continuasse a puxar-me de volta para a terra, para o chão do ser,

⁵⁰⁹ NOUWEN, Henri. Adam, p. 42.

⁵¹⁰ NOUWEN, Henri. Adam, p. 43.

⁵¹¹ NOUWEN, Henri. Adam, p. 44.

⁵¹² NOUWEN, Henri. Adam, p. 45.

para a fonte de vida. Minhas muitas palavras faladas ou escritas sempre me tentaram a elevar-me a ideias e perspectivas grandiosas, sem contato com o cotidiano e a beleza da vida comum. Adam não permitia isso. Era como se ele me dissesse: “Você não só tem um corpo, Henri, como eu, mas você é seu corpo. Não deixa que suas palavras separem-se de sua carne. Suas palavras devem tornar-se e manter-se carne. Adam estava falando comigo, tornando-se o centro da minha vida” ⁵¹³.

Até então, Nouwen estava orientado para uma vida de produção e, desta forma, ele não percebia a desconexão entre seu corpo e seu coração. Desenvolveu uma forma de viver a sua espiritualidade de modo funcional, mas a desconexão com seu interior e com a própria vulnerabilidade não o deixavam perceber que estava desmoronando. Adam, porém, em seu completo esvaziamento, estava “envolto em sua fraqueza”, e nela dava testemunho de sua plenitude humana⁵¹⁴. Essa realidade é narrada com profundidade quando Nouwen diz que

enquanto eu me preocupava com o que fazia e com o quanto podia produzir, Adam anunciava-me que “ser é mais importante do que fazer”. Enquanto eu me preocupava com o que se falava ou se escrevia de mim, Adam tranquilamente contava-me que o “amor de Deus é mais importante que o elogio das pessoas”. Enquanto eu me preocupava com minhas conquistas individuais, Adam me lembrava que “fazer coisas juntos é mais importante do que fazê-las sozinho”. Adam não podia produzir nada, não tinha fama da qual se orgulhar, não podia gabar-se de nenhum prêmio ou troféu. Mas, por meio de sua própria vida, ele foi a testemunha mais radical que já encontrei da verdade de nossas vidas ⁵¹⁵.

Esse é o mistério revelado pela vida de Adam: sua humanidade não estava diminuída em sua debilidade, nem a presença do Espírito distante de seu corpo devido a sua deficiência. Adam ensinava sem palavras sobre a necessidade de doar aquilo que somos, e não o que produzimos ou queremos revelar. A única doação possível para Adam era a mais profunda e a única verdadeira: a totalidade de seu corpo e vida. Esse era o “dom de Adam⁵¹⁶”, sua capacidade de ensinar a cada pessoa que ela frutificará seu dom no acolhimento de sua fragilidade.

Só podemos dar daquilo que temos. Mas quando buscamos unicamente o ter, percebemos nosso vazio e fragilidade e nos tornamos receosos e inseguros. Somente podemos dar, então, o que somos. Porém, diante desta realidade, acabamos nos escondendo. Passar pela constatação do “profundo conflito

⁵¹³ NOUWEN, Henri. Adam, p. 45.

⁵¹⁴ Sobre esse elemento Henri Nouwen escreve que “a humanidade de Adam não estava diminuída por causa de suas deficiências. Sua humanidade era completa, e a plenitude do amor tornava-se visível para mim e para outros que cresceram para conhecê-lo”, p. 47.

⁵¹⁵ NOUWEN, Henri. Adam, p. 52.

⁵¹⁶ NOUWEN, Henri. Adam, p. 54.

humano”⁵¹⁷, de que estamos pautados pela ilusão de nossas capacidades e que estamos lutando para não “reconhecer as próprias deficiências”⁵¹⁸. Estar diante de Adam, que se entrega em sua inteireza, trouxe essa experiência de aprofundamento da necessidade de pautar a vida por uma nova espiritualidade, a espiritualidade da fragilidade. Assim, Nouwen destaca que

durante essa provação emocional, percebi que estava ficando como Adam, Ele não tinha nada do que se orgulhar. Nem eu. Ele estava completamente vazio. Eu também. Ele precisava de atenção em tempo integral. Como eu. Descobri que eu estava resistindo a esse “tornar-se como Adam”. Não queria ser fraco e dependente. Não queria ser tão dependente. Apesar disso, em algum lugar reconheci que o caminho de Adam, o caminho de vulnerabilidade radical, era também o caminho de Jesus⁵¹⁹.

Há aqui um caminho que passa necessariamente pela existência, ou seja, passa pela nossa fragilidade. Ter de olhar para dentro de si, perceber e confessar os próprios limites e dores, e, deste lugar, pedir e clamar pela ação e Amor de Deus.

Nouwen destaca a profundidade desse movimento quando afirma que “nossa glória está escondida em nossa dor, se permitirmos que Deus traga seu dom para dentro de nossa experiência”⁵²⁰. Tendo como aprofundamento o fato de a vida no Espírito ser possível somente em nossa carne, na experiência que fazemos de Cristo em nossos corpos, os quais carregam em si todo seu limite, ao mesmo tempo que é abertura para o transcendente e habitação do Espírito.

Ao fazer este caminho, iremos experimentar a necessária perda, como destaca Leloup em *Carência e Plenitude*⁵²¹. Teremos que deixar ser purificado de nossa ilusão de saúde, “descobrir os sem nome que somos”; de nossa ilusão de controle e sentido, percebendo que muitas vezes seremos atingidos pelo absurdo e o imponderável; e a dura sensação de que não somos capazes de amar ou ser amados, o que leva ao medo do esquecimento e da permanente exclusão.

Porém, é neste perder-se que se fará experiência de libertação, pois estaremos no caminho de superar nossas ilusões. Isto porque, ao aceitarmos o limite de nosso corpo, acabaremos por reencontrá-lo⁵²². Nesse sentido, “nada mais

⁵¹⁷ NOUWEN, Henri. Adam, p. 73.

⁵¹⁸ NOUWEN, Henri. Adam, p. 72

⁵¹⁹ NOUWEN, Henri. Adam, p. 73.

⁵²⁰ NOUWEN, Henri. Transforma meu pranto em dança, p. 30.

⁵²¹ LELOUP, Jean-Yves. Carência e Plenitude.

⁵²² LELOUP, Jean-Yves. Carência e Plenitude, p. 19.

haverá a perder se sabemos que o que estamos perdendo é ilusão”⁵²³. Conseguiremos passar pelo profundo desespero e pela angústia, e caminhar em direção ao amor de Deus, deixando sermos moldados por seu Espírito à imagem de seu Filho.

Há aqui caminho e possibilidade fecunda de abertura para relacionamento com Deus e com o próximo. Pois, ao perceber-se como criatura e acolher nosso limite, podemos nos abrir para essa realidade relacional e da habitação de Deus em nós e, de igual forma, em nosso irmão e irmã. Nesta dinâmica de abertura e conversão poderemos alcançar a mesma maturidade da fé paulina, “por isso, me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (I Co 12,10).

Não há aqui um louvor ao sofrimento ou afirmação de que Deus impõe sobre cada pessoa estas dinâmicas para sua purificação ou como sinal de seu distanciamento. Na verdade, estas são situações da vida, e confessar esse limite é se colocar atento aos movimentos do Espírito, disponíveis para ação de Deus em nosso interior. Reconhecer-se doente é passo essencial para ser curado. Perceber a própria ferida é pedir para ser tocado com bálsamo do cuidado divino. Como destaca Nouwen,

só quando entramos em contato com nossas experiências de vida e aprendemos a ouvir nossos anseios interiores por libertação e por uma nova vida é que podemos compreender que Jesus não apenas falou, mas nos socorreu em nossas necessidades mais pessoais. O Evangelho não contém apenas ideias que mereçam ser lembradas; É uma mensagem que responde a nossa condição humana individual ⁵²⁴.

Nesse caminho de conversão⁵²⁵ para uma espiritualidade da fragilidade, entraremos nessa dimensão redentiva das relações. Como destaca Nouwen⁵²⁶,

⁵²³ LELOUP, Jean-Yves. Carência e Plenitude, p. 17.

⁵²⁴ NOUWEN, Henri. Crescer, p. 84.

⁵²⁵ Aqui se faz importante destaque para uma profunda definição nouweniana de conversão: “ser totalmente convertido é deixar Deus nos conduzir para longe de nossas compulsões. Significa que admitirmos desistir de tentar consertar as coisas incessantemente. A liberdade é o oposto das obsessões compulsivas”. Notemos que sempre está no olhar de Nouwen o claro entendimento desse movimento de reconhecer-se frágil: para a conversão, precisamos desistir para nos deixar conduzir. Cf. NOUWEN, Henri. Transforma meu pranto em dança, p. 45.

⁵²⁶ Aqui apresentamos as linhas gerais de dois textos centrais de Henri Nouwen para se perceber a dinâmica da abertura e o acolhimento de nossa fragilidade. Nestes dois textos, a intenção do autor é mostrar como o movimento do Espírito faz-nos perceber nosso isolamento, tirando-nos da situação pessoas autocentradas e que buscam controlar suas vidas e a vida dos outros. Mostra que esse movimento esconde, na verdade, um profundo medo que cada pessoa carrega de perceber os

seremos chamados para o movimento de procurar pelo próximo e de procurar a Deus, saindo da hostilidade para a hospitalidade e da ilusão para a prece. Caminho que se faz a partir da abertura de nosso coração, uma vida no Espírito de Cristo, onde, saímos do isolamento infértil, alcançando a intimidade na solidão. Esses são movimentos do Espírito que nos tornam livres da ilusão e consciente de nossa fragilidade.

Não precisaremos estabelecer nossas relações com o próximo e com Deus tendo como modelo o medo e como forma de ação o poder. Abertos a quem verdadeiramente somos, conseguiremos nos abrir livremente para compartilhar da nossa vida e testemunho como lugar da graça de Deus em nosso favor. Nouwen destaca a profundidade dessa espiritualidade quando destaca que,

Nossa completude é oferecer o vazio, nossa utilidade é tornamo-nos inúteis, nossa força é tornamo-nos impotentes. Sem dúvida, faz parte da essência da mensagem cristã que Deus não se revelou a nós como poderoso outro, distante em sua onisciência, onipotência e onipresença. (...) É o próprio Deus que nos revela o movimento de nossa vida espiritual. Não é o movimento da fraqueza à força, mas o movimento pelo qual nos tornamos cada vez menos defensivos e temeroso e cada vez mais abertos ao outro e seu mundo, mesmo quando isso nos leva ao sofrimento e à morte ⁵²⁷.

Vivendo, pois, nesta dinâmica do Espírito, desenvolvemos uma espiritualidade a partir do aprofundamento de nossa humanidade, percebendo que o Espírito de Deus habita em nós e é solidário a nossa condição ⁵²⁸. Com isso, experimentaremos a abertura de nosso ser para o encontro mesmo com nossa impotência e fragilidade: e assim reconhecer e oferecer nossa existência, com toda sua complexidade e inteireza ao próximo.

Para não correremos o risco desenvolver uma espiritualidade que afirme a fragilidade humana como castigo para o corpo e impedimento para a santificação, precisamos voltar nossos olhos para o que é o centro da espiritualidade cristã: Jesus Cristo. Retornar a pessoa de Jesus como centro de nossa fé e segmento e tomar a radicalidade da encarnação como paradigma do nosso viver.

próprios limites, e como a vida só se manifestará na abertura e na fecundidade para, após ser grão que cai na terra e morre, ser presença e manifestação de uma nova vida, lugar mesmo de êxtase e plenitude. Estes textos são *Crescer: os três movimentos da Vida Espiritual*; e *Sinais de Vida: intimidade, fecundidade e êxtase na perspectiva cristã*.

⁵²⁷ NOUWEN, Henri. *Crescer*, p. 104.

⁵²⁸ Sobre esta temática, recomendamos fortemente o trabalho do professor e pastor Alessandro Rocha, *Espírito Santo: aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana*.

Isto posto, estabelecemos aqui uma potente fala de Nouwen como elemento para ancorar nossa percepção da encarnação como o núcleo essencial da espiritualidade. Henri destaca que em Jesus, Deus encarnado, não temos a pretensão de afirmação e do poder nem mesmo a manifestação de poderes supra-humanos, pelo contrário, pois fez-se pequeno e vulnerável, amando o pobre, tornando-se assim, redenção a todos. Assim,

o modo de Deus é o modo da fraqueza. A grande notícia do Evangelho é precisamente que Deus tornou-se pequeno e vulnerável, e assim deu fruto entre nós. A mais frutífera vida que já viveu foi a vida de Jesus, que não se apegou ao seu poder divino, mas veio como nós somos (ver Fl 2,6-7). Jesus nos trouxe vida nova em suprema vulnerabilidade. Veio até nós como criancinha, dependente de cuidados e proteção dos outros. Viveu por nós como um pobre pregador, sem qualquer força política, econômica ou militar. Morreu por nós pregado em uma cruz como um criminoso inútil. Nessa extrema vulnerabilidade é que nossa salvação foi ganha. O fruto dessa existência pobre e imperfeita é a vida eterna para todos os que creem nele ⁵²⁹.

5.4.2

O Verbo se fez fragilidade: a encarnação como fonte da espiritualidade da fragilidade

Retomar nosso olhar para Jesus é um elemento central para a espiritualidade nouweniana e, claro, não poderia ser diferente. Como destacamos em sua biografia, Nouwen trazia como característica de sua fé, estar em constante busca por responder essa pergunta de seu interior: “como verdadeiramente seguir a Jesus?”.

Em seu último Diário, Nouwen faz uma nota que revela seu olhar atento para o mistério da Encarnação como modelo para a espiritualidade e como parâmetro para não cedermos às tentações do poder. Olhar para essa afirmação é ser conduzido para assumir em nossa carne a nossa condição e, pelo Espírito, escolher estar onde há fratura e abandono. Temos, então, o olhar de Nouwen que nos servirá aqui de caminho, quando diz que

acho que não pensamos tudo que tínhamos para pensar sobre as grandes implicações do **mistério da encarnação**. Onde está Deus? Deus está onde somos fracos, vulneráveis, pequenos e dependentes. Deus está onde estão os pobres, os famintos, os deficientes, os doentes mentais, os idosos, os incapacitados. Como podemos conhecer Deus se o nosso foco está em outro lugar, no sucesso,

⁵²⁹ NOUWEN, Henri. Sinais de Vida, p. 64.

influência e poder? Creio cada vez mais que nossa lealdade dependerá de nossa prontidão a ir onde há fratura, solidão e carência humana⁵³⁰.

Fica claro na visão de Nouwen que tendemos muito facilmente para as aspirações e para a afirmação do poder como caminho de espiritualidade. Desejamos um Deus que é poder para afirmar nossa suposta superioridade na relação com o outro. Afirmando-se como poderoso, o humano tem caminho livre para não ser solidário com o que sofre, pois este último, necessariamente, está em uma posição de inferioridade, logo, distante de Deus. A encarnação nos impede dessa pretensão, revelando em Jesus a escolha de Deus: “Deus está onde somos fracos”. Deus em Jesus se faz impotente⁵³¹.

Interessante destacar que Paulo Gomes nos ajuda na compreensão desse mesmo aspecto da encarnação, quando nos faz lembrar que “Jesus é a síntese extraordinária de um homem”⁵³², em tão completa entrega e afirmação de seu limite e dependência que revela Deus em sua plenitude. Com Jesus aprendemos a ver Deus, “não como um Deus que despeja os esplendores de sua onipotência sobre nós, mas como ser humano normal que dá respostas às grandes interrogações humanas, compartilhando conosco sua humanidade e fazendo sua própria vida uma Boa Nova”⁵³³.

Ao apontar a encarnação como sendo esse aspecto central da espiritualidade e afirmar Jesus como a humanização de Deus, Castillo ajuda-nos a perceber o risco que corremos ao não colocar nossa fé neste lugar, na encarnação como revelação plena de Deus no humano. Há o risco de desenvolver uma espiritualidade que afirma a fragilidade humana como castigo, o corpo como prisão e nossa condição como impedimento para a conversão. Assim, neste novo paradigma de espiritualidade, que considera a fragilidade como força, é importante atentar para o que é centro da espiritualidade cristã: Jesus Cristo. Retornar a pessoa de Jesus como centro de nossa fé e segmento e tomar a

⁵³⁰ Diário, p. 103, grifo nosso.

⁵³¹ Sobre essa temática, faz-se imprescindível a indicação do livro, *O Deus poderosamente fraco da Bíblia*, de Etienne Babut. Nesta obra, temos apresentado o entendimento sobre Deus a partir de uma profunda análise da História da Revelação e da História de Salvação, de um Deus que escolhe ser afetado por nós, participar conosco e se colocar como um Deus que pode ser rejeitado. Como movimento mais radical, ser morto na cruz, em nosso favor. Ali mesmo, na cruz, “Deus se deixa conhecer e onde reconhecer seu poder específico. Essa é a grande novidade, a mais subversiva e a mais extraordinária”, (p. 92).

⁵³² GOMES, Paulo Roberto. *O Deus Im-potente*, p. 71

⁵³³ GOMES, Paulo Roberto. *O Deus Im-potente*, p. 71.

radicalidade da encarnação como paradigma do nosso viver. Assim é reforçado esse alerta ao dizer:

Se partirmos do mistério da Encarnação, pelo qual o “divino” e o “humano” se fundiram em um homem concreto, Jesus de Nazaré, então nos encontramos com a seguinte situação estimulante e motivadora, a saber: nosso itinerário de encontro com Deus, o Deus encarnado em Jesus, não é o itinerário da *divinização*, mas a incessante busca da melhor e mais íntima *humanização*. No fim das contas, é isso, e nada mais que isso, que fez o próprio Deus para encontrar-se conosco. Dizer que Deus se encarnou é o mesmo que dizer que Deus se *humanizou*. Desse modo, é no *humano* que encontramos o *divino*⁵³⁴.

Segundo nos mostra Castillo, a Encarnação de Jesus, esse movimento radical que revela a loucura de Deus, é a proclamação audível e visível que a “salvação vem de baixo, não a partir dos sábios e entendidos (Mt 11,25), mas a partir dos pequenino (*népioi*)”⁵³⁵. Jesus faz esse movimento definitivo sendo pobre e colocando-se ao nosso lado, assumindo completamente a condição humana e experimentando a relação com Deus de forma plena, em sua humanidade. Afirma e revela Deus em sua humanidade e fragilidade, abrindo mão de toda e qualquer oportunidade de se colocar no lugar de Deus. Pois, como destaca mais uma vez Castillo, “a pretensão de superar a condição humana para ser como Deus é a aspiração que arruína o homem. Ao passo que, pelo contrário, o despojamento da condição divina, para ser como o homem, é o projeto que traz salvação ao mundo”⁵³⁶.

A encarnação nos revela Deus em seu movimento radical de esvaziamento, de tal forma que Jesus Cristo assume em nosso lugar e em solidariedade com nossa condição, a cruz. Assim, Garcia Rubio destaca, em primeiro lugar, que “o Deus revelado na cruz de Jesus não pode ser considerado um Deus impassível e apático”⁵³⁷ e que, como segundo aspecto, “o Deus revelado na cruz de Jesus é um Deus solidário com o sofrimento de cada humano, um Deus que assume o sofrimento e a morte de Jesus e, inevitavelmente, o sofrimento e a morte de todos os seres humanos”⁵³⁸.

Em Jesus temos a manifestação de Deus como aquele que se fez servo sofredor, sendo “homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como

⁵³⁴ CASTILLO, José Maria. Jesus: a humanização de Deus, p. 288.

⁵³⁵ CASTILLO, José. A Humanização de Deus, p. 272.

⁵³⁶ CASTILLO, José. A Humanização de Deus, p. 272.

⁵³⁷ RUBIO, Alfonso Garcia, O Encontro, p. 100.

⁵³⁸ RUBIO, Alfonso Garcia. O Encontro, p. 101

pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado” (Is 53,3). Este mesmo Jesus foi quem, “levando nossos sofrimentos sobre si” (Is 53,4), pode, por suas feridas, “levar a iniquidade de todos nós” (Is 53,6). Por ele, ou seja, somente em Jesus, na encarnação, “somos curados” (Is 53,5). Neste mesmo sentido, Castillo aponta que

quando afirmamos que em Jesus Deus se humanizou, estamos afirmando que encontramos a Deus em tudo o que é verdadeiramente humano. Mas ainda, estamos afirmando que depositamos nossa fé em todo o humano. Porque fora do humano não é possível encontrar a Deus. E menos ainda em tudo aquilo que representa, seja de qual modo for, uma agressão ao mais radicalmente humano que todo nós vivemos e sentimos nesta vida⁵³⁹.

Justamente por isso, Gesché afirma que “a encarnação se torna verdadeiro ‘conceito’ para pensar o humano”⁵⁴⁰. Subvertendo completamente a lógica de um Deus poderoso, que escolheria se revelar em sua majestade e poder, vem a nós como menino, frágil, “semelhante a nós em tudo”, fazendo loucura para os homens.

Assim, Gesché, mais uma vez, reforça que “Cristo introduz a incompreensibilidade de Deus como chave da compreensão do ser humano”⁵⁴¹. Deus é realmente amor, isto é, loucura. Atributo indecifrável, incompreensível, já que é “irracional” (o amor não é racional), mas é esse aspecto indecifrável do Amor que vai nos dizer que,

estamos aqui exatamente diante do dado essencial da fé cristã, a saber, a Encarnação, realização paradigmática da relação entre Deus e o ser humano. Em Jesus, o crente vê, lê e decifra precisamente a relação mais estreita que há, a relação por excelência, entre Deus e o ser humano. (...) Nesse sentido, a Encarnação torna-se verdadeiro “conceito” para pensar o ser humano ⁵⁴².

Há aqui o movimento necessário, o de abandonar toda e qualquer tentativa de seguimento de um Deus-poder e em oposição para com a humanidade. Deus em Jesus é Deus conosco, Deus-Ágape que se faz homem, e “homem servidor”⁵⁴³. Deus em Jesus se revela comprometido com o humano e se faz entrega radical de seu amor (Jo 3,16). O amor é, em sua profundidade e radicalidade, o ápice da fragilidade, torna-se realizável apenas na completa entrega e abertura de si para o outro. Assim, o amor revela seu poder assumindo sua completa vulnerabilidade.

⁵³⁹ CASTILLO, José Maria. Espiritualidade para Insatisfeitos, p. 65.

⁵⁴⁰ GESCHÉ, Adolphe. O Cristo, p. 37.

⁵⁴¹ GESCHÉ, Adolphe. O Cristo, p. 37

⁵⁴² GESCHÉ, Adolphe. O Cristo, p. 37.

⁵⁴³ RUBIO. O Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 100.

Amar é encarnar colocando-se completamente em favor do outro e para felicidade do amado.

A encarnação é, portanto, amor encarnado. É o despojamento total do poder, a escolha radical de Deus por estar ao lado de quem sofre, mostrando assim onde também devemos estar como humanos, percebendo nossa fragilidade e limites e em solidariedade e compaixão para com nossos semelhantes. Assim, “o Deus revelado na cruz de Jesus é um Deus solidário com o sofrimento de cada ser humano, um Deus que assume o sofrimento e a morte de Jesus e, inseparavelmente, o sofrimento e a morte de todos os seres humanos”⁵⁴⁴.

Nessa mesma direção, Nouwen aponta que a encarnação é caminho para encontrar Deus em sua completa solidariedade conosco, ao assumir a fragilidade e a condição humana em nosso favor.

o mistério da encarnação nos revela a dimensão espiritual da solidariedade humana. Porque toda a humanidade foi elevada até Deus por meio da encarnação, encontrar o coração de Deus significa encontrar todas as pessoas de Deus. Assim, um Cristo em que as pessoas não estão reunidas não é um verdadeiro Cristo. Nós, que pertencemos a Cristo, pertencemos a toda a humanidade ⁵⁴⁵.

Olhar para Jesus é afirmar nossa humanidade como caminho para Deus⁵⁴⁶. Como diz Juan Estrada, “se a palavra criadora gera ordem no caos, a encarnação desta palavra cria filiação divina a partir de um processo de humanização”⁵⁴⁷. O caminho e projeto de salvação de Deus em nosso favor está no resgate de nossa humanidade, de vivê-la em sua plenitude, com toda a sua potencialidade e em toda a vulnerabilidade. Assumir esse caminho de humanização é o centro mesmo da espiritualidade da fragilidade.

5.5

Fragilidade como caminho de humanização e sentido: ser humano, solidário e compassivo

⁵⁴⁴ RUBIO. O Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 101.

⁵⁴⁵ NOUWEN, Henri. Sinais de Vida, p. 42.

⁵⁴⁶ Aqui precisamos destacar a profundidade da fala de Estrada, “o divino de Jesus se mostra numa forma de ser pessoa, na qual, ao humanizar-se, Ele se faz mais semelhante a Deus. A convergência entre humanização e divinização leva à autonomia do ser humano, sem menosprezar a inspiração do Espírito divino. Por outro lado, faz da mediação humana, da relação interpessoal, a chave da vinculação com Deus, em vez de postular uma abertura vertical ao divino que não levasse a horizontalidade dos encontros pessoais. A filiação divina de todos os seres humanos têm em Jesus seu ponto culminante, sendo a cristologia a plataforma para a antropologia. O que em Jesus é uma realidade plena, que o diferencia dos outros, converte-se numa promessa já realizada para todas as pessoas”. Cf. ESTRADA, Juan Antonio. Da salvação a um projeto de sentido, p. 42.

⁵⁴⁷ ESTRADA, Juan Antônio. Da salvação a um projeto de sentido, p. 44.

Diante de todo o exposto até aqui, podemos perceber que é da constituição humana o desejo de transcendência e que a espiritualidade é o caminho para trilhar essa busca por sentido. Após esse panorama, voltamos nosso olhar para a teologia cristã, tecendo aspectos da vida no Espírito, sendo por Ele transformados, dia após dia, à semelhança da pessoa de Jesus de Nazaré.

Essa confissão e transformação não estão em termos de ideologia ou nas dimensões do intelecto, como uma elevação da mente capaz de acessar novos conceitos. A espiritualidade cristã assume o segmento da pessoa de Jesus Cristo como centro mesmo da fé, de tal forma que nos tornamos testemunhas do Reino de Deus e das Boas Novas de salvação.

Vimos, ainda, a partir do aprofundamento de encontro e a experiência de Henri Nouwen na Comunidade Arca, em especial no partilhar com o jovem Adam, como sua visão de espiritualidade foi modificada por um novo aprofundamento e vivência. Ademais, vimos que o que aqui denominamos de *espiritualidade da fragilidade* tem como ponto central a encarnação de Jesus, Deus que se humanizou, pois na Palavra encarnada, no plenamente humano de Jesus, podemos aprender de Deus e, ao mesmo tempo, aprender quem é o humano.

A encarnação é, portanto, paradigma para a *espiritualidade da fragilidade*, pois, neste movimento, Deus se faz solidário a nossa condição, assumindo todos os aspectos de nossa humanidade. Neste sentido, não há uma só dimensão humana que Jesus não tenha vivido em sua totalidade: ele experimenta da alegria e dos afetos, mas igualmente vive a dor, a tristeza e o sofrimento.

Viver, então, a verdade de nossa humanidade, assim como fez Jesus na encarnação, é assumir a totalidade da vida humana como lugar da ação e manifestação de Deus e da habitação do Espírito. Nesse sentido, a vida no Espírito que a espiritualidade da fragilidade irá manifestar como testemunho, tem relação com a capacidade de acolher a própria dor e ferida e, desta forma, estar aberta à compaixão.

5.5.1

Humanização como fruto da fragilidade: solidariedade e compaixão

Por vezes, a poesia em forma de canção pode ser uma forma de profecia. Por isso, faremos menção à canção de Flaira Ferro, a qual aponta essa dimensão da necessidade fundamental de saber-se frágil para que haja possibilidade de novo caminho de vida.

Na canção *Me curar de mim*⁵⁴⁸, a poeta expressa: “Sou a maldade em crise, tendo que reconhecer as fraquezas de um lado que nem todo mundo vê. Fiz em mim uma faxina e encontrei no meu umbigo, o meu próprio inimigo, que adoece na rotina”. A poesia se inicia como profunda reflexão sobre a verdade de si mesma e, na sequência, chegando a uma confissão: “eu quero me curar de mim”.

Flaira Ferro vai fazendo perceber em sua potente canção que partilhamos das mesmas dores. A letra vai conduzindo as debilidades mais profundas não confessadas: “sou má, sou mentirosa, vaidosa e invejosa”, e então clama um tipo de oração da alma:

Mas se eu não tiver coragem
Pra enfrentar os meus defeitos
De que forma, de que jeito
Eu vou me curar de mim
Se é que essa cura há de existir
Não sei, só sei que a busco em mim
Só sei que a busco.

Em meio à poesia, Flaira Ferro exclama sobre sua dor profunda como confissão, quando diz, “dói, dói, dói me expor assim. Dói, dói, dói despir-se assim”. Ela faz caminho fundamental para esse despojamento necessário para uma caminhada de sentido. Há aqui todo um caminho desde a interioridade, clamando por uma cura que quem faz a busca ainda não sabe onde encontrar.

Esse movimento de se perceber frágil e limitado é, de fato, evitado em nosso tempo. Não queremos confessar nossa condição e, desta forma, acabamos por permanecer na ilusão de ser possível controlar todas as alternativas e ser capaz de responder a todas as questões. Porém, o viver vai revelando como impossibilidade tal domínio. Neste momento, resta-nos a situação que Nouwen identifica como *ausência de um lar*, destacando que lar é onde podemos ser verdadeiramente quem se é, ou seja, um lugar de resgate da humanidade. Lugar onde é possível verdadeiramente experimentar a vida em seu “rir e chorar e,

⁵⁴⁸ Letra e música de Flaira Ferro, 2015.

abraçar e dançar, dormir muito e sonhar tranquilamente, comer, ler, descansar (...) O lar é onde podemos descansar e curar-nos”⁵⁴⁹.

O caminho aqui apontado por Nouwen vai se tornando claro: para termos essa cura, faz-se indispensável sermos capazes de experimentar as dores e as alegrias, perceber na vida a presença mesmo de Deus. Nesse sentido é fazer o caminho de “comece com o simples reconhecimento de que não consegue curar a si mesmo. É preciso que você diga um absoluto ‘sim’ para sua fraqueza, para permitir que Deus o cure”⁵⁵⁰.

Esse aspecto é profundamente trabalhado por Nouwen em *Podeis beber o Cálice?*, no qual compara nossa vida com o cálice eucarístico, ou seja, com o partilhar mesmo da integralidade de nossa vida com o mistério de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição. Olhando então para o cálice, ele afirma que na nossa vida só poderá ser plena quando pudermos experimentá-la por completo, ou seja, percebendo que o cálice da alegria e o cálice da tristeza serão experimentados para que alcancemos o cálice da salvação⁵⁵¹. Como Nouwen destacou:

Devemos viver nossas vidas e não a dos outros. Devemos segurar nosso próprio cálice. Devemos ter coragem para dizer: “esta é a minha vida, a que me foi dada, e é esta vida que devo viver da melhor forma possível. Minha vida é única. Ninguém mais pode vivê-la. Tenho minha própria história, minha própria família, meu próprio corpo (...) sim, tenho minha própria vida para viver”⁵⁵².

Ao segurar, erguer e beber a vida como cálice, abrimo-nos para essa dimensão de sua totalidade, percebendo-a como dom e mistério, abrindo espaço para o Sagrado e sua ação. Como destaca Nouwen, seremos capazes de perceber que as dores são realmente profundas e verdadeiras⁵⁵³, mas que começa a tomar uma nova dimensão. Podemos sair do fatalismo para a fecundidade, pois perceberemos que esse cálice é partilhado por toda humanidade⁵⁵⁴ e foi assumido por Cristo em nosso favor.

Precisamos acolher a vida como cálice que pode ser bebido, para que então a vida possa ser celebrada como dom, partilha e testemunho vivo. Assim, “erguer nosso cálice significa partilhar nossa vida de maneira que possamos celebrá-la”⁵⁵⁵,

⁵⁴⁹ NOUWEN, Henri. Sinais de Vida, p. 23.

⁵⁵⁰ NOUWEN, Henri. A Voz interior do Amor, p. 48.

⁵⁵¹ NOUWEN, Henri. Podeis beber o cálice?, p. 73.

⁵⁵² NOUWEN, Henri. Podeis beber o cálice?, p. 28.

⁵⁵³ NOUWEN, Henri, Podeis beber o Cálice?, p. 31.

⁵⁵⁴ NOUWEN, Henri, Podeis beber o Cálice?, p. 32.

⁵⁵⁵ NOUWEN, Henri, Podeis beber o Cálice?, p. 53.

uma vida celebrada é aquela que pode ser assumida em sua integralidade, partilhando a verdade de suas feridas, sobre a fé da presença de Deus na caminhada, e sobre aquilo que verdadeiramente se está experimentando.

Esse caminho aprofundará então um modo de viver sempre com esse movimento característico de sair de seu isolamento para a solitude⁵⁵⁶, do medo para a fecundidade⁵⁵⁷, da rejeição para o perdão⁵⁵⁸. Faz com que cada pessoa assuma sua humanidade, fazendo o caminho que Nouwen denomina como “de nossos pequenos *eus* para um mundo maior”⁵⁵⁹, sendo capazes de partilhar

um entendimento profundo da nossa própria dor nos possibilita converter nossa fraqueza em força e oferecer nossa própria experiência como uma fonte de cura para aqueles que frequentemente se perdem na escuridão de seus próprios sofrimentos incompreendidos⁵⁶⁰.

Desta forma, faz-se fundamental na *espiritualidade da fragilidade*, como destaca Nouwen, recuperar a capacidade de ser contemplativo⁵⁶¹. Nesse caminho, aquele que busca a vida no Espírito será capacitado a fugir da tentação de querer modificar sua situação pelas próprias forças ou ser guiado por seus desejos e compulsões. A vida no Espírito, tendo como caminho a espiritualidade da fragilidade, reconhecerá a própria condição de vulnerabilidade e, assim, buscará estar atenta aos movimentos interiores, buscando criar espaço para a ação criativa do Espírito.

Por se deixar conduzir, entregando sua jornada à condução e dependência completa em Deus, ou seja, no reconhecimento da própria fragilidade, o caminhante estará completamente imerso e comprometido com a vida, percebendo os pequenos sinais de esperança e saboreando a presença de Deus no ordinário, nas pequenas coisas da vida. Neste sentido, aquele que vive no Espírito estará buscando na vida “sinais de esperança e promessa na situação nas quais se encontram”⁵⁶².

Reconhecer então a vida em sua totalidade, assumindo que a dor e alegria que estão presentes em nossa condição, tornam-se então caminho para que

⁵⁵⁶ NOUWEN, Henri. Crescer, p. 19-47.

⁵⁵⁷ NOUWEN, Henri. Sinais de Vida.

⁵⁵⁸ NOUWEN, Henri. A volta do Filho Pródigo.

⁵⁵⁹ NOUWEN Henri. Transforma meu pranto em Dança, p. 20.

⁵⁶⁰ NOUWEN, Henri. O Curador Ferido, p. 115.

⁵⁶¹ NOUWEN, Henri. O Curador Ferido, p. 64.

⁵⁶² NOUWEN, Henri. O Curador Ferido, p. 67.

possamos reconhecer no outro também a sua dor e alegria. Olhar para si e para o próximo e perceber-se como iguais, que partilhamos da vida em comum, e que nossas dores são as dores da humanidade. Este instante é de aprofundamento, pois, conforme destaca Nouwen, passamos do sentimento de fatalidade para a abertura curativa em meio à dor, assim, “a situação que fez a sua dor emergir foi apenas o modo pelo qual você entrou em contato com a condição humana do sofrimento. A sua dor é o modo concreto pelo qual você participa da dor da humanidade”⁵⁶³

O caminho da espiritualidade da fragilidade se fará então como processo de humanização, pois possibilita esse deslocamento de uma suposta superioridade para um lugar onde se faz possível a solidariedade fecunda. Nouwen destaca que este caminho de perceber a fragilidade e de reconhecer a dor é o movimento de cura que faz a pessoas sair do olhar “de sua dor rumo à dor”⁵⁶⁴. Por isso, Nouwen faz apontamento que nesse caminho faremos seguimento de Jesus, pois, “o sofrimento de Jesus, por mais concreto que tenha sido, foi o sofrimento de toda a humanidade. A dor *Dele* era a dor”⁵⁶⁵.

Por reconhecer e experimentar da própria dor, por ser capaz de partilhar pelo que estamos passando ou contar sobre nossa experiência é caminho de solidariedade e liberdade⁵⁶⁶. Não se faz aqui movimento de superficialidade ou estético, mas um deixar tocar as feridas, como destaca Nouwen,

tornar suas próprias feridas uma fonte de cura não requer, portanto, o compartilhamento de dores pessoais superficiais, mas sim uma constante disposição para ver que sua própria dor e sofrimento emergem da profundidade da condição humana que todos nós partilhamos⁵⁶⁷.

O movimento de compreensão de nossa fragilidade e vulnerabilidade, esse experimentar a vida é como dom que deve ser celebrado. Como destacado por Nouwen, “na profundidade da presença de Deus em você, e viver a partir disso. Essa é a maneira de seguir vivendo rumo à plena encarnação”⁵⁶⁸, ou seja, tornando-se plenamente humano, como Jesus.

⁵⁶³ NOUWEN, Henri. A Voz interior do Amor, p. 126.

⁵⁶⁴ NOUWEN, Henri, A Voz interior do amor, p. 126.

⁵⁶⁵ NOUWEN, Henri, A Voz interior do amor, p. 126.

⁵⁶⁶ NOUWEN, Henri, A Voz interior do amor, p. 53.

⁵⁶⁷ NOUWEN, Henri. O Curador Ferido, p. 117.

⁵⁶⁸ NOUWEN, Henri. O Curador Ferido, p. 72.

Por isso, Nouwen destaca que “tal como Jesus, aqueles que proclamam a libertação são chamados não só a cuidar de suas próprias feridas e das feridas de outros, mas também a tornar suas feridas uma grande fonte de poder e cura”⁵⁶⁹. Ao ser direcionado pelo Espírito a viver esse movimento interior da espiritualidade da fragilidade, seremos desafiados e moldados a viver o caminho de Jesus, o homem de Nazaré, que vivia em inteireza e revelou para nós esse caminho de humanização: a solidariedade com nossa condição.

Como já vimos anteriormente, Jesus é aquele que é totalmente solidário com nossa condição e se faz caminho assumindo nossas dores e revelando suas feridas. Nessa entrega total ao mistério do amor do Pai e cheio do Espírito Divino, é capaz de sentir compaixão, de chorar, de estar profundamente angustiado e, nesses momentos profundamente humanos, revela a imagem do Pai.

Quando no caminho da *espiritualidade da fragilidade* temos a consciência de nossa condição de vulnerabilidade e reconhecemos a dor: aquela que carregamos e a de nossos semelhantes, mas não como punição divina ou penitência para purificação, mas como condição humana que traz em si mesma a finitude.

O olhar atento então a nossa condição de fragilidade leva-nos a um viver capaz de sentir, de solidarizar-se. Percebemos a dor do outro e deixamos que o outro também nos toque, com sua vida e história. Reconhecemos a humanidade do outro apenas quando somos moldados pelo Espírito e resgatamos a nossa humanidade. Assim a solidariedade para com o nosso semelhante torna-se abertura para a compaixão, isso porque, como destaca Nouwen,

A compaixão nos pede para ir onde dói, para entrarmos em locais de sofrimento e partilhar a fragilidade, o medo, a confusão, a angústia. A compaixão nos desafia a pedir por aqueles na miséria, lamentar por aqueles que se encontram sozinhos, chorar com aqueles que choram. A compaixão exige que sejamos fracos com os fracos, vulneráveis com os vulneráveis, desempoderados com os desempoderados. Compaixão significa uma imersão total na condição de ser humano ⁵⁷⁰.

Há profunda restauração quando, ao tocar o sofrimento do outro e ao permitirmos ser tocados em nossas feridas, mostramos ao nosso semelhante que compartilhamos da mesma dor. Nouwen destaca essa dimensão alertando que “compaixão é mais do que ter dó (...) Ter compaixão significa aproximar-se de

⁵⁶⁹ NOUWEN, Henri. O Curador Ferido, p. 109.

⁵⁷⁰ NOUWEN, Henri. Compaixão, p. 22.

quem sofre”⁵⁷¹. Esse movimento só se torna possível, porém, na abertura ao Espírito, pois esse não é um movimento voluntário⁵⁷². Como já vimos, facilmente caímos na tentação de evitar a dor e percorrer caminhos ascendentes, afirmando assim a própria superioridade e mantendo-nos distantes dos que sofrem.

A espiritualidade da fragilidade, neste sentido, nos faz manifestar a compaixão como fruto inegável desse caminho de humanização e sentido, pois como afirma Nouwen “um ser humano sem compaixão parece tão inconcebível como um ser humano não humano”⁵⁷³. Ele ainda destaca que “a compaixão nasce quando descobrimos no centro de nossa existência não só que Deus é Deus e humanos são humanos, mas também que nosso próximo realmente é nosso companheiro de humanidade”⁵⁷⁴. Logo, ser compassivo é fruto da vida no Espírito; é encontrar-se com Deus em seu interior e pode descobrir e viver a verdade de quem se é, além de, olhando para Jesus Cristo, estar atento ao seu semelhante.

Estar ao lado do quem sofre, ser compassivo, é um dom do Espírito Santo⁵⁷⁵, que nos faz semelhantes a Jesus em sua humanidade, despertando o movimento do Espírito para cada indivíduo ser “movido de íntima compaixão”. Assim, sabendo de nossa condição de vulnerabilidade, a fragilidade e a dor do outro, não podemos mais ser passíveis de indiferença⁵⁷⁶.

Assim, ser compassivo é ter a capacidade plenamente humana de colocar-se junto à dor do outro de forma comprometida, não por sentimento, mas em compromisso de sofrer a mesma dor. Nouwen destaca que é movimento mesmo de tornar-se vulnerável e disposto a partilhar seu sofrimento em nós⁵⁷⁷. É somente no aprofundamento da compaixão que

o significado mais profundo da vida compassiva se revela. Pela nossa vida em conjunto, nos tornamos participantes na compaixão divina instantânea. Através desta participação, podemos tornar o fardo e o peso de Cristo – que é a dor humana em qualquer tempo e lugar – ao perceber que o seu fardo é leve e o seu peso suportável (Mt 11,30)⁵⁷⁸.

⁵⁷¹ NOUWEN, Henri. Mosaicos de Vida, 101.

⁵⁷² NOUWEN, Henri. Compaixão, p. 22.

⁵⁷³ NOUWEN, Henri. Compaixão, p. 21.

⁵⁷⁴ NOUWEN, Henri, O Curador Ferido, p. 61.

⁵⁷⁵ NOUWEN, Henri. Sinais de Vida, p. 106.

⁵⁷⁶ NOUWEN, Henri. Compaixão, p. 34.

⁵⁷⁷ NOUWEN, Henri. Mosaicos de Vida, 98.

⁵⁷⁸ NOUWEN, Henri. Compaixão, p. 77.

O Espírito de Jesus nos faz compassivos e nos ensina a realidade de quem somos: chamados à plena humanização e sentido. Somos então transformados de “nossos egos competitivos”⁵⁷⁹, sendo levados a romper com nossas supostas distinções, saindo da postura de competição e isolamento⁵⁸⁰. Passamos para o acolher ao chamado de Jesus, passando a partilhar com o outro da compaixão divina, teremos verdadeiramente *um novo ego*. Assim,

Este novo ego, o ego de Jesus Cristo, torna possível que sejamos tão compassivos como o nosso Deus amoroso é compassivo. Através da união com Deus, somos alcançados para além de nossa competitividade de uns com os outros, em direção à totalidade divina. Ao partilhar da totalidade daquele com quem não pode haver competição, podemos inaugurar relacionamentos novos, compassivos, uns com os outros. Ao aceitar as nossas identidades daquele que é o doador de toda vida, podemos estar com os outros sem distância ou medo. Essa nova identidade, livre de cobiça e do desejo de poder, nos permite entrar de forma tão integral e incondicional nos sofrimentos dos outros que se torna possível, para nós, curar os doentes e trazer os mortos à vida ⁵⁸¹.

O viver no Espírito faz transbordar em nossos corações uma nova possibilidade de ser e viver. Levados então a olhar para o interior do coração, podemos ali encontrar a verdade de quem realmente somos: carregamos a beleza em potes de barro, ou seja, trazemos a fragilidade como condição e somos habitados pelo Espírito, sendo por meio de Jesus Cristo, amados do Pai Eterno.

Sabedores dessa condição e conduzidos na vida do Espírito, começamos a perceber no outro também nossas dores. Movidos então desde o interior, saímos de uma postura de isolamento, colocamo-nos em solidariedade para e em compaixão com nossos irmãos e irmãs: esse caminho de se reconhecer frágil e de partilhar a fragilidade de nossa condição como processo mesmo de humanização e sentido de vida, é o que ousamos aqui denominar inicialmente como espiritualidade da fragilidade, entendendo que esta abertura para o Espírito, sempre nos conduzirá para caminhos fecundos e sinalizadores de vida, sendo portadores da Vida transbordante e, tendo um coração compassivo, ser portadores de cura ⁵⁸².

⁵⁷⁹ NOUWEN, Henri. Compaixão, p. 37.

⁵⁸⁰ NOUWEN, Henri. Compaixão, p.38.

⁵⁸¹ NOUWEN, Henri. Compaixão, p. 39.

⁵⁸² NOUWEN, Henri. Crescer, p. 91.

5.6

Considerações preliminares

Objetivamos neste capítulo – a partir de uma leitura das obras de Henri Nouwen, tendo como pano de fundo todo o caminho de aprofundamento em sua interioridade e busca perceber e ouvir a Voz do Espírito – desenvolver as bases da espiritualidade da fragilidade, a partir das experiências e ensinamentos deste importante mestre de nosso tempo, Henri Nouwen.

Tomamos o devido cuidado de delimitar e conceituar com clareza o que entendemos como espiritualidade. Utilizamos um apanhado sólido de definições, reforçando principalmente que a espiritualidade, para ser madura, deverá acolher a totalidade da condição humana, sua corporeidade e historicidade, bem como seus limites, potências e vulnerabilidades. A espiritualidade, assim, deve partir da realidade e modificá-la em direção a uma vida de sentido e plenitude.

Como movimento seguinte, estreitamos nosso olhar para a compreensão da espiritualidade cristã. Para isso, utilizamos diversos recursos teológicos para apresentar e reforçar o que é central sobre o tema para a teologia cristã: a verdadeira espiritualidade se dará somente no seguimento de Jesus e por meio da condução do Espírito. Uma pessoa, quando vivificada pelo Espírito, terá a experiência de conversão, ou seja, uma nova vida que se desdobrará, necessariamente, na vida compartilhada com seus semelhantes.

Em seguida, voltamos o nosso olhar para a contribuição de Henri Nouwen sobre a compreensão de espiritualidade. Como característica de sua produção e escrita, Nouwen não buscava por definições ou sistematização, mas primava por partilhar a profundidade de sua experiência. Assim, encontramos em seus textos sobre espiritualidade algumas fontes e bússolas para uma multiplicidade de temas e pesquisas ainda por realizar. Sua percepção da espiritualidade está focada principalmente sobre a vida no Espírito, o que se evidencia no seu conceito de dupla jornada e movimentos do Espírito.

O caminho feito por Nouwen – ou seja, sua vida e obra que apontam para esse modo de viver e ser a espiritualidade da fragilidade – nos mostra como sua experiência na Comunidade Arca, em especial o seu contato e partilha com o jovem Adam, o fez perceber a verdadeira realidade sobre si mesmo: sua condição

de medo, angústia, vulnerabilidade e dependência. Todo o seu modo de se perceber enquanto ministro, professor e acadêmico, enfim, como pessoa, teve suas bases abaladas. Houve uma transformação, uma conversão, um encontro profundo com a condição de vulnerabilidade. Fez-se, então, uma nova experiência do Espírito, que aqui denominamos de espiritualidade da fragilidade.

A partir da vida de Jesus, tendo o mistério da encarnação como paradigma, Henri Nouwen faz um caminho de resgate do corpo. Percebe no Cristo aquele que assume nossa condição de humanidade de forma completamente radical e solidário com as nossas dores, revela-nos o Pai, mas ao mesmo tempo, revela-nos um modo profundamente humano de existência: uma vida em favor do outro, em forma de esvaziamento radical, em entrega plena e em doação total.

Desta forma, apontamos que esse mesmo caminho feito por Jesus é fonte e elemento-chave para o resgate de nossa humanidade e roteiro de sentido da vida. Neste caminhar pelo Espírito, seremos dinamizados pela Voz íntima do amor e nos tornaremos plenamente humanos ao apresentarmos, como frutos vivos, a solidariedade para com nosso semelhante e a compaixão para com aquele que compartilha de nossa mesma condição: a fragilidade que confessamos e devemos acolher.

6 CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo desenvolver, a partir das obras de Henri Nouwen e de sua experiência relatada em seus escritos pessoais, a possibilidade teológica de uma espiritualidade que acolhe a fragilidade como constitutiva da condição humana. Buscou-se perceber em Nouwen o aprofundamento do que aqui apontamos como espiritualidade da fragilidade, na qual a condição humana de vulnerabilidade e fragilidade torna-se fonte e caminho para a humanização e o sentido de vida.

O tema da pesquisa apresentada surgiu como resposta frente aos desafios da sociedade atual, inserida na Modernidade. Como visto no primeiro capítulo, estamos imersos em uma realidade metamórfica e fluida, em que as referências tornam-se relativizadas e com forte influência de uma sociedade de consumo, de desempenho e que busca paliativos para não perceber ou enfrentar a própria condição humana – marcada pela negação dos limites, pela exigência de desempenho e pela idealização da perfeição. Como alternativa para esta situação de ilusão e sobrevida, buscou-se compreender como a fragilidade pode ser reconhecida: não como falência ou negação de si, mas como caminho de humanização, sentido e abertura ao transcendente.

No segundo capítulo, seguindo a pista de Henri Nouwen, quando afirma a situação fragmentada da nossa sociedade, apresentamos um panorama de como a sociedade moderna exerce enorme pressão sobre o comportamento e a forma de interpretar seu entorno e o viver de cada pessoa. Como demonstrado, o próprio Nouwen foi um homem imerso no seu tempo e sentiu as aflições desta época em sua própria carne. Percebemos, assim, que não existe a possibilidade de estarmos imunes ou isentos dos efeitos deste cenário. A partir desta compreensão, apresentamos uma análise crítica do contexto social, antropológico e cultural contemporâneo, destacando como a lógica da produtividade e do consumo produz um sujeito fragmentado, ansioso e desconectado de sua dimensão espiritual. Vimos como construímos uma sociedade que se fundamenta na tentativa de negar a fragilidade, afirmando o indivíduo como ser poderoso, capaz de controlar e superar todas as situações, de alcançar a perfeição e ser imortal. O diagnóstico do

esgotamento humano foi fundamental para situar a relevância do tema da fragilidade na atualidade.

No terceiro capítulo, examinou-se o percurso biográfico e espiritual de Henri Nouwen. Este movimento se apresentou indispensável, primeiro pela carência de material em língua portuguesa sobre a vida deste importante mestre da espiritualidade, e, em segundo lugar, por perceber que a biografia de Nouwen o apresenta como uma pessoa que coloca sua vida como oferta, que busca pelo sentido da vida e por uma espiritualidade madura. Assim, a partir de textos biográficos e com alguns recortes de seus escritos de cunho autobiográfico, construímos um panorama essencial para compreendermos a personalidade, sua busca espiritual pelo sentido e pela compreensão da vida de forma integralizada. A partir desta análise, foi possível observar como o autor integra em sua experiência de fé os momentos de crise, solidão e dor, transformando-os em espaços de escuta, interioridade e abertura para Deus.

O quarto capítulo investigou o caminho narrado por Nouwen sobre seu período de transição da carreira universitária para a vida como pastor na Comunidade Arca. Consideramos este período como central por apresentar os fundamentos e elementos de aprofundamento em Henri Nouwen para uma nova etapa espiritual, mais atenta aos movimentos interiores do Espírito, o que o tornou aberto ao acolhimento de sua condição de vulnerabilidade.

Vemos então o início de uma “nova vida”, como Nouwen destacou em seu Diário, fazendo um movimento de abertura para o que aqui apontamos como espiritualidade da fragilidade. Analisando o Diário *O Caminho para o Amanhecer*, foi possível constatar o relato de Nouwen sobre a percepção de, por muitas vezes, estar tomado por dúvidas, angústia e medo. Gradativamente, ele vai tomando consciência de si e se percebe em profunda depressão, debilidade e dependência: sua insegurança, a vida até então acelerada e sem um lar teve de ser avaliada e ressignificada. Havia uma necessidade urgente de parar e retomar a consciência de sua interioridade e de sua verdadeira condição. Identificou-se, então, que o acolhimento da fragilidade foi, para Nouwen, um ponto de partida para a vivência da compaixão, da solidariedade e da esperança. A espiritualidade, nesse contexto, deixa de ser fuga da realidade para tornar-se caminho de reconciliação com a própria humanidade.

No quinto capítulo, foi desenvolvida uma proposta teológica sistemática a partir da noção de fragilidade. Inicialmente, buscamos explicar que a espiritualidade é parte fundamental de todo ser humano e a busca pelo sentido e abertura para o transcendente é um desejo pelo Sagrado, por aquilo que está para além de nós. Mostramos ainda que a espiritualidade não deve ser entendida como um distanciamento do mundo ou da vida cotidiana, mas significa estar atento para a vida e radicalmente comprometido com o viver.

Após esse movimento de delimitar o sentido de espiritualidade, direcionamos nossa pesquisa para a compreensão teológica da espiritualidade cristã, e a partir do diálogo entre Henri Nouwen com outras teólogas e pesquisadores sobre o tema, a necessidade do viver como nova criatura em Cristo, momento de conversão, e viver atento e sensível à voz e a direção do Espírito de Deus. A partir disso, apresentamos a encarnação de Jesus como um modelo de vivência para a espiritualidade da fragilidade; a percepção de que no mistério da encarnação Deus se faz solidário com a nossa condição.

Ao longo de todo o trabalho, utilizamos as categorias vulnerabilidade, incompletude, contingência e escuta, a fim de demonstrar que a fragilidade deve ser compreendida como lugar teológico e espiritual. Este modelo de espiritualidade implica reconhecer a própria condição limitada, abrir-se à presença do outro e ao mistério da fé cristã.

A partir dos aportes apresentados, conclui-se que a espiritualidade da fragilidade, conforme experimentada por Henri Nouwen, oferece contribuições relevantes para uma teologia sistemático-pastoral comprometida com a realidade humana concreta. Trata-se de uma espiritualidade que não ignora a condição humana de fragilidade, mas que a integra como parte indispensável da jornada de amadurecimento e de abertura à Deus. Em tempos marcados por crises de sentido e desumanização, o reconhecimento da fragilidade pode ser um caminho de retorno ao essencial: a dignidade da vida, o cuidado com o outro e a confiança no Deus que se revela na vulnerabilidade, assumindo nossa condição na encarnação do Verbo, Jesus de Nazaré.

Espera-se, com esta pesquisa, oferecer subsídios para o desenvolvimento de uma espiritualidade encarnada, comprometida com a vida e sem negar a condição humana. Assim, esta nova vida no Espírito poderá despertar a capacidade de estar sensível às dores do tempo presente, e ser capaz de dialogar

com os anseios espirituais da contemporaneidade. Além disso, abre-se espaço para novas investigações sobre a espiritualidade na obra de Nouwen, suas relações com outras tradições místicas e seu potencial transformador para a vida pessoal e comunitária.

7

Referências bibliográficas

AMARANTE, Paulo; PITTA, Ana Maria F.; OLIVEIRA, Walter de Ferreira (orgs). **Patologização e medicalização da vida: epistemologia e política**. São Paulo: Zagadoni, 2018.

ANGUS, Ian. **Enfrentando o Antropoceno**. São Paulo: Boitempo, 2023.

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. **A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

BABUT, Étienne. **O Deus poderosamente fraco da Bíblia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BARBOSA, Ricardo. **O Caminho do Coração: ensaios sobre a Trindade e a espiritualidade cristã**. Curitiba: Encontro, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Danos Colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em Fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlos. **Estado de Crise**. de Janeiro: Zahar, 2016

BECK, Ulrich. **A Metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra realidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.

BETTO, Frei. **Um Deus muito humano: um novo olhar sobre Jesus**. São Paulo: Fontamar, 2015.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BINGEMER, Maria Clara. **O Mistério e o Mundo**: paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BITUN, Ricardo. **Henri Nouwen de A a Z**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, grito da terra, grito dos pobres**: dignidade e direitos da Mãe Terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. **Terra Madura**: uma teologia da vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CAPRIOLI, M. In: ANCILLI, Ermanno; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. (Orgs.). **Dicionário de Espiritualidade, vol II**. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2012, p. 897-899.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2009.

CASTILLO, José Maria. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2012.

CASTILLO, José Maria. **Jesus**: a humanização de Deus. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COSTA, Karen A. Rangel. **A força da fraqueza**: sofrimento e despojamento nas trajetórias espirituais de Simone Weil e Henri Nouwen. Juiz de Fora, 2023. 256p. Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora.

CURRAN, Thomas. **A Armadilha da perfeição**: o poder de ser bom o suficiente em um mundo que sempre quer mais. São Paulo: Fontamar, 2023.

DE MASI, Domenico. **Alfabeto da Sociedade Desorientada**: para entender o nosso tempo. São Paulo: Objetiva. 2017.

NOUWEN, Henri; DEAR, John (org). **Estrada para a paz**: escritos sobre a paz e justiça. São Paulo: Loyola, 2001.

ESTRADA, Juan Antônio. **Da salvação a um projeto de sentido**: como entender a vida de Jesus. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

FELDMEIER, Reinhard; SPIECERMANN, Hermann. **O Deus dos Vivos**: uma doutrina bíblica de Deus. São Leopoldo, RS: EST/Sinodal, 2015.

FERRY, Luc. **O Homem-Deus, ou, O Sentido da vida.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.

FERREIRA, Vicente de Paula. **Vulnerabilidade Pós-Moderna e Cristianismo.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2017.

FORD, Michael. **Henri Nouwen: El Profeta herido.** Bilbao, ESP: Editorial Sal Terrae, 2000.

FOSTER, Richard. **Oração: o refúgio da alma.** São Paulo: Editora Vida, 2013.

GESCHÉ, Adolphe. **O Cristo.** São Paulo: Paulinas, 2004.

GESCHÉ, Adolphe. **O Ser Humano.** São Paulo: Paulinas, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Paulo Roberto. **O Deus Im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a Cruz.** São Paulo: Loyola, 2007.

GUARDINI, Romano. **Introdução à vida de oração.** São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

GUTIERREZ, Gustavo. **O Deus da Vida.** São Paulo: Loyola, 2004.

GRÜN, Anselm. **Ser uma pessoa inteira.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa: a dor hoje.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HALÍK, Tomás. **A noite do Confessor: a fé cristã num mundo de incerteza.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

HALÍK, Tomás. **Quero que Sejas: podemos acreditar no Deus do Amor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HALÍK, Tomás. **Toque as feridas: sobre o sofrimento, confiança e a arte da transformação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 2016.

HERNADEZ, Wil. **Henri Nouwen and spiritual polarities: a life of tension.** Mahwah, New Jersey: Paulist Press, 2012.

HERNANDEZ, Will. **Henri Nouwen: a spirituality of imperfection.** Mahwah, New Jersey: Paulist Press, 2006.

- JOHNSON, Elizabeth A. **A Busca do Deus Vivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.
- JONAS, Robert. **Escritos esenciales**. Cantabria, ESP: Editorial Sal Terrae, 1999
- KELLER, Timothy. **Deuses Falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder e a única esperança que realmente importa. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- KRENAK, Ailton. **A Vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LADARIA, Luis F. **Jesus Cristo, Salvação de todos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- LAUDAZI, C. In: ANCILLI, Ermanno; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. (Orgs.). **Dicionário de Espiritualidade, vol III**. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2012, p. 1804-1820.
- LELOUP, Jean-Yves. **Carência e Plenitude**: elementos para uma memória do essencial. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita**: a Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.
- MENDONÇA, José Tolentino. **A Mística do Instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.
- MERTON, Thomas. **Homem algum é uma ilha**. Rio de Janeiro: Petra, 2021.
- MINISTÉRIO da Saúde. **Uso de Medicamentos e Medicalização da Vida**: recomendações e estratégias. Ministério da Saúde: Secretaria de Ciência Tecnologia e Insumos Estratégicos Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

MORIN, Edgar. **Despertemos**: um chamado para o despertar das consciências. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NOUWEN, Henri. **Adam**: o amado de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

NOUWEN, Henri. **A Voz interior do Amor**: uma viagem que parte da angústia rumo à liberdade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

NOUWEN, Henri. **A Formação Espiritual**: seguindo os movimentos do Espírito. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NOUWEN, Henri. **A volta do Filho Pródigo**: a história de um retorno para casa. São Paulo: Paulinas, 1997.

NOUWEN, Henri. **Cartas a Marc sobre Jesus**. São Paulo: Loyola, 1999.

NOUWEN, Henri. **Crescer**: os três movimentos da vida espiritual. São Paulo: Paulinas, 2011.

NOUWEN, Henri. **Compaixão**: uma reflexão sobre a vida cristã. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

NOUWEN, Henri. **Comunidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

NOUWEN, Henri. **Diário**: o último ano sabático de Henri J. M. Nouwen. São Paulo: Loyola, 2003.

NOUWEN, Henri. **Direção Espiritual**: sabedoria para o caminho da Fé. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NOUWEN, Henri. **Meditações com Henri J. M. Nouwen**: leituras e reflexões. Rio de Janeiro: Danprewan, 2003.

NOUWEN, Henri. **Mosaicos do presente**: vida no Espírito. São Paulo: Paulinas, 1998.

NOUWEN, Henri. **Nossa Maior Dádiva**: meditações sobre o morrer e o cuidar. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

NOUWEN, Henri. **O Caminho do Coração**: a espiritualidade dos Padres e Madres do Deserto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NOUWEN, Henri. **O Caminho para o Amanhecer**: uma jornada espiritual. São Paulo: Paulinas, 1999.

NOUWEN, Henri. **O Curador Ferido**: ministério na sociedade contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

NOUWEN, Henri. **Oração: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2018.

NOUWEN, Henri. **Podeis beber o cálice?** São Paulo: Loyola, 2015.

NOUWEN, Henri. **Sinais de Vida:** intimidade, fecundidade e êxtase na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2008.

NOUWEN, Henri. **Transforma meu pranto em dança:** como atravessar tempos difíceis com esperança. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

NOUWEN, Henri. **Tudo se fez novo:** um convite à vida espiritual. Brasília, DF: Palavra. 2007.

NOUWEN, Henri. **Uma Espiritualidade do Viver.** São Paulo: Editora Vida, 2018.

NOUWEN, Henri. **Voar, cair, ser apanhado:** uma história improvável sobre o encontro com a liberdade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

NOUWEN, Henri; McNeil, Donald; MORRISON, Douglas. **Compaixão**

O'LAUGHLIN, Michael. **Henri Nouwen: his life and vision.** Maryknoll, Nwe York: Orbis Books, 2005.

PAGOLA, José Antonio. **Anunciar Deus hoje como boa notícia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

PETERSON, Eugene. **Espiritualidade Subversiva.** São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

PERISSÉ, Gabriel. **Educação e espiritualidade.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

QUINTÁS, Alfonso López. **Llamados al encuentro:** fuente inagotable de alegría. Madrid, ES. Editorial Ciudad Nueva, 2011.

ROCHA, Alessandro. **Espírito Santo:** aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana. São Paulo: Editora Vida, 2008.

ROCHA, Alessandro. **Teologia Sistemática no horizonte pós-moderno:** um novo lugar para a linguagem teológica. São Paulo: Editora Vida, 2007.

RONSI, Francilaide Queiroz. **A mística cristã e o diálogo-inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar:** para uma maturidade cristã e uma mística inter-religiosa. Rio de Janeiro, 2014. 330p. Tese. Faculdade de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ROSA, Harmut. **Aceleração:** a transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, Harmut. **Alienação e Aceleração**: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

RUBIO, Alfonso Garcia. **O Encontro com Jesus Cristo Vivo**: um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2003.

RUBIO, Alfonso Garcia. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Evangelização e Maturidade afetiva**. São Paulo: Paulinas, 2006.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

SALVADOR, Federico Ruiz. **Caminos del Espíritu**: compendio de teología espiritual. Madris, ESP: Editorial de Espiritualidad, 1998.

SESBOÜÉ, Bernard. **O Homem, maravilha de Deus**: ensaios de antropologia cristológica. São Paulo: Paulinas, 2021.

SHELDRAKE, Philip. **Espiritualidade e Teologia**: vida cristã e fé trinitária. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOBRINO, Jon. **Espiritualidade de Libertação**: estrutura e conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SCHIMITH, Polyana Barbosa; MURTA, Geraldo; QUEIROZ, Savio. A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da Psicologia brasileira. **Artigos Originais**. Psicologia USP v.30, p 1-9, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180085>

SUNG, Jung Mo. **Desejo e Conversão**: a ilusão do “eu desejo” e a aposta do Evangelho. São Paulo: Recriar, 2024.

SUNG, Jung Mo. Imigração, a morte dos não-humanos e a idolatria. **REMHU**, v. 27, n.57, p.193-209, set./dec. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005712>

TORRALBA, Francesc. **Inteligência Espiritual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

TORRALBA, Francesc. **O valor de ter valores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

TÜRKE, Christoph. **Sociedade Excitada**: filosofia da sensação. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2010.

VANIER, Jean. **Comunidade, lugar de perdão e de festa**. São Paulo: Paulinas, 2009.

VEIGA, José Eli. **O Antropoceno e as humanidades**. São Paulo: Editora 34, 2023.

VELLOSO, Cid. **Medicalização da Vida**. Conselho Federal de Medicina. Brasília, 29 nov. 1999. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/artigos/medicalizacao-da-vida>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ZILLES, Urbano. **Antropologia Teológica**. São Paulo: Paulus, 2011.